

Lurdes da Conceição Preto Cameirão

Antologia
epistolográfica
de autores
dos sécs. **XIX-XX**

42

Lurdes da Conceição Preto Cameirão

**Antologia
epistolográfica
de autores
dos sécs. XIX-XX**

SÉRIE

Estudos

EDIÇÃO DO INSTITUTO POLITÉCNICO DE BRAGANÇA

Título: Antologia epistolográfica de autores dos sécs. XIX-XX
Autor: Lurdes da Conceição Preto Cameirão
Edição: Instituto Politécnico de Bragança · 1999
5301-854 Bragança · Portugal
Tel. (073) 30 15 70 · 30 32 00 · Fax (073) 32 54 05 · <http://www.ipb.pt>
Execução: Serviços de Imagem do Instituto Politécnico de Bragança
(grafismo, Atilano Suarez; paginação, Luís Ribeiro;
montagem, Maria de Jesus; impressão, António Cruz,
acabamento, Isaura Magalhães)
Tiragem: 500 exemplares
Depósito legal nº 137916/99
ISBN 972-745-055-5
Aceite para publicação em 1994

Nota prévia

A primeira parte deste volume diz respeito à correspondência que alguns dos interlocutores de Teixeira de Pascoaes lhe dirigiram e que foi, por nós, recolhida no espólio do próprio autor.

A selecção dos seus interlocutores fundamentou-se nos objectivos propostos para o nosso plano de trabalho de tese de Mestrado, “Teixeira de Pascoaes e o «Projecto Cultural da Renascença Portuguesa»”, para o qual procurámos reportar-nos, sempre que possível, ao diálogo estabelecido entre Pascoaes e alguns dos autores que com ele mais de perto colaboraram no projecto da “Renascença Portuguesa”. Pareceu-nos, contudo, útil não desdenhar os testemunhos da sua relação epistolar com amigos pessoais e admiradores literários.

Todos estes documentos se nos revelaram preciosos para iluminar a acção do doutrinador Teixeira de Pascoaes que de 1912 a 1917 esteve à frente, como Director da revista *A Águia*, dos destinos do movimento da “Renascença Portuguesa”, bem como para nos dar conta do valor literário e humano do Poeta.

Na segunda parte, reunimos a correspondência do autor já publicada em revistas e jornais.

Notas explicativas

Respeitámos, sempre que possível, a ortografia reproduzida do original.

Os símbolos utilizados têm o seguinte significado:

(.?) leitura impossível de uma palavra;

(..?) leitura impossível de duas ou mais palavras;

[...] texto truncado por desaparecimento de folhas;

[1913 ?] data provável;

(?) leitura conjecturada.

As abreviaturas:

[Ms.] — texto manuscrito;

[Dact.] — texto dactilografado;

[Tb.] — texto timbrado;

[s.d.] — sem data;

[s.l.] — sem local.

Índice

Nota prévia _____	5
Notas explicativas _____	6
Primeira Parte	
1 · Correspondência inédita para Teixeira de Pascoaes de:	
1.1 · António Correia de Oliveira	
31 cartas, de [1906 ?] a [1935 ?] _____	14
1.2 · João Correia de Oliveira	
18 cartas, de 1908 a [1942 ?] _____	45
1.3 · Fernando Pessoa	
2 cartas, de 1914 a 1931 _____	62
1.4 · António Sérgio	
2 cartas, de [1913 ?] a 1925 _____	64
1.5 · Mário Beirão	
51 cartas, de 1912 a 1952 _____	66
1.6 · Álvaro Pinto	
17 cartas, de 1910 a 1935 _____	105
1.7 · Raul Brandão	
6 cartas, de 1926 a 1928 _____	120

1.8 · Henrique Paço d'Arcos	
10 cartas, de 1924 a [1951?] _____	124
1.9 · Joaquim Paço d'Arcos	
1 carta [1935?] _____	135
1.10 · Raúl Proença	
3 cartas, de 1924 a 1927 _____	136
1.11 · Afonso Duarte	
1 carta, de 1921 _____	139
3 cartas, [s.d.] _____	139
1.11 · António Duarte	
1 carta, de 1940 _____	142
1.13 · Leonardo Coimbra	
2 cartas, [s.d.] _____	143
1.14 · Philéas Lebesgue	
37 cartas, de 1912 a 1950 _____	144
1.15 · Suzanne Jousse	
39 cartas, de 1929 a 1950 _____	182
1.16 · Carlos Queiroz	
15 cartas, de 1932 a 1944 _____	234
1.17 · Cristovam Pavia	
1 carta, de 1951 _____	255

Segunda Parte

1 · Correspondência de Teixeira de Pascoaes para:	
1.1 · Álvaro Pinto	
4 cartas, de 7/ 9/1911 a 24/ 9/1911. _____	262
1.2 · António Correia de Oliveira	
4 cartas, de 1911 a 1912 _____	265
1.3 · António Sérgio	
1 carta, de 1911 _____	269
1.4 · Mário Beirão	
12 cartas, de 1912 a 1946. _____	270
1.5 · Suzanne Jousse	
30 cartas, de 1929 a 1933. _____	282
1.6 · Henrique Paço d'Arcos	
5 cartas, de 1924 a 1931 _____	308

1.7 · Frei Bernardo de Vasconcelos	
2 cartas, de 1924 a 1925 _____	314
1.8 · Maria Augusta Dá Mesquita, (irmã de Frei Bernardo)	
1 carta, de 1933 _____	318
1.9 · António de Magalhães, S. J.	
11 cartas, de 1940 a 1951 _____	319

42

Lurdes da Conceição Preto Cameirão

**Antologia
epistolográfica
de autores
dos sécs. XIX-XX**

SÉRIE

Estudos

EDIÇÃO DO INSTITUTO POLITÉCNICO DE BRAGANÇA · 1999

Primeira Parte
1 · Correspondência inédita
para Teixeira de Pascoaes **de:**

1.1 · António Correia de Oliveira

31 cartas, de [1906 ?] a [1935 ?]

*

1

[Ms.]

Meu Amigo:
Valle, 8 Tarde

À última hora, depois de mandar para o correio uma carta para V., diz-me meu cunhado que El-Rei se hospedará no dia quatorze em sua Casa.

Fica, pois, adiada a minha visita para o dia que marcar, depois do regresso do Rei, e dentro da semana proxima — se isso não tiver inconveniente para si. Escrevo a correr esta nota à minha carta de depois. Peço-lhe me escreva para aqui, visto eu demorar a minha partida.

Os meus mais respeitosos cumprimentos e abraços do seu muito admirador e amigo

Corrêa d'Oliveira

*

2

[Ms.]

Meu querido Poeta e Amigo

25. Novembro. 906

Possa Você perdoar o meu estranho silêncio! mas eu fui sempre assim: tenho mais prompta e mais fiel a lembrança dos meus amigos do que a penna para lhes escrever. Só direi, meu querido Teixeira de Pascoaes que penso em escrever-lhe desde que cheguei a Lisbôa... Só hoje venho: mas nem por isso é menos apertado este longo abraço com que o encontro... Que tem feito? Trabalhado? Espero que esse S. Miguel lhe tenha tocado o coração com aquella sua fecunda e esplêndida espada com que derrama o môsto fervente dos lagares e nas eiras o oiro abençoado do pão. Com grande pena minha, não me foi possível ir vê-

-o nessa labuta saudavel e forte: mas, espero em Deus, um dia será, um dia hade ser. Por si, eu fiquei ja a amar essas paragens e lá farei a minha romagem. E bem haja, outra vez e sempre, pela sua affectuosa, amiga e hospitaleira residencia. De mim, nada de novo lhe direi.

Vivo tão pouco a Vida que ella não me interessa em nenhum d'estes aspectos, e nem eu a interesso a ella... De Espinho? Nada, a não ser a saudade de mim mesmo, umas horas em que a vida me interessou sinceramente ou acreditei que ella me interessava. Quando vem a Lisboa?

[...]

*

3

[Ms.]

Meu Caro Teixeira de Pascoaes
 Valle Maia,
 Albergaria-a-Velha
 31, Julh. 907

Desculpe deixar por tantos dias sem resposta a sua carta amiga. Varios e pequenos incidentes me teem absorvido e destrahido o tempo. E em primeiro lugar: Escrevi ao Maximiliano de Azevedo (que é agora o mentor, o guia intellectual da Livraria) propondo a edição do seu livro, e escusado será dizer-lhe, meu caro Poeta, que o fiz com a calorosa affeição que lhe tenho e a fervorosa admiração e estima que é devido à sua Obra. Veremos o que os homens dizem. Não estranhe a demora, se a houver, pois elles decidem por costume, estes assumptos com vagar. Eu fico à espera, talvez mais anciosamente do que Você!

Realmente, não sei se o Unamuno está em Salamanca. Fica, pois, posta de parte a nossa visita. Tadvia, como vou a Castro Daire, e tenho grande desejo de o abraçar, talvez faça caminho pela Regoa: e, então, saltarei gostosamente em Amarante para me dar a alegria e a honra de passar horas sob as suas têlhas, cumprindo assim a minha velha promessa. E isso podia ser ahi pelo dia dez de agosto — se não houver encontro com outros planos seus: Espero noticias suas. Terei imenso prazer em o ver.

A sua theoria interessa-me profundamente — pelo que d'ella me diz na sua carta, pois, até hoje! não recebi o jornal. Certamente extraviou-se. Se ahi tiver um ex., não poderia mandar? E como creio que nos veremos breve, lá conversaremos larga e substancialmente! Escreva-me, para eu ordenar os meus destinos. Os meus respeitosos cumprimentos

mentos. Abraços do seu admirador e Amigo

Antonio Corrêa

*

4

[Ms.]

Meu querido Joaquim

Lisbôa

11. Outubro. 907

Que é feito de si? e que notícias me dá V. de S. Miguel, o anjo fecundo que por ahi deve ter esvoaçado largamente com asas doiradas como fructos amadurecidos ao sol, ferindo os flancos humidos das montanhas de onde jorra o vinho môtso como um virgem ranger adolescente? Homem feliz! Deus o tem na sua guarda e na sua graça. Eu, por aqui vou vivendo, entre burocraticos ferros da procuradoria e outros ferros peores— uma esterelidade profunda e desanimadora... Sempre vem no dia quinze? Apareça! Como isso nos vae dar alegria! Mas eu duvido... O homem da Livraria só vem para esse dia. Ando arreliado por ver demorar o aparecimento das Sombras. Mas nós nos desferraremos. Tive, tivemos a alegria de abraçar aqui seu bom Pae. Desejamos que tenha feito boa jornada. Escreva e diga da sua vinda. O João, ainda que não esteja presente em corpo, esta-o em espirito e amizade funda: manda-lhe abraços. E bem haja V. pelo carinhoso interesse que tem tomado pelas coisas d'elle. Peço para sua Casa os meus melhores cumprimentos e respeitos. E saudades e abraços do seu coração,

Antonio

P.S. Chego agora de soberbas classificações: Bom! Agora o despacho depende do ministro.

Sem tempo para mais palavras. Escreverei. Obrigado!

Até amanhã

Saudades

João

*
5

[Tb.]

[Ms.]

**Procuradoria Geral
da
Coroa e Fazenda**

16 de Novembro

Meu querido Joaquim:

Como chegou V. da sua jornada às névoas do Tâmega? De coração alegre e glorificado nas saudades com que era esperado, nas saudades com que partiu, na consolação que *As Sombras* teem dado ao seu espirito, não é verdade? Feliz de Você, homem mais feliz do que um deus!

Tenho lido *As Sombras*: o seu livro é como um prègo! Parece escuro, de tão profundo e misterioso: mas a gente debruça-se sobre elle — e vê nitidamente o espectro da nossa alma; mergulhamos nelle a nossa mão — e as gotas que cahem, ao levantal-a, são limpidas e claras como uma gôta de luz. Os que vivem a vida futilmente, batendo os sentidos contra as suas arestas superficiais, como pedra contra pedra, para d'ella tirarem uma faisca de alegria, hão-de, talvez, pensar que no seu livro não revive. Entrarão a sua porta sagrada como quem, do burburinho banal e sensual de uma rua da Cidade, entrar num Templo crepuscular e profundo: Ao principio, quase nada enxergarão: mas, a pouco e pouco iniciados os seus olhos profanos, a pouco e pouco irão vendo imagens que são a figura viva e verdadeira de Deus, ouvindo cânticos que são o louvor, a explicação, a perpetuação musical e divina da própria Vida. Meu querido Poeta: esteja absolutamente contente consigo e com o seu livro — que é dos mais bellos, dos mais nobres, dos maiores que eu conheço. E dê notícias! Repita em sua Casa, que Deus guarde, os meus cumprimentos. Lembranças ao Marão. E abraços e saudades do seu

Antonio

*

6

[Ms.]

Querido Amigo:

I.I.908

O Rei e o Príncipe Real foram assassinados a tiro, esta tarde, quasi à minha vista, à saída da estação. Rainha e Infante. D. Manuel salvos, mas parece que feridos. O que irá acontecer? Imagina a commoção com que lhe escrevo.

Pela Rainha quizera eu neste momento terrivel para ella, fazer alguma coisa embora me custasse a vida.

Abraça-o o seu pobre

Antonio

*

7

[Ms.]

10.I.908

Meu querido Joaquim

Tambem eu li o celebre artigo: guardei até o jornal para lho mandar, e, se o não mandei, foi porque, passado o primeiro movimento de indignado espanto, me desinteressei absolutamente das palavras pregadas pelo Mestre! Eu estou tão habituado a estas coisas! Depois, no fundo, não me surpreendeu: Eu fazia do T. Braga uma ideia que comportava nelle, perfeitamente, aquele artigo... Creio até que uma vez lh'a disse a si, e muitas vezes tive quasi zangas com o L[opes] V[ieira] que era (não sei se ainda é pois elle muda de idolos com a frescura e desembaraço com que os ventos mudam de rumo) um dos seus adoradores. Todavia, o artigo indignou-me, — e mais por si do que por mim, apezar de as Tentações estarem dentro de 907, e elle não contar, nem por sombras, com essa verba de poesia para o seu balanço de final de anno. Creio porem que V., meu querido Joaquim, exagera a importância do artiguêlho: Não! aquillo não o prejudica. Ninguém lê artigos (ninguem lê nada!) ninguem acredita em criticos portugueses! Nós temos uma elite que nos pode lêr e comprehender: nem mil artigos do T[eófilo] B[raga] nos poderão fazer sahir d'ella! Como tambem nos não poderiam fazer entrar no grande público. Nós valemos por aquillo que valemos, e não pelas palavras ôcas dos outros. V. tem o seu lugar marcado como o Marão tem o seu. Podem elles querer passar por cima de si, e talvez passem: mas as nuvens passam realmente, e a montanha fica. Deixa-los!

Terão apparecido artigos sobre o seu livro? Eu nada tenho visto: mas também tenho feito uma vida de isolamento profundo! Não imagina como eu me sinto só e à parte do convívio litterario de essa gente! Eles não me interessam, e eu não tenho hipocrisia para fingir. Dos poucos que me estimavam, eu procurava e me procuravam, mais um desapareceu agora: o pobre e bom D. João da Câmara.

O João vae escrever sobre as Sombras. O F. Sampayo disse que faria um artigo.

Escreva e dê notícias: Acompanhe-me lá de longe. O seu deserto é bem mais povoado do que o meu deserto!

Mandei há dias ex. do meu folheto: recebeu?

Chove constantemente. Ha no ar uma sombra de frio e de tristeza que arripia a alma.

Adeus, meu querido Amigo. Escreva.

Os meus melhores cumprimentos e lembranças. Quem dera cá Julho formoso e ardente!

Saudades e abraços do seu do Coração

Antonio

*

8

[Ms.]

5. Fevereiro. 908.

Querido Joaquim:

Como você imagina, tenho vivido, ha dias, numa constante vibração de commoções. Desde a tragedia da scillada (que não vi em flagrante, por dois segundos, mas que roçou por mim o seu primeiro sôpro de sangue, o seu vivo e primeiro arripio de horror) dolorosa, constante e obstinadamente revolve no meu pensamento essa tremenda fatalidade historica. Desde o grave anoitecer em que essa pobre gente condemnada à realeza era caçada ferozmente a tiro por homens do seu povo e em que a cidade apavorada me deu a espantosa impressão da lividez e do silencio, até hoje que, passada a primeira e irreflectida commoção, começam os espiritos a acalmar-se e acordam novamente as paixões politicas e miseraveis, — eu tenho seguido todos os actos e todos os entreactos do drama terrivel, se drama pode chamar-se a tudo isso que envolve em si, a um tempo, a força e a tragedia, a epopeia e a covardia, a ruindade feia e vil e a belleza humana e eterna. Ao principio, todo o meu coração e todo o meu sentimento foram tomados pela revolta e espanto, pela indignação ardente e pela dor subita que se ergueram em

mim deante dessa subita (.?) que assassinava uma criança sem culpas nem responsabilidades voluntarias, e deante de essa Mulher, Mãe sublimada na mais cruel e espantosa dor, rainha erguida em pleno coração e magestoso e bello gesto ante o odio formidavel desses filhos do povo que lhe matavam o seu filho: Apenas vi nesses homens criminosos politicos, taes injurias e insultos [...]

*
9

[Ms.]

[...]

Meu querido Joaquim: Tenho de interromper a palestra, porque vão mandar-nos embora desta burocratica prisão de onde lhe escrevo. E de mais falei eu já de mim, não é verdade? Faça V. o mesmo: diga de si, das suas coisas. Viu o “Diario de Noticias” em que vinha uma noticia sobre “as Sombras”?

Escreva. Por aqui, coisas de politica: João Chagas, F. Borges e outros prêzos, dizem que por tentativa de movimento armado... É horrível, tudo isto.

Adeus, meu bom e querido Joaquim. Para todos os seus, os meus melhores cumprimentos e lembranças. Escreva sempre.

Abraços do seu do coração

Antonio

P. S. Endereço do Christovam Ayres: Rua de S. João da Malta, 142, 2º.

*
10

[Ms.]

Meu querido Joaquim:

29. Abril. 908

As suas noticias dão-nos sempre viva alegria, e as amovaveis palavras que V. sempre tem para mim, consolam-me e fazem-me bem.

Estou com interesse em ver o artigo do Unamuno. Verei se aqui encontro o jornal, mas diga-me o N^o, ou, pelo menos, o tempo aproximado em que o artigo saíu.

E o Mercure? Em que N^o vem?

Concordo absolutamente com o que pensa do “Pão e as Rosas”¹. É inferior, evidentemente, ao Ar Livre. Elle não sente o nosso panteísmo. Compreende-o, simplesmente. Elle não trabalha sobre uma emoção viva e ingênita: faz parnasianismo sobre impressões acolhidas; tenta comover uma ideia, um motivo que escolheu, como um joalheiro de talento afeiçoa, por arte, uma pedra preciosa. O livro ultimo é essencialmente frio. E não concordo com as formas que adota; o verso pode não ter regras: mas creio que só devemos sahir das regras, acceites por uma lei universal de harmonia, quando se encontram rythmos novos em que essa lei se desenvolva n’uma mais perfeita interpretação de bellêza vital — e não num simples e atropelador desejo de liberdade...

Fez V. bem nessa demonstração ao Lebesgue. Concordo com o seu ponto de vista, que me parece absolutamente verdadeiro, e é uma these nova a afirmar.

Se tenho trabalhado? Acabei, ha dias, um poemeto, o “Elogio dos Sentidos”. É uma pequena impressão lyrica sobre a evolução dos sentidos. Ha muito tempo que, vagamente, pensava nisto; e agora, na primeira quinzena de abril, a uma rajada de primavera, desabrochou de repente.

Coisa de nada, umas cinquenta paginas, apenas. Se é mais intenso e profundo que o “Pinheiro Exilado”? Não sei! Não ha nelle, talvez, aquelles vôos que nós amamos tanto que às vezes nos perdem na neve e na distância; [...]

*

11

[Ms.]

4 . Maio. 908

Querido Amigo:

Apenas tempo para responder brevemente à sua carta: Que V. esteja restabelecido da sua constipação, e dê-me noticias da sua saude.

Bravo pelas suas valentes disposições de Acção! Estou inteiramente consigo: É preciso dizer as verdades de uma maneira clara e decisiva. Estou morto por ver o seu artigo. É preciso publical-o. Não me

¹ De Afonso Lopes Vieira.

parece que a Ilustração a leve para elle: a Ilustração apenas publica coisas illustraveis, o texto é apenas um pretexto para os bonecos. Os Serões estão nas mesmas condições, e é preciso esperar uma eternidade. Resta, pois em meu parecer, qualquer jornal: O Diario de Noticias, as Novidades... Não lhe parece? V. sabe que eu não sou bem visto nas Gazetas, nem lá tenho amigos. Mas, se quizer, com vivo gôsto tratarei da publicação do artigo. É grande? poderá sahir num numero? Parece-me que, à falta de revistas, o D. de Noticias serviria. Veja lá, e mande se me quizer dar o prazer de tratar do assumpto. Talvez esta semana vá a Coimbra, mas apenas me demorarei uns dias. Resolva e mande. Estou com ardente interesse em ler.

Vi, hontem, seu Pae que me parece optimo. E V. não vem a Lisboa? Adeus. Escreva breve.

Os meus respeitos e cumprimentos. Saudades de um admirador e Amigo do coração

Antonio

*

12

[Ms.]

Meu querido Joaquim
27 de Julho

Bravo! bravo! Não imagina a alegria que me deu a sua carta! Sorri-me para ella com a bocca, com os olhos e com a alma Alleluia! alleluia! Finalmente: das cinzas renasceu o Fogo eterno; da fragua jorrou a Fonte de Vida; o Nevoeiro sismatico e misterioso trouxe no seio junho ardente; o Gêlo místico do Norte accendeu o Fogo pagão sobre as águas do Tâmega e sobre os sêrros altissimos do Marão sombrio — para que as águas do rio, traspasadas de essa chama traspassem e fecundem com ella a terra verde, e a Serra levante à face do céu um outro céu esplendido, e certo, e vivo da vida sagrada...Alleluia! Alleluia!

Caro Amigo: parabens! E entregue-se todo, entregue-se de alma e coração, embeba todo o seu Ser nesta fogueira de bellêza e de alegria. E que V. encontre, em fim! na linda criatura de Deus, nuvem branca do Norte, claro sol do Meio dia, que o meu espirito já admira e estima, — a sua sonhada e esperada Venus - e -Maria.

Mas as outras “lindas meninas”? V. mal fala nellas! É por serem portuguezas? Olhe que me está a dar vontade de me sahir quixotesicamente em novo Magriço, armar meu Coração com as cores

do Sol, — e abalar por ahi fóra a defender e desagrar as minhas engraçadas e moreninhas portuguezas...

Quando saio de Lisboa? Ainda não sei! Meu cunhado, com a sua ida para as taes aguas, embrulhou absolutamente a minha vida. Elle ainda não sabe se poderá ir em Julho ou Agosto — o meu plano de ferias está dependente da sua resolução. Por estes dias, deverei ter decidido qualquer coisa. Quem me dera, meu querido Joaquim, abalar para ahi! Mas quando será? Como V. é feliz! a estas horas, hoje, sabbado, enquanto lhe escrevo encarcerado nesta abafada burocracia, estará V. na Senhora da Serra: Alleluia! Alleluia! Quando eu fôr (quem me dera fosse já hoje) já não encontrarei em Perros do Marão esse divino Sol da Primavera: Mas encontrarei, ao menos, o seu coração cheio de flores.

E está perdoado do seu fundo silencio, sobejamente explicado. Mas com uma condição: a de me escrever e de me dar particulares do seu coração que adivinho em puro e glorioso e feliz estado de Graça.

E bem haja por se ter lembrado de mim. Adeus, meu querido Joaquim. Os meus melhores cumprimentos às Senhoras. Para si, um estreito e caloroso abraço do seu affeioadissimo amigo e admirador

Antonio

*

13

[Ms.]

3. II. 909

Meu querido Joaquim:

O seu silêncio era já de morte! Mas Você resuscitou: E, como as Resurreições, por serem em espirito puro, são mais belas e perfeitas do que as vidas vividas em alma e corpo preguiçoso, — esta Resurreição maravilhosa que é o seu grande livrinho deixou-me deslumbrado, enternecido e novamente assegurado na fé da sua immortalidade espiritual. É um esplendor, a “Senhora da Noite”; é uma sagrada Ascensão que atinge o extasi quando voce, nas maronescas alturas da serra e da sua Comoção, transfigura a Noite simbolica naquella radiosissima Madrugada, naquella envolvente mistica luz pagã. Como eu senti o seu coração! Como eu senti o seu Amor! Como eu senti o divino Encanto da Criatura perfeita que lh’o inspirou: — aquella Fonte carnal de onda brota para si, homem feliz! o espirito vivo e eterno... Este seu livro é, entre as mais altas flores da sua Obra, uma altissima e preciosa flor. Como seu Camarada, as minhas fervorosas aclamações. Como seu

Amigo, um grande e comovido abraço de parabens e de vibrante admiração.

Seu do coração

Antonio

*

14

[Ms.]

Meu querido Joaquim:

25. Fevereiro. 910

Recebi o seu livro, devotamente esperado. Nesta horrivel dispersão da vida, solicitado por tão descontraçadas coisas, não o pude ler logo. Mas tenho-o lido, anciosa e alvoroçadamente, nas horas de recolhimento e elevação espiritual que tenho podido aproveitar do tempo. E que lhe direi eu, meu queridissimo Joaquim, do seu bello e grande Poema? Que palavras escolherei neste tumulto comovido de palavras que sobem da Alma e do Coração? V. as adivinhará. Apenas saberei dizer-lhe que o seu livro é o melhor dos seus livros, — e isto diz tudo.

Elle lembra-me uma estatua de Sol vestida de nevoas. Ha nelle a força virgem e cosmica dos primeiros Poemas sagrados, — os Evangelhos das religiões primitivas que, talvez pelos homens estarem mais proximos d'ella, — envolviam em si os segredos divinos da Criação. E elle é, juntamente, o simbolo, a Profecia dos tempos novos. Está nisto, a meu ver, a suprema belleza, a vitalidade epopaica e religiosa do *Marános*. O seu Poema podia ter nascido à sombra das Arvores que viram Rama e ouviram Budha; podia ter sido inspirado aos pés da Esfinge; Platão gostaria de o meditar e de o discutir com os seus discipulos; Jesus o abençoaria no Horto e no Calvário: E o seu livro, ao mesmo tempo, — e por isso mesmo, — é um signal de Redempção, um esplendor da Alleluia futura. O seu Poema levantou-me dentro em mim próprio, em mim mesmo me purificou. Elle leva-nos, n'uma avassaladora onda de misterioso espirito, para o Alem-mundo, para o Alem-Nós, para a vida sublime que o seu genio descobre e eu tambem pressinto e soffro em mim, nesta cada vez mais dolorosa ancia de perfeição e neste calvario que é a vida onde a Alma padece a torturante imperfeição das coisas e das almas. Escrevo-lhe, tendo os meus olhos cheios da sagrada belleza das Figuras Espirituais que V. criou, — estes meus carnaes e tristes olhos de homem, que veem de ler o seu livro e que já hoje tiveram a alegria divina de chorarem. Meu querido Joaquim: abraço-o longa e

comovidamente, com todo o meu coração. Tenho orgulho de ser seu Amigo e de ser seu Camarada.

Bem haja pela sua affectuosa carta ultima, em que falla do Anto. Bem sabe como eu singularmente as estimo e imaginará como ellas me engrandecêram e quanto me consolaram.

E a sua saude? Eu, soffrendo mais do que nunca esta vida, e cada vez com mais profundo desanimo e maior tristesa de viver.

Para os Seus, os meus respeitos e cumprimentos. Para si, um fraternal e fervoroso abraço do seu do coração

Antonio

*

15

[Tb.]

[Ms]

Procuradoria Geral da Coroa e Fazenda

1. Julho. 910

R. da Trindade, 15, 30

LISBOA

Querido Joaquim:

O sol de esta manhã, batendo à minha janella e aos meus olhos, não conseguira lavar-me a alma das sombras noturnas que a envolvem sempre ao acordar para mais um dia (mais um dia!) de esta vida triste e arrastada, cheia de amarguras, de incertêsas, de aspirações irrealisaveis, de desfalecimentos, de insatisfação intima. Mas a sua carta, vinda do seu espirito, foi uma rajada de outra luz mais profunda, — e essa clareou-me a alma e fez-me bem.

Como fiquei com pena de o vêr ahi, sozinho, nessa melancolia do hotel de Caldellas! Apeteceu-me despir a “minha sobrecasaca” (simbolo do mundanismo) que às vezes me aperta como um colete de fôrças, outras me vexa como vexaria o Cavaleiro da Triste Figura se o mundo se lembrasse de lha vestir e de o passear com ella pela rua do Oiro. Apeteceu-me despir a sobrecasaca, dizia, e envergar a minha “Pelle do diabo” (que já foi lavada pelos ares do Marão) — para ir ser anjo ao seu lado, entre os pinheiros e essa pobre gente triste. Se, ao menos, o homem de Malta (sem cruz ao peito, imagino) tivesse consigo uma gatinha maltêsa, quero dizer, uma filha môça que aquecesse num esplendor de bellêsa feminina e extranha essa banal sensaboria do hotel! Mas V., certamente, nem daria por ella, absorvido no seu sonho. E noto

que não tem uma palavra de louvor para essa paisagem, que me dizem ser bella! O que só se explica, meu queridissimo Poeta, pelo facto divino de ter a alma cheia de outra paisagem infinitamente mais linda...

Não sei o que farei do meu verão. Com certêsa, sei que não sahirei de Lisbôa, a sahir, se não em Agosto. Ando em tamanha inercia de corpo e alma, que não sei que resolverei.

Escusado dizer-lhe, carissimo Amigo, que me sorriem amorabilissamente os dias de espirital gasalhado com que o seu coração me desafia, num aceno largo, tão largo que chega às alturas celestes da Serra e à profundeza misteriosa e mansa do seu rio. Verei se posso ir, — se chegar a sahir de Lisboa, e se V., para esse Agosto ardente, pairar por Amarante. Não leremos, no Marão, a “Alma Religiosa”, mas sim o seu livro novo. Estou cheio de curiosidade e do mais vivo e fraternal interesse por elle.

Diz-me ser “um romance em verso “. É então, um poema, no sentido antigo da palavra? Antigo, claramente quanto ao processo: porque, quanto à emoção criadora, sei eu que, sendo antiga como a luz antes de ser a estrêlla será madrugadora como as estrêllas novas que hao de vir. Quanto ao titulo, eu não posso pronunciar-me sem conhecer intimamente o livro. Todavia, desde já me parece que elle [...].

P.S. Diga se tira resultado das águas. Deus queira que ellas restabeleçam completamente a sua saude. Dizem-me ser excelentes.

Saudades do seu do coração

Antonio

*

16

[Tb.]

[Ms.]

PROCURADORIA GERAL

DA

COROA E FAZENDA

7. Julho. 910

Meu querido Joaquim:

Escrevi-lhe, ha dias uma carta longa para Caldellas. Recebeu?

Hoje, para lhe escrever, confesso que tenho de fazer um grande esforço sobre mim mesmo... Venho pedir-lhe um favor, — e ao

meu instinto moral repugna utilizar-me dos meus Amigos. A Amizade, como a Arte, deve ser uma virtude puramente espiritual. Não é bom, nem é bello, aproveitar, mesmo parecer que se aproveita, uma ou outra para um fim egoista, material e útil. Mas, trata-se do meu irmão, — e eu não tenho direito de guardar os meus escrupulos: tenho, antes, a obrigação de lhos sacrificar. E depois, comsigo, carissimo Joaquim, que tão grande e tão singularmente nobre é pelo coração como pelo espirito, eu sei que não correrei o perigo de ser mal julgado.

Vamos ao caso:

O João, depois que V. ha trez annos, o arrancou de Castro Daire; depois que esteve em Coimbra como administrador durante o Ministerio Amaral, e abandonou este lugar por escrupulos, pois elle ainda poderia estar hoje a exercêl-o) — regressou à sua antiga e incomoda situação! O Soares Branco, durante toda a gerencia do gabinete Beirão, andou a enganar-nos infamemente, prometendo a toda a hora melhora de situação, dando as mais solenes e juradas esperanças. Cahiu, tendo mentido como um intrujão vulgar, e tendo-nos roubado, (roubado é a palavra, pois, assegurando-nos o despacho durante meio anno, estorvou os nossos esforços noutro sentido, travou a nossa actividade e o novo tempo, que poderiam ser aproveitados noutro rumo mais certo).

Eu tive com isto um grave e profundo desgosto. E, a subida ao poder do Teixeira de Sousa deixou-me ainda mais desanimado por me ver inteiramente desguarnecido de interesse junto do actual gabinete.

Agora, porem, disseram-me que seu Pae (eu não sabia, pois não sigo de perto os movimentos politicos) tem poderoso valimento junto do ministerio — Poderá V., meu querido Amigo, pedir a seu Pae que se interesse por meu irmão? Diga-me com a franqueza máxima, pois não quero ser difficil à sua amizade, e pode haver mil razões para que não queira intervir no assumpto. E basta que você me diga — “não posso” — para eu entender que essas palavras veem dum absoluto e verdadeiro desencontro do seu coração com as coisas da Vida.

O João poderia, com a protecção de seu Pae, obter uma promoção qualquer, e ser chamado a Lisbôa. Elle tem um enorme e invencivel desejo de vir para aqui: já porque estava mais perto de mim, já porque previa um mais vasto campo de luta onde exerça e ponha em jogo as faculdades do seu espirito — unico patrimonio, unicas armas de defesa na vida cruel e terrivel, que a Natureza amiga lhe deu. Elle está resolvido a lutar, — mas a lutar por bem, e pelo bem. Com o seu talento, com o seu character, elle é um elemento de regeneração, de renascença, de construção mesmo para um Portugal-Novo que nós, os Poetas, sonhamos ver erguer, como uma labareda de Espirito, das cruces carnaes de este miserando paiz. O João, podia, num jornal, em meio de esta imprensa corrupta, sem orientação moral, sem ideal e sem fé, — ser um grito de verdade, de dor e de esperança.

— Poderá V., querido Poeta, fazer alguma coisa para a realização de este sonho?

Como vae da sua saúde?

Tem tirado melhoras da sua estação ahi? Deus o permita.

E o seu Poema? Já o entregou ao editor? Já se fixou no titulo?

Escreva. Diga de si, da sua Arte, do seu Coração.

Eu, por aqui, emaranhado em mil coisas que me amarguram a vida, me desalentam horrendamente. Para qualquer lado que o meu coração se volte, em todos os horizontes do seu amor, não vejo senão também tristezas crueis, desalentos, — a Vida unificando-nos na mesma Cruz.

Adeus. Perdõe esta desconsoladora carta.

Escreva. E diga, com a franqueza que se deve a um amigo como eu, se o meu pedido para seu Pae não é importuno ou inoportuno. Seu do coração

Antonio

*

17

[Ms.]

12. Dezembro. 911.

Quinta de Belinho

Espozende

Querido Joaquim:

Como você é bom! Como é sempre aquelle Poeta que o meu coração ama, o meu espirito profundamente admira! Como V. é sempre o meu bom, o meu querido Joaquim!

Também eu sou sempre o mesmo, — embora tenha razões para o não crêr, razões para me acreditar um esquecido, um ingrato. Não! Nunca! Apesar de lhe não escrever, quantas vezes eu me lembrava de si! e como eu tinha no coração grandes e luminosas palavras para lhe dizer!

A sua carta foi uma abençoadora alegria para mim. Pelo que diz ao meu coração, pelo que engrandece o meu espirito. Bem haja, bem haja, querido Amigo.

Sim! eu estou à porta do Paraiso. Encontrei o coração esplendido e perfeito: encontrei a Roseira encantada d'este aspero jardim da vida: encontrei a andorinha que chamou sobre o meu coração, tão castigado do inverno, a graça, a glória, o triunfo da Primavera.

Como eu queria que você, meu grande e querido Poeta, conhecesse a minha Noiva! V. já era lido e admirado por ella: é agora

estimado como um dos meus primeiros amigos. Quando casarmos, quando tivermos a nova casita, V. ha de vir estar uns largos dias connosco — Prometido?

Mas, meu querido, Joaquim, nem tudo é felicidade, fóra do meu coração, a minha vida, desde ha um ano, tem sido uma tempestade continua.

As coisas materiaes da vida são um duro calvario para mim. Pobre, sem colocação, a minha Noiva (Maria Adelaide: que lindo e profetico é o nome de Maria!) pobre também, ou o mesmo que o seja, — V. imagina quantas tristezas, quantos desesperos eu tenho sofrido. O meu sonho está em meio, e não sei ainda como realisal-o dentro das fataes realidades da vida! Mas Deus é grande: Deus não me hade negar a Terra da Promissão.

Querido Joaquim, adeus. Escreva-me. Diga de si. Do seu coração, da sua Arte.

Estarei aqui até depois do Natal.

Como passa V. de saude?

E todos os Seus? Para sua Mãe, minha Senhora, os meus respeitos. Um abraço a seu Pae. E seus Irmãos? Escreva. Fale-me de si.

Até breve. E um abraço sobre este coração fraterno do seu

Antonio.

*

18

[Ms.]

3 Janeiro 1912

Quinta de Belinho

Esposzende

Queridissimo Amigo: Que terá V. pensado de mim? Muito mal, decerto, e com toda a razão aparente.

Depois do meu casamento, depois de ter voltado a Belinho, eu escrevi-lhe, nos comêços de Julho, agradecendo e falando do “Regresso ao Paraíso”. Imagino, tenho quasi a certeza, pelo que me disse o Álvaro Pinto, que não recebeu essa Carta. Não me admira que assim fosse: o Minho, por esse tempo, fervia em conspiração: e outras cartas minhas se perderam, algumas não recebi que me foram destinadas. Mas, depois d`isso eu tinha obrigação moral de lhe escrever novamente, dizendo-lhe quanto o seu livro me tinha impressionado, — tão grande e tão bello elle é, um firme e luminoso passo a mais, um grande vôo para o Alto nessa gloriosa ascenção que tinha sido a sua Arte. Eu devia ter novamente

agradecido a sua amiga dedicatória para mim e para minha Noiva de então, hoje minha mulher e minha Noiva para sempre. Confesso o meu crime. Nem d'elle pediria perdão, se não soubesse quanto o seu Coração é bom e quanto me conhece para acreditar que no meu silencio não havia esquecimento e ingratidão. Não, meu querido Joaquim, nem ingratidão nem esquecimento, porque isso fôra uma negrura de alma e que eu sou incapaz.

O meu silêncio, — juro-lhe! — é apenas filho de uma preguiça estranha, invencível, em que me tenho deixado absorver durante meses, e da qual apenas começo a sahir. Não tenho escrito a ninguém, — a ninguém! Por exemplo, basta dizer-lhe que, — depois de cinco meses de silencio, — só ha dias escrevi à Maria Amalia: e V. sabe quanto eu lhe quero, quanto ella me quer. Perdõa-me? Diga-me que sim, porque me tira de sobre o coração um grande pezo, um grande e constante remorso.

Não quero que passem estes dias de festas sem me fazer lembrar aos meus mais queridos amigos: a sua casa é uma das primeiras. Imenso temos nós que conversar; mas isso ficará para outra vez, ou para quando nos avistarmos, o que espero seja breve. Por hoje, só esta justificação da minha culpa, — só este fervoroso abraço em que o aperto do coração.

Minha mulher, todos os desta casa, desejam a Vossas Excelências um Ano feliz e fazem os seus cumprimentos, a que eu junto as minhas velhas devoções tão affectuosas e gratas. — A invocação que me faz no seu altissimo e nobre Poema ficará, para sempre, gravada na minha Alma... Será uma luminosa memoria da minha memoria.

V. estará ahi? No Porto? Quando vem aqui? São três horas de caminho. Que alegria imensa V. me daria! Venha! Diga que quer vir, — para combinarmos essa jornada.

Como vai a sua saúde? Tem trabalhado? Adeus. Perdoã-me? Não fica mais a pensar mal de mim? Seu, como sempre e para sempre, amigo até à Alma, admirador fidelissimo e entusiasta

Antonio

*

19

[Ms.]

9 Janeiro 1913

Belinho

Querido Joaquim: A sua carta, agora mesmo recebida, veio direita ao meu coração. Como V. foi bom e generoso, escrevendo-me,

perdoando logo! Mas não me surpreendeu: — reconheço muito, mais uma vez, a sua alma de eleição.

Apezar de bastante adoentado, não quero deixar passar uma hora sem lhe escrever. Comoveu-me, comoveu-nos muito a tristíssima notícia que me dá da morte do seu sobrinho. Compreendo bem o que terá soffrido, meu querido Joaquim, — e aperto-o fervorosamente ao meu coração. Pobre angito! Peço-lhe abrace por mim seu bom Pae, o desolado Avô. Beije por mim as mãos de sua Mãe e Irmã, minhas senhoras. Diga-lhes que o meu coração as acompanha, a todas, na sua dor, na sua amarga e cruciante Saudade. Diga-lhes que, nas horas felizes e sempre lembradas em que ali estive, eu beijei esse lindo Sorriso que era o filhinho da sua Irmã; hoje, a minha alma beija, nas lagrimas dos meus olhos, as lagrimas da saudade eterna que lhes deixou. E todos os meus, os que estão perto do meu coração, sentem comigo, acompanham Vossas Excellencias todos. Pobres Paes, coitados! Diga a sua Irmã mil coisas enternecidas do meu sentimento; abrace por mim seu Cunhado com um grande e comovido abraço.

Impossivel, hoje, ser mais longo. Espero que breve nos veremos, — e então conversaremos até ao infinito. Conto consigo em Belinho. Que alegria para nós! Diga quando vem para combinarmos a jornada. É rápido: Do Porto a Darque, pouco mais de duas horas: de Darque (onde irei buscal-o) a Belinho, três quartos de hora. Quem me dera abraçal-o, meu querido Joaquim.

Espero anciosamente o “Doido e a Morte”. A ellegia deve ser bella. — Quando vier, traga.

Adeus. Até breve. Cumprimentos affectuosos da Maria Adelaide. Um grande abraço do coração do seu fervoroso admirador e amigo

Antonio

*

20

[Ms.]

8 - II - 1913

Belinho

Meu querido Joaquim: “O Doido e a Morte” é um dos seus mais pequeninos e mais bellos e maiores livros! No encontro e no dialogo das duas formidaveis simbolicas e eternas Figuras, na Canção final. V. atingiu alturas supremas. Todo o Pensamento e a Comoção são já eterea vertigem. Que dizer-lhe mais? — As palavras só poderiam obscurecer a flagrancia, a verdade viva da minha impressão. Um grande,

fervente abraço: Bravo! mil vezes. Mil vezes, bem haja! Tenho-o esperado, visto que prometia vir breve e avisar-me. Eu não desisto (previno-o!) de o ter aqui. Mas, já que não veio até agora e, por todo este mez, (depois lhe direi porquê) a ocasião não seria favoravel, intimo-o para a Primavera. Para fins de Março conto absolutamente com a grande alegria da sua visita. Assim avisado a tempo, prepare-se para não faltar.

Escrevo-lhe a fugir. Perdõe. Dê notícias suas. A “Elegia”?

De todos nós para os Seus, affectuosos cumprimentos. De novo, um abraço pelo seu admirável e altissimo poemeto. Tenho um livro a imprimir: “Vida e História da Árvore”. Seu admirador profundo. Amigo do Coração

Antonio

*

21

[Ms.]

9 de Dezembro de 1913

Belinho

Meu querido Joaquim: Pelos jornaes soube agora da nova rajada de desgraça que pairou sobre o seu coração, pelo coração de todos os Seus. É assombroso. Que profunda impressão me fez. Com que saudade e affecto eu recordo e avivo no meu espirito a memoria do seu infeliz e querido Cunhado, irmão, melhor será dizer! Quantas vezes falava nelle, sempre que lembrava os dias felizes que passei consigo! E era uma figura singular, característica como portuguez, insinuante em extremo, fidalgo e simples na perfeição, alegria e delicadeza do seu tracto. E parecia cheio de força e de saúde! E era mais novo do que nós! É assombroso! Que profunda impressão me fez! Pobre da sua Irmã, pobrezinha d’ella! Como a Dôr, a tem experimentado, e como resistirá a esta prova horrenda! Meu querido Joaquim: eu não venho dizer-lhe palavras. De que servem as palavras? Queria mas era estar junto de si, de todos os Seus, para lhe abrir a minha alma, cheia de tristeza e Carinho. Nem escrevo senão a si: V., que sabe como eu lhe quero, dirá à sua Irmã, a sua Mãe, minhas Senhoras, a seu Pae e Irmãos, beijando-lhes a ellas as mãos pelo meu proprio Coração, abraçando-os fervorosamente a elles, quanto imagina como eu os acompanho. Inutil dizer que a Maria, todos, nós estamos com Vossas Excellencias. Escreva-me quando puder. Veja que o abraça, com as lagrimas nos olhos, o seu

Antonio

*

22

[Ms.]

Fevereiro. 914.

Belinho

Querido Joaquim:

Num grande abraço, com a noite no coração e as lagrimas nos olhos, bem haja pelas suas altas e comovidas palavras.

Nessa hora da minha vida, que é toda uma eternidade, que já estava na minha alma antes que eu fosse e nella ficará ainda depois que eu já não seja, — senti o seu coração ao lado do meu desgraçado coração: e essa ternura fez-me bem. Deus lhe pague o arrepio de comoção que eu senti nas suas palavras. Que o espirito do meu pobre Filhinho, divinizado pelo soffrimento e pela morte, lhe sorria das Altezas.

Pela pobre Mãe, por todos nós, bem haja, querido Joaquim:

Todos d' esta casa se encomendam affectuosamente a Vossas Excellencias. Peço-lhe beije por mim as mãos de sua Mãe e Irmãs, minhas Senhoras. Um fervoroso abraço para seu Pae e Irmãos.

Para si, a amizade fraternal, a saudade viva da sua alma, e grata admiração do seu pobre e infeliz

Antonio.

*

23

[Ms.]

30. Novembro. 915.

Belinho

Espozende.

Querido Amigo: Sinto, — e com grandes remorsos, que deve ter pensado mal de mim. Não lh' o levo a mal, porque as apparencias me condenam. Depois da remessa da ultima e bellissima edição do “Sempre” um profundo silencio se fez entre nós. Minha a culpa, pois não lh' a agradeçi! Primeiro, porque o seu livro me cahiu nas mãos num grande

periodo de tormenta; depois, porque tencionava remediar a minha grande falta com uma grande carta; por fim, porque não escrevi nunca... É porque não escrevi? Eis uma d'estas coisas que não se justificam, — porque eu vivo ainda; e se explicam porque a minha vida, em plena e constante tempestade, tem sido uma morte de todos os instantes.

Culpe-me, castigue-me, se quizer, mas não veja no meu silencio, meu querido Joaquim, senão aquilo que realmente é: uma especie de loucura, uma doença dos meus nervos esgotados, do meu espirito disperso num turbilhão de dores. E o que tem sido para si tem sido para todos, para todos os amigos, os corações que mais amo. Não me queira mal! Perdôe-me. E, se perdoar, diga alguma coisa de si, da sua saude, da sua Arte.

Eu por aqui vivo, cada vez mais isolado das coisas e dos homens.

Quando nos encontraremos? Então lhe diria tantas e tantas d'estas pequeninas grandes coisas que não cabem numa carta.

Por hoje, só para pedir-lhe perdão do meu silencio. E, com elle, as mais affectuosas lembranças para todos os Seus, e um abraço, como os de sempre, sobre o coração, do seu velho e fidelissimo Amigo e admirador

Antonio

*

24

[Ms.]

23. Dezembro.1920

Belinho

Querido Amigo: Bem tarde vão estas minhas palavras, ainda que há largos dias elas andam no meu coração. Queria escrever uma grande carta, e mil coisas, — além da minha horrenda preguiça, — me tem roubado o tempo.

Entre elas, confesso, uma maré viva de trabalho que veio bater a este areal já quasi abandonado dos oceânicos entusiasmos da mocidade, e que eu quiz aproveitar para seguir com a serie *Na hora incerta*. Perdôe! Mas, vem ahi o Natal Santo, — e eu não quero perder tão linda hora para lhe levar, num grande e enternecido abraço, toda a doce alegria que me trouxe, como o bater de azas de andorinha que volta, o seu belo, generoso e amigo artigo do jornal hespanhol. Creia, meu querido Joaquim, que foi como se o encontrasse todo sobre o peito, e o meu

abraço revivesse a velha amizade e a velha e sempre nova admiração que me inspira, fielmente, hontem como hoje. — Bem haja! bem haja pelo bem que me fez.

De forma que não é esta carta a que eu desejava; mas vai assim, pequenina e breve para não tardar mais o meu abraço, — e para lhe dizer que de todo e do melhor do coração desejo a V. Ex^a um Natal feliz, — tão alegre quanto ele ainda possa ser sobre a tristissima terra portugueza. Beije por mim as mãos de sua Mãe, minha Senhora, e apresente a seu Pae os meus affectuosos respeitos.

Eu aqui continuo, neste Belinho que é seu, meu querido Joaquim: onde um dia espero vê-lo, em troca d'aquella visita que lhe fiz, e sempre lembro com gratidão e saudade.

Até breve. De novo, e sempre, bem haja, — Dê-me notícias suas, que muito as desejo. A sua saúde? Os seus versos? Adeus — Um beijo à sua sobrinha linda, companheira de dias. Cumprimentos da Maria Adelaide. E um longo e festivo abraço do seu grande admirador e amigo de sempre e para sempre

Antonio

*

25

[Ms.]

Quinta-feira Santa — 1921
Belinho

Querido Amigo: Perdõe, do coração lho peço, não ter agradecido a sua tão affectuosa carta que tamanha alegria me deu: era a alleluia de todo um Passado a que, — pode crer, — eu também nunca fui nem esquecido nem ingrato.

Nestes longos meses, a minha Vida foi uma absorvente e continua ansiedade, cheia de doces esperanças, mas também, por vezes, cruciada de nevoentas e, por triste condição humana, menos religiosas duvidas: Minha Culpa! Depois, a Maria Adelaide adoeceu: o que, no seu especial estado, deu largo campo à terrível imaginação pessimista, tão própria do meu temperamento. Também a Maria Candida, minha Cunhada, esteve melindrosamente mal, e, apesar de melhor, ainda hoje nos dá graves cuidados.

Graças a Deus, porém, tudo desabrochou na mais radiante felicidade: Há oito dias que sou Pae. O novo Rapaz é lindo, prometedor e forte, cheio de vida esperta. A Maria Adelaide está magnifica. E tudo isto, meu Amigo, é a um tempo, um sonho e uma realidade tão boa, que

me encontro a perguntar a mim proprio, entre lágrimas de comoção, orações e sorrisos, se tanto mereço a Deus.

Recebi, agora mesmo, o seu “Maranos” na sua segunda edição. Sabe quanto eu admiro este belo e nobre Poema, uma das expressões mais altas do seu génio poético. Vou lê-lo, com toda a devoção do meu espirito. Não, porém, já, — porque ainda ando cheio de tonto e deslumbrado alvoroço. Bem haja! Bem haja por se não ter esquecido de mim. E breve espero outros volumes, — pois a sua carta era uma Floresta de promessas. Grande alegria tenho, creia, em o ver nessa florida actividade espiritual.

Prometia-me a sua visita para a Primavera. Ela ahi está. Deixe passar toda esta [...]. Ainda que não viesse o seu livro, tinha escrito hoje.

Que V. Ex^{as} tenham Paschoa felizes

Antonio

*

26

[Ms.]

8. Julho de 1921

Belinho

Querido Amigo: Tenho andado a ver se adormeço o Filho nos meus braços; mas êle pesa muito: esta agulha de cristal é uma alavanca capaz de mover um mundo! Depois, em vez de dormir, curiosamente olhava para os livros perfilados como em continencia e sentido por essas estantes além: — Quem passa? — Mais do que uma Árvore, e mesmo ainda mais do que um livro! É um Menino, pequenino ainda, — como foram pequeninos todos os grandes Poetas, os Heroes e os Santos.

Ora, como o meu Filho não adormecia, entreguei-o a braços mais embaladores e doces, — e aqui me tem a escrever-lhe estas palavras, — que já tanto tardaram... Perdõe-me!

O “Maranos” poisou sobre a minha banca com a sombra tumultuosa e criadora da profunda Montanha, estalando os Céus. “As Sombras” pairam no meu espirito como um turbilhão em chamas.

Li os seus Poemas uma outra vez. Não cotejei pagina a pagina, para verificar as diferenças entre as primeiras e segundas edições, e notar, verso a verso, onde a forma porventura pudesse ainda dar mais larga asa de Espirito ao Corpo da Palavra. Sei que me embebi neste formidavel Oceano de Poesia, — da mais profunda e bela que eu conheço, amo e admiro, — e que ela me souu a velho e a novo, a Hontem e a Amanhã: porque ha nella, meu querido Joaquim, o clamor dos Tempos eternos, a esfingica, a nevoenta e bronzea atitude das coisas que

não morrem. — E aqui tem, no mais comovido abraço, todo o entusiasmo da minha admiração e da minha amizade. — Bem haja, cem mil vezes, por se ter lembrado de mim.

Eu não esqueci a sua promessa de vir a Belinho. Todos os dias a lembro, com o mais vivo carinho. Mas a nossa vida tem sido um pouco tumultuosa. A doença de Maria Candida, outras coisas teem-me feito esperar um retôrno à nossa habitual tranquilidade.

Felizmente, tudo vae tomando o natural equilibrio. A Maria Cândida já se levanta, e a onda de cuidado parece ter passado de todo.

Enfim, meu querido Amigo: Belinho, agora, espera-o. Venha! Não terá aqui o confôrto que lhe quizeramos dar; mas tem o nosso affecto, e estará, para as coisas da sua saude, do seu regimen, como em sua Casa. Faça de contas que vem de visita a um Convento, — e que eu sou um frade menor.

Sei que tem consigo a sua linda Sobrinha, a doce amiguinha dos meus versos. — Pedimos-lhe que a traga consigo. Para nós será de muito gôsto apresentar-lhe o pequenino Senhor Morgado. Para si, não lhe faltará a doce companhia que já deve saber minucias dos carinhos de que v. precisa. Venham ambos. E não digo venham todos porque certamente Vossas Excelencias não nos poderiam dar essa absoluta alegria.

A viagem, de Ermezinde para cá, é sofrida. Quando me disser que vem, darei, sobre ela, maiores e convenientes informações.

E, agora, aguardo que me marque o dia do grande acontecimento.

Peço-lhe beije por mim as mãos de sua Mãe, minha senhora, e por mim abrace, com affecto e respeito, seu bom Pae.

A todos os seus, que estiverem consigo, e ainda aos ausentes, os meus cumprimentos e lembranças.

Um abraço ao nosso Antonio Carneiro, se ele ahi está.

Tive-o uns dias em Belinho; muito falamos de si, e da sua arte.

Adeus, por hoje. Os nossos cumprimentos para todos.

— Venha! — De novo, bem haja por tudo quanto de belo e grande os seus Livros me touxeram. Aperta-o do Coração o seu velho admirador e amigo

Antonio.

*

27

[Ms.]

Janeiro - 1922

Belinho

Querido Amigo: O meu telegrama levou-lhe, — tanto quanto a nuvem da palavra pode conter e levar o pezo das lagrimas, — o sinal da minha dor, a certeza de que nós todos, e do melhor do coração, partilhavamos, com aflicção verdadeira, a eterna e tormentosa hora de saudade e angústia que veio entenebrececer o seu lar. Pobres e queridos Amigos! Hoje escrevo-lhe, — ha trez meses que não pego na pena! — e ainda nada mais lhe direi. A uma Alma como a sua, a um sofrimento como o seu, que humanas falas poderão trazer-se? Consolações? As unicas que pode haver, ela as encontrará no fundo de si propria, absorvendo-se em Deus. Assim, querido e desventurado Amigo, eu quero chegar-me ao pé de si, no doloroso silencio da minha comoção; quero apertál-o ferverosamente, longamente, bem contra o meu peito; quero que os seus olhos, — onde talvez não haja lagrimas mas sim a chama halucinante do desespero, repoisem, um momento, nos meus olhos razos de água. Ai de si, meu querido Joaquim! Da sua pobre e Santa Mãe, de todos! de todos! Lembro-os, no mais profundo do meu enternecimento e do meu carinho, como guardo para a Veneranda Memória de seu Pae, cujas nobres qualidades de Coração e espirito tive a felicidade de conhecer de perto, um campo feito de saudade, gratidão e respeito.

Eu não queria falar-lhe, hoje, de nada mais, e muito menos de mim. O meu silêncio que o deve ter espantado, — se é que os meus silêncios podem já espantar alguém! — impõe-se-me, porém uma explicação que abreviarei o mais possivel. Eis a razão do meu telegrama, pedindo-lhe para não vir a Belinho n'aquela altura. Tivemos um fogo em casa. Era absolutamente preciso fazer obras de reparação, justamente na parte que mais importava a um indispensável concêrto. Estas obras, que ao principio imaginei de pouco tempo, foram-se prolongando de semana para a semana. Depois, ainda elas duravam, adoeci eu, melindrosamente: uma grippe, uma congestão pulmonar. Quando me julgava remido, veio segundo ataque grippal, que me obrigou aos maximos cuidados, com receio ao pulmão que tão recentemente tinha sido ferido. Levantei-me, hoje umas horas, pela primeira vez. Pela primeira vez, ha tres meses, escrevo umas linhas, estas, que são para si. Aqui tem. Perdõe. Como vê, a culpa não foi minha, e só eu perdi, e tanto! O que devia era ter-lhe escrito a explicar toda esta tormenta de contrariedades. Perdõe!

É claro que não lhe peço para vir agora; mas, quando puder e quiser, meu querido Joaquim. Mais do que nunca Belinho lhe deve carinhos. Depois, a Primavera vem ahi, — e a sua visita não passará da Primavera, espero em Deus. Se a minha saúde tivesse deixado, teria

corrido a Amarante, em piedosa romagem, a levar-lhe o meu abraço e a beijar as mãos de sua Mãe e Irmãs, minha Senhora. Não era possível. Mas um dia irei, — e hei-de lá ajoelhar consigo junto do tumulto de seu Pae.

Recebi o “Bailado”. Cabeça tonta de tão longa e aborrecida doença, ainda o não pude ler a fundo. Todavia, já li, ou, antes, ouvi algumas paginas, muitas, que me fizeram a mais extraordinaria impressão a que certamente não foi alheia a forma estranha como trata tão estranhas e halucinantes emoções: Um dia, brevemente, espero, falaremos do seu livro com grande sabor e vagar. Hoje, fico por este apertado abraço com que, lho agradeço. Não posso mais! já não sei escrever. A pena peza como um arado em terra bravia. Ando profundamente estúpido: incapaz de alinhar meia duzia de palavras com um fio de ideia. Adeus. Perdoe tudo. — Diga-me alguma coisa de si e dos Seus. O meu coração pede-lhe noticias. As nossas mais affectuosas lembranças. E mais um comovido abraço sobre o peito do seu profundo admirador e grande amigo

Antonio

*

28

[Ms.]

13. Março 1922

Belinho

Querido Amigo, querido e grande Poeta: A sua generosidade é como as Montanhas, é igual ao Marão: ao mesmo tempo que parece esmagar-me, levanta-me a alma a todo o cimo, — lá onde já poisa verdadeira luz divina. De todo o meu coração, do melhor do meu espirito, bem haja, querido Poeta e Companheiro, pela sua Carta que me deslumbrou e comoveu. Deus lhe pague, já que eu não posso.

E perdoe os meus negros silencios. Eu sou-lhe devedor de palavras imensas, ainda que o não seja, — creia! — de pensamentos, porque os tenho para si, para o seu coração e para a sua Arte, dos mais altos e dos mais singulares. Mas, a pena de escrever cartas é para mim uma Cruz, não porque eu a levante, pregando o amor e as admirações que trago na alma, o que seria a gloria e a paz; pelo contrario: porque a abandono nesta doentia e cruel preguiça que eu não venço, — e todos os dias me envergonho de remorsos. Que me perdoem, pelo muito que isto me faz sofrer.

Sim! eu hei-de ir vê-lo. Mas queria levar comigo a Maria

Adelaide. Ela, porém, é mãe e ama, e ainda não pode deixar o nosso Filho. Mas êle vae fazer um ano: deve, então, ser desquitado, deixando o doce leite materno pelo pão dos homens. Quando esse passo se tiver dado, ficaremos mais livres, — e será feita a nossa Romaria a Pascoaes.

Entretanto, meu querido Joaquim, Belinho — continua a esperá-lo. A Primavera vem ahi: já ha borbotões nas roseiras: e as pombas já levantam as palhas, fabricando os ninhos — Venha! — Quando quizer: quando se sentir com vontade. Eu comprehendo as raízes que, agora mais do que nunca, o prendem e esse Campo-Santo. Mas V. precisa de reagir, de lutar: o Joaquim, não se pertence a si próprio, mas a Portugal, à sua Mãe, a toda os Seus, a todos nós. Precisa e tem obrigação moral de viver, não absorvido na sua Dôr, mas trabalhando, para dar Beleza e Ardor para encher de estrêlas esta horrenda Noite Portuguesa. — Talvez uns dias de fuga lhe fizessem bem: — Venha! Venha! Para todos, de nós todos, os mais affectuosos cumprimentos. Beijos do meu José Gonçalo. E um longo abraço do seu como irmão

Antonio.

O Raul Brandão diz querer vir-me aqui ler o seu teatro. Combine: Venham ambos, — e traga um Poema.

*
29

[Ms.]

29 Agosto 1926

Belinho

Poeta querido: Bem haja pela sua carta que me chegou ao coração; ainda mais: d'ele passou além, aos infinitos dominios do espirito.

Aqui temos esperado a prometida visita; e a esperal-a continuamos. O João, que neste momento lhe escreve, completará esta carta. Eu, confirmando-a, apenas lhe direi, — a hora do correio foge, — que, seja como for, não dispenso a sua companhia.— Combinem lá como quizerem!

Peço-lhe beije por mim as mãos de Sua Mãe e Irmã, muito minhas Senhoras. E, de qualquer forma, até breve. Mil coisas amigas ao Paço D'Arcos. Saudades a essa Paisagem bela que por si se ficará eternizando. E um longo, enternecido abraço do seu devotadissimo admirador e amigo de sempre

Antonio

*

30

[Ms.]

28 Março 1928

Belinho

Raul Brandão

Joaquim Teixeira de Pascoaes

Caríssimos:

Perdõem-me só agora vir agradecer-lhes o Novo “Jesus Cristo em Lisboa”. Li-o, logo que êle me chegou às mãos; mas, a Carta, a terrível carta, foi, é, e, já agora, há-de ser sempre a escolha de papel e tinta em que naufragam, dia a dia, os melhores propositos do meu espirito, do meu coração e boas maneiras de homem bem educado. Naufragam, — para depois me esfaltar a lançar-lhes, tardiamente, o salva-vidas, muitas vezes já inútil, das justificações e desculpas... — Perdoem!

Li o vosso livro, — e sofregamente o li, — onde encontrei páginas de suma beleza: ou êle não viesse dum dos maiores Prosadores e dum dos maiores Poetas que o génio literário desta Pátria criado tem: dos dois grandes Artistas que, entre os mais raros, mais admiro e estimo.

Quer isto dizer que o vosso livro me não compungiu em muitas coisas? Seria mentir-vos, seria mentir-me, se o escondesse. É claro que a minha sensibilidade muitas vezes se arrepiou; nem isto vos surpreenderá: êsse mesmo arrepio seria, porventura, (duma maneira geral) um dos efeitos procurados e buscados. Tomado como símbolo, aquêle bengalão da Capa erguida contra Jesus, confundiu-me a alma. Porém, Amigos, não vem de aí a impressão desconsoladora. O Livro é uma ficção, e eu, poeta, sei o que são ou podem ser, ficções literárias. O que me confrangeu na Tragi-comédia foi o pessimismo que ela avoluma, formula, escultura, e, por desgraça, talvez propague, — mal reflectido em almas de mau e viciante espêlho. Quero dizer, única e simplesmente: Jesus, voltando ao Mundo, foi escarnecido, vilipendiado, crucificado, bem mais barbaramente do que da primeira vez. As figuras, as pressões que cito fazem, são, necessariamente, representações vivas, integrais, da humanidade, de piedade: — Logo, o homem é pior do que era; logo, dois mil anos de doutrina, de martírios, de luz, de milagre, de formosura suprema, de sangue, lágrimas, heroicidade, renúncia mística, arte maravilhosa, — à luz divina do Cristianismo, — foram inúteis, foi pior: pior, sim, porque, hoje, o homem deve saber e conhecer. Enfim: Jesus, sai vencido, bem mais horrendamente do que da primeira vez; logo, a sua vinda foi uma jornada vã?...

Amigos: é contra êste pessimismo que a minha alma e a minha fé levantam protesto. — Eu penso, eu sinto absolutamente o contrário. Nem de outra maneira poderia ser; ou não acreditasse como firmemente

acredito, na progressão moral da humanidade. — ou não acreditasse, como do fundo da alma e do mais alto da inteligência acredito, em Cristo e na sua Igreja.

Desculpem Vocês esta maneira de pensar, que, aliás, pode vir de errada interpretação. O que vos afirmo é que não há nela a menor animosidade de preconceito. E as minhas palavras, — na estreiteza e confusão duma fugidia carta, só obedecem ao desejo e ao afectuoso dever de vos falar com o coração nas mãos.

Agora, meu querido Raul Brandão, isto, que é principalmente, só apenas para si:

Recebi o seu postal. Confesso-lhe que êle me fez sorrir, embora me intrigasse um pouco. Na verdade, seria a brincar? Mas, V. não é espírito para brincadeiras. A sério? Mas, seria duma grande ingenuidade, — e V. não é um ingénuo, como eu não sou... Fôsse o que fôsse, aqui lhe respondo: Não! O “que lhe chegou aos ouvidos” foi, por força e sem jeito nenhum, uma bisbilhotice de “Comadre mentirosa e mal intencionada”. Eu li, imediatamente o livro. E porque não havêra de ler? Que eu “estava com medo”?! Ó homem! confesse que há nisto uma réstia de vaidade heroica, presunção de Prometeu... Senhor Artista, dos maiores que nesta terra tem havido: eu tenho lido tudo; devo ter lido, pouco mais ou menos, todos os livros “que fazem mal” que V. leu; o que, depois, também li, foi alguns que “fazem bem” e que V. talvez, ainda não lêsse. De forma a que, Amigo! eu posso ler, sem receio, qualquer livro, — mesmo que seja escrito pelo punho incendiário de Galan... — Ora, positivamente! “Jesus Cristo em Lisboa” foi escrito por si, meu querido Raul Brandão, e pelo querido Joaquim, — e eu conheço as vossas almas, e quero-lhes muito bem. Medo eu? É defeito que não tenho, — sendo um pôço d’êles. Juro-lhe que eu sou rapasinho para me meter ao “Mar das Trevas”, ou para me bater em Aljubarrota (quem dera que hoje houvesse disso!), como homem e poeta fui para ler, de cara a cara, a vossa descaroável terrível tragédia! Sim, Senhores! Valente, até aqui!

Mas, a sério: V. imaginará que eu me transformei em timorata e cândida noviça loira? Infelizmente, não; tenho muitos cabelos brancos, muita experiência dos homens e dos livros; e, inocências, como virgindades, não se refazem.

Enfim: eu, que sempre fui Cristão, entrei na ortodoxia católica por sentimento, inteligência, estudo, meditação e comparação: quero dizer, — livre, pura e esclarecida consciência; — portanto, não é nesta altura de vida nem neste momento espiritual que leituras me podem perturbar.

Também li o artigo para que me chamava a atenção; e gostei muito. Mas para nada era preciso. Como lhe acontece a si, certamente, eu não formo opinião dos livros pelo que os jornais dizem, — sejam êles quais forem. Isto, pelo lado literário. Pelo aspecto religioso... Ó Raul Brandão! mas, V. realmente, acreditará que eu tomo uma gazeta para meu guia espiritual?!

Pode crer: achei-lhe graça.

Adeus Amigos. Desculpem estas linhas, a correr escritas, entre resmas de livros a rabiscar e a mandar para o correio.

– Aí lhes mando um ex. do “Auto”, Bilha de leite...

Ó Raul Brandão: afirmo-lhe que o pode ler, se estiver de pachorra, sem medo de que êle... lhe faça bem.

Uma coisa: quando os “Sinos” saíram, eu mandei-lhes, por sinal que com uma quintilha, agradecendo as “Ilhas”. Recebeu? É que, no caso contrário, pareceria estar em falta, — e bastam, ai de mim! aquelas em que realmente estou.

Cumprimentos da Maria Adelaide. Saudades, e um grande afectuoso abraço do vosso grato e fervoroso admirador e amigo

Antonio

*

31

[Ms.]

27 Junho 1930.

Quinta de Belinho

Esposzende

Meu querido Joaquim:

Bem haja pelo seu telegrama para Coimbra: a sua companhia espiritual grandeza e nobreza foi para o meu espírito, em tão extraordinárias e imprevistas horas.

Longa carta lhe devo e há que tempos, Santo Deus! Parabéns contentes e efusivos lhe devo pelos seus Livros que tamanho benefício representam na imortalização da sua Obra, não só como perfeição de Arte mas também como definitivo arranjo editorial. Longo esforço lhe terá custado, mas bendito seja êle!

E parabéns também pelo triunfo que, desde já, as traduções lhe alcançam, e das quais o João me deu a alegre notícia. Esplêndida e consoladora justiça para si, meu querido e altíssimo Poeta! Para si, e para nós, pois das boas obras de uns participam os outros: e nós partilhamos do glorioso testemunho que, correndo em língua que todo o mundo entende, ao mundo inteiro os seus Poemas vão dar do nosso génio poético — Bravo, Amigo!

Tudo isto lhe digo, ainda hoje, em tão curtas palavras: não porque seja o coração a medi-las, não! mas apenas porque tamanha

tarde a cumprir, — mais de dusetas cartas à frente da cansada pena!
—me obriga a ser breve. Perdoe!

Quando nos veremos? Talvez êste inverno vá a Lisboa.
Beije por mim as mãos de Sua Santa Mãe, minha Senhora.
Afectuosos cumprimentos da Maria Adelaide para V. Excias.
Apertado abraço do velho amigo e fervoroso e grande admi-
rador

Antonio

*
32

[Ms.]

14. Maio 1935
Belinho

Querido Amigo:

Bem haja pelo admirável “Painel”, tão lindo, tão fresco, tão reverdecido, tão iluminado e profundo em seus recortes de terra e horizontes de mar e Céu. É uma verdadeira Geografia Sentimental, um Atlas espiritual do mundo lusíada, em rasgões de Visão sôbre a paisagem física e sobre o Oculto. Enfileiro estas páginas entre os seus mais venturosos arroubos poéticos. Ao lê-las, a minha admiração e bem querer faúlham como perene fogueira batida de vento novo. Bravo! E bem haja, mais uma vez e sempre, pelos belos versos, pelas generosas palavras, por aquêlo número da tiragem, tão próximo do seu coração e lembrança amiga.

Quando aparece por Belinho? Eu é que lhe devo a visita, bem sei! mas... Enfim: Deus nos faça mais encontrados, — como tanto desejaría.

Beije por mim as mãos da sua Mãe e Irmãs, Minhas Senhoras. Lembre-me a seus Irmãos. Saudades a Pascoais e ao Tãmega, e ao Marão. Lembranças muito amigas da Maria Adelaide. Beijos do José Gonçalo.

Abraços do seu do coração

Antonio

1.2 • João Correia de Oliveira
18 cartas, de 1908 a [1942 ?]

*

1

[Tb.]

[Ms.]

Administração do Concelho de Coimbra

Meu querido Joaquim,

Absorvido pelos affazeres ineditos do meu cargo, nem tempo tenho tido para lhe agradecer com um grande abraço a sua cartinha. Entre as tristezas da minha vida uma cousa me é profundamente consoladora; — meu Joaquim — é a certeza de ter amigos como Você, q. o são, certamente unicamente pelo q. moralmente valho...

Obrigado às suas palavras! V. tem razão; eu preciso de trabalhar; construir a Vida. Coimbra tem-me recebido pela forma mais carinhosa e enternecedora! Como V. sabe eu não conhecia Coimbra: nunca por aqui florira a pobre mocidade triste em risos expansivos de sem-cuidados. Vejo-a e vivo-a agora pela primeira vez. Que doce e harmoniosa q. é esta paisagem! Que cheia de passado e de melancolia antiga de cousas é a Cidadezinha galante!

Tenho pena de nunca ter trazido aos hombros uma capa de estudante; — e olho para elles, já, como... um velho!...

Que tem V. feito? Escrito muito? Falo muito em si a esta gente das letras Coimbrãs.

Diga-me uma cousa: onde mora seu irmão? Já o tenho pensado ir cumprimentar, mas não o tenho feito, por não saber onde vive. Tenho o maior prazer em o conhecer. O Christovam Ayres falou-me há dias em si com grande admiração e grande vergonha de lhe não ter escripto ainda. Os trabalhos da política!

Adeus. Escreva sempre, meu querido Poeta.

Peço para seu Exm^o Pae, meu grande Amigo, os meus respetos bem como para todos os Seus.

E Você, meu Joaquim, creia na grande amizade e grande admiração que lhe tenho.

O seu devotável

João

14/4/08

*
2

[Tb.]

[Ms.]

CAFÉ MARTINHO
Telefone 53 - LISBOA

15 Junho 1912

Meu querido Poeta

Você perdôa-me. E sei de antemão que me perdoa, porque na sua alma ha perdão para tudo e para todos.

Recebi o Regresso na vespera de partir para Belinho — assistir à leitura da primeira pagina do poema mais sério e mais vivo do nosso Antonio.

Ahi estive uns dias e sempre que pude, à beira do mar e à sombra da montanha, abri o seu livro para ler umas paginas.

Só aqui, agora, o pude acabar de ler. Da emoção que ele me deu, da impressão suprema e amolgante de grandesa que me ficou, pouco ou nada lhe podem traduzir as minhas palavras frouxas.

O Regresso é uma enormidade e enormidades não se definem.

O seu Livro é uma Natureza — e a natureza só aos bocadinhos, em aspectos, pouco e pouco se sente e se traduz — quando, como eu, se não possui, o poder estranho da expressão mental com que Você, nestas paginas altas e cimeiras de uma Literatura, diz tudo e o alem de tudo.

É um Marão em verso. Subir-lhe às cumeadas é ter em frente horizontes tão largos, tão largos desdobramentos, que o ornar perde-se e o espírito confunde-se.

Bravo!

Como nunca, Você abriu o horizonte ao Poeta. Livro de ternura infinita, de lyrismo desdobrado em epopeia, de Força, de extases, de imensidades.

Abraço-me a si contra o seu coração, num entusiasmo que, a falta de palavras, encontra para se exprimir à sua alma, as lagrimas de uma comoção, de homem e de artista, que os destinos da vida trazem transviado de sonho, mas que compreende em pensamento (?)

Seu do maior fervor

João Correia de Oliveira

*

3

[Ms.]

Belinho

11-8-1925

Meu querido Poeta

Colhi ha pedaço, com a minha mão ainda de fera inteligente, o primeiro fruto de uma dessas arvorezinhas de virtude que V. me mandou. E apesar dos Antigos, na sua ciencia sacerdotal, preceituarem aos homens que não comessem os frutos das arvores, nos primeiros três anos— por imundos — eu devorei o peceguito doirado e succoso. E achei-o optimo!

Devia, talvez, estar contente: mas estou sobretudo, grato ao Poeta que da serra, me mandou, bafejadas da sua inspiração criadora, estas deliciosas e carnudas sinteses de aroma e sabôr.

Chegamos ha dias, queria e devia ter-lhe escrito logo. Mas os primeiros dias de campo, para mim, são como que de pasmo e de paralisia. Naufrago em silencio... Deixo de existir da minha existencia social e limitada — para me dispersar na vida das coisas.

E não conto comigo — porque me não pertenco.

Perdão, pois, querido Poeta, para este silencio!

Recebi em Lisboa a sua última carta, a que não respondi, já atarefado com os preparativos da jornada.

Trouxe comigo as moedas. Não me atrevi a chamar sobre mim a responsabilidade de as comprar, porque a minha ignorancia de numismatica, me não permite definir-lhe o valor real.

Aqui estão — e é possível que lhas leve, se V. não nos der, ainda, o gosto de voltar por aqui.

Tanto a Maria Candida como eu pensâmos em fazer-lhes uma visita. Quando? Isso não depende só de nós, mas das possibilidades que V. Ex^{as} tenham de nos receber.

V. não sai de Amarante durante agosto e setembro? Quando vai a Lisboa? Quando vai à Galiza?

Segundo a sua resposta, combinaremos o caso. O Antonio ca vai indo, sem perder as melhoras obtidas em Pau — mas com os nervos ainda muito incertos e alarmados. Vou ver se consigo levá-lo connosco para Lisboa. Tem trabalhado e o Poema está muito melhorado.

E V.? Tem trabalhado muito?

E adeus querido Joaquim.

Todos os desta casa se fазem lembranças a si e a todos os seus, com a mais carinhosa amisade, que eu acompanho, pedindo os meus

respeitos para sua Mae e Irmãs, minhas senhoras, e apertando-o a si contra o coração, um grande e vivo abraço.

Todo seu

João

P.S.

O Antonio, que chegou agora aqui, pede-me para lhe dizer que a sua visita lhe fez uma grande impressão, que ficou cheio de saudades, e que qualquer dia lhe escreverá.

Seu

João

*

4

[Ms.]

Meu querido Joaquim

Bem haja! por estes maravilhosos frutos do seu pomar, que são sem eloquente elogio da terra que os dá e das mãos que os cultivam.

Fizemos-lhes hoje, ao almoço, as devidas honras. A proposito, o António evocou-nos, tocado de saudade viva os vellos dias que ahi passou convosco. Isto entristeceu-me, porque a esta hora extrema das minhas ferias, me é impossivel ir conhecer, de Viseu tudo o que ele nos descreveu.

Partimos na proxima quarta feira para Lisboa. Estes poucos dias que nos restam para pagar visitas de visinhos.

Se eu tivesse sabido que V. não tinha ido a Melgaço, mas sim a Lisboa, tê-lo-ia forçado a passar por aqui e levar-nos consigo.

Ficará para outra vez, meu querido Joaquim!

E obrigado! pelo carinho e pela insistencia amiga com que nos chamou!

Agora até Lisboa!

Quando? Não demore muito. Antegoso já o prazer dos nossos sabados, ao fogãozinho na nossa pequena salinha.

—Tão pequena que ouvimos uns aos outros a pancada dos corações.

Para todos V. Ex.^{as} as mais enternecidas lembranças e reconhecidos agradecimentos de todos os desta casa.

Abraços do Antonio,

Abraços enternecidos do odo seu

João

Belinho

24-9-1925

*

5

[Ms.]

29-8-1926

Mestre em Letras

e Irmão no Volante:

O meu muito saudar?

Quando, há dias, o nosso Poeta recebeu a sua Carta, ficou, como de prever era, muito contente, tendo desde logo resolvido perdoar-lhes para, quando viessem, virem decididos, a dar-nos alguns dias de demora. Com os dois “monstrosinhos de ferro” o mundo circunvezinho seria nosso...Contente fiquei eu também, não só por vos ter, mas por antegosar algumas partidas do nosso Antonio, que eu tanto desejo ver descer airado de aqui.

Acontecendo, porém, que o nosso Carneiro, que aqui está desde o princípio do mês, tencionará partir amanhã para Melgaço, o Antonio reservara para hoje o seu pedido, visto que as dimensões da casa não permitem dar coerto a todos. Mas o Poeta põe e o Pintor dispõe... Acaba este de nos dizer que resolveu não ir a Melgaço mas sim a Amarante, caso V. o venha aqui buscar. Esta resolução, que nos alegra por que nos dá mais uns dias, de Companhia do Carneiro, transtorna porem, o nosso plano de os agasalharmos aqui uns dias.

Tenho os meus dias contados, aqui. Quero ver se consigo que o Antonio dê umas voltas grandes de automóvel comigo, temos planeado para o dia 5 um passeio a S. Pedro do Sul. Se Vocês pudessem dar-me o prazer da sua visita antes desse dia seria ótimo, ficando para depois a sua vinda cá com demora pelo menos de alguns dias: visto que o Antonio não prescinde d'ella.

Escrevo a fugir. O “Mendes” espera-me para uma garraizada em Viana. Tem-se portado bem, coitado!

O Henrique ainda está ahí? Até breve, não?

Mil coisas boas de todos para todos. Um grande abraço do muito seu

João

*

6

[Ms.]

13 - Junho 1927

Meu querido Joaquim:

O Desconhecido, mais uma vez, conspira contra o prazer que nos daria a nossa ida, ahi. O desaparecimento da minha primeira carta, em que me perguntava quando nos podiam receber; complicou-nos tudo. Hontem, recebi a sua; tenho, porem, que estar em Lisbôa no dia 20. A Maria Cândida está muito preocupada com a doença de uma criada, que trouxemos de Lisboa e que cahiu de cama com uma pleuresia grave. Nestas circunstâncias, vemo-nos forçados a adiar para Agosto ou Setembro essa alegria. A não ser que eu consiga, ainda, prolongar as minhas ferias até ao fim do mes, o que é improvavel.

Entretanto, direi.

Além dos motivos afectivos, que tanto impõem ao meu coração essa visita, neste momento interessava-me, tambem, e muito! Conversar consigo e com seu irmão sobre o caso dos vinhos.

Entendo — fora de qualquer interesse pessoal, — que lhes convirá muito lançar desde principio, os vinhos em Lisbôa, que é um grande mercado. Organizarem, para isso, uma sucursal seria pesado.

Mas não se trata de isso, visto que eu tenho a casa montada: tratar-se-ia, apenas, de lhes prestar esse serviço, mediante a agência exclusiva dos vinhos, para o Sul do Paiz, nas condições comerciais que regulam as contas de consignação. Desvantagens para sua casa? Nenhuma. Vantagens? Todas as de expansão de vendas, portanto do âmbito de operações comerciais que é, logicamente, o q. convem a todas as casas em inicio.

V. falará nisto a seu Irmão, novamente? Espero-o. Como entre nós ambos havia um quasi-compromisso para a venda em Lisboa do seu vinho, tomei com empregados compromissos nesse sentido que desejava honrar.

E até breve! É possível que ainda por ahi apareçamos. Todos os desta casa se recomendam amigamente a V. Ex^{as}.

Da Maria Cândida, mil coisas boas.

Rijos abraços do todo seu

João

*
7

[Ms.]

Belinho, 25 - 10 - 1927

Meu querido Joaquim:

Se o silêncio não fosse uma coisa puramente material, sem relação nenhuma com as almas, nós devíamos estar, ou de mal, ou esquecidos um do outro.

Por mim, garanto e juro que não estou, nem uma coisa, nem outra, apesar destes longos meses de mutismo.

Em Lisbôa, vou sabendo de si, pelo nosso Riques. Só há um mês que nada sei, por que mergulhei em Belinho: e em Belinho, até de mim me esqueço...

Entretanto, era minha tenção, na volta a Lisbôa, passar por ahi, tocar-lhe, no ferrolho. Mas não me deixam!

Uns patifes, a quem trespassei parte da minha casa comercial, teem-me criado cabellos brancos, com toda a especie de maroteiras e de prejuizos. Vi-me forçado a intentar uma acção de despêjo, em que é juíz o Teixeira Direiro. Acabo de ter notícia de que os homens estão a fazer nessa acção chicana hedionda, que me força a apressar o meu regresso. Vou, antes de mais nada, esclarecer o Teixeira Direiro; mas desejava que V. lhe escrevesse pedindo-lhe para o meu caso a sua atenção, a sua justiça. Pôde e quer fazê-lo, com a rapidez que lhe seja possível? Afirmo-lhe, sob a minha palavra de honra, que essa justiça está pelo meu lado e que se trata de litigantes de má-fé, podendo V. afirma-lo também, sem sombra de duvidas. Do coração lho agradeço!

Como tem passado? E todos os seus? Nós, sofrivelmente. O Antonio, bastante abatido, mas razoavelmente disposto e trabalhando.

Aqui se fala em V. Ex^a, tantas vezes! com uma grande saudade e uma grande estima. Quando o temos em Lisboa?

Abraços do Antonio, saudades da “Maria Cândida”, as coisas mais enternecidas de todos para todos.

E para si, de mim, um grande abraço.

Do seu

João

*

8

[Ms.]

Meu querido Joaquim:

Perdôe-me por quem é! — não haver ainda respondido à sua carta — tão gentil e amiga.

Teem sido de uma tal confusão e canseira os meus dias que nem para casa devoção tive, ainda, sem momento de sossego.

Afinal, quando V. escrevia do Teixeira Direito, abandonava este a situação de juiz do meu processo, desaparecendo, portanto, a necessidade de o incomodar. Isto não quer dizer que o não venha a procurar para que, com a sua influência me ajude a desenvencilhar da banda de marotos que me enrodelharam.

Bem haja! querido amigo pela prontidão e amizade com que V. acudiu ao meu apelo?

Nesta casita, contam-se os dias à espera do querido Amigo, cuja companhia tanta saudade nos faz. Quando vem?

Os nossos corações, o nosso fogãozinho, o cafésinho e o meu... facalhão esperam-no.

A Maria Cândida pede comigo as mais afectuosas coisas para as Senhoras, seu Irmão e Você, a quem abraço contra o coração o todo seu

João

Lisboa, 14-11-1927

*

9

[Ms.]

Meu querido Joaquim:

Passou hontem o regresso adiado sem Você.

Houve, sobre a mesa, o mesmo rir sadio de gerânios vermelhos, que se tornou rôxo, ao falarmos, de si...

E havendo muita gente, ouve não sei bem que solidão.

Você pertence a esta cadeira que está ao lado da minha,— pertence a certas coisas que uns cercam — como lhes pertence a vida que, entre elas, temos vivido — um rol de amigos sem uma névoa de tristeza... Não chega a fazer falta à nossa alma — por que ella sente-o aqui, em tudo. Mas faz-me falta aos olhos, não o vêr “limitado e contornado em carne” — para me meter consigo, à laia de um garoto que

sacode uma árvore carregada de frutos — para os saborear.

Neste anoitecer frio e agreste de domingo, à espera do Riques, que prometeu vir, e, certamente, já não vem, derramei-me logo no meu cadeirão — e como o não tive cá a si, peguei no Livro de Memórias e estou há duas horas, a ouvi-lo. Porque será que, através destas páginas, relidas, a sua vós me tem dito, hoje, coisas que eu ainda não ouvira?

É que, para entender os deuses é preciso um estado-de-Graça!

Estas primeiras páginas sobre a infância, são qualquer coisa de maravilhoso e de único! — como definição do indefinível. A lucidez com que você mergulha dentro de si mesmo, alumando-se todo por dentro, deixa-me a impressão de espanto que me deixaria ver mergulhar num fogo d'águas um facho aceso não só sem se apagar, mas tomando em chamas a própria água...

Quero dizer que na nossa lucidez qualquer coisa que, quebrando as leis aparentes da natureza, só pela noção passiva do Milagre se explica.

Há milagres de talento e de auto-penetração, nestas páginas, Joaquim! A Prosa deve ajoelhar diante de si — e beijar-lhe as mãos.

... Chegou o Riques²

Sábado: 12 - 5 - 1928

Isto é espantoso, mas é assim! Comecei esta carta há 15 dias. Cortou-a a vinda do Henrique: e pelo Henrique soube já, no sábado passado, notícias vossas, da sua estada meteórica em Pascoais! A minha vida não me deixa um momento para ser de mim-próprio! Como poderei eu ser de aquelle, a quem quero?

Perdoe-me, Joaquim! Nos meus silêncios eu estou convosco. Acredite nisto — como uma verdade eterna e não estranhe nunca que lhe não escreva.

O Henrique lá vai correr mundos novos! Temos imensa saudade d'elle! Vâmos ficar quasi sós!

Fóra do nosso egoismo reconhecemos que elle faz, talvez, bem em partir. Estava a tolher-se, aqui, para a vida.

Que Deus o acompanhe e o faça feliz!

E Você? Que tem feito? Trabalhado? Essas Almas?

Adeus, querido Poeta!

Da Maria Cândida, que tão sua amiga é, mil lembranças carinhosas.

De nós ambos, para todos mil saudades.

E para si um rijo abraço do todo seu
do fundo da alma

João

² Diminutivo atribuído a Henrique Paço d'Arcos.

*
10

[Ms.]

Chamonix
Mont Blanc
France

20 - 6 - 1931

Meu querido Joaquim:

Veja lá Você para que alturas o figado e a curiosidade atiraram comigo!

Estamos a 1.050 metros de altitude e cercados pela neve em pleno sol estival.

Isto é bello — de uma grandesa que reduz as palavras a nada! Os picos e as agulhas, quasi verticam, em torno deste pequeno Valle, fasem por todos os lados a sua escalada incessante do infinito. Asa nuvens rolam pelo colo das montanhas, de vertentes, magnificas na sua pomposa vegetação de cedros.

Por diversos glaciers, a neve desce quasi até nós. É, na verdade, uma maravilha e compreende-se bem essa paixão aventureira que todos os dias atira para o perigo das ascensões de dezenas de alpinistas.

Eu contento-me com a minha poltrona (e agora compreendo que poltrona deve derivar de poltrão) e com o terraço do meu hotel.

Vichy deixou-me esgotado. Vamos a ver se este ar e este repouso me afinam um pouco para voltar à ... nôra.

E Você? E os seus?

As mais afectuosas lembranças da Maria Cândida, que está aqui junto de mim, para si e para todos.

Um grande abraço do
Todo seu

João

*

11

[Ms.]

Querido Joaquim:

Até que enfim! letras suas sob os meus olhos: palavras suas sobre o meu coração.

Venha de ahi! Venha! antes que o ano morra.

Acendeu-se já o fogãozinho junto na salita encarnada, enquanto um vento, tão solto e sebeatico, que parece vir ferido das pedras do Marão, vai tangendo nas vidraças as marchas funebres do Outono, cujo enterro passa, maltrapilhos, sobre a lama dos rios...

Venha de ahi, Poeta.

Em uma destas palavras escriptas, vestidas pelo luto da tinta, a salita encarnada precisa, para se animar e sobredoirar, dos seus gestos vivos, das suas palavras vivas.

Já o superam os nossos espiritos e as nossas almas. O meu coração, cada vez mais engelhado por esta velhice prematura dos meus nervos doentes, cá o espera na ânsia de remogar um pouco ao sopro vivo dessas palestras, em que como V. diz, a sinceridade desata todas as forças da natureza — com suas bonarcabronias de discussão, seus crepúsculos de confidência e suas alvoradas de revelação.

Este ano, havemos de gravar isso num dos seus muros, para que a immortalidade dos nossos nomes a defenda do tempo e a recomende à eternidade.

Uma inscrição. Está combinado! Com versos vossos — e o meu pobre nome aconchegado aos vossos, — para resistir.

Venha de ahi!

A Maria, depois de trinta dias de naufrágio na planura pátria, apareceu hontem, com samaria e saipus de Maioral em sua alma timida de pastor.

Vem ávida de má-língua — e preciso de si para crucificar alguns maus-ladrões, que por ahi andam, à solta. De nós todos, para todos, as mais affectuosas e amigas lembranças.

Junto com o meu, um grande abraço da Maria Cândida, que julgo ter descoberto um cafézinho melhor que o da Brasileira.

Todo seu

João

*
12

[Ms.]

Querido Poeta:

Nós continuamos a não saber se V. está de bem ou de mal connosco. A maneira como sahiu de Lisbôa justifica a nossa duvida. Isso, porém, não interessa ao assunto desta carta — que unicamente pretende associar-se às belas homenagens que ao Poeta foram prestadas.

Com os nossos respeitos para todos os seus, somos
Seus admiradores e amigos.

João,
Mario

Lisboa
Travessa do Combro, 25
21 - 10 - 1932

*
13

[Ms.]

Meu querido Joaquim:

Pela sua carta, que tanto nos alegrou e consolou, vejo que V. não percebeu que foi o Mario Beirão e eu quem, há dias, lhe escreveu desta salinha encarnada — sob o olhar amigo e contente da Maria Cândida.

Se essas palavras lhe levaram alguma ternura, é justo que ao Mario Beirão se reconheça o grande quinhão, que nella tem. Adeus até breve!

Escrevo a fugir.
Mil coisas dos dois para si e para todos.
Seu do coração

João

*

14

[Tb.]

D3/2944

[Dact.]

S/Casa de Belinho

19-Outubro-36

Querido Amigo:

Seria preciso que V. tivesse vivido estes últimos mezes dentro da minha pele, (e só como hipótese posso desejar-lhe tão nefanda coisa...) para poder entender tudo o que este longo silêncio cala.

Fóra della, o que terá V. pensado de mim?

Naturalmente, tudo, menos a dolorosa verdade de uma vida, vivida tão fóra da Vida e tão para quem de mim mesmo, que quasi de todo me perdi e dificultosamente me encontro na saudade do que fui...

Essa saudade, de que fujo pela covardia de a sofrer, vem, de quando em quando, lembrar-me, com as dividas em que para comigo próprio, a divida em que estou para consigo. Li, o seu livro, aos farrapos... Farrapos de tempo, farrapos de atenção, farrapos duma sensibilidade e duma alma, trazidas pelas realidades da existência, de rojo pelo chão... Em vão tenho esperado umas horas de serenidade, de concentração, — direi de reconstituição — para, voltado das mizeras tristezas deste mundo aos deleites astrais do Mundo em que dantes me encontrava consigo e com a sua Obra, para o reler e sentir na unidade perfeita do meu ser e da sua criação.

E ainda não chegaram, Joaquim. E temo às vezes, que não cheguem mais, Poeta! — de tal sorte a vida material, a subvida, se enrodilhou a mim e me enrodilha...

Quando supunha ter conquistado sobre a terra com o meu trabalho e a minha abdicação do Céu, um pouco de descanso, um pouco de contemplatividade, um pouco de sonho, — tombam sobre mim, esfrangalhando-me, preocupações e inquietações, problemas e dificuldades a resolver, — todo o futuro duma Família a precaver e defender — todo um Drama a evitar que venha à semana...

Quando V. souber que toda a luta em que me empenho e em que me esfarrapo não é pelo apego material à minha vida, mas pelo amor a outras vidas, — V. me perdoará, pelo que nisso possa haver de Beleza, a fealdade do meu silêncio.

Nem sequer tenho tido coragem para essa romagem a Pascoais, que a mim mesmo prometi, quando sai de Lisboa e aqui, desta feita, tenho ainda que renunciar.

Vivo de incertezas, na Incerteza. Mas tenho esperança de que

para o inverno nos toparemos naquela salita encarnada — tão longe agora de mim, que me parece pertencer a outro mundo... e ali me reencontrarei e nos reencontraremos, para falarmos do S. Jerónimo. Por enquanto, ando com ele pelo Dezereto — este dezerto interior, pior do que aquele em que encontrou Deus.

Até lá, encha-se de indulgência cristã, para me perdoar.

Encha-se de christã piedade para ter pena de mim!...

Da Maria Cândida, do António, de todos, a alma cheia de coisas boas.

De mim, um largo abraço que vença as distâncias materiais e aproxime este pobre coração do seu coração riquíssimo.

Como dantes como sempre
todo seu

João

*
15

[Dact.]

Sua casa na
Rua das Amoreiras, 128-Primeiro
Lisboa
9-6-42

Querido Poeta:

A entrada do seu Livro, nesta casa nova, que, como a antiga, o espera, foi como se V. tivesse entrado por aqui dentro, caminho daquela salinha encarnada onde, apegada às coisas, a sua lembrança perdura.

Quis-lhe agradecer logo o contentamento da visita, mas não o fiz à espera duma hora de recolhimento para a leitura.

Essa tem-se feito arredia, mercê dos mil afazeres dispersivos e amarfanhados da vida material e, também, da falta de saúde. Só hoje o tirânico Tempo me permitiu folheá-lo sem delongas. Impossível dizer-lhe que o li com aquela concentração que elle exige. Essa leitura em profundidade, que não em superfície como a de hoje, ficará guardada para hora mais religiosa, quando as férias me permitam reaver das mãos sagradas da Natureza a serenidade que o torvelinho cidadão me rouba...

Entretanto, tive já o deleitado gosto de viajar comsigo nesse

fabuloso automóvel e consigo transpor, a 200 à hora, os abismos de beleza que, qual montanha alteada às nuvens, o Livro cava deante de nós. E é ainda desnordeado pela Vertigem desse Passeio por entre negrumes hirtos de rochedos e deslumbramentos de estrelas; descendo agora à fundura coleante dos vales para logo trepar a alturas onde se toca com os dedos no Céu; é ainda tonto da velocidade desse Carro mitológico, carburando génio, em que andei consigo durante menos de 2 horas, que lhe escrevo, para lhe dizer apenas um — Bem haja!

Você continua a ser o grande e incomparável Poeta da prosa portuguesa. Pudemos, aqui e acolá, deixar de o acompanhar nas fugas transcendentais e rebeldes do seu pensamento insaciado e insaciável; o que nos é impossível é furtarmo-nos ao avassalamento emocional de Poesia com que a sua Obra nos afoga, seja qual fôr a modalidade criacional que ela adopte.

Quanto a mim, o que existe de excepcional em si é esse dualismo; esse poder mágico de pensar liricamente e sentir cerebralmente, realizando como ninguém a Irrealidade e como ninguém imaterializando o Real; aproximando-nos de todos os Longes e dando longes a tudo o que tão perto anda de nós.

Espero com ansiedade esse Camilo, cujo drama transcendentalizado pelo seu génio, deve ser coisa de novo e divinamente humano dentro da sua Obra.

E adeus por hoje.

A Maria Cândida, que todos os dias ralha commigo por lhe não haver escrito ainda, não está em casa. Sei contudo que ella me acompanha devotamente nos mil affectos que lhe mando e em que envolvemos sua Mãe, minha Senhora, a quem beijamos as mãos.

Dê-nos a alegria de o ver nesta sua casa, que um jardinsito cerca duma ilusão de paisagem e onde a marca da sua presença continua guardada pelas coisas que conosco vieram da outra.

Um rijo abraço, Joaquim!

Todo seu

João

*

16

[Tb.]

[s.d.]

[Dact.]

NEOGRAVURA LIMITADA

TRAVESSA DA OLIVEIRA Á ESTRELA

Nºs 4 E 6 - LISBOA -TELEFOE 23131

HELEOGRAVURA—BILHETES POSTAIS ILUSTRADOS

—JORNAIS CARTAZES

—FOLHETOS DE PROPAGANDA TURISTICA COMERCIAL

AGÊNCIA GERAL

RUA NOVA DO ALMADA Nº 53-2º

TELEFONE 24206 - LISBOA

Querido Poeta:

Duas palavras, apenas, e bem retardadas, para lhe agradecer a carinhosa oferta do seu belo Livro.

Uma trapalhada de pele, complicada e agravada com uma forunculose, que se instalou nas pálpebras, não me tem deixado lê-lo. Aflito de curiosidade, apenas o tenho folheado, aqui e alem, — o bastante para me dar a impressão de que é, entre os seus mais belos e altos Livros, o mais próximo de nós, o mais humano, no sentido imediato e social da palavra.

Ansioso por naufragar no mar de belezas que já me entremostrou, para essa deslumbrada hora reservo a humildade das palavras, que lhe devo.

Quando aparece?

Escrevo com grande dificuldade, motivo por que me fico aqui, com o mais amplo e enternecido dos abraços.

Bem haja!

Do fundo do espírito e do coração

todo seu

João

*

17

[s.d.]

[Ms.]

Senhor Teixeira de Pascoais,

Tão grande Poeta, como querido Amigo:

Nesta pobre casa, até aqui viuva de toda a graça, ha desde hontem, flôres nas jarras... E nessas flôres, saudades.

Para matar a saudade das flôres e dos nossos corações, a alegria de termos perto d'elles o que, quer vir ver-nos jantar, hoje:

Ao café, diremos, do Mario Beirão — que, para seu castigo, não estará ausente—todo o mal que pudermos.

Este, o único acepipe que poderei oferecer-lhe, da minha odearia (?).

Minha mulher, creio, tem para lhe dar tostadinhas na grelha, um pouco dessa bôa carne da provincia, em cujo suco rescendem, ainda, as hervagens dos bons pastios da Beira-Lima.

... e esfarraparemos o A. Lopes! Além disto, a ternura, sempre igual e certa da nossa viva amizade, que o espera.

Todo seu

João

*

18

[Ms.]

Querido Joaquim:

Antes de mais nada, peço-vos que não deixem de ir almoçar a Belinho. Ficariam desgostossissimos — e com carradas de razão!

Basta irem assim de fugida!

No dia seguinte àquele em que recebi a sua carta, mandei um empregado tratar das moedas e entregar a importância de 420:000\$. O empregado voltou, trazendo, juntamente com a moeda de ouro mais 12 moedas pequenas, dizendo que só vendia as 12.

Além destas, mandou-me mais um grupo de moedas, — Uma de ouro e creio que 12 de prata, dizendo que também eram para si.

Guardei, diga-me, agora, se quer que mande entregar à mulher a importância que pede pelo segundo grupo e pagar as 4 que vieram a mais no primeiro.

Recebi o cheque.

Mas que pressa!

E adeus! Escrevo a fugir, sem tempo mais do que apertá-lo contra o coração um grande abraço.

Lembranças para o Riques.

Para todos, de nós ambos, as mais enternecidas coisas.

Todo seu

João

1.3 • Fernando Pessoa 2 cartas, de 1914 a 1931

*

1

[Ms.]

Lisboa, 5 de Janeiro de 1914³

Meu querido camarada

Ha dias n'um dos atalhos de uma conversa com Mário Beirão, soube que, já depois da perda do seu sobrinho, soffrêra o meu querido Amigo a do seu cunhado. Talvez porque quasi nunca leio jornaes e porque vivo, sem necessidade de attenção a sensações exteriores, dedicado sem querer a presenciar-me apenas a mim-proprio, essa noticia só assim me chegou. Não sendo assim, já antes lhe haveria escripto para lhe manifestar o quanto a alta e quasi religiosa sympathia, que me liga fraternalmente ao seu grande Espirito, faz com que me commova com a sua dôr, redobrada agora. Eu creio que o meu Amigo tomará esta carta no sentido da sinceridade que ella tem e não olhará ao

³ Esta carta encontra-se já publicada in *Cadernos de Poesia*, III Série, fascículo 14, Lisboa, 1953.

seu aspecto de condolencia banal, que cartas d'estas, por sinceras que sejam, inevitavelmente vestem.

Os pesames que esta carta lhe leva veem do mais alto que o social de mim.

Já que me encontro escrevendo-lhe, aproveito-o para lhe pedir desculpa de antes lhe não ter escripto, agradecendo a offerta de o "Doido e a Morte". Logo após receber este poema, comecei uma carta para si, em que cuidadosamente delineava — isto é, começava a delinear — o que para mim se afigurava ser, litterariamente, o valôr da sua Alma. Circunstancias exteriores, minimas salvo na sua repercurção em mim, deixaram-me, hamais que alguns mezes, sempre sem acrescentar uma linha às poucas linhas que pensára. Adiei indefinidamente essa carta, que, ainda escrevi, conto um dia puder terminar e expedir. Perdôe-me o que indelicado e moroso resultou, perante a delicadeza da sua prompta offerta, do meu constante e dominador desalento. Nenhuma culpa teve n'essa demora o que em mim é consciente e superior a mim-proprio, e é com essa parte da minha alma que admiro e me enterneco ante a sua Obra. Não que eu julgue o "Doido e a Morte" uma das suas obras melhores. Mas tem, como tudo quanto o meu Amigo escreve, um sabôr espiritual e Eterno. N'aquellas paginas álgidas, onde o Mystério esfriou em Medalha, tendo de um lado a Loucura e do outro a Morte, Deus é presente na sua nocturna fórma de Pavor e Silêncio. A sombra de uma esphinge ao luar — eis o que é para mim esse seu poema. Bem sei que isto é pouco lucido, mas o meu espirito está bambo e desfiado e não supporta já o peso de um raciocinio ou de uma analyse. Digo-lhe tudo por imagens e metaphoras, e estas são a moeda-falsa da Intelligencia.

Tenho seguido com attenção o que o meu Amigo tem escripto. Ha paginas das "Elegias" em que a dor é quasi divina. E ha periodos do "Verbo Escuro" que são estatuetas do Mystério, encontradas em túmulos de reis que n'um outr'ora impossivel fallaram talvez com Deus.

Releve-me que me aproveite de lhe estar escrevendo sobre outro e tão diverso assumpto para enfim lhe agradecer "O Doido e a Morte", e lhe fallar do que tem escripto. Se não lhe fallasse d'isso agora, quem sabe quando lh'ó diria? Passo a vida a adiar tudo — e para quando?

Ao menos ganho com isso o ser symbolico. O que é cada um de nós, na sua essencia absoluta e divina, senão uma Perfeição adiada para Deus?

Abraça-o commovidamente o seu sincero Amigo e eterno admirador,

Fernando Pessoa

*
2

[Ms.]

Meu querido Pascoaes:

Venho agradecer-lhe muito — e já não é com grande promptidão — a offerta dos seis volumes das suas Obras Completas.

Esta carta, como é de ver, limita-se a esse agradecimento. Por uma parte, sabe bem o Pascoaes o alto conceito em que o tenho, e à sua obra, não havendo por isso mister que eu lh'ó repita. Por outra parte, tenciono falar de si mais demorada e litterariamente. Dizer-lhe agora qualquer cousa seria antecipar impreparada —, e portanto imperfeitamente, o que um dia espero dizer completamente,

só quem

nunima laeva venunt, audit que vocatus Appollo.

Desculpe-me a demora e o latim, e creia-me o amigo e fervoroso admirador de sempre,

Fernando Pessoa

14/II/1931.

1.4 • António Sérgio 2 cartas, de [1913 ?] a 1925

*
1

[Ms.]

Rio de Janeiro, Domingo, 16 de Novembro [1913 ?]

Meu querido amigo:

Li, com interesse e simpatia que as suas prosas me merecem, os generosos e fidalgos comentários que teve a honra de ajuntar às

minhas desenfastiadas epístolas. Como somos espíritos diversíssimos, e o meu amigo talvez demasiado poeta, ainda em assunto de prosa chata como as que eu trato — e eu talvez demasiado prosaico, ainda em assunto de poesia; — não logrei compreender os seus pensamentos e os seus desejos. Respondi-lhe num artiguinho que mandei ao Proença, como é meu costume, afim de que ele o transmita. Coíbi a minha natural vivacidade de nervoso, e o desenfastio larachista onde nunca há, posso garanti-lo, a mínima sombra de azedume.

Cabe-me agradecer-lhe, com muito apreço o nobilíssimo cumprimento da sua promessa de receber na Águia toda a espécie de opiniões sinceras.

Vê hoje na grei uma rejeição, porque teve a bondade de chamar para casa este filho pródigo, cuja divergência com o teórico sonhador que em si existe não é maior, pode crê-lo, do que a veneração pelo seu carácter e admiração pelos seus talentos, por mim, nunca vejo na divergência e na crítica senão interesse pela minha pessoa, que muito me agrada e rejubila. Deu-me enormíssimo prazer, por exemplo, o interessante artigo do nosso Barbiruivo sobre os meus confusos golpes de Macho, que tratei de esclarecer em outro artigo. Se consegui este intento, fiquei devendo ao Barbiruivo um incalculável benefício. A discussão e a crítica são sempre benéficas. Peço-lhes pois, meus amigos, que me cheguem a valer, se estão convencidos de que eu erro.

E já que falamos dessa pandilha do Barbiruivo, que me não escreve, nem me manda os Contos, não me cansarei de dizer que o seu soneto Em louvor do chaile (?) me agradou profundamente.

Rogo-lhe que lhe puxe fraternalmente as orelhas, e lhe recomende a minha pessoa.

Diz-me o Álvaro Pinto (cujo último artigo na *Vida* calorosamente apreciei) que pretendem vir até ao Brasil. Deixe passar estes calores, porque agora ninguém fala, e ninguém ouve. Mal se acaba a faina quotidiana, — foge-se para os altos, para o frescor, para a viração!

Muito estimarei estar por aqui quando vier, para o acarinhar, compartilhar consigo o meu arroz, e nos tocarmos directamente, com palavras e com gestos, diante da imagem da Saudade, sua deusa. Compete-me a mim, como hereje, ser vencido e ser queimado. Louvando o meu inquisidor, de dentro da chama purificadora, eu mais uma vez lhe direi quanto o estima e admira o seu

António Sérgio.

*
2

[Ms.]

[s. l.]

8-5-25

Meu caro Pascoaes

Não se esqueça do que me prometeu.

O Aquilino não pode fazer conferência, de maneira que é absolutamente necessário que o meu Amigo o substitua.

Seu

Sérgio.

1.5 • Mário Beirão 51 cartas, de 1912 a 1952

*
1

[Ms.]

[s. l.], Março, 1912

Meu querido e Altíssimo Poeta

Apresento-lhe dois moços poetas: Augusto Santa - Rita e Nuno d'Oliveira.

Receba-os na sua alma.

Ambos ardem na sede insaciável e caminham para além...

São amigos da "Águia", admiradores do seu talento, bardos do novo ideal.

Sobre a terra divinamente semeada, eles se debruçam e debruçam a sua fé!

Publique-lhes a poesia na "Águia" se o Pascoaes assim o entender.

Muito grato lhe fico.

Quando aparece por aqui?

As nossas noites de Lisboa, como as sinto agora na saudade!

Os meus cumprimentos a Sua Exm^a Família

Receba o meu querido Teixeira de Pascoaes.
Um grande e saudosíssimo abraço do
Seu

Mario Beirão

*

2

[Ms.]

[Tb.]
Café Martinho
telefone 530
Lisboa

Lisboa, 15 de Maio de 1912

Meu grande Poeta

Estou em graça, em Pascoaes, em Deus.
Divino estado!

Li o seu livro e agora sou comoção, asa pairante, melodia de
versos no crepúsculo...

Poema tecido a lágrimas e génio, aleluia relâmpagos...

Lusíadas dum Camões de Novas - eras!

Iluminando a pavorosa noite humana resplandecem Dante,
Camões e Pascoaes: abençoado lume a que me aqueço!

Aceite, meu querido Poeta, a admiração e a alma do seu

Mario Beirão

*

3

[Ms.]

[s. l.], 4 de Setembro de 1912

Meu querido Teixeira de Pascoais:

Leia a República de hoje (4), veja o que diz esse sábio, que se dá pelo nome de Júlio de Matos.

É monstruoso de imbecilidade, audácia, opinião. O Raúl Proença vai esfarrapá-lo no mesmo jornal.

É necessário que se faça o que se deve: reduzi-los a pó, a esse e a todos os outros.

Sejamos Cristos latejando.

Adeus meu querido Pascoaes. Um grande abraço do seu

Mario Beirão

*

4

[Ms.]

Figueira da Foz, Villa Teixeira

17 de Setembro de 1912

Recebi a sua carta na Figueira onde estou há dez dias. Como me sensibilizaram as suas palavras de Amigo, o seu fidalgo acolhimento! Fala no meu livro: talvez o publique no fim do Outomno.

Não sei. Exito ante mim.

Nada valerá: é a minha miséria posta a nú.

Vou escrever ao Proença. Tão nosso amigo, tão diferente dos outros portuguêses!

Conto abraçar o meu querido Pascoaes em Outubro. Naturalmente parto com o Villa - Moura para o Norte no fim do mês. Irei a Amarante poluir as pedras sagradas do seu lar. Mas quero abraçá-lo, senti-lo dentro de mim, viver a sua vida e não a minha.

Que idiotas vêm rasgar, lavrando, as nossas tunicas: o Matos, o Coelho, (Adolfo), todos eles... E nós a ascender, a doirar-nos de sol pelas alturas!

Lembranças para o Álvaro e Cervantes de Haro. Os meus cumprimentos a sua Família.

Saudades do Villa - Moura.
Saudades do velho Oceano.

Um grande abraço do seu eterno amigo e admirador
Mario Beirão

*
5

[Ms.]

Ancêde,
11 Out. de 1912

Meu querido Teixeira Pascoaes

Sou seu vizinho: estou em Ancêde, na casa do Villa-Moura. Estivemos no Porto, quizemos vê-lo e muito nos penou sabendo-o aflito velando o seu doente. E como está ele agora? Bom, não é verdade?

Muito agradecido pelas boas, carinhosas, perdoe-me, injustas palavras que usa para comigo. Eu não as mereço. Sou um mísero cantor de versos mudos. Como está a paisagem de Entre Douro e Minho e você — com penumbras de verdes macieiras, troncos velinhos e religiosos no fundo vale de meditação...

Que lindo deve ser o Tâmega ao sol do Outono!

Iremos banhar a alma nas suas águas. Para abreviar a distancia que nos separa, peço ao meu querido Pascoaes o favor de me mandar as “Sombras”.

Quero animar a hálitos divinos o barro humano e frágil do meu ser.

Espero o seu carinho. Escreva para Ancêde.

Os meus cumprimentos a todos os seus

Abraços de Bento Villa - Moura

Receba, meu Pascoaes a devoção e a amizade de todo o seu

Mario Beirão

*

6

[Ms.]

Meu querido Teixeira de Pascoaes:

É com a maior saudade que lhe escrevo.

A sua casa vive em mim, íntima e sagrada. Estou comovido de gratidão, meu Amigo.

O nome de Pascoaes julga na minha noite esteril de abandono. Bendito seja!

Grandes e cordeais abraços ao Álvaro, João e José Cerqueira; os meus respeitos a Suas Excelentíssimas Mãe e Irmãs, minhas Senhoras.

Receba o meu querido Joaquim a amizade e gratidão da minha alma

Mario

Casa V., Porto Manso, 17 Nov. 1912

*

7

[Ms.]

Ancêde, 7 de Janeiro 1913

Meu sempre amigo:

Sou eu a pedir-lhe de joelhos que venha ouvir o meu livro. Quero que a sua voz amiga o corrija com as suas observações tão lúcidas. Venha. Vou no dia 9 (à tarde). Abraçar-nos-emos na Livração, não é verdade?

Enfim está pronto o “Ultimo Lusíada”, livro de terna melancolia. Não mais.

O Bento leva grandes e espirituais coisas para lhe ler. Escrevo-lhe à luz de febre. Tenho andado doentíssimo. Doentes somos nós, saudáveis os Pulidos. Que irmão?

Está o correio esperando esta carta.

Vou terminá-la. Perdoe.

Os meus cumprimentos a seus Pais e Irmãs, Sagrada Família do meu respeito e amizade.

Até quinta feira.
Adeus, meu querido Pascoaes.
O seu

Mario

*

8

[Ms.]

Ancêde, 20 de Junho, 1913

Meu querido Pascoaes:

Lí religiosamente a sua conferência — “O génio Português”. E porque ela é eterna de Belleza e Verdade, eu sou eterno comungando-a.

Não falo da minha admiração, do meu fervor.

A sua bondade gravou o meu nome inútil nas páginas da sua obra.

Muito e muito lhe agradeço, meu querido Amigo.

O génio poetico de Pascoaes transcende a verdade eterna quando revela o mistério nocturno de certos vocábulos.

O Medo, o Remoto, a Ausência.

Vejo-o cada vez mais alto, meu querido Pascoaes.

Nos seus olhos amanhecem claridades divinas.

Abraça-o com a mais íntima amizade e religiosa comoção, o Seu

Mario

*

9

[Ms.]

Meu querido Pascoaes:

Venho anunciar-lhe a minha breve partida para Lisboa.

Será nos dias 1 ou 2 de Julho. Como eu desejava abraçá-lo meu querido Pascoaes!

Vou deixar (talvez para sempre) estas sagradas paisagens da minha alma.

E quanto tempo estarei eu sem ver o Pascoaes!

Lisboa não é terra do meu encanto...

Relembro na maior saudade a sua Casa, o seu Marão, o seu Tâmega...

Tudo o que é seu e vive na sua Alma...

Peço, meu querido Pascoaes, os meus respeitos para V. Ex^a e os protestos mais íntimos da minha profunda, eterna gratidão.

Se o meu querido Pascoaes quiser ainda escrever para aqui, faça-o para a “Renascença”. Muitos afectos do Villa - Moura.

Aceite, meu querido e íntimo Amigo, um grande abraço de despedida do seu sempre dedicado, admirador e criado obrigadíssimo,

Porto, 27 de Junho 1913

Mario

S / C em Lisbôa:

Cruzes de Sé, 27 - 1º

*

10

[Ms.]

Lisboa, 21 de Julho 1913

Meu querido Teixeira de Pascoaes

Agradeço-lhe do coração as Elegias.

O seu livro comoveu-me profundamente. Os seus versos são esculpidos em Dor. É um livro onde a sua Arte — sempre divina — é humana de Emoção. O espírito da criança ilumina aquelas páginas e torna-as eternas. Na cruz da Ausência um Cristo-Infante se redime.

Abraço-o, meu querido Amigo, com a mais alta admiração.

Não lhe posso falar de mim: eu sou uma coisa neutra, perdida neste tédio infinito que é Lisboa.

Que saudades do Norte, meu querido Pascoaes!

Escreva-me. Diga se aparece por aqui.

Pudesse eu vê-lo!

Abraça-lo pelos grandes versos que hoje li na Águia.
 Peço os meus respeitos para Sua Exm^a Família. Desejo muito
 as melhoras do seu cunhado.
 Adeus, meu querido Amigo.
 Muitos abraços do seu sempre amigo e admirador agradecido
 Mario

*

11

[Ms.]

Meu querido Teixeira de Pascoaes:

O Villa - Moura convenceu-me a participar a desoladora nova do seu luto: eu venho, meu sempre querido Amigo abraçá-lo e estar consigo na sua Dôr.

É com a mais estremecida saudade que evoco a figura de bondosa simpatia que era o nosso querido Morto. Era uma rara sensibilidade de afectivo, uma alma de infinita graça. Deus quer deixar-nos sós por este mundo! Ficámos para chorar a nossa Alma, porque ela vai com Aqueles que perdemos!

Abraço-o, meu querido Pascoaes, abraça-o com a mais íntima e sagrada amizade.

Peço os meus respeitos para Sua Ex^a Irmã e minha Senhora, a quem testemunho o meu profundo sentimento pela sua Dôr.

Aceite, meu querido Pascoaes.

As íntimas palavras a sinceríssima amizade do seu sempre devoto e admirador

M.Beirão

Lisboa, 22-Dez.-1913

*

12

[Ms.]

Meu sempre querido Pascoaes:

O correio de Lisboa trouxe-me o seu livro e com ele horas nunca esquecidas. Ah, meu querido Pascoaes, eu libertei-me (divinas horas!) desta mísera condição escrava, ouvindo através das páginas desse livro sagrado o seu profundo Verbo escuro. Esse extraordinário livro ergue o meu Pascoaes a uma altura de vertigem. Sua emoção estrela a noite humana de lágrimas. Seu Pensamento revela em consciência o Mundo. Só Deus e o Poeta escutam o seu Verbo, os outros não o ouvem... Nesse verbo arde a verdade dos Profetas.

Li religiosamente o seu livro. Sinto-me feliz. Agradeço-lhe comovidamente a sua graça espiritual.

Os meus respeitos para Sua Exm^a Família.

Aceite, meu querido Pascoaes, um grande e fraterno abraço do seu admirador muito agradecido e amigo

Mario Beirão

Casa de Porto Manso

Ancêde 29 Março 1914

P. S. Estou em Ancêde desde os meados deste mês em casa do nosso Villa-Moura, que o abraça com toda a amizade

Mario

*

13

[Ms.]

Meu sempre querido Pascoaes:

De todo o coração agradeço os carinhos e atenções que dispensou a este seu obscuro camarada e querido amigo.

Abraço-o com todo o meu sentimento

Visitar o seu Lar é ser religioso.

É com a maior devoção que eu piso o chão sagrado dum templo, é com a maior profunda saudade que o recordo.

Aceite, meu querido Poeta, a minha gratidão. Um grande abraço para o Álvaro.

Com a minha gratidão aceite o meu Pascoaes, o mais apertado abraço do seu íntimo amigo e grande admirador,

Mario Beirão

Casa de Porto Manso Ancêde
23. Set. 1914

*

14

[Ms.]

Lisboa, 13 de Março 1915

Meu sempre querido Pascoaes:

Creia que coro de vergonha por ter, decerto, melindrado a sua sensibilidade com o meu silêncio.

O seu generosíssimo coração poderá perdoar a esta criatura indigna de atenções? Não sei. E esta tortura mata-me. Peço-lhe, meu grande Amigo, que atenda um pouco à minha vida, a esta vida jurídica, inferior, que arrasto ingloriosamente. Tenho exames na próxima semana e passo os dias e as noites, não a preparar-me para eles, mas a querer preparar-me, tal é a minha preocupação. Não sei de mim.

Perdoe-me, por quem é!

Falar-lhe do Sempre é confessar-lhe a minha admiração sem limites pelo seu génio, agradecer-lhe de toda a minha alma os momentos eternos que o grande Poeta da saudade concede à minha humilde condição de servo da Beleza.

O “Sempre” é um livro eterno, numa oração nunca ouvida!

Deixe o meu querido Pascoaes que eu lhe confesse a minha extraordinária predilecção pelos montes, tão meus pela sua generosidade de príncipe, pela minha Aldeia, Quinta da Paz, As minhas Sombras, Lá, o Adamastor, por todo o Poema, por que ele é o indivizível.

Vejo-o, meu querido Pascoaes, ao alto do seu génio, falando entre nuvens e relampagos, entre a Vida e a Morte, — falando a sua Saudade!

Aceite tudo o que eu posso dar — a minha alma, que vive para admirar.

Eternamente grato me confesso pelo seu Espírito e pela sua amizade.

Peço-lhe ainda que perdoe ao seu íntimo amigo e grande e pobre admirador.

Os meus respeitos a Sua Exm^a Família.

Abraça-o com toda a Saudade.

O seu Mario Beirão

Sua Casa:

Rua de S. João da Praça, 83 - 2º

*

15

[Ms.]

Bilhete postal

Âncede, 28 de Maio 1915

Vou Domingo ao Porto. Já outro dia lá estive e não tive o prazer de o abraçar. Poderia ser agora? Vou no comboio da tarde com o Villa-Moura, vou tentar a ultima ordem de impressão do livro. Gostava muito que o Pascoaes estivesse presente. Não deixe de aparecer. Dê-nos o prazer de o abraçar na Livração, no comboio correio, como de costume.

Recomendações do Villa-Moura.

Os meus cumprimentos a sua Exm^a Família.

Receba o meu querido Pascoaes um grande abraço do todo-seu

Mario

*

16

[Ms.]

Meu sempre querido Pascoaes:

Perdõe-me de só agora bater à sua porta, ao seu lar de tão gratas recordações para a minha alma.

Cheguei aqui nas vésperas dessa tremenda revolta, feita de ódio e rancor. O estado de perturbação que ela me trouxe não o posso definir. Sei que deixei de existir nesse dia e comigo todos aqueles que amaram esta desgraçada terra de Portugal. Ah, meu querido Pascoaes, como eu sofro e sinto as suas grandes palavras de tristeza. Oh minha Pátria, oh túnica de Cristo, jogada e esfarrapada!

O meu coração sempre agradecido vem dizer-lhe que jamais esquecerá o que a sua generosidade tão amiga escreveu sobre a minha obscura obra. É uma página Sagrada que eu leio religiosamente porque nela julga o seu Espírito. Creia no meu eterno reconhecimento.

Que saudades desses adorados dias no Norte que sua presença iluminou!

Já nada poderemos esperar, somos Passado.

Escreva a dizer-me como estão os Seus. Nada sofreram (fisicamente, é claro) com esta tremenda derrocada?

A nossa vida agora pertence aos outros.

Com os meus respeitos para Sua Exm^a Família

Receba o meu querido Pascoaes um grande e agradecido abraço do

Seu Mario

Lisboa, 29 Maio 1915

S|C , R. de S. João da Praça 83 - 1º

*

17

[Ms.]

Meu grande e querido Teixeira de Pascoaes:

A minha amizade e a minha admiração vêm agradecer-lhe

essa Bíblia que é a “Arte de Ser Português”. Depois que a li, sinto-me melhor comigo mesmo, por que aprendi a amar-me, a crer em mim. Este livro é a palavra imensa da Verdade, só agora ouvida porque também só agora foi exclamada. Se todas estas pobres e míseras criaturas que endoideceram por não saber quem eram, pudessem por momentos ouvir a sua palavra, que alegria sentiria Deus na encarnação do seu Profeta!

Abraço-o de encontro ao meu sentimento, meu querido Joaquim.

As minhas mais vivas felicitações pelas suas obras! Tenho estado com seu Pai. Horas de infinito prazer! Fala como um Poeta, a sua conversa é feita de relâmpagos.

Lisboa parece maior!

Quando desce até aqui, meu querido Amigo? Quando nos podemos ver?

Os meus respeitos e cumprimentos a sua Exm^a Família, que eu tanto admiro e estimo.

Abraça-o com a mais profunda amizade e admiração

O Mario

S / C Rua, R. S. João

de Praça, 83. 2^a

Lisboa, 1 de Julho de 1915

*

18

[Ms.]

Porto Manso, 15 de Janeiro de 1926

Meu querido Joaquim:

Desculpe-me tão longo silêncio. Contava estar nesta casa na terça feira, mas tive de me demorar até hoje no Porto para assistir aos funerais da filha do António Carneiro e acompanhar o pobre pai na sua grande aflição.

Aqui me tem, rendido de saudade, a agradecer-lhe as provas magníficas da sua alma superior. Todas as graças dum Poeta, todas as delicadezas dum gentil-homem, toda a bondade dum virtuoso se reuniram na sua pessoa excepcional — tangível e intangível. Bem haja pela santíssima luz que trouxe à minha desolada escuridão. Recordo com

piadoso alegria — a alegria triste de saudade — a nossa camaradagem fraternal de tantos dias.

Oh, as doces lembranças da “Brasileira”, da terrível “Brasileira” —, outro que a magia de uma Palavra doirava de estrelas!

Estávamos os três: o Joaquim, o Henrique e eu, e estava connosco ainda a presença invisível do Senhor.

A Divindade estava ao nosso lado, porque nós somos os eleitos de Deus e da Pátria!

A cada instante ressuscito as imagens queridas que, na vida, me têm impressionado e fascinado e a sua imagem querida de Poeta cresce não sei de que mundos, entre asas de anjos, lume de estrelas, e, atenta e saudosa demora a olhar em mim...

Quanto eu lhe agradeço a sua visitaçãõ de encantamento, a sua religiosa insinuaçãõ!

O lusitano e universal Poeta do “Sempre” e das “Sombras” e de tantas outras maravilhas do Sentir e do Dizer tem um lugar sagrado na minha admiraçãõ e na minha amizade. Amando-o, eu amo n’Ele todos os grandes Ascendentes, todos os fantasmas do nosso Além!

Nesta paisagem dos seus versos, nesta paisagem de ritmo dantesco e de esparsas elegias de Bernardino, a sua graça de Poeta anda, como uma Apariçãõ, a santificar e a bendizer as coisas, a ungir de luz mais íntima o gótico retábulo.

Adeus, meu querido Joaquim.

Desculpe as minhas faltas e creia sempre na sinceridade destas pobres palavras.

Muitíssimo obrigado por toda a sua gentileza. Os meus profundos respeitos para sua Ex^a Mãe e para a Ex^a Senhora D. Miquelina. Um beijo para a Zézinha.

Um grande abraço para o Henrique.

E para o Joaquim — a alma e o coração do seu

Mario

P. S. Peço que me lembre à Senhora D. Maria Cândida e ao João.

*

19

[Ms.]

Porto Manso, 28 de Março de 1926

Meu querido Joaquim:

Venho agradecer-lhe os primores gentilíssimos de sua amizade perfeita.

Não há melhor companhia! Não há melhor Amigo!

O seu coração de Poeta palpita ao ritmo ideal de Bondade absoluta.

Recordo os serões das Janelas Verdes e os olhos enevoam-se de saudades...

Naquele silêncio antigo de convento, cantavam as águas sempre vivas de sua palavra de Revelador!

E a doce, intimidade daquelas horas! E um fluido de religiosa emoção que discorria sobre nós! E os anjos invisíveis que nos cercavam, como enviados!

Felizes e deslumbrados instantes de comoção e Altura!

Devo-lhe, meu querido Joaquim, horas de profunda felicidade. Tal como admiro religiosamente os transportes do seu espírito, admiro religiosamente as delicadezas de sua alma, feita da luz de todas as estrelas.

Aqui me tem, às suas ordens, nestes lívidos granitos do seu saudoso amor.

Quando deixa Lisboa e seus arredores?

Muitas e gratas lembranças à Senhora Dona Miquelina. Um abraço para o Álvaro e um beijo para a Zézinha,

Recados afectuosos do Villa - Moura.

Para o Joaquim e para o Henrique abraços fraternos do

Mario

*

20

[Ms.]

[s. l.] e [s. d.]

Meu querido Joaquim:

Quando lhe escrevi do Porto, julgava que estávamos já em plena semana Santa. Portanto, era necessário apresentar-me imediatamente em Mafra a substituir o juiz.

Desfizeram-me o equívoco.

Pude, pois, ir passar ainda uns sossegados dias a Porto Manso.

Mas grande foi a minha tristeza ao saber anteontem (dia do seu regresso) que o Joaquim tinha partido para o Norte!

Venho recordar, com o maior afecto, o querido companheiro de tantas horas e agradecer-lhe, de toda a alma, as infinitas bondades do seu imenso coração. Eu nada mereço e tanto lhe devo!

Envolve, ao meu caloroso agradecimento, sua Exm^a Família.

Com que amizade, carinho, atenções Vossas Ex^{as} tratam este vosso indigno servidor!

Disse-me o Dr. Joaquim Fernandes que o Joaquim viria a Lisboa em Junho. Grande e consoladora alegria para quem ficou “orfão de mimos, vivo de esperanças!”

Esta carta (que é um triste cantar de Amigo) termina por desejar ao Joaquim e a todos os seus umas festas muito felizes.

Beijo as mãos da sua Exm^a Mãe e de suas Exmas irmãs — nobres e bondosas senhoras de todo o meu culto.

Lembranças para suas Irmãs e sobrinhas. Respeitos da minha família para todos V. Exas.

Um grande e comovido abraço do seu gratíssimo

Mario

*

21

[Ms.]

Porto Manso (Douro) 17 - 5 - 1926

Meu querido Joaquim:

Dêmos graças a Deus e receba as minhas mais íntimas felicitações por ter saído são e salvo dessa quase trágica aventura do soberbo “carro de Apolo”.

Deus protege sempre os seus eleitos, está com eles, quer nas horas altas de inspiração quer nas horas profanas do volante!

O Villa-Moura acompanha-me nas vivas e calorosas felicitações e envia-lhe um grande abraço.

Afectuosíssimas lembranças para todos os seus e para o Joaquim do

Mario

*

22

[Ms.]

S / C, Rua S. João de Praça, 83 - 2º

Lisboa, 17 de Julho de 1927

Meu querido Joaquim:

De regresso do Alentejo, vim encontrar hoje, nesta sua casa de Lisboa, novas de sua alma sempre graciosa.

Porque fala em agradecimentos? Seja piedoso.

Quem agradece sou eu, pois sou devedor ao seu coração de Poeta de muitos e penhorantíssimas gentilezas. Deixe-me relembrar com você e sangrenta saudade as belas horas do nosso convívio. Como eu quisera tê-lo ao meu lado, sentir a sua presença de excepcional encanto, ouvir a sua palavra que percorre todos os mundos! Não sei ainda quando irei ao Norte; talvez no próximo mês. Mas até ao dia do nosso encontro que carradas de tédio para vencer!

Peregrinei, como um pastor da Bíblia, por esse amado Alentejo, por esses plainos de solidão, por um campo - santo da minha infância.

Ando ainda impregnado dos perfumes cálidos da charneca, de toda a embriagante poesia daquele imenso vago... Lisboa sem o meu querido Joaquim é vazia de sentido e parece mais triste e morta que Pompeia.

Do Henrique, — nem rasto. É um mito antheriano: “Silêncio, escuridão e nada mais”.

Beijo as mãos de sua Exm^a Mãe e de suas Exmas Irmãs, minhas senhoras.

As mais cordiais lembranças para o Álvaro, o João e suas sobrinhas.

E para o Joaquim, as saudades sempre em flor do seu

Mario

*

23

[Ms.]

Lisboa, 2 de Dez. 1928

Meu bom Amigo:

Agradeço, profundamente reconhecido, as palavras que dedica à memória santa daquela doce Criatura de Deus, que eu tanto amei.

Belas e nobres palavras, belas e nobres como lágrimas!

O meu pobre e desgraçado irmão falava sempre do Teixeira de Pascoaes em transportes de pura Amizade.

Viveu e passou como um Anjo:

Deus tenha piedade de mim, deste mísero coração que já não pode mais!

Os meus respeitos a Sua Exm^a Família.

Os grandes protestos de perfeita gratidão para Quem nesta hora negra, tem a caridade de se lembrar da nossa dor.

Cumprimenta-o, comovidamente, o seu amigo e admirador,

Mario Beirão

*

24

[Ms.]

Lisboa, 29 de Maio de 1929

Meu queridíssimo Joaquim

Belas e injustas as palavras da sua carta. Belas porque são do Joaquim, injustas porque tão imerecidamente me enaltecem. Tomo-as à conta da Sua amizade sempre generosa e, desta maneira, agradeço-lhas profunda e comovidamente. Depois que partiu, fez-se uma grande solidão à minha volta.

Estou em Lisboa e tenho a impressão que vagueio, perdido, num deserto, mas (dobrada angústia!) num deserto sem miragens! Enfim, é necessário resignação, expiar cristamente o mal do apartamento.

Devo à acção de sua presença as maiores alegrias e não me posso conformar com este estado de negação em que estupidamente arrasto os dias.

Espero que Deus tenha piedade deste solitário e, misericordioso, acelere a marcha do tempo: assim terei a felicidade de dentro em pouco, abraçar o grande cantor da Beleza oculta e irrevelada.

O Mario (de Aillaud) fez uma linda vitrine com o seu livro.

O “Povo” publicará o artigo do Brochado esta semana ainda.

Tudo corre às mil maravilhas.

Minha irmã agradece-lhe muito as suas palavras tão amigas e cumprimenta-o com a maior admiração.

Gratas lembranças do nosso Joaquim Fernandes.

Beijo as mãos das ilustres Senhoras dessa casa e envio cordealíssimos afectos a seus Irmãos.

O mais saudoso abraço do

Mario

*

25

[Ms.]

Lisboa, 27 Junho de 1929

Meu querido Joaquim

Agradeço-lhe de todo o coração a sua carta encantadora.

Porque me confunde com palavras que eu não mereço?

A sua generosidade não tem limites. O Joaquim vive, beatificamente na alegria mística de dar.

Nada tem a agradecer-me. Agradecido sou eu por todas as suas gentilezas excessivas.

Por aqui, a monotonia que conhece. Tem sido muito lembrado pelos Fernandes, Correias e Selvagens, por todos, enfim que se confessam seus fervorosos admiradores.

Tive notícias de sua casa pelo Carlos Gonçalves. Ficou maravilhado com esse mundo excepcional do Norte. Felicitei-o pelo seu bom gosto.

Deus permita que dentro em breve, o tenhamos na nossa companhia para grande alegria dos nossos corações.

Respeitosos cumprimentos a sua Exm^a Mãe e Irmãs.

Lembre-me aos seus Irmãos e a seus sobrinhos.

Um grande e saudoso abraço do

Mario

*

26

[Ms.]

Meu querido Joaquim

Venho agradecer-lhe com todo o fervor as horas religiosas que me proporcionou com a leitura do 2º volume das suas Obras. Bem sabe quanto admiro as criações do seu Espírito, as flores que rebentam, de instante a instante, do encantado jardim da sua fantasia.

Assim profunda e comovida alegria foi a minha ao reler, na expressão definitiva, as “Sombras”, “O Doido e a Morte” e a “Senhora

da Noite”. Estes grandes “nocturnos” são a documentação mais viva do poder revelador do verbo Escuro do Poeta. Este tem o condão sobrehumano de definir, precisar, o que há de vago, estranho e sublime em tudo o que paira para além dos vãos sentidos. O mundo (aparentemente fantástico) que surge das Sombras é uma tremenda, assombrosa realidade, tal a nitidez do seu recorte, a vida em que labora, arde e anseia!

Os Seus cantos, meu querido e extraordinário Poeta, são separados porque tem o alto poder de dilatar a vida.

Muitos e respeitosos cumprimentos a Sua Exm^a Família.

Abraça-o com a maior admiração e amizade

O Seu

Mario

Lx, 15 de Julho de 1929

*

27

[Ms.]

Meu querido Joaquim:

Lisboa 17 de Agosto de 1929

Junto com os mais rendidos agradecimentos por todas as graças gentilíssimas de sua alma superior, o adeus mais saudoso deste pobre coração ferido.

Parto amanhã. E, como disse ao Dr. Joaquim Fernandes, numa carta que hoje lhe escrevi, parto sem alegria. Não sei que sombra me quer deter os passos... Enfim, cumpre-se o destino deste vagabundo sem ideal e sem miragens. As melhores lembranças e muitos respeitos a Sua Exm^a Mãe e a Suas Exmas Irmãs, minhas Senhoras.

Afectos para suas sobrinhas, para o Álvaro e João.

Adeus meu querido Joaquim.

Um grande e comovido abraço do

Mario

*

28

[Ms.]

Ericeira, 5 de Outubro 1929

Meu querido Joaquim

Recebi hoje, devolvido do Porto Manso, a sua carta tão amiga.

Agradeço-lhe, do mais fundo do meu coração, a graça do seu honroso convite. Não posso escrever porque estou longe: na Ericeira, junto de Sintra. Que saudades eu tenho desse recanto de Entre Douro e Minho! Que saudades dessa casa histórica e lendária, cujas fontes murmuram os seus versos, meu amado Poeta!

Quando vim do estrangeiro pensei ainda em ir bater à sua porta. Não o fiz, porque receei não o encontrar.

Há quinze dias que estou nesta sensaboria da Ericeira. Parto amanhã para Lisboa onde aguardo com ansiedade as suas notícias. Já está completamente restabelecido? Diz-me o coração que sim.

Felicito-o afectuosissimamente.

Cá o espero em Novembro como prometeu. Faltar seria uma crueldade medieval.

Para Sua Exm^a Mãe e Irmãs os meus respeitosos e profundos agradecimentos pela bondade que generosamente me têm dispensado.

Saudades às suas sobrinhas, ao Álvaro e João.

O mais agradecido abraço do Seu

Mario.

*

29

[Ms.]

S/C., 4 de Maio de 1931

Meu querido Joaquim:

Seja, mais uma vez, piedoso e desculpe-me, por quem é! Se soubesse como tenho andado, nestes últimos tempos... Uma lassidão de ânimo, uma tristeza apática, um deixar-me ir não sei para onde nem porquê. Tão fora de mim, que não cumpro os meus deveres mais

instantes, como seria agradecer-lhe, na volta do correio, as suas belas, poéticas palavras.

Mas a sua generosidade é infinita e eu confio nela inteiramente.

Daqui, desta insípida Lisboa poucas ou nenhuma novidade. O eterno café da “Brasileira”, com figuras de cera à volta das mesas e a fealdade e o tédio a escorrerem, em tintas negras e verdes, dos hediondos painéis dos nossos pobres futuristas!

Poucas vezes tenho encontrado o António Duarte. Dir-se-ia que desapareceu, em homenagem à sua amizade.

O Joaquim Fernandes, — o mesmo, sempre de epigrama nos lábios ou nos olhos...

Ainda ontem, em casa dele, nos lembrámos muito do Joaquim.

Estou radiante com a notícia de sua próxima vinda. Cá o espero de braços abertos.

Cumprimentos meus e da minha família para todas V.as Exas.

Um grande e saudoso abraço de reconhecida amizade
do Mario

*

30

[Ms.]

Meu querido Joaquim:

Não imagina como fiquei desconcentrado ao saber que os nossos rapazes tinham ido à estação levar-lhe os meus afectos e encher de flores o regaço de sua Mãe.

Se me tivessem prevenido desta bela e perdoável cilada, lá estaria, como era do meu desejo. Mas, segundo me explicaram, foi resolução de última hora, já pelos alvares da madrugada. Um lance de graça romântica, que muito terá comovido o grande coração do Joaquim. Sem romantismo a vida não tem sabor...

Compare o gesto desses rapazes com os actos de Beleza de muitas pessoas que se julgam dignas da nossa admiração!

Quero, agora, agradecer-lhe, meu querido Joaquim, os inolvidáveis, venturosos dias da sua luminosíssima presença. Que estremecidas saudades de tão fraternal convívio!

Eu posso lá esquecer as nossas divagações, o nosso alto sonhar, à noite, sob o luar de Virgílio!

Conto dispor de mim, em Setembro, para subir essas alturas. Já ante-goza a alegria de visitar de novo esse Lar, que as Musas lhe ofereceram.

Beijo as mãos de sua Exma Mãe e lembro muito todos os seus,
Mário

*

31

Meu querido Joaquim, meu genial Poeta da infinita delicadeza e do infinito Amor: o mais saudoso, Bravo, — por todos, enfim!

Quando regressa? Não tarde. Lisboa compôs um sorriso de primavera para a sua chegada. A cidade desfez-se em luz... É uma encantação!

Venha, quanto antes. Seja humano connosco e com ela!

Tenho estado algumas vezes com o António Duarte: conversámos longamente sobre o Joaquim e as sombras benfazejas do seu Lar.

As melhores, mais queridas lembranças para as Exmas Senhoras dessa Casa e abraços para o João e sua cunhada e o Álvaro.

Muitos cumprimentos ao Dr. Pedro Macedo. (Ele ainda se lembrará de mim ?)

Abraça-o, com toda a amizade e admiração,
O Mario

S/C, Lisboa, 23 de Novembro de 1931

*

32

[Ms.]

Meu querido Joaquim

O mais enternecido, afectuoso abraço pelo grande dia de amanhã.

Muitas graças, muitas flores, muitos parabéns!

Na minha breve passagem pelo Norte, quis ir a Pascoaes, mas disseram-me, no Porto, que o Joaquim devia estar em Salamanca a assistir às festas de Unamuno.

Sei que vem a Lisboa trazer a luz do seu paizito. aguardo, assim, a desejada honra.

Os meus respeitos a todas V. Exas.

Lembranças ao nosso António Duarte.

O seu devotadíssimo

Mario

C/V., 1 de Novembro de 1934

*

33

[Ms.]

Meu querido Joaquim

Nunca é tarde para o cumprimento dum dever. Por isso, venho, hoje, agradecer-lhe a bondade de me ter representado no funeral do nosso grande, querido e desgraçado Leonardo.

Quanto teria sofrido o seu pobre coração de camarada e amigo!

Espero, todos os dias, o seu regresso.

Digo regresso porque o Joaquim já pertence mais ao Sul do que ao Norte. Efeitos da lei da gravidade da simpatia.

Diga-me, pois, quando nos dá a alegria da sua presença.

Muitas saudosas lembranças a todos de sua casa.

Com os cumprimentos da minha família, o abraço mais sentido e agradecido do meu afecto.

Mario

S / C, Lisboa, 14 de Janeiro de 1936

*

34

[Ms.]

[s.l.] e [s.d.]

Meu querido Joaquim:

“São Jerónimo”, “São Paulo”, “As Sombras”, são expressões dolorosas, sangrentas, duma confissão geral. O fanático de Paulo é um alto espectador de Vida, que tudo surpreende, vê e comenta, com uma sinceridade que lhe sai, às golfadas, da alma,— impetuosamente, naturalmente, como a larva das entranhas dos vulcões.

Tem-se a impressão que o Autor de “São Jerónimo” disse tudo, porque tudo, na sua límpida natureza de cristal poliédrico, se reflecte, e nela fica, perpetuamente, a brilhar e a reluzir.

Liberrimo temperamento, que vai para Deus, utilizando qualquer estrada, que se lhe depara no caminho, escreve como um raio, sob um céu de tempestade, à claridade cega dos relampagos, um livro que rescende ao perfume da alma de Paulo,— o lírio que sorri aos pés de Jerónimo e amansa o leão e transporta o Santo.

“São Jerónimo e a Trovoada” é um hino que pertence à Sagrada Poesia,— que é a expressão derradeira da Verdade, o último estado do Espírito.

Como se alcança esse estado? Pela confissão humanamente sincera, tragicamente sincera, de todos os nossos pensamentos,— escuros ou côr de aurora, revoltos ou serenos. É o caso do Joaquim e o de todos os grandes espiritos religiosos que meditam a vida e o seu além.

Um abraço da mais profunda admiração,
do Mario

*
35

[Ms.]

S./C. Lx^a, 10, Set. [36 ?]

Meu querido Joaquim:

Muito obrigado pela sua carta , transbordante de amizade.
Então queria que eu falasse do S. Jerónimo e de mim, ao mesmo tempo?

Seria desafiar o Céu!

Já tenho a licença. Partirei de Lisboa na segunda-feira de manhã, no rapido da manhã. Mas não quero que se incomode a vir a S. Bento.

Sigo no mesmo dia para Amarante, onde estarei à tarde.

Os meus cumprimentos para todos V. Exas.

Até segunda-feira. Um grande abraço do

Mario

*
36

[Ms.]

Meu querido Joaquim:

Venho agradecer-lhe os dias de Pascoaes, que sempre ficarão a florescer, na minha lembrança, porque foram doiradas pelo sol da amizade, — que é o sol da primavera eterna.

Tenho sempre, diante dos olhos a presença real e quimérica desse Solar de graça triste, onde as fontes arrulham, embalando os silêncios e mistérios do Tempo!

Que linda alegria do Crepusculo!

Belas foram essas horas que voaram, mas cujo perfume preciosíssimo guardo neste pobre coração, que é urna de saudades.

Por esta vaga planície, já tocada do mal-do-outono, peregrinarei ainda mais uns dias. Depois, o café da “Brasileira”, Mafra, a vulgaridade...

Os mais respeitosos cumprimentos para sua Exm^a Mãe, minha Senhora, e para suas Ex^{as} Irmãs. Lembranças muito afectuosas e agradecidas para o João e o Álvaro, suas sobrinhas e para o seu Exm^o Cunhado. Um abraço da maior estima do seu gratissimo

Mario

Vouga, Outubro de 1936

*
37

[Ms.]

Meu querido Joaquim:

Eu bem queria libertar-me de mim, fugir a esta terrível lei da gravidade, que é representada por Mafra, deveres oficiais, trapalhadas afins, — coisas que significam uma só coisa dolorosa: amargo ganho-pão. Libertar-me de mim é a verdadeira palavra, porque, afinal, eu já não sou mais que a confusa amalgama de todas as realidades que odeio. Sou a estrada da Malveira, a Repartição do Registo Civil, leis, decretos, — tudo isto, é claro, amortalhado em uma esverdeada folha de papel selado. E, dias, meses, vão passando, sem que consiga ter um doce momento de recolhimento para lhe agradecer, com toda a alma, o seu grande “Napoleão”. Desculpe-me, querido Joaquim.

Li o seu livro, à luz do ráio, à luz do Espanto, como se lêem os poemas da Antiguidade. Digo Antiguidade porque o herói da tremenda Acção (tão perto de nós e tão longe!) está ao lado de Aqueles, cujas gloriosas sombras, excedendo a minha condição humana, perpassam, nas avenidas do Fantástico, — da Fábula, para melhor dizer, entre marchas de guerra, gritos dos ventos, hinos dos poetas! Napoleão é um ser que extravasa, ilimitando-se, e cujas mãos, vermelhas de sangue e brancas de luz, parecem reger os próprios Elementos...

E, digo Antiguidade, pela clássica arquitectura do seu poema, que desafia o tempo.

Os mais empolgantes passos são, para a minha sensibilidade, — a Retirada a Santa Helena. Aquele é um capricho de outro visionário goya; esta, um canto da mais fúnebre desolação, um de profundis no vácuo, — a alegria suprema do tédio.

Quem esteve em Santa Helena: E as (?) Casas em Pascoaes?

Feita esta pergunta, dou por terminada esta carta.

Abraço-o, de encontro ao meu coração!

Mario

[Ms.]

Meu querido Joaquim:

Como escrever esta carta? De joelhos, em acto de contrição, na atitude do mais vil dos penitentes. Não sabe o que tem sido a minha vida de há meses para cá! Se soubesse, — um dia, com uma hora de sublime generosidade, escreveria, com o gladio da sua pena (que é ela senão um gladio flamejante!) a patética história de Mário, o Penitente. E, assim, eu seria a mão direita de Camilo — em plena dor e em plena glória.

Imagine: tenho andado em pugnas com o clero! Se o Herculano, que era um gigante, se viu aflito com ele, que direi do que tem passado esta pobre sombra?

Enfim, contos larguíssimos... Mas, a mísera realidade é esta: ando quase sem noção de mim mesmo, — alheio, e perdido no rôlo das ondas...

Logo que recebi o “Duplo Passeio”, li-o, — venerando-o. Foi um raio de luz divina no abismo das trevas, empregando linguagem Camillesca.

Quis agradecê-lo imediatamente, como ordenaram a minha admiração e a minha educação. Mas, quê? vieram os padres, como diabos à solta, empunhando a concordata... e precipitei-me no Inferno! Meu querido Joaquim: em cada livro que publica, mais se definem e resplandecem os dons que Deus Nosso Senhor lhe conferiu, num grande, imenso, gesto de Amor. É um Eleito. E, porque o é, Tudo o que traz o seu sinal, não é escrita: — é Escritura, — no verdadeiro sentido da palavra. Assim, o “Duplo Passeio”. E o seu infinito tem tal grandeza que, falando de alguém, transfigura-o: dá-lhe imortalidade! Como agradecer-lhe, como podemos, todos nós, agradecer-lhe, a evocação piedosa do nosso querido José?

Beijo-o e abraço-o, com fraternal amizade. Diga-me: devo contar ainda com o seu carinho ou estarei condenado às penas da eterna Reprovação?

Está à prova o seu imenso coração de Poeta... Nada mais acrescentarei!

Lembranças afectuosíssimas aos seus, que são igualmente meus.

E, para o meu Joaquim, as expressões e as homenagens mais altas da minha admiração e o ardoroso fervor desta amizade sem limites,

Mário

S. / C.

Lisboa, 1942

*

39

[Ms.]

Meu querido Joaquim:

O seu “Penitente” rasga-nos a carne, — carne de portugueses, a latejar, a arder em febre de Amor de Perdição.

Lemo-lo e abrem-se as nossas chagas!

Esse livro é, em última palavra, uma auto-biografia. É escrito por Camilo. Ele torna ao Mundo, porque lá (no Inferno ou na Glória) o drama continua: ama-se e odeia-se a si mesmo, desfeito e aflito, — em seu desespero de sim e não, como Hamelet e Antero. E não pode mais! Torna à Escuridão, sôfrego de luz: vem gritar, gritar aos nossos ouvidos e às nossas almas, — acordar-nos para nos enlouquecer!

Em Teixeira de Pascoaes, por milagre, que todos nós agradecemos a Deus, “Transforma-se o amado na coisa amada”.

E, mais não sei dizer, rendido de admiração. Meu querido Joaquim: receba o maior dos abraços do

Mario.

S/C.Lx, Nov. 1942

*

40

[Ms.]

Meu querido Joaquim:

Para falar dum livro como este — “Santo Agostinho”, de Teixeira de Pascoaes — só por inspiração! Mas ela surge-nos quando Deus quiere, ou, quando, por longa preparação, por continuos actos de Beleza, fazemos pela sua presença, — dignificando-nos, sublimando-nos, para a podermos receber em nós, como num templo. Que tenho entendido ou realizado para esperar, sorrindo, a graça da sua visitação?

Na vulgaridade da existência, a que os fados, cruéis, me submeteram, assisto, de instante a instante, à minha própria decomposição; assisto, de olhos quasi indiferentes, à minha obscura entrada na Morte. É uma existência feita de Nada. Não posso contar comigo!

Falo em Inspiração, por que ela viria dar uma espécie de consciência ao meu espanto, ao espanto com que li o grande tratado da Vida, que é o “Santo Agostinho”, e não porque pretendesse, com o seu

auxílio, explicar o sentido, a essência, a tão singular confissão dum Poeta. Não se explica o que, de si mesmo, é já explicação, ou, melhor, definição. Na impossibilidade de esclarecer, devidamente, o meu espanto, lanço, ao papel, estes atropelados dizeres, que valem, apenas, pela sinceridade do seu impeto exclamativo.

Depois das libres horas do Parnaso, isto é, do libre errar, ao sol, às estrelas, e ao vento, em plena Natureza, no campo das Emoções, rindo, cantando e gemendo, — o recolhimento da cela, onde o espírito se concentra em penitente silêncio meditativo, despindo os ouvidos os ouropeis das imagens, as galas e os enfeites que trouxera do Mundo, — da redução do Mundo. E, desde esse momento (que é outra luz!) o poeta vê tudo em descarnado, em nitidas, fulgurantes linhas, apercebendo-se da razão da vida, — da vida que se espelha nas Águas da Verdade.

Teixeira de Pascoaes, o maravilhoso alquimista do Pensamento, deteve-se, em nocturna experiência, no voltrear da sombra, que paira em tudo — nas almas e nas coisas — e escreveu as “Sombras”; decom pôs, por deslumbrada manhã, a luz que emana da escultura dum lirio, e escreveu, em um êxtase franciscano, a “Vida Etérea”, — para mais tarde (e cada vez mais perto das fontes do Mistério) escrever êste grande livro, que é a sua religiosa, gloriosa, libertação.

Para confessar o que é a vida, serve-se de quem a exprime, no rir absoluto de dor e amor: o Santo. O Santo é o homem verdadeiro, o filho de Deus, porque, gemendo, chorando, a toda a hora, — a toda a hora, se resgata, pela força do intimo querer, na impureza e pureza das lágrimas: elas traduzem o mal da sua torva humanidade e o bem da expiação e aspiração. Assim, nasceram o “São Paulo”, o “São Jerónimo”, o “Santo Agostinho”. Mas este perturbador “Santo Agostinho” é, na sua obra, o Livro dos Livros, — pela sabedoria, arte e sentimento, que lustram as suas páginas. De tão humano, sangra. E, não sei se terrível, ou se compadecido, vem colocar-nos diante de nós como diante dum espelho: em presença do nosso esqueleto e da nossa alma, — da nossa realidade, enfim, que é poeira e sonho.

Nietzsche afirma que um livro, para ser grande, tem de fazer esquecer os outros livros.

O “Santo Agostinho” faz esquecer os outros livros.

Mario Beirão

*

41

[Ms.]

Meu querido Joaquim:

Agradeço-lhe, de todo o coração, a sua carta, que me inundou de Amizade.

Tenho muita, alegria em aceitar o seu convite. Profundas saudades dessas virgilianas paisagens, trazem-me como enlouquecido: paisagens do “Sempre”, alumiadas pela estrela do pastor!

Irei estar, alguns dias, à sombra dessas árvores e ao clarão das vossas almas.

Vou ver se consigo obter lugar no rápido de manhã do dia 11, para seguir à tarde, para essa ilustre Casa do meu grande afecto.

Respeitos e cumprimentos de nós todos para V. Excias. Beijo as mãos de suas Exmas Mãe e Irmãs.

Abraça-o, agradecido e fraternalmente, o

Mario

S./C.

Lx^a, 45.

*

42

[Ms.]

Casa da Lage (Baião)

22 Set. 1945

Meu querido Joaquim:

Para falar dessa Casa, onde, por graça do seu espírito (é mais pessoa que cousa) fui, durante os dias que a habitei, monge e poeta, exclamo com o pensamento em Camões:

Aqui falta saber, engenho e arte!

É assim. Não sei como dizer a doçura, a intimidade, o luar, dessas horas de Pascoaes, em que parei entre a Terra e o Céu! Já de todo me esquecera do mundo; já de todo me esquecera do que há em mim de

imperfeito, de miseravelmente humano. Eu era o que sonhara ser!

Mas esta especial lei da gravidade, que nos domina, que nos prende à nossa triste realidade, trouxe-me, de novo, para mim. Regressei à minha escura perdição.

Mas as estrêlas da saudade rebrilham, loucas de fulgor, no fundo dêste abismo: a sua luz transporta-me, e unge-me de suavíssimo consôlo. Eu estou, ainda, lá; — nesse lugar do Paraíso!

Obrigado, meu querido Joaquim, pelo bem que me fez, abrindo-me as portas dêsse Lar, em cujo religioso silêncio, bate o seu coração de Poeta, que sangra luz divina, como o de Fr. Agostinho.

Beijo, rendido de comoção, as mãos de sua Exma Mãe, — a Santa que eu fito sempre com olhos de filho, e as de suas bondosíssimas Irmãs. Para Elas e para o Álvaro, o João e Zézinha e o Marido, — os meus profundos agradecimentos.

Para a Adelaidinha — flor de celestes vales e amor dum Poeta — um grande, enternecido beijo.

E outro beijo, da mais perfeita amizade e gratidão, ao sublime Cantor da “Beleza que não morre”,

do

Mario

Cumprimentos e lembranças do D. Miguel Sottomaior e João Ameal para o Joaquim.

Mais afectuosos cumprimentos meus para o Thelen e Esposa.
M.

*

43

[Ms.]

Meu querido Joaquim:

Não sei como agradecer-lhe tão altas expressões de amizade. Parece que todas as nascentes do Amor, que vão inundar o mundo, derivam desse coração, que bate ao ritmo dum bater de asas de anjos...

A sua bondade excepcional transfigura tudo, vê com santidade. E eu — ai de mim e feliz de mim! — participo, imerecidamente, da beleza de que ela é feita!

A minha graça está em eu ser como Deus quer que seja: um ser natural sem qualquer vislumbre de artifício, reduzido às suas linhas simples. Sou tão natural como um pastor do descampado alentejano, ou

como esse bardo que, em certa noite, cujo fluido se me derramou nas veias e na alma, cantou com um sabor de Longe e em ecos de Bandarra, coisas que nos deixaram a cismar...e cantou Aquele

Que faz livros p´ra Nação!

Como eu recordo essa lendária casa, que é, já de si, lembrança,— esse Paço senhorial do silêncio e das horas mortas!

As nossas divagações, pela noite funda, até ao clarear da madrugada!

Cá estou na deslavada Lisboa, a ouvir, entre a “Brasileira” e o Rossio, o fado-corrído das banalidades sem conta... Que fazer? A vida é um efeito de Luz e Sombra: Luz, em Pascoaes e em todos os lugares do Céu; Sombra, em Lisboa e em todos os lugares da Terra...

A nossa nobre camarada, Olga Alves Guerra, ficou encantada com a penhorantíssima oferta. É uma grande, consciente, admiradora da sua Obra. Pede-me que lhe transmita os seus profundos agradecimentos, enquanto o não faz directamente, pois, está, ainda, entregue à leitura e meditação do livro.

Muitos respetos e lembranças às Exmas Senhoras dessa Casa. Abraços para o Álvaro e o João. Do coração agradeço ao Thelen a sua generosa fantasia: o que ficou a pensar de mim. Para ele e Madame, afectuosas saudades e os melhores cumprimentos.

Um beijo para a nossa Adelaidinha.

Um comovido abraço
do

Mario.

S./C. Lx^a, 6 Out./ 1945

P.S.Envio-lhe um cartão do filho do Dr. António Luís Gomes, que ele dirigiu para Pascoaes, e o Joaquim fez o favor de devolver para aqui. Falei com o pai, no Porto, e ao saber que eu estivera em sua casa, evocou, em altas palavras, o Poeta e o Pensador. Assim se lhe referiu. Se quiser atender o filho escrevendo duas linhas de simpatia sobre o pai, é grande favor para eles e para mim, que sou muito amigo do rapaz.

Mario.

*
44

[Ms.]

Bilhete Postal

Lisboa, 1 de Novembro de 1946

Meu querido Joaquim:

Pelo sol de Primavera, que, todos os anos, em 2 de Novembro, visita, com braçadas de rosas, a casa de Pascoaes, muitos, muitíssimos parabéns!

Mario

*
45

[Ms.]

Meu querido Joaquim:

Estranhou, de certo, a falta do meu nome no telegrama que lhe enviaram de Lisboa, na noite em que a sua Obra foi aclamada com o mais levantado entusiasmo.

A iniciativa da homenagem partiu do Guilherme Filipe, que é simpática pessoa, mas artista de ritmo bastante desordenado: o que faz por bem, resulta, muitas vezes, mal.

Desejava (soube-o depois, por ele próprio) que eu presidisse à sessão; e, contudo, levado pelo seu natural descuido, não me avisou, nem, sequer, fez constar, nos jornais, o que se ia passar. Procurou-me, à última hora sem resultado: eu fora jantar a casa de gente amiga (a casa do Antonio Luis Gomes).

Fiz a necessária explicação que devo à nossa amizade, que é sempre em flor, e esplandecente e cheia de graça como as luzes que ardem sobre um altar. Disseram-me que as melhores palavras dessa noite foram pronunciadas pelo José Marinho, religioso admirador da sua Obra.

E o nosso Guilherme Filipe, vítima do seu ritmo desordenado, quase só atende às afirmações do Raul Leal, na notícia que deu para o “Diário de Lisboa”!

Mas isto são pormenores. O que tem significação e altura é a homenagem, no seu rasgo apoteótico. A ela me associo, de todo o coração e de todo o espirito.

Afectuosíssimas lembranças a V^a Exas.
Grande, saudoso, comovido abraço
do

Mario.

S./C. Lx^a, Julho de 1948.

*

46

[Ms.]

Meu querido Joaquim:

Andei, alguns dias, perdido em mim, por esse Alentejo, que é sempre Amor de Perdição, e, ao regressar, uma grande alegria me esperava: os seus versos, que me transportaram! Ia para dizer-lhe da minha comoção, e, logo, a boca hiante de Mafra tragou o meu desejo. Devido a tão escura fatalidade, caí em total e estúpida apatia.

Liberto-me, enfim, do espesso nevoeiro, para lhe confessar, meu querido Joaquim, que não encontro palavras que dêem pálido vislumbre do meu profundo reconhecimento. Todas me parecem pobrezinhas: não sabem dar forma ao que vai na alma. A Amizade perturba a lucida visão. Mas (porque hei-de calar o que sinto?) bendita seja a Amizade que tudo exalta, doira e transfigura!

Obrigado, sentidíssimamente obrigado!

Um favor lhe peço: venha a Lisboa repetir as suas conferências sobre o Junqueiro. Ao menos, uma. Seria a que fez no Porto, por mais reveladora, porventura, da atitude religiosa do Poeta: do seu drama de verdadeiro homem espiritual.

Só o Joaquim sabe falar do Junqueiro!

Não se compreende que, depois de deslumbrar o Porto, queira deixar Lisboa às escuras.

Lisboa, apesar de fútil, tem momentos em que se resgata: ela não esquece os dias da sua presença, querido Joaquim, — esses dias que já são da Saudade Portuguesa.

Venha, pois! Venha trazer-nos a primavera da graça do seu verbo.

Infinitas lembranças a todos V. Excias.
 Um beijo à Adelaidinha.
 O maior dos abraços
 do

Mario

S./C. LX^a, 24-11-1950

*
 47

[Ms.]

Meu querido Joaquim:

A par de certas figuras de Sobrehumanidade, como Ofélia, Teresa, Mariana..., fica, desde já, respladecendo, a doce e martirizada Maria, mãe do Empecido. Não há lírio de maior brandura, nem luz de mais piedoso amor. É uma lágrima portuguesa, ardendo, pela noite sem fim, aos pés da Virgem... Fala por gemidos, morrendo em cada ai que solta da alma em ferida aberta, — em chaga do Senhor! Ah meu querido Joaquim, que sublime criação!

Bendito seja o silencio dessas paragens, que o viram nascer, — silencio *seco*, estimulante, que activa as forças do Génio, ofertando, ao nosso espanto, a Vida — tal como saiu das mãos de Deus — na sua humana e divina palpitação!

Antonio, o Empecido, é irmão de todos os Poetas. Como não amá-lo, se estamos nele? Em qualquer altura do caminho, ha, por misterioso designio, uma Isabel a empecer-nos...

Somos os naufragos do Amor!

E que dizer das figuras de fundo do retábulo: dos “tios e tias”, que se morrem já saudosos deste Mundo, surgindo, de súbito, nos recôncavos da Serra, com um ar de ausentes e ressuscitados? E da calentura olorosa dos estábulos, onde é, sempre, Jesus a nascer? E da chuva a chorar na telha-vã dos casebres?

E, relampejando, nesta atmosfera de poesia extrema, feita só de comoção, quantas correntes eléctricas de Pensamento a cruzarem-se e a gerarem, no seu encontro incandescente, sagrados mundos!

Que pena o limite das 300 páginas de tão estranho livro! Mas, em pura verdade, este livro não acaba. É como uma tela do Columbano! Fica a viver em nós, alimentando o nosso inquieto idear da sua substância de realidade e transcendencia, — prolongando-se e prolongando-nos.

Desejo ao Joaquim e aos Seus um felicíssimo Natal em Belém,
pois é lá (eu sei) que batem os nossos corações.

Beijo a Adelaidinha.

Profundo abraço de fraterna amizade e da mais generosa
admiração do

Mario

Lx^a, 21-Dez.-1950

P.S. Mando-lhe um número do “Diário de Lisboa”, que traz
uns versos meus sobre o Junqueiro.

Não sei se dizem alguma coisa do Poeta...

*

48

[Ms.]

Corunha, 11 de Outubro de 1951

Querido Joaquim:

Desde que li a Rosalía, fiquei a adorar este Portugal dos
Cancioneiros. Ando perdido de amores por tanta beleza!

Beijo as mãos, das ilustres senhoras dessa Casa.

Abraços e saudades para o Joaquim, o Álvaro e o João.

Mario.

*

49

[Ms.]

Lisboa, 2 de Novembro 1951

Joaquim

Um grande abraço por este dia

Mario

*
50

[Ms.]

Santiago de Compostela, 30 de Setembro de 1952

Meu querido Joaquim:

Acabo de ler o seu canto de homenagem a Rosalía. Fiquei transportado!

Cumprimentos e afectos a todos os seus.

O mais saudoso abraço do

Mario

*
51

[Ms.]

Bilhete Postal

Meu grande Joaquim

Um grande abraço pelo seu grande dia.

Cumprimentos a todos os seus

Mario

1 de Nov. de 1952

1.6 · Álvaro Pinto
17 cartas, de 1910 a 1935

*

1

[Tb.]

[Ms.]

Bilhete Postal

“A *Águia*”Revista quinzenal de Literatura e Crítica

Porto, 28 - 11 -1910

Meu caro amigo!

Diga que ortografia quer, para se adoptar nos seus escritos.
Acima de tudo a sua vontade.

O 2º nº será na sua quasi totalidade consagrado a Tolstoï. Urje
que o meu ilustre amigo colabore. É absolutamente indispensável.
Quando posso contar com escrito seu? Peço-lhe até 5 de Dezembro⁴.

Ao seu inteiro dispor.

Muito obrigado.

Álvaro Pinto

⁴ “Tolstoï” é o título do artigo que Pascoaes publicou in *A Águia*, 1ª série, nº 2, 15 de Dezembro de 1910, pp. 1-3.

Nota: Nos números que se seguem, 4-5, Pascoaes publica in *A Águia*:

“Trechos dum Livro Inédito” Porto, 1ª série, nº 4, 15 de Janeiro de 1911, pp. 11-12;

“A Fisionomia das Palavras”, 1ª série, nº 5, Porto, 1 de Fevereiro de 1911, pp. 7-8.

*
2

[Tb.]

[Ms.]

Bilhete Postal

“A Águia”

Revista quinzenal de Literatura e Crítica

Porto, 29 / 11 / 1910

Meu caro amigo,

Eu pus na capa da revista, que amanhã lhe entrará pela porta dentro, os nomes de Afonso Lopes Vieira, Augusto Gil e Fausto Guedes.

O meu amigo faz-me o obséquo de escrever a algum deles, pedindo-lhe colaboração, ou, pelo menos, promessas?

Muito obrigado,

Álvaro Pinto

*
3

[Tb.]

[Ms.]

Bilhete Postal

“A Águia”

Revista quinzenal de Literatura e Crítica

Porto, 4 - 11 - 1910

Meu amigo,

Eu e Leonardo procurá-lo-emos amanhã, segunda feira, na Praça, pelas 3 horas da tarde.

Temos de falar sobre o 2º nº da Águia.

Ao seu dispôr

Muito grato,

Álvaro Pinto

R. da Alegria, 218.

*

4

[Tb.]

[Ms.]

Bilhete Postal

República

Porto, 9-2-11

Meu caro amigo:

Regressei ontem de Lisboa e tenho de tratar agora com urgência do 6º nº.

Mande-me ainda hoje o excerto do seu livro⁵. É necessário o mais breve possível. Tenho muito gosto em lhe contar a impressão que a Águia tem causado em Lisboa e Coimbra.

Seu muito grato e admirador,

Álvaro Pinto.

R. da Alegria, 218

Porto

⁵ “Marános e o Outono” (do canto VIII do livro *Marános a sair brevemente*) in *A Águia*, Porto, 1ª série, nº 6, 15 de Fevereiro, 1911, p. 9.
Neste nº é ainda publicado o artigo “Victor Hugo”, in *Ibidem*, pp. 3-5.

*

5

[Tb.]

[Ms.]

Bilhete Postal

República

Porto, 17- [1911?]

Meu caro amigo

Seria excelente que pudesse aparecer amanhã, sábado, das 4 para as 4 e um quarto na Praça, à porta do Pinto da Fonseca. Precisamos de combinar o próximo n.º d' Águia.

Seu muito amigo, obrigado,

Álvaro Pinto

R. da Alegria, 218

Porto

*

6

[Tb.]

[Ms.]

Bilhete Postal

“A Águia”

Revista quinzenal ilustrada de Literatura e Crítica

Redacção:

R. da Alegria, 218

Porto

Porto, 21 [1911?]

Meu caro amigo,

Poderá o meu amigo estar das 4 para as 4 e um quarto na praça, a fim de lhe receber o original que queira dar-me para o próximo n.º da

Revista? Se entender deverem publicar-se os versos do Philéas Lebesgue, bom era que tivesse o incómodo de os trazer também.

Seu amigo muito grato e admirador
Álvaro Pinto

*
7

[Tb.]

[Ms.]

Bilhete Postal

“A **Águia**”

Revista quinzenal ilustrada de Literatura e Crítica

Redacção:
R. da Alegria, 218
Porto

Porto, 15- [3-1911?]

Meu caro amigo

Recebi o artigo sobre o Auto das 4 Estações⁶. Deve sair amanhã?

Para A Águia, além de versos, era absolutamente indispensável que o meu bom amigo fizesse crítica do livro do D. Miguel de Unamuno⁷. Espero uma ou outra coisa até ao dia 22 ou 23.

Seu amigo muito grato e admirador que lhe pede perdão de tanta maçada,

Álvaro Pinto

⁶ Uma das obras de António Correia de Oliveira.

⁷ A crítica ao livro *Por Tierras de Portugal y Espanha* de Miguel de Unamuno surge na secção “Bibliográfica” in *A Águia*, 1ª série, nº 8, Porto, 1 de Abril de 1911, pp. 14-16.

*
8

[Tb.]

[Ms.]

Bilhete Postal

“A *Águia*”

Revista quinzenal ilustrada de Literatura e Crítica

Redacção:

R. da Alegria, 218

Porto

Porto, 19-[3-1911?]⁸

Meu amigo:

Recebi ontem a sua crítica bibliográfica⁹. É de absoluta necessidade mandar também versos.

Direi que a Montanha se vai desmantelar. Depois lhe direi.

Seu muito amigo,

Álvaro Pinto

⁸ Data de carimbo: 20 Mar.11.

⁹ “António Nobre” in *A Águia*, 1ª série, nº 10, Porto, Julho de 1911, p. 2.

*
9

[Tb.]

[Ms.]

Bilhete Postal

“A Águia”

Revista quinzenal ilustrada de Literatura e Crítica

Redacção:

R. da Alegria, 218

Porto

Porto, 2 [1911?]

Meu caro amigo,

Vou mandar imprimir o manifesto para depois o enviar ao Jaime e outros. É mais fácil que tirar cópias.

Acho que está esplêndido e só lhe encontro um defeito: ser bastante resumido. O público quer coisa gorda. E nós, parece-me, temos de dizer muito em poucas palavras.

Seu amigo e admirador,

Álvaro Pinto

*
10

[Tb.]

[Ms.]

Bilhete Postal

“A Águia”

Revista quinzenal ilustrada de Literatura e Crítica

Redacção:

R. da Alegria, 218

Porto

Porto, 15 - 9 - 1911

Meu caro amigo,

Julgo ter-lhe já dito que sempre vamos a Lisboa, o Jaime e eu. O que ainda não está definitido é o dia. Será, porém, em breve.

Vá dispondo colaboração para A Águia, que talvez já não poderá sair em 1 de Outubro.

Vamos a ver.

Seu muito amigo e admirador,

Álvaro Pinto.

*

11

[Tb.]

[Ms.]

Bilhete Postal

“A Águia”
ORGÃO DA RENASCENÇA
PORTUGUESA
R. da Alegria, 218
Porto

Porto, 7 - 5 - 12

Meu caro amigo,

Amanhã, 4^a feira, devem ficar brochados 200 exemplares do seu livro¹⁰, seguindo o resto com a máxima velocidade. Diga se vem ou onde quer que se mandem os exemplares.

Ao seu dispôr.

Amigo muito grato e admirador,

Álvaro Pinto

¹⁰ Trata-se da publicação de *O Regresso ao Paraíso*, Porto, ed. da “Renascença Portuguesa”, 1912.

*
12

[Tb.]

[Ms.]

“A Renascença Portuguesa”

Associação de Literatura,
Arte Ciência e Crítica Social.

Porto, 6-1- 14

Meu bom Amigo:

Já mandei falar ao Alfredo. Não sei ainda o que terá acontecido. Cá os esperamos no dia 9. Diga em que comboio vem. Escreva para Rua Sá da Bandeira, 469 - 2º.

A declaração que lhe falei e que devia sair assinada pela “Redacção” é apenas a repetição do que já está dito e em termos pouco mais ou menos como estes:

Para evitar equívocos e a fim de suprimir falsos motivos de desleal ataque à “Renascença Portuguesa” devemos declarar que essa colectividade não tem por lema ou base essencial o “Saudosismo”. Na “Renascença Portuguesa” e suas publicações há a máxima liberdade de acção e pensamento.

A Redacção

Isto viria aplanar muitas dificuldades. Concorde? Se concordar, mande-me a redacção definitiva.

Seu amigo e admirador,

Álvaro Pinto

*

13

[Tb.]

[Ms.]

“A Renascença Portuguesa”Associação de Literatura,
Arte Ciência e Crítica Social.

Meu caro Pascoaes,

*

Porto, 17 de Fevereiro de 1914¹¹

Álvaro:

Sei que não aceitaste como verdadeiras e leais as explicações (excessivas) que te dei sobre o caso do curso especial de História Pátria, que ditatorialmente, que furiosamente, sem considerações de amizade ou de inteligência me havias destinado, não me dando a graça de me consultares. A continuares nessa atitude (a que desde já não quero responder com a única frase que me acode) eu prescindo totalmente de relações contigo.

Se é esse o teu desejo oculto (o que é lícito supôr-se) tens o remédio pronto para o satisfazer: é não me dares as explicações claras que esta carta exige. Primeira consequência dum facto dessa ordem. Como entendo ser muito mais, muitíssimo mais dispensável ao funcionamento da sociedade — a Renascença Portuguesa, do que tu, eu pedirei a essa sociedade me demita dos cargos que exerço dentro dela. Primeira consequência da tua atitude para comigo. Já que da amizade ou dum elementar respeito por camaradas de trabalho tens a selvagem e bruta noção que se está vendo, eu acabo com certas considerações que uma amizade particularmente grata me aconselhava contigo em detrimento da altiva franqueza que uso com o resto dos mortais, quando os factos o exigem. Dir-te-ei, pois, que em qualquer dos casos não estou resolvido, principalmente como membro da comissão administrativa, a servir unicamente de testa de ferro e a colaborar com o meu nome nalguns

¹¹ Carta dirigida por Jaime Cortesão a Álvaro Pinto e que este, em anexo, envia a Teixeira de Pascoaes.

grossos disparates que estás fazendo dentro da Renascença Portuguesa. Se a tua magestade de João Franco da Renascença se inclinar até ao propósito de lhe ouvir a enumeração, ter-me-ás ao teu dispôr para esse trabalho de pontos nos ii. Medita que nesta questão de disparates é possível que mais alguém pense como eu

— Jaime Cortesão.

Porto, 20 - 2 - 14

O que acaba de ler é a cópia duma carta por mim recebida. Não lhe falo da confusão imensa que ela vem lançar no meu espírito. Quero-lhe rogar apenas o obséquo de mandar convocar imediatamente a assembleia geral, para se tratar do meu pedido de demissão. Autorize um telegrama, para se fazerem os convites e se marcar a reunião para o dia 27 e, não havendo número, para 28 à noite. Escusado será dizer-lhe que este meu procedimento é absolutamente sereno e irredutível.

Disponha do seu amigo muito grato e admirador,

Álvaro Pinto

*
14

[Tb.]

[Ms.]

Bilhete Postal
De
A VIDA PORTUGUESA

Porto, 25 - 4 - 19

Meu querido Amigo,

O C. D'Oliveira mandou-me pedir um exemplar do "Doido e a Morte". Esqueceu-se de lho oferecer?

É necessário um artigo para já sobre o livro do Mário. Pode mandar-mo?

Não deixe de escrever a Bibliografia. Trata-se de:
 Atlantiques - Ribera
 “A Criação” — A. C. D’Oliveira e 2 livros do Trindade
 Coelho e Aquilino.
 Diga-me o que pode fazer e quando.
 Seu muito amigo e admirador,
 Álvaro Pinto

*

15

[Tb.]

[Ms.]

Da Tipografia
 DA RENASCENÇA PORTUGUESA
 Rua Mártires da Liberdade, 174 a 178
 Porto

Memorandum

Porto, 24 de Fevereiro de 1920

Enviei ante-ontem a V^a Ex^a um vale de 56.62, para pagamento do saldo a seu favor de. Peço a fineza de enviar ao Sr. Alberto Osório dois recibos de 30\$00 pelas Elegias e 71.00 pela Arte de ser Potuguês, a fim de ficar a documentação completa.

Quanto às edições de V^a Ex^a, queira enviá-las logo que o entender. Haverá alguma demora, porque a oficina segue comigo para o Brasil, mas creio bem que ela será compensada com a maior expressão, que os livros passarão a ter no novo Mundo

Do Regresso do Paraíso ficaram existindo em nosso poder 450 exemplares.

Quaisquer remessas de original devem ser feitas para o Sr. Osório que depois mas enviará.

Do seu muito amigo e admirador,
 Álvaro Pinto

*
16

[Ms.]

ANUÁRIO DO BRASIL
LIVRARIA EDITORA
Rio de Janeiro

Memorandum

Rio, 6-2-21

Exmo Senhor

Já deve V^a Ex^a ter recebido os 20 exemplares da 2^a edição, da “Arte de Ser Português”. Incluo hoje os dois exemplares do contracto. Se V^a Ex^a estiver de acordo, queira devolver um para a Renascença — Porto. O excessivo preço porque fica o trabalho no Brasil e, principalmente, a depreciação do câmbio português, não deixam estabelecer por enquanto melhores direitos. Em próximo fascículo da Águia verá V^a Ex^a, como temos sido aqui recebidos. Só nos combate o Sr. João do Rio, defensor dos portugueses, porque não somos admiradores do Sr. João de Barros e discordamos dos processos seguidos pelos dois para tornarem célebres as suas únicas pessoas em Portugal-Brasil. — Faremos muito mais do que isso, mostrando ao Brasil — sem a menor sombra de facciosismo — quem vale em Portugal. Daremos à Águia essa feição e supomos que venceremos. Se V. Ex^a quiser contribuir para esse necessário esclarecimento, muito nos obsequiaria enviando para a revista, regularmente, a sua colaboração.

Ao inteiro dispôr de V. Ex^a

Muito amigo e grande admirador,

Álvaro Pinto

*

17

[Ms.]

Lisboa, 8 de Dezembro / 35

Exmº Senhor Teixeira de Pascoaes

Muito prezado Amigo,

De regresso a Portugal, estou pouco a pouco tomando conhecimento da vida intelectual portuguesa, parecendo-me ser absolutamente indispensável retomar a obra da “Renascença” em bases mais largas e mais seguras. Qual a sua opinião? Está disposto a entrar nas novas lutas em que, esquecidos e desfeitos velhos ressentimentos, se juntem para altos fins culturais todos quantos ainda acreditam no valor da Inteligência?

Aguardo sua resposta e seus alvitres.

Vai no Diário de Lisboa a resposta que dei ao Sérgio sobre uma referência dele à Renascença? Afinal, tudo se harmonizou, como consta do último nº da “Seara Nova”.

Peço apresentar meus respeitosos cumprimentos a toda Sua Exmª Família e que aceite um grande abraço do

Amigo muito grato e admirador,

Álvaro Pinto

R. da Anunciada, 19 - 1º

1.7 • Raul Brandão
6 cartas, de 1926 a 1928

*

1

[Ms.]

Querido amigo:

Primeiro muito e muito obrigado por tudo.

Confessamo-nos ambos cada vez mais agradecidos.

Da minha amizade não lhe falo. Minha mulher escreveu hoje a sua mãe, mas eu peço-lhe que lhe apresente os meus cumprimentos. Beijo-lhe as mãos por tudo.

E para mais saiba uma coisa, que o vai alegrar tanto como a mim: fiz a análise e nunca tive, desde que estou doente, a urina tão límpida! Nem resquícios de albumina! Para mim as suas águas são verdadeiramente milagrosas. Mais uma vez insisto em que faça a análise.

Ficámos ambos apreensivos com o seu regresso naquela tarde pavorosa de chuva. Chegou bem? Não se constipou? Diga-me qualquer coisa.

Ontem o dia estive de sol— mas já hoje chove a torrentes. Eu cá estou ao centro do lume a trabalhar. Peço-lhe que se lembre do J. Cristo e faça o mesmo. Já escrevi para Lisboa sobre a peça e também já inventei mais duas pequenas coisas para darem relevo ao 1º acto. Não se esqueça. Tenho o maior empenho em fazer consigo um trabalho de colaboração, que deixe o meu nome unido ao seu.

Outra vez mil agradecimentos e saudades para todos. Escreva-me quando possa e creia-me amigo.

ad.or e atº obrigº

Alto
27 de Out. 1926

Raul Brandão

*

2

[Ms.]

Querido amigo,

Já deve ter recebido a minha carta e as provas do J[esus] C[risto] em Lisboa.

A resposta do Matos Sequeira, é a que eu esperava. O valor literário é para dourar a pílula. O que nós precisamos saber é se, apesar do comissário dizer que a peça não é teatral, o Alves da Cunha está disposto a representá-la. Estará? Duvido.

Neste caso quer o meu amigo tentar ainda o Joaquim de Oliveira ou o Eurico Braga, falar com eles e levar-lhe outras provas? Ou acha que nos devemos limitar à publicação?

Estão todos bem? Os meus respetos à senhora D. Carlota e a todos. Para si um grande abraço.

Do seu admirador e grande amigo,

Raul Brandão

24- - 1927

P. S. Chove a cântaros, eu trabalho ao pé do lume.

*

3

[Ms.]

Querido amigo,

Previsto. Assim como lhe digo que é inútil, depois da resposta do Matos Sequeira, esperar que o Gil autorize a representação do J[esus] C[risto] no Nacional, o que teria sido fatal (e isso até naturalmente o esqueceu o Sequeira) era falar-lhe ou mandar-lhe falar antes dele escrever. Mas nós, felizmente, não fomos hábeis...

Agora é tudo inútil. Não há repartição no Terreiro do Paço — nem talvez no universo- que vá contra a opinião do seu delegado para nos apoiar, a mim e a si. Leu a demissão pedida pelo Matos Sequeira nos jornais, etc.

No entanto eu mando-lhe a carta para o Gil — para o meu

amigo a ler. Se quiser, e entender bem, junte-lhe umas provas da peça. E se estiver para isso (eu não estava) fale com ele.

O que eu lhe pedia era o seguinte: — o favor de tirar uma cópia do documento para o Pascoaes o juntar ao prefácio que há-de fazer para o J. C. em Lisboa — História da Peça. É absolutamente necessário.

Quer experimentar o Trindade ou S. Carlos? O resto é perder tempo. Quer levar outras provas ao Eurico Braga ou ao Joaquim d'Oliveira?

Se tem vontade que a peça ainda vá este ano — a época está a concluir — é o que há a fazer. Se não temos de esperar para o inverno do ano que vem. Eu n'este caso só pergunto a mim mesmo se o Aillaud está para meter a peça na gaveta por tanto tempo! Desculpe esta carta atabalhoada, mas não quero deixar de lhe escrever hoje.

Minha mulher escreverá amanhã à Sr^a D. Miquelina.

Muitas saudades do seu
admirador e grande amigo,

Raul Brandão

P. S. O vinho! a mim ninguém me oferece por ele um pataco!
[Março 1927?]

*

4

[s.d.]

[Ms.]

Querido amigo:

Como quizer e entender eu estou por tudo. No entanto deixe-me dizer-lhe que nenhum de nós sabe qual será no proximo ano a companhia do Nacional. Publicar a peça tambem eu acho bem, se poder sêr, no dia da representação, como é costume. A responsabilidade é assim sempre dos actores, tanto faz que publiquemos a peça um ano antes da representação, como no dia da première — se forem, é claro, eles que a enterrem.

O pior não é isto; o pior é que o Aillaud não está para nos aturar...E dito isto, está dito tudo.

Parecia-me bem que o meu amigo escrevesse no seu prefacio (mas prefacio cuido que já não vai a tempo) ou uma nota final, contando

o que se passou e publicando a informação do Mattos Sequeira, que isso convem dar a lume.

O vinho já o vendi — a 1.450 escudos. Logo que receba o dinheiro e acabe umas pequenas coisas vou para Lisboa.

Até lá, abraça-o o seu velho amigo e admirador.

Raul Brandão

P. S. Saudades e cumprimentos para todos.

*

5

[Ms.]

Querido amigo

Não é nada do que pensa. Gostei imenso do seu livro. Mas imenso. É maravilhoso e dá uma extraordinária poesia. É um poema de saudade, mergulhando nos seres e no mundo — e ainda a escorrer. À volta dá uma espuma e quando menos se espera, golpes atrás de golpes, põe-nos cara a cara com seres e coisas que surgem como relâmpagos e logo desaparecem para comparecerem quando estamos desprevenidos. Tudo isto resolvido — estrelas, homens, a vida e a morte.

Ahi tem o que me pareceram as suas Memorias.

Abraça-o do coração

Raul Brandão

Alto, 13 de Março, 1928

*

6

[Ms.]

Querido amigo

Conheci sempre na casa de meu pai uma criada velha, que trabalhou até à última, e que lá morreu, dizendo estas palavras: —Levos no coração. — Também eu as trouxe todas no coração. E não digo só as pessoas — digo as coisas, as árvores, a casa, o ambiente.

É talvez um precentimento, misturado à saudade — talvez seja máo sinal... Quasi sempre é com alegria que volto para o meu buraco; desta vez foi com tristeza.

Mil vezes obrigado por tudo, a si e a todos! Mas a si principalmente, cuja amizade é uma das coisas boas da minha vida.

Adeus. Os meus respeitos para todos. Um grande abraço saudoso e reconhecido do seu admirador e amigo,

Raul Brandão

Alto, 19 de Novembro, 1928.

1.8 · Henrique Paço d'Arcos 10 cartas, de 1924 a [1951?]

*

1

[Ms.]

Exmº Senhor,

Q. me perdôe o ousio de lhe escrever. Mas as poucas horas q. consigo convivi, aliadas aquelas em q. espiritualmente convivera tanta vez, sulcaram-me de tal modo da sua recordação, q. só ela me aventura a lh'º fazer.

Escrevo-lhe, como há tempo escrevi a Venceslau de Moraes, cheio de admiração, cheio de encanto, cheio talvez da pretensão de ter encontrado “uma alma irmã da minha”.

Q. me perdôe no entanto esta ousadia.

Não venho escrever-lhe num baixo intuito de elogio; o elogio repugna-me e talvez por isso não aproveitasse mais cedo ocasião de lhe ser apresentado.

E depois o elogio é uma coisa tão pequena! No regimen em q. entramos do elogio constante, do elogio mutuo, o maior elogio vem afinal a ser aquele q. jamais se pronuncia.

Gostaria de conversar consigo, muito, ou antes, ouvi-lo conversar, sem ouvidos d'outrem, ouvi-lo discorrer sobre a vida.

Não queira ver n'esta carta simples literatura; não me julgue tambem um imbecil.

Escrevo-lhe, não sei por q. razão; como desconheço também a q. me atira para si, fazendo-me já seu amigo. Admiração? Mas, se outros eu admiro de q. só estimo as produções, a arte?

Atira-me para si uma outra simpatia, oriunda talvez dos seus versos e q. vai para além da sua arte, como querendo aprofundar todo o seu ser; simpatia a q. nem sei dar nome. Intelectual? Espiritual? tudo tão grato, q. até o significado lhes roubaram.

Queria conhecê-lo, talvez antes tornar a conhecê-lo, mas em toda a amplitude do seu pensamento, em toda a amplitude do seu ser, o q. penso em nenhuma outra parte tem logar como na paisagem q. canta nos seus versos.

Queria ouvir-lhe a sua historia.

“quando vem do Marão a lua cheia de fria lua marmorea”.

Não veja no q. ali vai uma interesseira insinuação de convite. Há mtº, mtº antes mesmo de outro dia o conhecer, quando de si só conhecia os seus versos, q. contava ir visitá-lo, de passagem pela sua terra, ouvi-lo em pleno Marão, vincando melhor em mim a sua imagem e criando assim talvez uma amizade.

Amizade; eis aqui o nome q. faltava a simpatia q. me atira para si:

Simpatia q. tende para a amizade.

Esta carta q. me aventurei a escrever-lhe, vai pedir-lhe licença para outras guarda-avançada de outras, talvez tristes...

É tão provavel, afinal, se esta não o fôr, que o vão enfastiar as seguintes.

Mas nestas horas horriveis de tédio, luctando por uma vida q. jamais sonhei, morto de dor, de tristeza, de saudade – também eu tenho saudade – não calcula como é bom à minha pobre alma o conversar assim com alguém q. eu sei ter um coração tão grande para poder em si guardar o meu.

Henrique De Paço D'Arcos

Abril 1924

*

2

[Tb.]

[Ms.]

Colónia de Angola
Serviço de Crédito Agrícola
Junta Central de Crédito Agrícola

Meu queridíssimo Joaquim:

Escrevo-lhe, depois de uns dias de cama, com uma gripe maçadora.

Nestes dias senti melhor a saudade, a tal ponto que se agora tivesse algum dinheiro livre, iria a Portugal por uns dois ou 3 meses, aproveitando um interregno possível entre dois empregos.

Há muito que não tenho notícias suas nem dos seus. Minhas, tenho procurado mandal-as e devem-vos ter sido ultimamente pelo João.

Da minha vida aqui nada lhe direi, porquanto é ainda e será sempre a mesma.

O que me interessava, conhecer a Africa com os meus olhos de agora, ainda não o fiz é provável que o não faça. Não me arrependo de ter vindo; A minha vida não tinha mesmo outra solução e, além de tudo, chamava-me a companhia do meu Pae que da minha precisava também mesmo muito!

Não me arrependo; é, porém, com muita pena que vejo os meses sobre os meses, vivendo-os eu inutilmente por esta costa d' Africa.

É uma pena andar morto de saudade q. para a suavisar, eu alimento de sonho.

Assim, ponho-me a calcular o meu regresso ou a minha ida agora por um tempo, indo-os encontrar pessoalmente em Lisboa, voltando convosco para Pascoaes a passar uns dias e tornando finalmente a esta Africa que se eu não tivera cá o Pae e um irmão seria para mim mil vezes maldita.

O peor é que não vou agora, nem sei mesmo quando irei: se eu em Portugal nada tenho a fazer que não seja conviver com os que a minha alma quer, modo de vida esse que me seria bem grato ao coração mas que me impediria de seguir no caminho que é do meu dever levar até ao fim.

O Joaquim sabe bem a alegria com que eu trocaria esta vida miserável por essa outra que consigo passei, acima de tudo, creadora!

Precisava, porem para tanto, da minha independencia material e essa eu nem sequer a busco, porque jamais a encontrarei.

Até lá, a esse hipotetico regresso, vou sonhando com venturas q. talvez não chegue tambem a conhecer.

De entre essas venturas, o regresso à sua amizade e ao carinho dos seus, será esse realizável? Abraça-o do coração com toda a minha alma.

Junho, 26/29

Henrique

*

3

[Ms.]

Meu querido Joaquim:

O Joaquim é mais cristão do que eu. A uma carta minha, q. vejo ter-lhe sido dolorosa, responde suavemente, como se eu fosse ainda o seu amigo mais querido.

Por isso, Joaquim, e só por isso, a sua carta me tocou no coração que de resto, não era razão para um silêncio de meses a falta de resposta minha a uma carta sua, visto q., outrora, essa falta não impedia a sua continuação.

Alude o Joaquim a uns factos de que eu já teria conhecimento. Ignoro quais sejam. Como lhe disse, por uma das minhas cartas, soube vagamente de uma intriga, a meu respeito. Desconheço, porem, em que consiste, e, agora, magicando no caso, atribuo-a a ter eu pedido ao Mário para me rever as provas do Poema.

Tem o Joaquim razão de estar sentido. Não lhe pedi, porém, a si, não para o não maçar mas apenas por reconhecer no Mário uma maior serenidade crítica que me convinha para que o livro pudesse sair liberto de todas as influências estranhas — principalmente a sua, que eu reconheço existir em toda a minha curta obra.

Isto, porém, que hoje lhe digo com desassomburada verdade, devia tê-lo dito, quando pedí ao Mário para se encarregar da revisão do Livro.

Hoje, que a sua publicação me é totalmente indiferente — juro-lhe pelo q. ha de mais sagrado —, tenho apenas desgosto em q. se tenha originado à sua volta este novo sarilho, nova causa de afastamento entre vocês dois, mesmo, talvez entre nós três. Nada mais.

Abraça-o do coração o

Henrique

*

4

[Ms.]

Meu querido Joaquim:

Há um mês q., ao fim de 4 anos de exílio, regresssei, de surpresa, ao Pátrio-ninho, este país de maravilha que mereceu de Deus a graça de ter sido o seu berço.

Desde então q. ando para lhe escrever, a anunciar-lhe o meu regresso, não o tendo feito até hoje por variadas razões, entre as quais avulta a dificuldade em q. me encontro para lhe escrever.

Essa dificuldade provém do facto de eu ignorar totalmente o q. sou hoje para si. Creio, e julgo não estar em erro, q. sou apenas uma lembrança, das muitas q. devem viver ocultas no seu espírito, esperando q. a sua imaginação de Poeta lhes dê vida, em fôrma de saúde.

Isto é: sou para si uma lembrança, mas não sou ainda uma saudade. Tempo virá, decerto, em que o serei. De resto, eu não tenho mais nada q. me imponha à sua memória. Sou um pobre ser cada vez mais apagado, uma espécie de aprendiz de génio q. tivesse perdido a vocação...

O mesmo não se dá consigo. A amizade que consagrei nasceu da minha admiração por si.

A amizade, que é um sentimento sujeito aos vendavais da vida q. a tornam em Amor ou a convertem em saudade, confesso-lhe, Joaquim, que enfileira já hoje nesta segunda forma de cristalização.

A admiração, essa, contudo, conserva-se inalterada, muito embora eu hoje passe meses e meses sem abrir um livro de versos.

Mas é que eu — permita-me a vaidade — tenho a consciência do seu génio, Joaquim sei que, num futuro mais ou menos longe o Joaquim formará alas ao lado de Dante de Camões, de Shakespeare e será, como êles um sol de primeira grandeza.

Isto, que eu sentia há 8 anos, quando pela primeira vez lhe escrevia, então embora de uma maneira indistinta. Sinto-o hoje nitidamente, com aquela clareza de raciocínio que 4 anos de isolamento espiritual me deram.

Esta minha admiração é tão grande que ela colide mesmo com

a minha maneira de ser actual e com a vida que hoje faço, despreendida de tudo o que seja poesia.

Chego a admirar-me, Joaquim, que ela não tenha sossobrado nas ondas deste Dilúvio q. foram para mim os últimos 5 anos de vida.

Quanto à nossa amizade, creio bem q. é impossível ressuscitá-la. Para mim apenas os polos me seduzem e, consigo, sei q. se dá a mesma coisa: ou tudo ou nada.

Para q., portanto, continuarmos arrastando a mentira de uma amizade passada, o q. apenas serviria para a caricaturizar, quanto ela, na sua forma de saúde, conserva a beleza das coisas imortais?!

Depois, as nossas vidas, q. num momento se encontraram e correram par-a-par, de há muito q. se afastaram em sentidos totalmente opostos e só um cataclismo cósmico as faria converger de novo a um mesmo rumo.

De tudo isto resulta q. esta carta não é de modo algum uma “démarche” q. faço junto de si para q. reatemos as nossas relações antigas. Pelo contrário, ela o q. pretende, já q. materialmente nos aproximámos de novo, saibámos um e outro manter, sem a agravar, é certo, a distância q. o Tempo, as circunstâncias da vida e a nossa própria vontade puseram entre as nossas almas.

Estas palavras, q. há 5 anos, desencadeariam no seu espirito uma préa-mar de desassossego, sei hoje q. as lerá com absoluta quietação, a tal ponto morri para si.

Esse facto, em vez de me entristecer, alegra-me, pois que me poupa o remorso — a crescer a tantos que já tenho — de o ir fazer ainda sofrer.

Abraça-o com a mesma admiração de sempre e a saudade maior.

Henrique.

Linhó

15 / 7 / 32

Embora, na solidão absoluta em que me encontro a hora do correio seja para mim de alegria, peço-lhe q. não me responda sequer a esta carta, pois a resposta que me enviasse — qualquer que ela fôsse — me faria ainda alguma pena, decerto.

Henrique

*

5

[Ms.]

[Tb.]

Banco de Angola
 Direcção Geral em África
 Luanda

—
 (Particular)

Meu querido Joaquim:

Li, há dias, o seu “Napoleão”.
 É uma sucessão de telas geniais. A da “campanha da Rússia”,
 só por si, bastaria para tornar imortal a sua Obra.
 Um grande e amigo abraço do Henrique

Março 1941

*

6

[Ms.]

[Tb.]

Banco de Angola
 Direcção Geral em África
 Luanda

(Particular)

Meu querido Joaquim:

Fiz consigo o duplo passeio.
 Acompanhei-o pelas estradas maravilhosas do Marão e pelas
 maravilhosas estradas do seu sonho.

O gesto apologético da rapariga de Travassos abriu-me também os olhos da alma para um Grande panorama de Luz. Debruçei-me consigo sobre esse Panorama, feliz por o entrever no Caminho da graça.

A ilusão não perdurou.

O seu espírito – ou o seu corpo? — Revelou-se. E, liberto do encantamento, lá foi pelas estradas do seu sonho e da sua loucura, a rir-se de Deus e do Demónio.

Este seu livro impressionou-me muito. A tal ponto que o vou ler outra vez pois q., em muitos passos, excede a minha compreensão.

E eu tenho um pouco a veleidade de ser, neste Mundo dos que o teem compreendido.

Abraça-o com a amizade e a admiração de sempre o
Henrique

6

—
8

—
42

Luanda

*

7

[Ms.]

[Tb.]

Banco de Angola
Direcção Geral em África
Luanda
(particular)

Meu querido Joaquim:

No interior, onde me encontrava, em férias, recebi o seu livro “o Penitente”. Escusado seria dizer-lhe q. o li de um fôlego, com o interesse q. a sua obra sempre me merece e o encanto q. sempre me provoca a leitura da sua prosa, original e forte, e a visão muito sua das cousas e dos seres, a sua compreensão do mais além das almas!

O seu Camilo é uma personagem verdadeiramente Camiliana. Entre os maiores romances de Camilo pode bem incluir-se “O Penitente” de Teixeira de Pascoaes.

Camilo está neste seu livro como a Acácia de Jorge em S. Miguel de Seide.

E esta identica presença não é decerto dos menos impressionantes aspectos do seu livro. Um grande e muito amigo abraço do

Henrique

9/2/43

*

8

[Ms.]

[Tb.]

Banco de Angola

Lisboa

Secretaria Geral

Meu querido Joaquim:

Soube pelos jornais que amanhã haverá aí em Amarante uma homenagem à sua pessoa.

Pela minha admiração e amizade por si — já quasi milenárias — bem gostaria de estar presente.

Mas para isso necessário seria q. Deus, fechando os olhos ante a minha miséria terrena me dêsse aquele dom de ubiquidade q. avulta entre os milagres mais famosos da vida do nosso Santo Antonio.

Mas, não estando em corpo, creio q. o estarei no entanto em espírito. E isso não deixará de ser afinal outro milagre, mas já sob outro aspecto: — o da sua presença, neste e em todos os séculos, querido e grande Poeta!

Seu do coração

Henrique

30

—

3

—

51

*

9

[Ms.]

Queridíssimo Poeta:

Eis-me de novo a conversar consigo.

Sempre as mesmas palavras q. eu renovo, as mesmas frases, nada mais eu digo...

Aqui me tem no entanto, q. escrever-lhe é hoje para mim uma consolação:

Tanta coisa q. eu tinha p'ra dizer-lhe q. não chega a sair do coração!

Aqui me tem Joaquim, sentado à mesa onde esta minha vida se consome: — Longas horas de tédio e de tristeza, d'uma agonia a q. nem sei dar nome!

Longas horas de magoa indefenida, em q. dentro de mim vive somente o coração:

E toda a minha vida só no meu coração palpita e sente.

Aqui me tem de novo, enquanto fóra. Na claridade rubra do sol-pôr. Não sei q. mar de luz as coisas doura. Despedida do sol ao seu amor...

E falam-me de si os arvôredos como um eco talvez dessa paisagem onde entre sombras d'arvor's e penedos anda o seu coração na minha imagem.

E falam-me de si as proprias cousas. Tudo me fala em si, q. vive em mim; É perfume de si a voz das rosas que morrem ao sol-pôr no meu jardim...

Na tristeza sem fim do meu scismar, tudo me fala, em vozes d'oração, do Poeta q. tras, em luz, no olhar a sombra do Marão.

A sombra do Marão... e assim sonhando, na agonia doirada d'este dia, eu vou pensando em si e vou rezando seus versos de saudosa melodia.

E toda a noite negra em que me afundo se ilumina, da luz do seu amor. Como as sombras da noite d'outro mundo irá beijar em luz d'este sol-pôr.

Henrique

Julho 27

*

10

[Ms.]

Meu querido Poeta:

22. O ultimo correio de Portugal trouxe-me uma carta sua do dia

Dizer-lhe quanto a estimei, é inutil. Nada tem que nos agradecer pela colocação do João. Pena é que ele se tivesse de ir embora, porque, apesar do emprego se lhe acabar com a vinda do Filomeno, qualquer coisa se lhe arranjará em substituição.

Fez-me inveja sabê-lo a 4º abaixo de zero, aquecendo-se à lareira e a escrever.

Dava anos de vida por o poder acompanhar nesses dias invernosos do Marão. Estou certo q., na sua companhia e ao calor da sua lareira e das vossas almas, seria outra vez Poeta.

A propósito de Poesia: recebi um livro de um Poeta de Montevideu, Gaston Figueira. Pena o nome do auctor, porq., tem algumas coisas belas.

É curioso como a Poesia se refugiou em Portugal e na América do Sul.

O livro, certamente que o Joaquim o recebeu tambem. Apresenta um bocado de prosa, mas tem notas delicadas de Poesia.

A notícia que me mandou do seu livro já a tinha recebido, bem como o original das Nouvelles Littéraires.

É feita se me não engano por aquele frances a quem o filho do Francisco Lacerda enviou Poesias nossas para um numero não sei de que revista dedicado a Portugal.

Chama-se Marcel Brion e escreveu-me há tempos anunciando-me a publicação duma noticia acerca do meu livro e pedindo-me para me incluir não sei em que revista como representante da moderna Poesia Portuguesa, enviando-lhe eu uma auto-biografia e auto-critica, numa nota bio-bibliografica, retratos, etc., ou autorizando-o a traduzir alguns dos meus Poemas.

Escrevi-lhe, passado algum tempo, a agradecer e dizendo-lhe duas coisas a meu respeito sem quaisquer pretensões a critica ou [...]

**1.9 • Joaquim Paço d'Arcos
1 carta [1932?]**

*

1

[Ms.]

Lisboa, 24 de abril [1932?]
Sua Casa — Rua Maestro Ant.
Taborda 6

Meu Exmo. e bom Amigo.

Encarrega-me o meu irmão Henrique duma incumbencia para si. Diz êle ter o meu amigo guardado em tempos — já lá vão 10 anos — o unico exemplar manuscrito dum livro dêle. “Poemas dum Doido”. Diz o Henrique: “era de tal maneira desequilibrado que o Pascoaes entendeu por bem guardá-lo para evitar que eu, levianamente, o publicasse”.

Pergunta êle se o meu amigo conserva êsse manuscrito, pois não o perdeu certamente ou inutilizou, e, em caso afirmativo muito lhe agradeço o obsequio de mo deixar vir às mãos, embora provisoriamente, para que possâmos tirar uma cópia.

Ele não lhe escreveu directamente nêste sentido por não saber como o Pascoaes receberia a sua carta, visto ter-lhe escrito há um ano sobre o S. Paulo e nunca ter recebido a menor resposta.

Isto diz-me ele em desabafo e não para lho transmitir, mas eu não acho inconveniente em o levar ao seu conhecimento, dada a vossa culta amizade que malentendidos não devem quebrar.

Fico aguardadando com o maior interesse o favor da sua resposta.

Com os meus respeitosos cumprimentos para sua Mãe e minha Senhora e suas Irmãs, creia-me seu amigo dedicado e grande admirador

Joaquim Paço d'Arcos.

1.10 • Raúl Proença
3 cartas, de 1924 a 1927

*

1

[Ms.]

[Tb.]

Bilhete Postal
Biblioteca Nacional

Meu caro amigo,
 Lisboa, 15 Maio 1924

Recebi o seu livro. Muito e muito obrigado. Tenho relido algumas das suas belas poesias.

É preciso remontar a Camões para se encontrar um lirismo assim. A Elegia é uma das dez ou doze poesias mais belas de toda a literatura portuguesa, e uma das melhores na poesia de todo o mundo.

Muito tinha a dizer-lhe, mas prefiro continuar a reler o seu livro.

Seu amigo do coração e admirador
 Raúl Proença

*

2

[Ms.]

Meu querido Pascoaes:

Espinho,
 4 de Outubro, 1926

Venho encantado, vimos encantados com a sua recepção, com a sua Família, com a sua longa casa senhorial, com êsses sítios, onde se não me dava morrer, e onde quisera viver a ver êsse Tâmega, com essa

igrejinha de Gatão, que eu escolheria para me converter ao catolicismo, se pudesse.

Com essas fontezinhas do silêncio que despertam tanto silêncio na alma — quer dizer, tanta recordação. E o Marão por cima de tudo, por sôbre os vales de lágrimas e de nevoeiro, tão terno e imperturbável, tão olímpico!

Sua Mãe (eu não cometo a barbaridade de pôr aqui um Exma) parece-me de outras eras. Eu diria antes que era uma Irmã. Sua vida, que alegria, que admirável disposição! Encantou-nos. Sua Irmã (a outra irmã) pareceu-me cheia de curiosidade, atenta à vida interior. E a pequenita pareceu-me de assombro. Julgava que só nos romances havia seres assim, predestinados à dedicação.

Enfim, o seu solar é um encanto. Não vimos de uma viagem, vimos de uma descoberta. Abraça-o, abraçámo-los por tudo o que por nós fizeram, e por tudo o que nos revelaram.

Estou aqui até ao fim do mês. Dê um salto até cá. E nos fins de Outubro lá iremos até Bragança, com o nosso querido Raúl Brandão, que eu também estimo como a um irmão mais velho, acima — devo declarar-lhe — de todos os outros, mesmo dos meus amigos mais íntimos. A estes liga-me a amizade, a estima, a confraternidade, a admiração. A êsse Brandão liga-me uma simpatia profunda, que está para além da literatura.

O meu amigo mande sempre. O seu velho amigo e admirador,
Raúl Proença

Minha mulher pede muitos cumprimentos para todos os seus e testemunha-lhes a sua alegria por os ter conhecido. (..?)

O homem de Penafiel não apareceu senão tarde, coitado. De maneira que eu, farto de esperar, pus-me a caminho, e dei volta a Penafiel sempre sózinhos.

R. Proença.

✱

3

[Ms.]

Meu caro Teixeira de Pascoaes:

12 de Março 1927

Um grande abraço. Muitos agradecimentos pelos seus favores.

Peço diga ao Raúl Brandão que, por causa do que se passou na Sociedade dos Escritores, cortei as relações com o Júlio Dantas. E por causa do que se passa agora na Biblioteca, só regressarei a esta depois da borrasca militar passar, se o Júlio Dantas deixar de fazer parte das Bibliotecas e Arquivos. Não admito que o Inspector das Bibliotecas assista impassível às calúnias do relatório do Fidelino. Ou protesta, ou se cala, e solidariza então com o acusador. Neste caso não cumpria o seu dever de inspector. Por mim, digo-lhe que, se êle continua a guardar o silêncio, sou absolutamente, incompatível com S. Ex^a na organização das Bibliotecas.— Diga também ao Raúl Brandão que estou a acabar o meu «relatório» sobre o Fidelino. Se fôr publicado, como deve ser (pois não há nele a mais simples alusão política), deve ser esmagador para o patife. Devo dar ao diabo a cartada. A tarefa dos tipógrafos é uma coisa idílica ao lado da argumentação errada em que provarei que ele é um miserável e um caluniador.

Nem tudo são agruras na vida. Temos sido aqui muito bem tratados pela parte das letras e da élite. Mas a maior revelação para mim foi a de uma poetiza de 13 anos, filha dos historiadores (pai e mãe fazem história) Ballestéros, que atinge já em certas composições uma fôrça de emoção e de pensamento extraordinários na sua idade. Peço-lhes para publicarem a que segue na Ilustração ou na Seara Nova, porque é inédita. Vários escritores têm querido publicá-la aqui; mas a autora sofre actualmente uma inovação no gosto, e nunca o consentiu, por maiores que tenham sido os esforços empregados. Foi uma deferência especial pelo português que a levou a autorizar-me a sua publicação. Vi-a apenas uns dois minutos. Troquei com ela só cinco ou seis palavras, rigorosamente. Pois ela tem, só nesses momentos, a intuição daquela (?.) de que os senhores falavam. Assim mo disse a mãe.

Há poesias mais interessantes ainda da pequena, mas essa é inédita. Temos aqui concerteza o embrião duma rara mulher de génio. Também o Jaime ficou com essa impressão.

É interessante que a Benedita (?) Ballesteros tem a idade de sua sobrinha! Ambas são precoces. Dê-lhe muitas recordações minhas, como a sua mana, e a Raúl Brandão e Esposa.

E a peça em Madrid?

Digam novas.

Um grande abraço do seu do coração,

Raúl Proença.

Grato. Pedia depois o original.

R.P.

1.11 • Afonso Duarte
1 carta, de 1921
3 cartas, [s.d.]

*

1

[Ms.]

Querido Amigo

Recebi a bíblia catalã dos seus versos onde leio a resposta ao meu pedido, embora o meu desejo fosse mais publicar coisas inéditas, muito íntimas, de si e da sua Obra. Neste, encontrei nele uma bela página para dar a ler aos adormecidos portugueses. Espero também que mande versos para este número. Breve receberá a visita dum moço Pintor que vem de fazer os seus estudos em Madrid e Toledo e se prepara para ir expôr a Bilbao. Ele quer levar o seu retrato.

É um pintor de alta intuição plástica e duma grande fé na sua Arte. Triunfará.

Do todo seu
devotado

Afonso Duarte.

Coimbra,
8
Março
1921

*
2

[Ms.]

[s.d.]

Pascoaes:

Acabo de receber os primeiros 5 volumes da sua monumental Obra de Poeta.

Sei que lhe devo uma longa carta, e este seria o momento oportuno, mas as preocupações desta prova em que sai a reforma do Ensino Nacional, deixando 7 dos meus colegas sem o seu lugar, conquistado por concurso, mal me consentem duas linhas apresentadas, firmando a minha crescente admiração pelo divino poder criador.

Pude apenas abrir um volume e cotejá-lo com as edições antigas: Abismei-me do poder Criador do Poeta mesmo quando corrige, mesmo quando o trabalho se poderia dizer material.

O Génio de Pascoaes é a própria sagração da Espontaneidade criadora! a presença espiritual, feita Divindade, e não há senão que adorá-la.

Creia sempre
no

Afonso Duarte

(Coimbra, R. João Jacinto-38)

P.S. Se o Pascoaes puder dispôr de exemplares, mande um ou outro volume para a revista *Sinal*¹² que deve sair por estes dias, dirigida por Adolfo Rocha — Coimbra Editora.

É uma nova revista de moços Poetas — no sentido nobre.

¹² Adolfo Rocha e Branquinho da Fonseca, dois dissidentes da *Presença* fundam, em 1930, a revista *Sinal* que conta apenas com um único número.

*

3

[Ms.]

[s.d.]

Querido Amigo

Recebi o seu livro — *As Sombras* — que veio despertar-me fundas recordações da melhor época da minha vida!

Com que sabor o estou relendo!

Deixe-me lembrar-lhe os passos do meu exemplar da 1ª edição: há-de gostar (.) que indo eu a sonhar com a leitura das Sombras — aos anos que isto lá vai!... pela estrada que leva do meu Casal a Maiorca, o sonho fez esquecer-me dele, não sei se à sombra dumas árvores do môrro de ruínas que foi o Castelo de Santa Olaia, a meio do caminho, se o deixei no barco da passagem ao Rio Novo (Rio Mondego). Certo é que o perdi e pastor ou barqueiro o guardará consigo. Sentia-me o mais feliz dos Poetas se assim tivesse um livro...

Adeus. Abraços
do

Afonso Duarte.

*

4

[Ms.]

[s.d.]

Querido amigo:

Continuo bastante doente mas, ainda assim, não quero demorar por mais tempo o meu agradecimento pelo *Bailado*. Já o havia lido com o alvoroço que me dão sempre os seus livros!

Saboreei deliciado as suas ironias — como só me lembra de me achar com Heine. Que maravilhosa essa região da Ponte de Amarante! E em que figura de asininos mete os filósofos — pela maneira como lhe passa a mão pelo “pêlo”!...

O Bailado é agora a minha melhor companhia. Deliro com ele.
Adeus.

Quando vem cá? Abraços do
 Afonso Duarte
 Coimbra,
 Rua João Jacinto — 38.

1.11 • António Duarte
1 carta, de 1940

*

1

[Ms.]

Lx^a, 6 de Dezembro 1940

Querido e saudoso amigo

Tenho a sua carta e o seu livro, este chegou hoje. A sua carta deu-me um grande prazer espiritual. Há muito que não ouvia falar assim. Ouço-o e vejo-o no seu ambiente, conheço-lhe a voz e o fogo fisionómico quando diz certas palavras no começo e acaba uma frase.

O seu Napoleão já o tinha comprado mas agradeço muito o que me enviou, gosto muito da apresentação, já o comecei a ler; o Mário da Bertrand disse-me que se tem vendido bem. Já li as críticas do S. Paulo que tem no fim do livro, estão muito acima do nível de apreciação do novo meio literário, algumas já minhas conhecidas. Desejo do coração a maior viagem do mundo para o seu novo livro, das estrelas já ele vem.

Desça a estar connosco este inverno ou ainda este outono. Lembre-se que não veio o ano passado; se ainda não tiverem vindo os seus, em nossa casa pode estar e será tratado o melhor que soubermos.

Queria contar-lhe (?) daqui mas não sei, estamos todos um pouco mais velhos, tenho é sempre a impressão que há mais gente nas ruas de L. de ano para ano, vivo a maior parte do tempo no meu atelier, venha tenho aquecimento (é horrroso não se ver (..?). Fala-me da descrição do passeio que demos a Trás-os-Montes, gostava muito de a ter e fiquei muito vaidoso por aparecer nela a figura do escultor.

Envio para sua Mãe e todos os seus muitas saudades minhas e da Regina.

Saudades para si de minha mulher e de minha Mãe que muitas vezes me fala de si.

Abraça-o sempre com a mesma admiração e amizade, o seu:

António Duarte.

1.13 • Leonardo Coimbra
2 cartas, [s.d.]

*

1

[Ms.]

[s.d.]

Meu querido Poeta:

Aí vai o meu livro para o qual peço a sua rápida atenção, pois estou em crise depressiva, precisando de boa crítica, sem contemplação, nem favor.

Ao mesmo tempo escrevo aos Coimbras, pois o Jaime vem hoje à Lixa e iria ao Marão se pudesse vir. se eles estiverem, e em boa generosidade, com eles iremos todos ao seu Templo, ou antes à sua Porta do Céu.

Abraça-o o venerando amigo e admirador
Leonardo Coimbra

*

2

[Ms.]

[s. 1.] e [s.d.]

Meu querido amigo

Recebi daqueles senhores, que o Pascoaes viu em minha casa, um pedido, que desejo, com toda a alma, satisfazer.

É ver se é possível livrar da tropa o mancebo António Cardoso, filho de Manuel Cardoso e Isabel Ribeiro, da freguesia de Lufrei.

O Pascoaes poderá, pelo Dr. Macedo ou por outro qualquer tropa, tentar auxiliar-me?

É mais um favor que lhe fico devendo.

O seu muito amigo e admirador

Leonardo Coimbra.

1.14 • Philéas Lebesgue 37 cartas, de 1912 a 1950

*

1

[Ms.]

Carte Postale

La Neuville-Vault, par Sévignies (Oise)

Le 12 mars 1912

Mon cher Poète et cher Ami,

J'ai reçu les deux premiers numéros de la nouvelle série d'*Águia*, et c'est avec émotion que j'y ai trouvé vos paroles profondes sur la Renaissance Portugaise. Tous ces jours-ci, j'évoquais les heures trop brèves que nous vécumes ensemble, à pareille date, l'an passé.

Je me demande si vous êtes à Foz et surtout si votre santé est meilleure. Ne devez-vous pas publier bientôt un nouveau livre, et n'allez-vous pas m'envoyer votre conte?

Veuillez-vous que je vous offre un court poème pour *A Águia*?

De tout coeur

Philéas Lebesgue.

P.S. J'avais demandé chez Lello & Irmãos pour une étude *Lisboa Galante*, de Fialho de Almeida. Je ne reçois rien.

Si vous êtes à Porto, peut-être pourriez-vous insister en forçant pour que j'aie satisfaction. Je consens, s'il est nécessaire, à payer le volume sur présentation de la facture ou préalablement. Pardonnez-moi cette importunité.

Tout à vous, encore.
Merci. Affectueux

Ph. Lebesgue.

*

2

[Ms.]

La Neuville-Vault, par Sévignies, Oise
le 10 Décembre 1913

Mon cher Poète et grand Ami,

Il y a longtemps que je veux vous écrire, que je veux vous dire toute mon admiration pour votre apostolat, et la vivacité de mes sentiments d'affection, alimentés par d'inombrables souvenirs. Hélas! j'eus bien de soucis, tous ces temps derniers, et ma Femme se relève à peine d'une longue maladie. Dieu merci, elle va mieux.

C'est avec une attention passionnée que je suis l'oeuvre de régénération poursuivie par la Renascença Portuguesa.

Ma chronique de ce mois au *Mercur de France* s'occupe spécialement de votre belle conférence sur le génie portugais et de La mort par Leonardo Coimbra, le captivant philosophe. Je parle aussi beaucoup de Ribera y Rovira.

Dans une étude spéciale qui doit bientôt paraître à la *Phalange*, je me suis attaché à mettre en lumière les rapprochements qui semblent s'imposer entre le mysticisme panthéistique de Rabindranath Tagore, le poète hindou, lauréat du prix Nobel de cette année, et le panthéisme Saudosiste, illustré par les oeuvres de la nouvelle génération poétique lusitanienne depuis Junqueiro.

Et maintenant, je suis chargé par une maison d'édition de Paris de la confection d'une Anthologie des lyriques portugais depuis João de Deus!

C'est la splendeur de votre mouvement contemporain qui m'a décidé d'accepter, pensant que vous ne refuseriez pas de m'aider pour la mise au point de certains détails.

Je veux donner un signe pendant aux Atlantiques de Ribera y Rovira; mais il me faut des notices bio-bibliographiques sur chaque auteur. Pourriez-vous me dire où je pourrais trouver les renseignements qui me font défaut, concernant les dates de naissance notamment des divers auteurs, et leur profession?

Je dois faire figurer António Nobre; pouviez-vous me communiquer votre récente édition du *Só*?

Je crois que cette *Anthologie* venant compléter le livre que j'ai sous press — *La République*, en illustration du Saudosismo est capable de rendre quelque service au Portugal, tant en France qu'ailleurs.

Je tiens à vous exprimer toute ma reconnaissance pour tout l'honneur que vous me faites à *Águia*. Merci de tout coeur.

Donnez-moi prochainement de vos bonnes nouvelles; dites-moi à quelle oeuvre nouvelle vous êtes attelé;

Offrez à tous les chers vôtres, et particulièrement à Monsieur et Madame de Pascoaes père et mère, l'hommage respectueux de mes souvenirs inaltérables, et retenez pour vous mon bien cher ami, l'assurance cordiale de tout mon dévouement fidèle.

Affectueusement

Philéas Lebesgue

J'ai fait passer à La Vie une note concernant votre belle initiative à propos du pauvre et agremié Gomes Leal.

Tout à vous encore.

Ph. L.

*

3

[Tb.]

PHILÉAS LEBESGUE
LA NEUVILLE - VAULT
par Savignier-Oise

[Ms.]

Le 18 Février 1913

Mon cher Poète et Illustre ami

Sempre fait, depuis une semaine, mes très pures délices. J'avais votre deuxième édition, et j'avais pu constater déjà que ce livre représentait la source de toute votre pensée ultérieurement développée en vers et en prose, à travers votre oeuvre. Mais depuis, *Regresso ao Paraíso*, je remarque en votre forme quelque chose de plus concis et de plus sûr, une tendance au verbe dépouillé d'inutiles ornements, qui vous rapproche de mes préférences personnelles et dont, par un inlassable travail, vous avez voulu faire profiter cette réédition du *Sempre*.

Vous ne devez rien désormais à quiconque, ni pour l'inspiration ni pour le rythme qui épouse chaque fois les plus délicates pulsations de l'âme.

Tel est l'idéal auquel j'aspire moi-même. Et comme les sujets que vous travaillez là me sont chers! Le village natal, la chère demeure de famille, l'horizon de montagnes, le Genie du foyer, les ombres chéries, tout ce que la petite patrie enferme de saudade. Que de tendresse et que de songe?

Que d'images fluides et nuancées, les portugaises!

Mais savez-vous, avec tout cela, que vous êtes à peu près, intraduisible. Vos vers sont comme l'aile du papillon, l'on n'y peut toucher sans les froisser et tout chatolement disparaît.

Je suis néanmoins impatient de voir reparaître le *Mercur de France* afin de pouvoir parler le plus longuement qu'il me sera possible de cette oeuvre, à mon avis unique et incomparable.

Il faudra bien aussi qu'un jour j'arrive à vous consacrer une étude d'ensemble quand la tuerie aura pris fin et que, par contraste, nous serons redevenus avides de choses douces, idéales.

Je me suis remis pour ma part à relire des poètes de langues diverses; je me suis longuement attardé avec Rabindranath Tagore, avec Keats, avec Leopardi; etc. Eh bien! Vous appartenez maintenant à la divine légion des vrais maîtres et ce n'est pas avec *Sempre* que j'aurai passé les instants les moins curieux.

Cette nouvelle édition va devenir l'un de mes livres de chevet. Avec vos vers, j'évoque tout votre cher pays, en même temps que votre âme d'ami précieux.

Peu à peu moi-même, je me remets à composer des vers; mais je les sens trop influencés par les événements que nous continuons de subir et procurer de vrai lyrisme.

Aussi, comme vous m'êtes précieux; comme vous m'aidez à rêver, à retrouver un monde abandonné!

Encore merci de tout mon coeur affectueux.

Que préférez-vous maintenant? J'aimerais tant pouvoir renouer avec vous conversation directe, et le souvenir de votre accueil en touchant une demeure si vivace.

Mes bien respectueux souvenirs à Monsieur et Madame de Pascoaes père et mère ainsi qu'à tous les chers vôtres.

Votre fidèlement dévoué et sincère admirateur

Philéas Lebesgue

P.S.— Il me sera toujours précieux de recevoir quelques-unes des publications les plus marquantes de la Renascença Portuguesa; J'en rendrai compte aussitôt qu'il me sera possible. J'aimerais surtout avoir le dernier livre de Vila-Moura. Tout à vous encore.

Ph.L.

*

4

La Neuville, Vault (Oise), le 30 Juin 1913

[Ms.]

Mon cher et Illustre Ami,

Vous venez de m'offrir un livre d'une incalculable portée éducative et qui n'a son égal dans aucune Littérature. *L'Arte de Ser Português* enseigne, avec une parfaite logique et selon un enchaînement qui dérive d'une synthèse supérieure, tout ce qui constitue dans l'ordre scientifique, philosophique, artistique et moral, la Vérité portugaise.

Une profonde intuition religieuse donne à ce bréviaire patriotique l'allure d'une révélation. En ce qui me concerne personnellement, ces pages me sont d'autant plus précieuses qu'elles expriment doctrinalement tout ce que je pense.

Mon rêve eût été d'écrire un jour quelque chose d'analogue pour la France, et j'avais naguère essayé dans *Aux Fenêtres de France* de planter quelques jalons. Mais je suis resté au dessous de mon sujet, et puis, je n'ai su voir qu'un aspect restreint d'une matière complexe entre toutes.

C'est parce que nous avons aimé vivre tous deux sur le sol ancestral sans nous laisser séduire par le prestige fallacieux des villes que nous avons mêmes tendances et mêmes sentiments. Mais vous me dépassez infiniment par le génie et par la puissance de réalisation.

Maintenant que vous avez tracé la voie, ouvert le chemin, il sera plus facile à d'autres d'écrire le catéchisme de la nationalité, l'évangile de la Patrie.

Mais j'estime que rien ne saurait être fait de réellement vivant si, comme vous, l'on me donne à pareil travail une base religieuse.

De ce côté, vous ne sauriez croire combien vous obéissez au vieil instinct celtique de liberté.

En vous séparant de Rome, vous vous affirmez le descendant spirituel de ces vieux druides de l'Irlande qui avaient entrepris la synthèse du Christianisme et de l'esprit païen.

L'âme française à pareilles tendances manifestées en d'autres plans ainsi que le révèle une fois de plus l'épouvantable lutte actuelle; mais il faudrait qu'une nouvelle Jeanne d'Arc vînt faire éclater son caractère divin.

Vous êtes prophète, mon cher et Illustre ami, et je pressens que votre voix éveillera des échos bien au delà des frontières de votre terre natale. Je m'en réjouis:

Je vous admire et je vous aime profondément, comme un frère et comme un disciple.

J'espère que l'occasion me sera fournie prochainement, de

proclamer tout ce que je pense de votre incomparable ouvrage, lequel n'a d'analogie que le Livre des Pélains Polonais de Miskiewiez, mais dans le sentiment seulement et non dans l'exécution, car Mickiewiez ne détaille rien: Son livre est une imprécation.

Notre "Union sacrée" devrait susciter un bréviaire patriotique tel que le vôtre, et Barrès applaudirait à votre oeuvre, encore qu'il y ferait des restrictions que je ne fais point, catholiquement parlant.

J'y insiste: vous êtes le premier avec qui je me trouve en parfaite communion d'idées et de sentiments dans tous les plans et je bénis l'heure qui m'a fait faire, providentiellement en quelque sorte, votre connaissance personnelle.

Puisse le cauchemar où nous vivons se dissiper bientôt et me permettre de vous revoir! Mes bien respectueux hommages à tous les vôtres à Monsieur et Madame Votre Père et Votre Mère particulièrement. Leur souvenir m'est cher.

Affectueusement et de tout coeur.

Ph. Lebesgue

*

5

[Ms.]

Mercur de France

26, Rue de Condé, 26

Paris, le 24 mai, 1916

Mon cher et Illustre Ami,

Mille soucis continuent de m'accaparer mais la ruée germanique vient toujours se briser contre Verdun et nos espoirs s'afferminent.

Avec quel enthousiasme nous saluerons l'arrivée fraternelle de nos frères sur notre sol, pour la libération du monde!

Vous avez dû recevoir les Bonnes feuilles de ma chronique portugaise au *Mercur*, où je parle moins longuement que je n'eusse voulu de votre admirable *Arte de Ser Português*. J'espère peu à peu rattrapper le temps perdu et rendre témoignage aux auteurs qui m'ont offert leurs livres.

Ce mois, j'ai remis un nouvel article à la revue.

Pourriez-vous me faire obtenir *Chave Dourada* de Manuel da

Silva Gaio e a *Conspiração de Gomes Freire* de Raúl Brandão? j'ai l'intention d'écrire quelque chose pour la *Vie* sur ce dernier livre.

Mes hommages bien respectueux à Mr. et à Mme de Pascoaes et à tous les chers Vôtres. À vous une plus fidèle et chaleureuse affection,

Philéas Lebesgue

P.S. Avez-vous eu mon étude sur *L'Unité Verbo-Croate*? Sinon je vous l'enverrai avec celle qui la continue *La Question de Constantinople*: Mon coeur bat tout près du vôtre. Espérons et luttons ensemble.

P. L.

*
6

[Ms.]

La Neuville-Vault — le 4 Janvier 1918

par Savignies-Oise

Mon cher et Illustre Ami,

Dans les ténèbres songes où s'élabore la naissance d'un monde nouveau, la Saudade vibrante de votre *Terra Proíbida*, soutient mon espérance et raffermir mon coeur.

Vous avez des accents si profonds, si évocateurs qu'ils semblent jaillir tout droit des entrailles du Mystère.

Avec quelle dévotion je lis et relis *Velhinhos Cousas* et a *Minha História*, où chante toute votre âme nostalgique et douloureuse!

Quel charme religieux dans *As minhas horas*, dans *Em Oração*, *Dôr etérea*!¹³

Il n'y a pas de poète au monde qui ait si intimement marié son inspiration à l'atmosphère du paysage natal; vous êtes la voix même de votre terre, et je n'ai pas besoin d'insister sur ce que cette poésie du sol peut révéler d'essentiel à un solitaire comme moi, habitué à vivre en pleine nature.

¹³ Poemas incluídos in *Terra Proíbida*. Cf. 1^o vol. de *Obras Completas de Teixeira de Pascoaes*, org. Jacinto do Prado Coelho, pp. 217-319.

Que de fois je vous évoque, aux heures de veillée, en une vieille demeure!

Et vos lettres sont devenues si vraies! Je pressens que des tristesses vous ont accablé, et j'aurais aimé pouvoir m'enfuir vers vous pour quelques journées! Mais je suis attaché ici.

Votre *Terra Proibida* va devenir, pour un temps, mon livre de chevet. C'est le complètement naturel de votre admirable *Sempre*.

J'en parlerai avec amour dans ma toute prochaine chronique de *Mercur de France*.

Quand pourrai-je reprendre mon idée de faire connaître ici, par une Anthologie, les meilleurs poètes de Portugal, parmi lesquels vous occupez une place d'étoile? Je ne sais.

Pourtant j'espère pouvoir vous offrir prochainement, de mon côté quelques poèmes, je les intitule "La Grande Pitié" et le souffle cru de la guerre passe à travers.

À vous mon cher Illustre Ami, l'hommage affectueux de mes souhaits fervents de prospérité, de santé, de succès, à l'aube de l'année 1918, qui sera sans doute l'année de la Délivrance.

Offrez, je vous prie, mes bien respectueux souvenirs à votre Père et à Madame Votre mère, et à tous les chers Vôtres.

À vous de tout coeur. Merci encore.

Philéas Lebesgue

P.S. Pourriez-vous me citer quelques noms parmi ceux que figurent actuellement dans le Corps expéditionnaire portugais en France, et qui sont des noms de poètes?

Je connais déjà Augusto Casimiro, André Brun e Jaime Cortesão.

Tout à vous encore.

P. L.

*
7

[Ms.]

[Tb.]

Mercure de France
26, Rue de Condé, 26

La Neuville- vault-Oise, le 2 Mars 1920

Mon Cher et Illustre Ami,

Je vous suis très reconnaissant d'avoir bien voulu me faire adresser, pour en rendre compte dans le *Mercure de France*, un exemplaire de votre ouvrage si profondément émouvant:

Os Poetas Lusíadas, où s'exaltent les plus nobles frémissements de l'Âme nationale interprétée par un véritable voyant, et qui vient éloquemment compléter votre *Arte de Ser Português*. Mon coeur bat près du vôtre.

Je vous prie d'agréer, Ami Cher, avec mes remerciements, l'expression de mes sentiments très distingués et particulièrement dévoués.

Quand pourrai-je vous entendre? Vous revoir!

À vous et à tous les chers Vôtres, mes meilleurs souhaits de Santé.

Votre admirateur très fidèle

Philéas Lebesgue.

*
8

[Ms.]

La Neuville-Vault, le 6 Février, 1922
par Savignies-Oise

Mon Cher et Illustre Ami,

Par les pages visionnaires d'*O Bailado*, vous vous révélez une

fois de plus, et de plus en plus superbement, comme l'un des annonciateurs du réveil celtique contemporain.

C'est auprès de W. Butler Yeats que je vous veux placer et par la façon dont vous communiez avec les choses, avec les paysages, avec l'intimité de la vie, je retrouve dans tout ce que vous écrivez l'essentielle poésie, le don d'évocation qui font l'enchantement particulier des productions du génie celte, qu'il s'agisse de nos Bretons d'Armorique, des bandes d'Irlande ou des poètes de Galice, voire de l'américain Lhoreva, jamais l'origène.

Votre visage au frontispice, affirme les mêmes parentés, et c'est pourquoi si intensément, je vous sens un frère de race et d'âme.

Aussi bien, parmi les livres étrusques sur ma table, ces derniers temps, je citerai en première ligne, comme les plus profonds, les plus divins, votre *Bailado* et le merveilleux *Vasto Moreira* de Cabanillas.

J'espère pouvoir extraire et traduire, un jour prochain, quelques unes de vos belles pages, pour une revue de chez nous, comme je fis pour *Maranos*, trop brièvement, hélas!

Sans doute précédemment m'aviez-vous fait l'hommage de vos *Cantos Indecisos*; la poste a dû les égarer et c'est pourquoi je me fais le devoir de vous prévenir qu'ils ne me sont point parvenus.

Lentement, au coin de la vitre hivernal, je lis et relis vos poétiques et poignantes proses d'*O Bailado* et je me persuade que c'est là, très certainement, l'un de vos plus impérieux chef-d'oeuvre.

J'eusse aimé vous voir un jour en France et j'en avais encore l'espoir; mais les conditions de la vie restent terriblement dures, et je ne sais moi-même si je pourrai de longtemps retourner au Portugal

J'eusse aimé visiter en même temps la Galice et me rendre jusqu'à Amarante.

À vous mon cher et Illustre Ami, en attendant cet heureux jour, l'hommage de tous mes souhaits de bonheur et de gloire.

Mes plus respectueux et affectueux souvenirs à tous les chers vôtres, je vous prie.

Votre admirateur dévoué et reconnaissant

Ph. Lebesgue

P.S. Y a-t-il, dans le folklore de votre province des vestiges de ballades du cycle de la Table Ronde, de Tristan ou du Graal, par exemple.

P. L.

*
9

[Ms.]

La Neuville-Vault-Oise, le 8 Sept. 1924

Mon cher et Illustre Ami,

J'aimerais recevoir, pour en faire l'analyse dans une prochaine chronique des *Lettres Portugaises* au *Mercure de France*, la nouvelle édition de votre *Vida Etérea*.

Si vous ne pouviez me la faire envoyer, dites-moi, je vous prie, où je dois m'adresser et quel est le prix du volume.

Je serais heureux de recevoir de vos nouvelles pour toute l'admiration que je vous garde.

Votre fraternellement dévoué.

Philéas Lebesgue.

*
10

[Ms.]

La Neuville Vault,
par Savignies (Oise)
le 20 Septembre 1924

Mon cher Illustre Ami,

Je vous aime entre tous les poètes pour la profonde nostalgie qui baigne tout ce que vous écrivez et pour la similitude de nos songes, éclos tous deux en pleine vie rustique. Car je ne quitte guère mon village des Beauvaisis, parmi les bois et les prairies verdoyantes, à 80 Km de Paris. Et ma santé comme la vôtre ne me laisse pas toujours réaliser tous mes projets. Mais je ne suis qu'un modeste rêveur, que la dispersion de ses efforts a desservi, tandis que la Peninsule entière vous acclame et vous apprécie. Aussi bien, suis-je fier de toute l'estime affectueuse que vous me gardez, et je saisis toute occasion de dire publiquement; fut-ce à mots (.), toute l'admiration que je professe sans réserve pour votre science si pure et si haute.

Avec quel soin patient vous amendez chacun de vos livres! Je me penche avec délices aujourd'hui sur "Vida Etérea" où frissonnent de si merveilleuses musiques de rêve.

J'en parlerai prochainement ici en même temps que de *Pobre Tolo* et de *A minha Fome* que vous voulez bien me promettre si gentiment. La vie des peuples va publier dans un numéro de ce mois mon étude sur le Mouvement littéraire actuel au Portugal. J'ai essayé de vous faire rendre justice parmi nous.

Prévenez-moi de votre voyage à Paris.

Je serai heureux d'aller vous serrer les mains, et peut-être pourrez-vous venir jusqu'ici.

Votre admirateur profondément reconnaissant et dévoué.

P.L.

P.S. Mes respectueux hommages, je vous prie à tous les chers vôtres,

De tout coeur

P. L.

*

11

[Ms.]

La Neuville—Vault, le 9 Décembre 1928

par Savignier, Oise

Mon cher et Illustre Ami,

Nous avons longuement parlé, ces jours derniers, à Paris, dans un groupe de Lettrés portugais en exil, des choses de Lusitania et naturellement des poètes.

Ce fut pour moi joie infinie, car j'évoquai, sous attendrissement les lointains jours où je fis à Leixões, sur le bateau qui m'enmenait, votre connaissance personnelle.

Ah! Combien j'aimerais pouvoir renouer conversation avec vous!

Et voici que, à mon retour ici, m'arrive votre délicieux *Livro de Memórias*, où passent toute la grâce et tout le charme de votre âme visionnaire.

Votre fraternelle dédicace me tombe au fond du coeur.

Moi non plus, je n'ai jamais cessé de vous aimer et de vous admirer chaque jour davantage..., et si ma vie n'était si encombrée de soucis, j'aurais voulu faire ici pour vous bien davantage.

Lentement, devant la flamme légère de mon être rustique

devant qui pleure à la fenêtre le vent d'hiver, je lis et savoure vos pages tout imprégnées de pure saudade.

C'est pour moi vive consolation. Je le dirai en ma prochaine chronique au *Mercur de France*. Celle de ce mois parle de *Jésus-Christ à Lisbonne*¹⁴ et j'ai fait de mon mieux pour dire autre chose que de banales paroles.

J'espère publier bientôt un livre de poèmes, où encore une fois le Portugal aura sa part et sa place.

Coimbra votre belle patrie mériterait d'être heureuse!

Encore merci et veuillez croire, mon cher et Illustre Ami, à mes sentiments fidèlement dévoués et à mon plus affectueux souvenir.

Votre admirateur bien sincère

De tout coeur

Philéas Lebesgue.

*

12

[Ms.]

La Neuville- Vault, le 9 Janvier 1930

par Savignies, Oise

Mon cher et Illustre Ami,

Une crise de mauvaise santé m'a empêché de vous remercier plus tôt de l'excellente lettre que vous m'avez fait remettre par Mademoiselle Suzanne Jousse.

J'ai eu le plaisir le plus vif à faire la connaissance personnelle de cette mode lusophile, qui est devenue, une pure admiration pour votre oeuvre, l'éminente traduction du *Regresso ao Paraíso*.

J'ai pu comparer cette traduction avec le texte portugais, et il m'a semblé que l'on pouvait difficilement faire mieux, tant pour l'exactitude du sens que pour le style et le rythme.

Aussi, souhaitais-je vivement qu'un éditeur parisien pût accepter de prendre cette traduction de votre chef d'oeuvre dans l'une de ses collections. En même temps, j'ai offert à Mademoiselle Jousse d'écrire le préface de l'*Anthologie* qu'elle prépare de vos poèmes... Dans le seul but de favoriser le placement de ce florilège, qui sera une révélation.

¹⁴ Tragicomédia em sete quadros (em colaboração com Raúl Brandão).

Par malheur, et comme je le redoutais, les éditeurs consultés par Mademoiselle Jeusse se sont récusés, comme ils ont l'habitude de faire dorénavant — et j'en sais quelque chose- quand il s'agit de poésie.

Dans ces conditions, je pense que vous auriez intérêt à faire ce que la plupart des poètes français acceptent eux-mêmes de faire, c'est à dire à prendre l'édition à vos frais sous une bonne firme telle que Messein ou la Librairie de France que d'ailleurs je ne connais pas, ayant été édité tour à tour au *Mercur de France* et chez Malfin (Haision) qui ont interrompu leurs éditions de poètes.

Pour amorcer convenablement votre consécration en France par des études sur votre oeuvre en d'importantes revues, il conviendrait, je pense, que cette édition française de *Retour au Paradis*, ne tardât pas trop.

Pour ma part, je suis heureux d'apprendre l'édition définitive de votre oeuvre — et je me ferai gloire d'en parler longuement.

Qui sait si je n'irai par bientôt vous demander de m'accueillir en votre demeure d'Amarante. Ainsi réaliserais-je un rêve ancien — Mais je suis indiscret, n'est-ce pas?

À vous, pour 1930, mes meilleurs voeux de santé, de travail fécond, de gloire grandissante!

Votre admirateur dévoué.

De tout coeur,

Philéas Lebesgue

*

13

[Ms.]

La Neuville- Vault, le 8 Mai 1930

par Savignies, Oise

Mon cher et Illustre Ami,

C'est grand honneur pour moi que d'avoir été appelé à présenter au public de France les premières de vos poésies qui soient traduites en notre langue et réunies en volume, et je suis bien heureux d'apprendre que mes modestes pages vous aient fait plaisir.

Le volume ne saurait maintenant, je suppose, tarder à paraître. En tout cas, dans l'intervalle, M. Paul Gaultier, Membre de l'Institut, Directeur de la *Revue Bleue*, a bien voulu accepter de publier mon essai sur votre oeuvre et sur votre haute personnalité poétique, dans son périodique, qui est très répandu.

Il m'a demandé en outre, un poème de vous, qui paraîtrait en même temps. Je lui ai remis l'une des traductions de notre excellente amie Mlle Suzanne Jousse: *Elegia*, aussi que *l'Ombre de l'Homme*. Le *Bailado* est bien de vos ouvrages les plus personnels. Mlle Jousse doit éprouver une vive joie à le traduire en français. Bravo!

Pour moi, je viens de recevoir les quatre volumes que vous m'avez si généreusement destinés de vos *Oeuvres Complètes*. Ils vont devenir, pour un temps, mes livres de chevet; puis, j'en rendrai compte au *Mercur de France* en indiquant les mérites de votre leçon nouvelle, très heureusement condensée, et dont la forme est devenue à la fois très concise et très pure sans rien perdre de sa caressante fluidité vaporeuse. Un roc enveloppé de brume irisée, votre poésie! Vous êtes vraiment le fils du Marão, et voilà pourquoi, terrien moi-même.

J'aspire si vivement à vous voir dans votre cadre de nature. Aussi bien, je ne sais comment traduire l'émotion reconnaissante que me procure votre haute générosité. J'accepte avec transport votre invitation pour Novembre, et j'irai vers vous par Salamanca, ligne que je connais déjà, pour l'avoir une fois suivie jusqu'à Coimbra et Lisbonne. Cette fois, j'obliquerai vers Amarante et Pascoaes.

Dîtes bien, je vous prie, à Mlle Jousse tous mes souhaits de santé meilleure; offrez, je vous prie mes bien respectueux compliments à tous les chers vôtres.

Votre admirateur fraternellement dévoué

Exmo Corde

Merci encore.

Philéas Lebesgue.

*

14

[Ms.]

ACADÉMIE

de

PROVINCE

Le Président

La Neuville, le 6 Août 1930

par Savignies (Oise)

Mon cher et Illustre Ami,

Quelle joie pour moi de posséder votre *Maranos* dans sa forme définitive! Peut-être est-ce dans ce poème de votre montagne natale que vous vous êtes exprimé le plus complètement. Vous vous êtes mis tout

entier dans ces vers baignés de l'atmosphère nostalgique, qui est celle de Portugal et de Galice. En tout cas j'ai une dilection particulière pour cette oeuvre de votre pleine maturité. Elle s'apparie si bien à la couleur de mon âme de Celte!

Voilà un livre que j'eusse aimé pouvoir transposer en français; mais je crois avoir un peu passé l'âge, où j'aurais pu réussir à recréer, dans ma langue dont le génie analytique est si éloigné de la vôtre, ce poème d'adoration et de saudade.

Peut-être est-ce l'excès de mon admiration qui m'a fait hésiter, quand il en était temps encore.

Les pages qui vont servir de préface à la gerbe anthologique, que Mademoiselle Jeusse fait paraître chez l'éditeur Messein, viennent de prendre place dans l'un des derniers numéros de la *Revue Bleue* de Paris. J'ai adressé un exemplaire à votre éminente traductrice, et j'ai tout lieu de penser qu'elle vous le communiquera, si vous lui en manifestez le désir.

Je souhaite vivement que ces pages vous soient particulièrement agréables, et surtout qu'elles préparent votre succès en France. Il serait convenable que la publication du *Retour au Paradis*, dont la traduction est toute prête, pût suivre sans trop de retard, sous la même firme d'édition, celle de *Choix des Poésies*.

Hélas: en France, les poètes doivent faire les frais de leurs livres, pour la plupart; car l'américanisme nous envahit un peu plus chaque jour, et seuls les gros tirages comptent pour l'éditeur.

Notre été désespérément pluvieux me fait envier votre beau pays. Laissez-moi m'y transporter en pensée, et veuillez accepter, pour tous les chers vôtres autant que pour vous-même, l'hommage fraternel de mes sentiments dévoués.

Votre fervent admirateur,
en toute gratitude émue.
De tout coeur
Philéas Lebesgue.

*
15

[Dact.]

CARTE POSTALE

Nom et adresse
De: Ph. Lebesgue
La Neuville-Vault, par
Savignies (Oise)

Adresse:
ILLmo Snr.
TEIXEIRA DE PASCOAES
Eminente Poeta

Casa de PASCOAES
AMARANTE
PORTUGAL

Le 14 oct., 1930

Mon cher et illustre Ami,

Vous avez droit à la consécration européenne, mais je pense que la Critique ne pourra se prononcer en toute certitude qu'après la publication du *Retour au Paradis*.

En tout cas, je fais de mon mieux pour attirer l'attention des lettrés sur vos vers, si profonds. Ainsi j'ai fait envoyer à travers la Presse de Paris et de Province environ cent cinquante exemplaires du Choix de vos *Poésies* traduites par Mlle Jeusse. J'ai dédicacé et signé ces exemplaires. Vienne maintenant le succès mérité!

Je suis heureux que mon article sur le *Chemin de St Jacques* vous ait plu, et je vous suis infiniment reconnaissant de vouloir le faire passer dans la presse de Portugal. Pour le journal de Porto ou de Lisbonne auquel vous le donneriez, je vous en laisse le choix; mais, si vous pouvez le faire traduire, je crois que cela vaudrait mieux.

Agréé, je vous prie, mon cher et illustre Ami, l'hommage admiratif de mes sentiments particulièrement dévoués et reconnaissants.

Ex imo corde

Philéas Lebesgue.

*

16

[Dact.]

La Neuville-Vault, par Savignies (Oise), le 7 Janvier 1931

Mon Cher et Illustre Ami,

Je suis prisonnier de la grippe depuis le 22 Décembre avec sérieuses complications du côté du poumon gauche et du coeur. Je commence seulement à me lever, mais je ne sais encore quand je pourrai être autorisé à quitter la chambre.

Ainsi ai-je tardé à vous envoyer l'hommage de mes bien fraternels souhaits de bonheur et de gloire pour 1931, et vous m'avez devancé. Mon émotion n'en est que plus vive, et vous me voyez touché au fond du coeur.

J'ai pu toutefois revoir minutieusement la belle traduction faite par Melle Jousse de votre merveilleux *RETOUR AU PARADIS*, et je l'ai expédiée, ces jours derniers, à l'éditeur Messein, avec une lettre lui demandant de me faire parvenir le plus tôt possible les épreuves, que je transmettrai ensuite à Melle Jousse. J'ai pu en même temps écrire, selon la demande de Melle Jousse, trois pages d'Avant-propos sur le Poème et sur vous-même. Je pense que les choses iront ainsi pour le mieux et que la consécration française, à laquelle votre beau génie a droit vous sera bientôt largement acquise. Je ferai de mon mieux pour la favoriser au nom de notre amitié déjà ancienne. Merci encore pour tout ce que vous vous proposez de faire pour moi. Je vais, de mon côté, essayer de me rétablir le plus rapidement et le plus complètement possible.

Mes bien respectueux souvenirs, avec mes souhaits les meilleurs de bonne chance et de santé plus stable à Melle Suzanne.

Je pleure avec vous la perte de votre frère en génie Raul Brandão.

Votre admirateur particulièrement dévoué et reconnaissant,
Eximo corde.

Philéas Lebesgue

*
17

[Dact.]

ACADEMIE
de
PROVINCE
Le Président

La Neuville-Vault, le 16 Mai 1931
par Savignies (Oise)

Mon Cher et Illustre Ami,

O *POBRE TOLO* est arrivé sur ma table et il va rester longtemps à portée de ma main. Quel magnifique et incomparable symbole vous avez créé là? Vous rejoignez à la fois Cervantes et Shakespeare, le Shakespeare du *To be or not to be* et comme dans le *Don Quichotte*, vous mêlez, dans un lyrisme qui n'appartient qu'à vous, l'élegie à la satire. Rien de plus poignant, rien de plus ibérique, rien de plus humain. C'est le pendant du *Regresso ao Paraiso*, et jamais votre puissance créatrice ne s'était révélée plus intense, plus personnelle, plus originale. Et quel style depouillé, tout en arêtes! Voilà ce qu'il faudrait faire lire aussi aux jurés de Stockholm... En fin de chronique, pour un prochain numéro du *Mercure de France*, je signale l'apparition de cet impérieux chef d'oeuvre. J'aurai à commenter séparément votre oeuvre entière, tous vos livres, et je l'annonce, car cette fois, j'ai dû, contre mes intentions antérieures, céder aux circonstances.

Il m'a fallu renoncer à me rendre maintenant au Portugal, malgré votre touchante et généreuse invitation. L'Institut franco-portugais m'invite pour Mars 1932. Reste à déterminer le sujet de mes conférences. J'aimerais choisir la Poésie. C'est mon territoire préféré. Ma santé est redevenue meilleure, mais je suis accablé d'occupations. Nonobstant, pour toute l'affection admirative que je vous garde et qui remonte loin, je ferai tout ce qui sera en mon pouvoir pour que votre juste gloire rayonne parmi nous en France.

Je suis allé voir récemment M. Messein, pour hâter l'envoi des épreuves du *Regresso*. Je m'étonne de ne les pas avoir reçues encore, malgré sa promesse formelle. Mais peut-être ont-elles pris directement le chemin de Lisbonne. Je le souhaite vivement.

Bien des années se sont écoulées depuis que j'ai eu la grande joie de faire votre connaissance personnelle et d'être votre hôte de passage à Porto. Ce me serait grand fête au coeur que de pouvoir vous serrer les mains de nouveau.

Mille amitiés particulièrement admiratives et profondément reconnaissantes.

Eximo Corde

Philéas Lebesgue

*
18

[Dact.]

La Neuville-Vault, par Savignies (Oise), Le 23 Juin 1931

Mon Cher et Illustre Ami,

L'abondance de mes occupations actuelles m'a fait tarder à vous remercier de votre précédente lettre, qui m'a très vivement touché. Pardonnez-moi, je vous prie.

J'ai été bien heureux de recevoir tout à l'heure les épreuves de *RETOUR au PARADIS*, votre chef d'oeuvre, — Je les relis avec attention et je vais les adresser bientôt à M. Messein, avec la recommandation, que vous me suggérez.

Il convient, n'est-ce pas? de hâter les choses le plus possible. Vos fraternelles instances, à propos de mon éventuelle visite au Portugal, me sont allées droit au coeur. J'espère que les menus ennuis auxquels je suis actuellement en butte ici vont s'aplanir vite, et que je pourrai enfin réaliser mon souhait de vous voir en Amarante.

Ah! Je n'ai pas oublié la belle journée que vous me fîtes naguère vivre en votre compagnie à Porto!

M. Léon Bourdon a bien voulu fixer approximativement la date de mon voyage, sauf imprévu, à Mars 1932, au nom de l'Institut franco-portugais dont je serais ainsi l'invité. Je lui ai répondu d'accord, et il m'a laissé entrevoir que je pourrais m'entretenir avec lui, en France, au cours de Juillet, pour tous arrangements définitifs. Il est évident que cette combinaison flatteuse comporte pour moi l'obligation de faire plusieurs conférences sur des sujets qui aient l'agrément de l'Institut franco-portugais. Or, je ne veux parler, que de Poésie et de Poètes, autant que faire se pourra. Il y aura toujours assez de professeurs pour s'occuper des romanciers. Ceux-ci, en effet, tiennent à peu près tout le marché littéraire.

Puisse mon modeste Avant-Propos contribuer, si peu que ce puisse être, au succès de votre REGRESSO! C'est là mon plus cher souhait.

Agréé, je vous prie, Mon Cher et Illustre Ami, l'hommage affectueux de mes sentiments particulièrement admiratifs et dévoués.

Ex imo corde

Philéas Lebesgue

P.S. Mes fervents souhaits de santé meilleure à Mademoiselle Jeusse, votre dévouée traductrice, qui s'est donnée toute entière à votre oeuvre.

Tout à vous encore

P. L.

*
19

[Dact.]

Carte Postal

La Neuville-Vault, par Savignies (Oise), Le 25 Août 1931

Cher grand Ami,

Par le génie de Nuno Gonçalves, de Colombano, par ses tapisseries incomparables, le Portugal triomphe actuellement à Paris à l'Exposition du JEU de PAUME. Notre vaillant ami M. le Dr José de Figueiredo reçoit enfin la juste récompense de son long effort. Nul plus que moi ne s'en réjouit.

Je me plais à espérer que l'écho des louanges, qui ont accueilli l'Exposition portugaise d'Art ne se sera pas totalement éteint, quand paraîtra *Le RETOUR au PARADIS*, qui bénéficierait ainsi d'un rayonnement de gloire déjà préparée.

Ce sera pour moi joie incomparable que de renouer conversation avec vous de vive voix et de vous serrer les mains, soit à Paris, soit au Portugal même, encore que, de ce côté, je ne puisse prévoir au juste les arrêts de la Providence. Il y a si longtemps, cependant que j'aspire à vous voir dans votre paysage natal, au milieu de tout ce qui a nourri votre inspiration, alimenté votre génie!

Pendant que je vous écris, hélas! une pluie diluvienne verse la ruine sur mes champs...

Pardonnez-moi cette carte hâtive et veuillez croire, Cher Grand Ami, à mes sentiments fraternellement dévoués.

Votre fervent admirateur

Philéas Lebesgue

P. S. Mes fidèles souvenirs, le cas échéant, à Melle Jousse.

P. L.

*

20

[Dact.]

La Neuville-Vault, par Savignies (Oise), le 19 Octobre 1931

Mon Cher et Illustre Ami,

Je suis heureux de vous annoncer une nouvelle, que vous n'ignorez peut-être déjà plus et qui, j'espère, vous réjouira.

J'arriverai à Lisbonne le 10 ou le 11 Décembre prochain. Je ferai une première conférence dans votre Capitale sous les auspices de "l'Institut français en Portugal" le 12. Le 14 je parlerai à Coimbre et le 19 à Porto. Le sujet traité sera celui-ci: L'héritage intellectuel de Virgile en Portugal et en France.

Avec quelle joie je reverrai votre beau pays et renoueraï conversation avec vous!

Le *RETOUR au PARADIS* va paraître bientôt sans doute et j'attends nouvelle de M. Messein, pour le service de presse.

Les premiers froids d'automne ont détraqué quelque peu ma santé, mais sans gravité, et j'espère être bientôt remis d'aplomb.

Agréez, je vous prie, Mon Cher et Illustre Ami, l'hommage admiratif de mes sentiments particulièrement dévoués.

De tout coeur

Ph Lebesgue

*

21

[Ms.]

La Neuville- Vault, le 3 novembre 1931
par Savignies, Oise

Mon cher et Illustre Ami,

Ce sera pour moi grande fête au coeur que d'être accueilli par vous à Porto, que vous m'avez fait si généreusement connaître, il y a vingt ans.

Et si rien ne veut contrarier mes projets, je serai particulièrement heureux de vous accompagner, au retour, jusqu'à Amarante, en toute simplicité fraternelle.

M. Messein vient de me faire parvenir un exemplaire du *Retour au Paradis*, enfin paru, et j'irai, ces-jours-ci, faire le service de presse du volume à Paris.

Je me plais à penser qu'il fera sensation.

Mes bien respectueux hommages à tous les chers vôtres, je vous prie.

À vous toute mon admiration affectueuse.

De tout coeur et à bientôt, j'espère.

Philéas Lebesgue

*

22

[Dact.]

Carte Postal

La Neuville-Vault, par Savignies (Oise), Le 22 Nov. 1931

Mon Cher et Illustre Ami,

Ma conférence à Porto est fixée, je crois, au 19 Décembre et sans doute me ferez-vous l'inoubliable honneur d'ouvrir la séance à cette occasion. Du moins M. Léon Bourdon, Directeur de L'Institut Français, me le laisse-t-il entrevoir.

Je vous en remercie de tout mon coeur d'avance. Je vous ai dit, je crois, le sujet de ma causerie: L'Héritage intellectuel de Virgile en Portugal et en France.

En m'offrant de me conduire ensuite jusqu'à Amarante, vous m'avez touché au fond du coeur. dites-moi si vous pensez toujours pouvoir me faire cette faveur inestimable, et si vous n'y prévoyez aucun empêchement, afin que je puisse prendre mes dispositions en conséquence.

C'est d'Amarante, en pareil cas, que que je reprendrais le train en direction de la France. Dans le cas contraire, ce serait de Porto. Je songe à me rendre à Lisbonne par mer à partir de Bordeaux. Cela revivra mes souvenirs. Je ferais escale à Vigo de Galice.

Mes respects empressés à tous les chers Vôtres, je vous prie.

À vous de tout coeur, en admiration profonde et vive gratitude.

Ph. Lebesgue.

*
23

[Ms.]

La Neuville- Vault, le 28 Décembre 1931
par Savignies, Oise

Cher grand Ami,

Le beau voyage est terminé, je suis rentré ici hier dans ma grisaille solitaire; mais je garde au coeur un éblouissement sans égal. La chaleur du coeur portugais n'est pas moins bienfaisant que celle du soleil de chez vous, et le souvenir des attentions généreuses, dont j'ai été comblé à Amarante restera comme une plaie de fleurs dans ma mémoire reconnaissante.

Vous avez fait de moi, d'accord avec tous les vôtres, un débiteur insolvable.

Le poème de votre hospitalité à la Casa de Pascoaes égale pour moi vos oeuvres les plus belles.

Aussi bien je commence à recevoir à propos du *Retour au Paradis*, quelques attestations flatteuses qui me prouvent que le livre — votre chef d'oeuvre —, sera bientôt mis en France à la place qui lui revient, à la première.

À l'aube d'une année nouvelle, veuillez offrir à madame votre Mère, à Madame Miqueline, Exmo D. Vasconcellos, à Mademoiselle Maria José, à Mrs Vos Frères et en général, à tous ceux qui vous sont chers, tant par les liens du coeur que par l'amitié, l'hommage fervent des voeux que je forme pour votre bonheur à tous, votre santé, votre prospérité et en particulier pour votre gloire personnelle. J'y ajoute l'expression sincère de ma reconnaissance infinie et de celle de tous les miens; que j'ai retrouvés ici dans les meilleures conditions et à qui le récit de mon voyage a mis les larmes aux yeux.

Ainsi ma première lettre est pour vous, je vous embrasse de tout mon coeur.

Fraternellement et en toute gratitude.

Votre admirateur dévoué.

Philéas Lebesgue

P. S. Je songe à votre *D. Carlos* que vous m'avez promis! Tout ce qui est de vous me passionne. En vous j'ai trouvé mon véritable frère spirituel.

Tout à vous encore.

P. L.

*

24

[Dact.]

La Neuville-Vault, par Savignies (Oise), le 27 Mars 1932

Mon bien Cher et Eminent Ami,

Combien m'est précieux votre fraternel souvenir! Je me revois en votre compagnie dans la vieille et glorieuse petite ville de Guimarães. Vous m'aviez fait admirer le monument érigé par Afonso Henriques après la bataille d'Ourique et nous venions de traverser de beaux portiques, quand au détour d'une petite rue la vitrine d'un libraire me fit pousser un cri de surprise. En même temps, votre doigt levé me désignait un volume à couverture blanche, signé de votre nom: *D. Carlos*, drame en vers. Spontanément vous me promîtes de m'offrir plus tard cette oeuvre, que je ne connaissais pas.

Vous venez de tenir parole de la plus aimable façon. *D. Carlos* est pour moi le plus précieux des cadeaux de Pâques. Cette fresque dramatique, puissante et sombre, a une allure eschyléenne et vous pouvez la compter parmi vos oeuvres les plus personnelles. C'est une chose digne de l'antique. N'avez-vous jamais songé à faire représenter ce drame? En Portugal peut-être la proximité trop grande des événements et personnages mis en scène offrirait des difficultés et soulèverait des passions.

J'ai lu ces pages intenses avec un intérêt passionné, et en même temps je me revoyais dans votre Casa de Pascoaes parmi les chers vôtres.

Je resongeais à la pluie de fleurs de camélias le soir de mon arrivée; je refaisais en pensée nos promenades, je revivais nos conversations. Au près de vous je me sentais rajeunir. J'avais bien cru rapporter de là-bas une inépuisable provision de santé. Mais l'hiver tardif, que nous avons dû subir ici, m'a rapidement mis à mal, et je me remets péniblement d'une interminable grippe compliquée de bronchite, qui m'a beaucoup affaibli.

J'avais prémédité de publier dans une revue parisienne mes impressions recueillies au cours de mon merveilleux voyage; la maladie m'en a empêché et je me suis contenté de rédiger quelques chroniques qui ont paru dans un journal régional. La *Renaissance Provinciale* de Bordeaux par ailleurs, a donné à la suite d'une conversation un résumé succinct des attentions délicates, dont j'ai été l'objet dans votre belle patrie.

Je vous ai fait suivre le numéro.

Tous ceux qui ont pu lire le *Retour au Paradis* disent leur admiration sans réserves. Quelques uns l'écrivent, et je pense que peu à peu ce poème unique deviendra un événement, en dépit de l'actuelle atmosphère peu favorable à la poésie.

À vous, Mon Cher et Éminent Ami, à Madame Votre vénérable Mère, à Madame Miquelina de Vasconcellos, à Mademoiselle Maria-José, à toute votre excellente famille j'offre affectueusement l'hommage de mes meilleurs souhaits de bonnes Pâques et de mes souvenirs les plus émus.

De tout coeur, en fidèle et reconnaissante admiration.

Ph. Lebesgue

*

25

[Dact.]

La Neuville-Vault, par Savignies (Oise), le 18 Septembre
1932

Mon bien Cher et Eminent Ami,

Tout en me remémorant les heures délicieuses que vous m'avez fait vivre à vos côtes en Décembre, j'ai composé les vers que vous trouverez ci-inclus.

Je vous les offre, non pour leur qualité intrinsèque, mais pour le sentiment fraternel et reconnaissant qui me les a dictés.

J'aime à revoir en imagination votre admirable pays, les lieux où vous avez puisé l'inspiration de vos immortels poèmes.

Qu'avez-vous, cette année, ajouté à votre oeuvre? Donnez-moi, je vous prie, de vos nouvelles. Pour moi, je me suis vu en butte à divers accidents de santé, heureusement réparés maintenant, et j'attends l'occasion de mettre au jour un poème philosophico-satirique, dont la trouble situation actuelle ne saurait favoriser l'édition.

Offrez, je vous prie, à toute votre excellente famille et, en particulier à Madame Votre Mère, à Madame Miquelina à Mademoiselle Maria José l'hommage respectueux de mes très fidèles et reconnaissants souvenirs.

A vous, Mon bien Cher et Éminent Ami, l'assurance fraternelle de tout mon dévouement.

Votre admirateur

Philéas Lebesgue

*

SOUVENIRA Teixeira de Pascoaes

Le vent dur fouette au ciel, comme un troupeau de cygnes,
 Les nuages d'hiver. Entre genêts et vignes,
 Par les chemins bretons du Minho, nous allons;
 Nous touchons Penafiel; nous gagnons Amarante;
 Nous passons le vieux pont de granit, où, pleurante,
 L'eau vive accroche encor des drapeaux en haillons.

Au loin le Marão dresse sa croupe haute;
 Voici Pascoaes au détour de la côte
 Avec son porche blanc, ses tuiles, son perron,
 Le paix de ses jardins, le chant de sa fontaine:
 Les ombres du passé frissonnent sous les chênes;
 Un poète en ces lieux rêve et penche le front.

Ah! les camélias sont bien beaux en Décembre,
 Parmi les orangers sous le ciel couleur d'ambre!
 Beaux enfants alignés sur les degrés du seuil,
 Qui versiez sur mon front l'averse des fleurs blanches
 Comme si j'eusse été prince ou duc, l'avalanche
 Des pétales charmait mon coeur, non mon orgueil...

Et je n'ai rien su dire à votre gentillesse
 De ma surprise où se mêlait de la tendresse,
 Tant je me sentais loin des jeux civilisés
 Et remmené pour ainsi dire, et par féerie,
 Vers les temps de noblesse et de chevalerie!
 Il montait des parfums dans les vents apaisés.

Philéas Lebesgue,
 en souvenir ému et reconnaissant

*

26

[Dact.]

La Neuville-Vault, par Beauvais (Oise), le 15 Janvier 1934

Cher grand Ami,

Les froids rigoureux et vraiment polaires de Décembre m'ont valu de garder la chambre un certain temps, et je peine à me rétablir complètement. Ainsi me suis-je borné à vous adresser pour le nouvel an, une simple carte de bons souhaits.

Que de fois cependant ma pensée affectueuse s'est tournée vers vous! Que de fois ai-je évoqué les détails de votre touchante hospitalité en la délicieuse "Casa de Pascoas"! Que de fois me suis-je remémoré votre admirable pays, en même temps que je croyais voir se pencher vers moi le visage de tous les chers vôtres. C'est en Décembre de l'autre année en effet que j'ai eu l'honneur et la joie ineffaçable de m'asseoir à votre foyer de poète et d'ami. Et tous ces souvenirs sont pour moi d'un inestimable prix.

J'ai été bien heureux d'apprendre que mon CHOIX de POÈMES vous ait plu. Je ne saurais recueillir de suffrage plus autorisé et plus précieux que le vôtre.

Votre *SAINTE PAUL*, m'écriviez-vous, devait entrer sous presse, il y a dix jours. Je n'ai pas besoin de vous dire que je l'attendrai avec impatience et qu'il me tarde de le connaître.

Rien de vous ne peut être indifférent, et vous savez ouvrir les portes secrètes. Cette année, en Avril, j'ai longuement médité devant la petite baie, près de Lindos de Rhodes, où le Saint passe pour avoir fait escale lorsqu'il se dirigeait vers Rome. Incomparable vision... Pour l'instant, je rassemble une gerbe de poèmes philosophiques, allégoriques et légendaires, que je chercherai ensuite à publier, si les circonstances, de plus en plus défavorables hélas!, me le permettent.

À vous, mon cher grand Ami, à Madame Votre Mère, à Madame et à Mademoiselle de Vasconcellos, à tous les chers vôtres, l'hommage renouvelé de mes meilleurs voeux d'année heureuse et mes plus reconnaissants souvenirs.

Fraternellement et de tout coeur.

Philéas Lebesgue

P.S. Est-ce que la traduction Tchèque de vos poèmes a enfin paru?

J'aurais bien aimé la connaître; car j'ai quelque teinture de langues slaves. Et j'aurais pu la signaler au *Mercure de France*.

Mille amitiés dévouées.

P. L.

*
27

[Ms.]

La Neuville - Vault, par Savignies (Oise), le 22 avril 1934

Cher grand Ami,

Avec quelle émotion reconnaissante je viens de recevoir votre *Saint Paul*! Avec quelle ferveur je l'ai feuilleté, me réservant de méditer longuement sur chacune de ses pages!

Vous avez le secret des images écloses, des pensées qui fulgurent et allument brusquement toute l'âme.

Avec le *Retour au Paradis*, S. Paul est le plus impressionnant de vos poèmes. Il a la majesté du Marão. Le contraste que vous établissez entre Lucien et l'Apôtre ouvre des perspectives imprévues. C'est un trait de génie! L'an dernier à pareille époque je visitais quelques uns des lieux où fut entendue d'abord la prédication de l'Apôtre. De Chypre à Rhodes j'ai longé toute la côte d'Asie mineure et à Lindos non loin de l'éminence où se dresse le tombeau de Cléobule, l'on m'a montré la petite baie ravissante de lumière, où S. Paul fit escale, lorsqu'il se rendit de Zaura à Rome. Ainsi, en vous lisant, mes yeux se peuplent d'images, durant que mon esprit s'élançait vers les martyres de l'âme et de la destinée.

En cet instant, je voudrais pouvoir vous serrer les mains; vous embrasser dans tout l'élan de ma fraternelle admiration, croyez, mon bon cher et grand Ami, à mes souvenirs affectueusement dévoués et à toute reconnaissance.

En cette saison printanière, c'est à votre Minho que je rêve.

Puisse-je y retourner un jour!

Je vous embrasse de tout mon coeur.

Philéas Lebesgue.

P.S.— Mes respectueux hommages, je vous prie, à toute votre chère famille, dont je ne pourrais oublier les délicates attentions, et d'abord à Madame Votre Mère.

Tout à vous encore.

P. L.

*

28

[Dact.]

La Neuville - Vault, par Beauvais (Oise), le 11 Décembre
1934.

Cher grand Ami,

Voici revenir l'anniversaire des inoubliables instants que j'ai passés sous votre toit si hospitalier, et c'est avec une émotion particulièrement vive que je lis votre bonne lettre.

Certes, si les circonstances pouvaient me favoriser encore une fois, je ne tarderais point à retourner vers votre admirable Minho, où tant de merveilles me restent à découvrir.

Les visages aimés qui vous entourent me reviennent souvent en mémoire, et j'aimerais que vous pussiez assurer chacun des membres de votre chère famille de la fidélité reconnaissante de mes sentiments. En me transmettant leur bon souvenir, vous m'avez mis les larmes aux yeux.

Votre *Saint-Paul* ne peut manquer de recueillir un grand succès en Espagne, et je suis sûr qu'en France il éveillerait vive attention. Pourrez-vous obtenir de votre traducteur espagnol qu'il me fasse hommage d'un exemplaire de la version qu'il va mettre en librairie? J'aimerais connaître la préface, que le grand Unamuno a écrite pour vous, et je ne manquerais pas d'en parler, ce qui pourrait préparer le terrain pour une éventuelle traduction française.

Et ma joie sera vive aussi de lire votre nouveau livre, dont le titre me met l'eau à la bouche.

Quel travailleur vous faites et comme vous vous renouvelez chaque fois que vous mettez un livre au jour! C'est merveille pure. Pour moi, je continue par intervalles d'écrire des vers. Je me prépare à sortir un nouveau cahier: *Le JARDIN des OMBRES*, dont vous recevrez bientôt un exemplaire.

Helas! l'époque actuelle est bien ingrate pour les poètes. Par bonheur il y a l'amitié, qui est le meilleur des refuges.

Mille amitiés à tous les chers vôtres et veuillez croire, Cher grand Ami, à toute mon admiration et à mes sentiments fraternels.

En toute gratitude émue

Ex imo corde

Philéas Lebesgue

*
29

[Dact.]

La Neuville - Vault, par Beauvois (Oise), le 9 Avril 1936

Mon Cher et Eminent Ami,

Je ne saurais oublier un seul instant les admirables moments, qu'il me fut donné de vivre, l'autre année, près de vous et au milieu de tous les chers vôtres, à Amarante, et ma pensée fraternelle aime à s'envoler vers vous.

Mes amis du Génie Français, qui visitent maintenant, sous la direction du bon poète Emile Vitta, les plus beaux endroits de votre cher Portugal, avaient beaucoup insisté pour me persuader de les accompagner, et j'ai un moment caressé avec faveur ce rêve tentateur. Malheureusement l'hiver m'a fort maltraité; je suis mal rétabli, et les soucis ne me manquent pas. Il m'a fallu, la mort dans l'âme, renoncer.

Je n'irai donc pas, cette fois, vous serrer les mains, ni vous demander de vive voix de vos bonnes nouvelles.

Je serais pourtant bien heureux de savoir quelque chose de vous et de vos travaux actuels. Ne travaillez-vous pas à un grand ouvrage à propos de Napoléon? N'avez-vous pas songé à faire traduire en français votre *Saint Paul*? La traduction espagnole a-t-elle paru?

A vous, à Madame Votre vénérée Mère, à tous les chers vôtres l'hommage bien respectueux et reconnaissant de mes pensées les meilleures.

Votre admirateur dévoué.

Philéas Lebesgue

*
30

[Dact.]

La Neuville-Vault, par Beauvais (Oise), le 21 Juin 1936

Cher grand Ami,

Avec quelle émotion admirative et reconnaissance je reçois votre nouvelle oeuvre: *S. Jerónimo e a Trovoada*, digne pendant de votre étonnant *Sain Paul*!

St Jérôme fait aussi partie de vous-même, et c'est encore une confession ardente que vous nous offrez, le don divin du meilleur de votre âme et de votre génie.

St Jérôme est l'apôtre de l'amitié et de la tendresse, suprêmes biens des époques de trouble et de décomposition sociale.

Par là votre nouveau livre est éminemment actuel, et il m'émeut plus profondément que tout autre, parce que je sais le prix de vos sympathies, la fidélité de votre cœur de Poète, que le drame de la vie n'empêche pas de rester lyrique, incomparablement.

J'essaie d'imaginer, en pensant à vous et à tous les chers vôtres, la beauté estivale de votre site d'Amarante avec les vignes qui s'entrelacent aux arbres, le Marão à l'horizon et le majestueux Tamega dans la pittoresque vallée. Site celtique, site de rêve et de méditation!

Vous ne pouviez mieux faire que de dédier votre oeuvre au grand Miguel de Unamuno, votre frère spirituel, fils d'un même sol abrupt.

Mes bien respectueux hommages à Madame Votre Mère et tous les chers vôtres, que j'aimerais tant revoir un jour!

A vous, Cher grand et Eminent Ami, l'hommage reconnaissant de mes pensées les meilleures.

Ex imo corde.

Philéas Lebesgue

P. S. — Je parlerai longuement de votre oeuvre à mes lecteurs du *Mercur de France*. Mais je ne puis faire passer ma copie qu'à dates fixes, et la place m'est toujours assez mesurée.

Tout à vous encore.

P. L.

*

31

[Dact.]

La Neuville-Vault, par Beauvais (Oise), le 8 Juin 1937

Cher grand Ami,

O *Homem Universal* vient de me parvenir, et j'y puise une incomparable joie spirituelle.

Voilà un livre qui va rester longtemps à portée de ma main.

Comme vous, j'ai toujours pensé que sans sympathie il n'y avait point de compréhension et que l'amour rendait les choses transparentes.

Comme vous, je crois à la suprématie de l'Esprit, et j'ai toujours oeuvré dans cette conviction.

Vous m'invitez à méditer avec vous, et devant moi vont s'ouvrir d'illimitées perspectives. Ces perspectives, seul le Poète peut les créer.

Et puis, j'écrirai pour mes lecteurs du *Mercur de France* un peu de ce que ma lecture m'aura suggéré, pour l'illumination de votre oeuvre entière.

Vous savez quelle admiration et quelle affection reconnaissante je vous garde. Pourtant, je me sens coupable d'un long silence vis à vis de vous. C'est que je n'allais pas très bien depuis de nombreux mois. Mais le soleil est revenu et je vais mieux. Souvent je me prends à regretter de ne pouvoir à mon gré m'évader vers votre beau pays, et vers moi affluent de radieux souvenirs.

A vous et à tous les chers vôtres, dont je ne saurais oublier les délicates attentions, l'hommage affectueux de mes sentiments fidèlement dévoués, de mes pensées les meilleures.

Votre admirateur bien sincère.

Ex.imo corde.

Philéas Lebesgue

*
32

[Dact.]

La Neuville, par BEAUVAIS (OISE), le 19 1947

Mon bien Cher Ami,

Je recevrai avec une infinie reconnaissance les volumes, dont vous m'annoncez si généreusement l'envoi. Ils seront pour moi un régal, et je ne manquerai pas d'en parler dans l'une de mes chroniques. Malheureusement le *Nouveau Mercure* ne m'a réservé qu'un article par an sur le Portugal, ce qui est notoirement insuffisant. Mais le nouvel Hebdomadaire de l'Académie Ronsard à laquelle j'appartiens, me donnera sans doute plus large hospitalité.

Je me plais à penser que vous aurez pu récupérer bientôt toute

vosre activité pour de nouvelles oeuvres. En tout cas, c'est là mon plus cher souhait.

Tous mes voeux les meilleurs vont également vers votre chère famille. Hélas je ne puis guère caresser l'espoir de retourner au Portugal, dont je garde le souvenir le plus ému...

Mais qui peut savoir de ce que nous réserve l'avenir?

Agréez, je vous prie, Mon bien Cher Ami, l'hommage de mes sentiments profondément admiratifs et dévoués.

De tout coeur, fraternellement

Ph. Lebesgue

*

33

[Dact.]

La Neuville-Vault, par Beauvois (Oise), le 15 Juin 1947

Cher grand Ami,

Jour à jour, dans ma solitude rurale, je lis ou relis les diverses parties de votre oeuvre immense. À tout instant augmentée, je le devine, de pages nouvelles. Et partout, dans votre prose aux multiples éclairs, aussi bien que dans vos vers pleins de subtil musique, je retrouve l'incomparable poète que vous êtes, et que nul ne dépasse aujourd'hui, à ma connaissance, dans le monde entier.

L'unique chronique annuelle que l'on m'a conservée au *Mercur*e de France ne me permettra guère de tout dire, comme je le désirerais et comme m'y en gagerait mon admiration. Je dois donc chercher ailleurs, L'hebdomaire *RON*SARD organe de l'Académie de Poètes "Ronsard", dont je fais partie, veut bien accepter un article sur vous, mais court, et n'ayant trait qu'aux ouvrages en vers. Je lui remets aujourd'hui mon texte. D'autres suivront plus explicites j'espère... J'ai des amis à Bruxelles. Hélas! je suis dans ma 78^{ème} année, et je ne voyage plus. Les conditions de vie deviennent très dures. Il y a grande similitude entre votre genre d'existence et le mien. C'est pourquoi je puise dans vos livres un immense réconfort. Vous êtes un créateur, et je ne puis aimer profondément que ceux qui créent.

Combien j'aime retourner, par le souvenir, vers votre familiale demeure, vers votre pays tout baigné de saudade!

L'Europe entière doit vous saluer grand. J'aimerais pouvoir y coopérer si peu que ce soit, croyez-le bien!

Mes meilleures et plus fraternelles pensées vont vers vous, et vers tous les chers vôtres.

Un mot de vous pour me dire à quoi vous travaillez maintenant me fera grand plaisir.

Votre admirateur fidèle

Affectueusement. Ex.imo corde

Philéas Lebesgue

*

34

[Dact.]

La Neuville-Vault par Beauvais (Oise), le 22 Septembre 1949

Mon Cher et Illustre Ami,

Quel long silence entre nous! Il y a quelques mois je vous ai adressé l'un de mes derniers livres. Je ne sais s'il vous est parvenu. Je suis inquiet de vos nouvelles et de vos plus récents travaux.

Votre *Napoléon* reste l'un de mes livres de chevet, et si je ne devais accomplir avant la fin de l'année mes quatre vingts ans, je vous demanderais la permission de le traduire; car mes compatriotes français ne devraient pas ignorer une oeuvre de cette magistrale profondeur et d'un tel éclat de style.

J'ai naguère écrit pour un journal de Bruxelles un article à propos de cet authentique chef d'oeuvre.

Hélas! je viens de perdre mon fils à 41 ans. Il avait rapporté de sa longue captivité le germe d'un mal absolument incurable.

Parlez-moi de vous et de votre oeuvre, Cher grand Ami. A vous aussi bien qu'à tous les chers vôtres l'hommage fervent de mes meilleures pensées, et mes voeux ardents de bonne chance. Santé d'abord.

De tout coeur. Fraternellement.

Votre fidèle admirateur, qui ne saurait oublier la généreuse hospitalité de la "Casa de Pascoaes".

Philéas Lebesgue

*

35

[Ms.]

La Neuville - Vault, le 19 Octobre 1949
par Savignies, Oise
Mon cher et Illustre Ami,

Je ne trouve pas de mots pour vous dire quel profond soulagement d'âme et de coeur est venu m'apporter votre lettre si fraternelle, si exquisément affectueuse.

J'apprends enfin que votre santé n'a pas fléchi et que vous continuez de travailler sans repos.

Ainsi pourrai-je lire bientôt, j'espère "pour mes quatre vingt ans" quelques unes de vos pages nouvelles.

Pour moi, mon activité a beaucoup faibli, hélas! et les conditions actuelles de l'édition sont si dures que je crois laisser beaucoup d'inédits (en vers). Toutefois, je m'appête à publier trois nouvelles "rustiques". Je n'écris plus guère que de minces chroniques. Par malheur, le *Mercur de France* ne peut me réserver qu'une chronique des *Lettres portugaises* par an. C'est maigre!

À première occasion je reparlerai de votre magnifique *Napoléon*. Dusse-je éveiller l'attention d'un traducteur qualifiable — Allemands et Hollandais sont plus favorisés.

C'est l'introduction que j'aurais aimé entreprendre si je n'avais trop d'âge.

Mes meilleures pensées, mes voeux fervents de santé et de bonne chance vont vers vous, et vers tous les chers vôtres.

Ah! comme je voudrais pouvoir retourner un jour en votre hospitalier couvent Pascoaes et dont j'aimais tout évoquer le charme par le souvenir.

De tout coeur. Fraternellement,

Philéas Lebesgue.

Cher grand Ami,

Ma pensée fraternelle et profondément admirative aime à se tourner vers vous. Obligé, pour raisons d'âge et de santé de garder presque constamment la chambre, je remue de chers souvenirs, et je relis vos livres. En particulier je ne me lasse pas de rouvrir votre *NAPOLÉON*. C'est un livre fulgurant, dont je n'ai pu parler jusqu'ici comme je l'aurais voulu. Le *Mercur de France* ne m'accordant plus qu'une chronique par an, accompagnée de quelques brèves notices. Le *Thyrse* de Bruxelles, qui a cinquante ans d'âge accueille déjà mes notes sur la Grèce. Mon vieil ami P. M. Gahisto, disparu trop tôt, Y PARLAIT DU PORTUGAL. Il me sera, je crois, facile de prendre sa succession. Hélas! J'avais écrit naguère un long article sur votre oeuvre. Cet article devait paraître dans un hebdomaire de Bruxelles, qui fut brusquement supprimé.

Vous dominez aujourd'hui de haut tout le Parnasse portugais. Écrivez-vous toujours! Qu'avez publié depuis *L'Homme Universel*?

Combien je serais heureux de recevoir de vos nouvelles, que j'espère bonnes, du côté de la santé d'abord. Pour moi j'ai dépassé les 80 ans, et je constate que la vieillesse n'est pas une très bonne chose. Il me faudrait votre beau ciel d'Amarante, dont je garde la nostalgie. Je ne sais ici comment matar saudades.

Mes meilleures pensées vont vers vous et vers toute votre chère famille. Tous mes vœux fervents de santé, de bonne chance!

Je vous embrasse fraternellement, en souvenir ému de mon passage à la Casa de Pascoaes.

De tout coeur.

Philéas Lebesgue

*

37

[Dact.]

La Neuville-Vault, par Beauvais (Oise), le 11 Octobre 1950

Cher grand Ami.

Le texte de votre vibrante conférence sur Guerra Junqueiro, qui (soit dit en passant) fut le premier au Portugal à m'offrir quelques unes de ses oeuvres, est venu jusqu'à moi, et mon coeur en a battu très fort; car j'apprenais enfin quelque chose de vous... Si je n'allais, le mois prochain, boucler ma 81^{ème} année d'âge et si je n'étais aux prises avec maints accidents de santé, j'aurais aimé traduire votre merveilleux *Napoléon: Au Mercure de France*, je ne dispose plus que d'une seule chronique portugaise par an, et je m'en afflige vivement. Du moins puis-je me réfugier au *Thyrse* de Bruxelles. Je serais heureux de connaître au moins le titre de vos dernières oeuvres publiées. Je ne saurais oublier un seul instant l'accueil que vous m'avez réservé à Amarante/Casa de Pascoaes.

Mes meilleures et très fidèles pensées vont vers vous et, vers tous les chers vôtres. Je vous embrasse.

Votre fidèle admirateur.

Philéas Lebesgue

1.15 • Suzanne Jousse
39 cartas, de 1929 a 1950

*

1

[Ms.]

À partir du 21 octobre à Madrid¹⁵

Lettre timbrée de Paris

6 octobre 1929

Mademoiselle

J'aime et j'admire beaucoup, en effet, votre T[eixeira] de P[ascoaes], quoiqu'il soit le pire des correspondants et le plus oublieux des hommes, — j'écris ceci vous sachant auprès de lui et ?? que vous lui fassiez savoir, de ma part, une fois, encore, ce double sentiment et ce double?, qui ne sont pas de nature à le surprendre...

J'écrirai, donc, de tout mon coeur, la préface que vous me demandez infiniment heureux si elle peut aider nos efforts pour faire connaître en France l'oeuvre de notre cher poète.

La seule chose que je vous demanderai, Mlle, c'est de me dire en toute franchise si vous comptez déjà avec l'assurance d'une publication prochaine de votre version *Regresso ao Paraíso* et en quel terme vous faudrait-il exactement, avoir en main cette sorte de préface.

Vous m'excuserez si je vous demande ces précisions, mais l'hiver qui arrive se présente pour moi comment devant être particulièrement chargé... (ici dix lignes sur toutes ses occupations de cet hiver)

¹⁵ Esta carta foi enviada por Eugenio d'Ors a Suzanne Jousse. Todavia, Suzanne Jousse transcreve-a e envia-a a Pascoaes, já que é ele o principal visado.

Teixeira de Pascoaes, em carta a Suzanne Jousse, de 18 de Outubro de 1929, responde o seguinte: «Quanto à carta do Eugénio d'Ors, o melhor é a Mademoiselle dizer-lhe que a nova edição definitiva do *Regresso ao Paraíso* sairá brevemente; que eu lhe enviarei logo um exemplar, que ele fará o favor de ler e apreciar depois em meia dúzia de frases — e nada mais. Pois não é assim? De resto, ele tem muito que fazer e não se poderá alongar em trabalho demorado. Logo que ele regressar a Madrid, escrever-lhe-ei a dizer isto mesmo e a agradecer-lhe a gentilíssima resposta!». Cf. “Cartas de Teixeira de Pascoaes a Suzanne Jousse”, in *Antologia Epistolográfica*, p. 280.

J'attends votre réponse à Madrid.

Veillez, en attendant, accepter mes félicitations pour votre entreprise, ainsi que l'expression de mes hommages pour T. de P. et pour vous.

Signe

Eugénio d'Ors.

*

2

[Ms.]

York House, mardi [1929?]

Mon cher Maître,

J'ai reçu vos deux lettres, dont je vous remercie de tout coeur.

Cela me fait trembler de voir que vous me jugez bien supérieure à ce que je suis réellement, car lorsque vos yeux s'ouvriront sur ma personnalité véritable, vous aurez une fameuse désillusion et je perdrai votre amitié...

Si je vous écris aujourd'hui, c'est pour "desabafar", car je me trouve au fond d'un abîme de découragement.

J'étais déjà mal disposée en constatant que ce mois-ci je n'aurais rien à faire et que l'année scolaire s'annonçait plus que mauvaise, du moins pour les débuts.

Aujourd'hui, ma mauvaise humeur est au comble. Imaginez-vous qu'il y a trois jours, je reçois une lettre de M. Alexis François qui m'écrit: "...Je ne pourrais guère m'attacher qu'aux incorrections proprement dites, qui ne doivent pas être nombreuses puisque vous êtes maître de grammaire. Je vais examiner si je puis réellement vous être utile et je vous rendrai sous peu une réponse définitive—

—Votre auteur portugais, à première vue, me paraît voisiner avec Dante et Milton. C'est dire qu'il n'offre pas une société médiocre—

Et à l'instant, autre lettre: Décidément, j'y renonce. Votre traduction est d'un littéral qui défie le sens et la grammaire. Ou bien il faut la conserver telle quelle, ou il faut la reprendre pour ainsi dire mot à mot afin de la rendre littéraire—

Je ne puis admettre qu'on la conserve telle quelle, car la critique et tous les gribouilleurs de papiers, qui seraient incapables de mettre deux idées bout à bout, vont vous tomber dessus et faire un tel tapage au sujet des soi-disant fautes, qu'il n'en résulterait que des désagréments.

D'ailleurs, j'ai passé plus de la moitié de ma vie à l'étranger, jamais je ne pratique le français avec des compatriotes cultivés et la prose moderne n'est qu'un fatras épouvantable. Je ne puis donc avoir la prétention d'être impeccable.

Il doit y avoir à Lisbonne, un agrégé de grammaire ou de littérature; il me semble que je le connais de vue. Mais il a l'air d'un bébé qui est peut-être bourré de science, mais qui est beaucoup trop jeune pour savoir faire la part des incorrections voulues.

À première vue, il me semble que ce n'est qu'avec Philéas Lebesgue que j'aimerais à revoir mon manuscrit.

Peut-être consenterait-il à travailler avec moi pendant quelques semaines et nous pourrions nous partager l'honneur de la traduction.

J'avoue qu'il me coûterait beaucoup que, sous prétexte de la rendre littéraire, on tripatouille mon manuscrit, où j'ai mis tant de moi-même et pour lequel j'ai uniquement vécu pendant des mois.

Comme je n'ai rien à faire, j'avais commencé à traduire différentes poésies de vos trois premiers livres. Mais puisque mon style défie le sens et la grammaire, je n'ai plus qu'à fermer la boutique!

J'allais oublier de vous dire que j'ai écrit à Eugenio d'Ors.

Dois-je écrire à P. Lebesgue? Si oui, soyez assez aimable de lui écrire d'une part et, d'autre part, de me faire envoyer son adresse par votre secrétaire — dont je viens de recevoir une lettre.

Heureuse que vous soyez en meilleure santé, je vous envoie à tous mille saudades et je vous prie, mon cher Maître, de me croire toujours votre affectionnée.

S. Jousse.

P.S. À tout hasard, je décachète une lettre que j'ai écrite hier à un prêtre de Paris, très cultivé, pour lui demander conseil.

*

3

[Ms.]

Lisbonne, le 1 novembre 1929

Mon cher Maître

Cela m'a fait de la peine d'apprendre que vous aviez de nouveau été malade, mais j'espère que vous vous "retaperez" au plus vite, pour venir le plus tôt possible à Lisbonne.

J'ai plutôt été furieuse contre moi que découragée, car ce n'est pas à mon âge — n'ayant à mon actif que des traductions ou des corrections de travaux scientifiques — que l'on doit avoir l'outrecuidance de traduire de la poésie, surtout que je ne lis, en somme, jamais de vers.

Avec l'âge, je deviens de plus en plus folle et mon caractère me conduira en droite ligne à la misère. J'aurai cela de commun avec beaucoup de grands hommes, sans avoir leur génie ou, simplement, leur talent.

En même temps que votre lettre, j'ai reçu celle que je vous envoie ci-joint — et que vous serez aimable de me rendre à l'occasion. Comme vous le voyez, et bien que j'aie prévenu ce prêtre que vous êtes mi-païen, mi-chrétien et que le poème n'est pas dans la tradition de l'Église, il veut bien m'aider à le revoir.

Ce prêtre doit avoir environ votre âge; il est docteur en je ne sais quoi et a occupé de hautes charges dans l'enseignement. Je lui ai envoyé copie des lettres du professeur; donc il sait à quoi s'en tenir.

J'ai décidé d'aller passer un mois à Paris auprès de lui.

En ce moment, et d'ici nouvel ordre, je ne gagne pas de quoi payer ma pension. La vie que je mène est très instable et seul l'amour de la liberté qui, chez moi, surpasse tous les autres amours m'a fait choisir un pareil métier.

Mais comme malgré mon désintéressement, je suis malade quand je n'ai pas d'argent à dépenser, j'ai résolu une fois pour toutes (tous les ans j'en avais déjà l'intention) de changer de vie. Si je ne trouve pas un secrétariat intéressant, je me remettrai en cage (institutrice dans une famille); et, d'ailleurs, il est possible que je reste définitivement à Paris, où je trouverai plus facilement un travail intéressant.

Avant d'entreprendre mon voyage, je veux simplement vous dire ceci: Si aucun éditeur ne veut m'acheter mon manuscrit, je n'ai pas le moyen de le faire publier.

Vous chargerez-vous des frais de publication? D'autre part, j'ai besoin du manuscrit revu par vous et de l'original.

Si vous tardez à venir, veuillez m'envoyer tout cela par la poste; car, encore une fois, c'est maintenant que je veux aller à Paris.

Ici je paie ma pension sans rien gagner, il en sera de même à

Paris, mais au moins je travaillerai avec le prêtre et, en même temps, je pourrai me chercher une situation.

En ce moment, je suis dégoûtée de tout et, au déjeuner, je n'ai pas pu cacher ma mauvaise humeur à M. Raoul Brandão — avec lequel je cause depuis qu'il est revenu.

Mes affectueux souvenirs à tous.

C'est vrai, demain vous fêterez votre anniversaire. Je vous adresse mes meilleurs vœux de bonheur et de bonne santé et je vous prie de me croire

Votre affectionnée

S. Jousse

*

4

[Ms.]

York House, Vendredi

Mon cher Maître,

J'avais pris la bonne résolution de ne plus vous bombarder de ma prose avant votre arrivée à Lisbonne, car j'espère bien, maintenant, que j'aurai le grand honneur et la joie de vous voir avant mon départ pour Paris.

Puis, la mort de Columbano m'a tant frappée que je n'ai pu m'empêcher de penser à quel point elle a dû vous atteindre.

Justement, avant, hier, j'avais parlé du Maître avec Raoul Brandão, puis avec le Dr. Alberto de Mendonça.

Depuis que cette nouvelle m'a été donnée par Senhora D. Carlota, je ne pense pas à autre chose. Vous rappelez-vous que vous m'aviez promis de me conduire à son atelier...

La vie est ainsi faite: nous ne sommes que des météores. Il faut croire, pour ne pas se décourager tout à fait, que l'esprit de tels hommes ne fait que laisser un vieil habit, pour en revêtir un plus beau...

J'eus aimé à être auprès de vous, pour nous entretenir de votre ami et j'ai regretté, hier, de ne pas être arrivée à temps, au déjeuner, pour dire un mot à Raoul Brandão, qui, paraît-il, est douloureusement affecté.

Je suis en possession du *Regresso*; en le feuilletant j'ai remarqué que vous aviez omis de mettre les dates de Boley. Soyez assez aimable de m'apporter ces renseignements.

En ce qui concerne votre générosité au sujet du poème, je ne sais vraiment pas pourquoi “ce n’est que justice” que vous me l’offriez, quand c’est moi qui devrais vous payer des droits.

Mes amitiés à Senhora d. miquelina et à Maria José que je remercie pour sa jolie liseuse et vous, mon cher Maître, recevez l’assurance de mes sentiments affectueusement dévoués.

Votre

S. Jousse.

*

5

[Ms.]

Paris, le 22 décembre 1929

Mon cher Maître,

Je vous remercie de votre aimable lettre et j’espère que celle-ci vous trouvera tous en bonne santé.

Je commence tout de suite par vous dire que mes jambes sont à peu près guéries et que je serais peut-être déjà très bien sans ces médecins, avocats, agents de la Cie d’Assurances, qui vont me rendre folle et qui arrivent, dès 9 heures du matin à l’hotel, où je dois les recevoir au lit. J’espère bien pouvoir m’enfuir de Paris au plus vite, car voilà maintenant qu’on parle de nommer des experts. Comment avez-vous pu être avocat?! Mon ancien patron est charmant, mais il ne veut transiger à l’amiable avec la Cie d’Assurances que si l’on offre une indemnité élevée; sinon, il veut faire un procès qui durera plus d’un an et qui m’obligera à toutes sortes de formalités à Lisbonne.

Mais ne parlons plus de tout cela, car c’est surtout ma tête qui est malade et qui aurait besoin d’être distraite.

J’ai été enchantée de faire la connaissance de Philéas Lebesgue; mais il m’a laissé peu d’espoir de trouver un éditeur qui imprime à ses frais, *O Regresso*. Il n’y a que les romans qui fassent gagner de l’argent. Mais Mme Raoul Brandão pourra vous raconter ce que je lui ai écrit avant-hier à ce sujet. Ph Lebesgue m’écrivait hier: “Sachez, en tout cas, que j’ai mis trois ans à dénicher un éditeur pour le livre de poèmes qui vient de recevoir le Prix Moréas — Alors jugez!”

Quelques lignes aimables pour me féliciter de mon travail. Il paraît que je dois en être fière! A Beauvois, il m’avait offert des préfaces, tout ce que je voudrais qui puisse me rendre service. Dans sa lettre il me dit aussi: “... et je compte toujours que vous me réserverez la préface de votre collection anthologique”.

Voilà ce que j'ai décidé et je le lui écrirai à l'occasion: Je ne veux plus m'occuper du *Regresso*, je vous donne d'une manière absolue mon travail et vous en ferez ce que vous voudrez. En échange, je vous demanderai la propriété littéraire de l'anthologie et si je reçois réellement une indemnité, à cause de l'accident qui a failli m'envoyer dans l'autre monde, je la ferai éditer à mes frais.

Ph. Lebesgue aime beaucoup le *Regresso* et dit que ce serait une révélation pour l'Europe. Il ne l'aime pas moins que les *Maranos*; il dit seulement qu'il n'y a pas à les comparer, car ils sont très différents et les *Maranos* sont plus difficiles à comprendre.

Je l'ai invité de votre part (?!) à aller à Pascoaes!... Je crois que ce serait pour lui une grande joie d'aller vous voir là-bas.

Je ne pense pas que j'irai voir Miguel de Unamuno; j'ai hâte de prendre le train, d'arriver à Lisbonne et de pouvoir me reposer pendant quelques jours, sans entendre parler de procès.

Presque tous mes travaux littéraires, les lettres d'Eugenio d'Ors, Ph. Lebesgue de Suisse etc. sont dans mon dossier. C'est mon patron qui m'a obligé à lui donner tout cela...

Votre célébrité va commencer en France, par le palais de Justice!

Mille saudades à toute la famille et croyez-moi votre affectionnée

S. Jeusse.

*

6

[Ms.]

Jeudi

Mon cher Maître,

Excusez-moi de ne pas vous avoir écrit plus tôt pour vous remercier de votre généreuse attention. Je vous prie de croire que je n'ai pas envoyé autant d'argent à l'éditeur — mais nous ferons nos comptes plus tard.

A propos d'éditeur, comme il ne m'a pas encore adressé les feuilles à la signature, son compte à régler etc..., et que vous allez partir le 16 courant, ne serait-il pas préférable que je lui écrive maintenant de vous envoyer tout cela à Amarante? En effet, je n'ose pas compter sur moi-même: je pourrai être remise dans une quinzaine de jours, comme il est possible que j'aille à l'hôpital.

Philéas Lebesgue qui sait que je suis plus malade m'a écrit plusieurs fois ces temps derniers. Il va se charger de revoir le "Regresso" au point de vue du français proprement dit, parler aux éditeurs etc. Il est entendu, n'est-ce pas, que vous voulez bien participer aux frais? Il a aussi la gentillesse de m'aider pour Humus. Il s' imagine que la publication de ces oeuvres va me faire du bien!... Avant de partir, soyez assez aimable de m'envoyer le manuscrit du "Regresso" pour que je l'envoie à Ph. L. avec Humus. Le capitaine Laurens qui est ici en ce moment se chargera probablement de m'emporter mes papiers à Paris. Comme j'ai eu des personnes qui m'ont aussi aidée pour les éléphants, j'espère que je pourrai également les envoyer à Paris. Mais avant cela, il faudrait que votre frère m'envoyât les réponses aux questions qui se trouvent sur la feuille ci-jointe. Je le prie d'écrire sur cette feuille, parce que je n'en ai pas le double et je ne saurais comment retrouver ce qui manque. J'espère qu'il me fera parvenir cela le plus tôt possible. J'ai écrit à sa femme, il y a environ un mois — mais peut-être n'a-t-on pas reçu ma lettre?

Dès que votre "Choix de Poésies" sera prêt j'écrirai à Eugénio d'Ors que Léon Daudet appelle "le grand critique espagnol de l'heure actuelle — et le plus perspicace et le plus savant de l'Europe, avec le Belge Charles Bernard".

Mais j'espère que vous n'oubliez pas d'écrire de votre côté.

Puis-je vous demander si vous avez pensé à envoyer un exemplaire du Regresso à Genève?

J'allais oublier de vous demander le livre d'Eugenio d'Ors. Je voudrais au moins le parcourir afin de pouvoir lui en parler dans ma lettre.

Il y a une quinzaine j'avais commencé à traduire le "Bailado" qui me semble décidément le livre le plus intéressant pour le grand public cultivé; mais tout est resté en panne.

C'est une consolation de penser que si je meurs — avant d'avoir fini les travaux qui m'intéressaient — Ph. L. se chargera au moins du Regresso et d'Humus qu'il finira s'il y a lieu.

Mes meilleurs souvenirs à tous et croyez-moi, mon cher Maître,

Votre reconnaissante et affectionnée

S. Jeunesse.

P. S. De Paris, je viens de recevoir une carte de M. Rodrigo de Sá Nogueira; il m'annonce qu'il est rentré en correspondance avec Ph. Lebesgue. J'en suis bien contente, car si M. Câmara Reys s'en va en Afrique et ne peut s'occuper du voyage de notre ami, je pense que M. de Sá Nogueira pourra faire quelque chose en ce sens. C'est mieux de n'en rien dire, pour ne pas donner l'envie à C[âmar]a R[ey]s de se décharger sur R[odrigo] de S[á] N[ogueira].

*
7

[Ms.]

Lundi
Mon cher Maître,

Je suis honteuse que le chasseur et vous m'ayez trouvée dans un tel état d'effervescence hier... Si je me moque des cancans en ce qui me concerne personnellement, il me serait pénible d'être une cause de peine pour quelqu'un — si on allait répéter les prétendues horreurs que je dis de tout le monde!

Vous savez que j'ai pris votre offre au sérieux... Demain j'irai demander au médecin s'il me laisse partir. Mais, de toute manière, mercredi matin, j'enverrai chez vous les meubles, malles etc. dont je n'ai pas besoin.

Je garderai uniquement les choses indispensables jusqu'en novembre — époque à laquelle je chercherai soit des chambres, soit une autre pension.

Croyez que vous me rendez un immense service en voulant bien me garder tout cela pendant des mois.

Je veux croire que Senhora D. Carlotta ne sera pas contrariée du dérangement que je vais causer.

Si je reste à Lisbonne, il faudra que je voie le chasseur à propos de ses Mémoires.

Saudades à tous et vous, mon cher Maître, croyez à mes sentiments affectueusement dévoués.

S. Jeunesse

*
8

[Ms.]

York House, 7 août, 1930

Mon cher Maître

Hier j'ai été à la Bibliothèque Nationale où j'ai rencontré Mario Beirão et où j'ai enfin pris connaissance de l'article de la *Revue Bleue*. Votre ami a lu l'article et les poésies.

Il y a quelque temps l'éditeur m'a écrit en me demandant si je voulais 1000 exemplaires ou 500 (je lui avais dit je ne sais combien de fois que vous en vouliez mille et me réclamant mille francs pour 1000 exempl. ou 550 pour 500).

Il ne m'accusait pas réception de la somme que je lui avais envoyée. J'étais fort mal disposée. J'ai perdu patience et j'ai envoyé une lettre à peine jolie à l'éditeur.

Il m'a répondu très aimablement; il y a eu des malentendus dont personne et tout le monde est responsable. Je lui ai envoyé environ 500 frs et commandé seulement 450/500 exemplaires. Si l'anthologie a du succès, il faudra une nouvelle édition- mille exemplaires ne suffiraient pas non plus- et tant qu'à faire il faut augmenter. Il veut bien se charger du *Regresso* si vous participez aux frais. J'attends qu'il me fasse savoir dans quelles conditions. À ce propos, dites-moi si Eugenio d'Ors vous a écrit. Son silence m'étonne.

Aujourd'hui je ne vous envoie aucun travail; j'ai été malade et maintenant, jusqu'au 20 environ, j'ai des travaux à faire pour le Dr. José Figueiredo. De cette affaire-là, j'ai donné Húmus à écrire à la machine, car Philéas Lebesgue me l'a envoyé pour le copier. Il n'y a pas touché, j'en suis étonnée, car moi-même j'ai trouvé en relisant mon texte, des corrections à faire.

D. Maria Angelina m'a écrit il y a assez longtemps déjà une charmante lettre, mais je n'ai pas encore répondu.

D. Maria do Carmo m'envoyait un mot bien pour me demander pourquoi je ne répondais pas à sa lettre et à celle de votre frère. J'avais écrit à Amarante — je n'avais pas l'adresse de Foz- et ma lettre s'est peut-être perdue! En tout cas je vais le lui envoyer un billet à Foz do Douro.

Vous voilà sur le point de recevoir votre Tchèque! J'espère que sa visite vous sera agréable et que sa traduction vous fera aimer et apprécier dans son pays. Vous me direz comment vous l'avez trouvé.

Excusez mon écriture et le reste. C'est honteux d'envoyer un pareil gribouillage au Shelley portugais.

J'espère que vous êtes en bonne santé, et en meilleure disposition morale que votre "éminente" traductrice...

Au revoir cher vieux Maître, croyez-moi

Amicalement votre,

S. Jousse.



Lisbonne, le 27 août 1930

[Ms.]

Mon cher Maître,

Il y a quelques jours j'ai reçu une carte de Ph. Lebesgue et un journal contenant un article de lui "Le Chemin de Saint-Jacques". Il me demande de le faire reproduire quelque part en Portugal.

Voulez-vous vous occuper de cela? Pouvez-vous me donner une recommandation pour un journaliste ou voulez-vous que je vous envoie le journal. Peut-être qu'à Porto, il vous serait facile de faire quelque chose?!!

D'autre part, il m'écrit: "Notre grand ami T. de P. acceptera-t-il de participer aux frais de l'édition du *Regresso*? Qu'il se dise bien que la traduction française est une consécration et que, d'autre part, les poètes de France sont eux-mêmes astreints à des sacrifices de même ordre".

J'étais entrée en pourpals à ce sujet avec M. Messein, votre éditeur. Mais il y a environ trois semaines (j'étais très malade et l'on parlait de m'opérer bientôt) je lui ai écrit qu'il vous envoie directement les 50 exemplaires de *Poésies* que j'avais réclamés pour nous deux et que, d'ici nouvel ordre, vu mon état de santé, il ne m'envoie aucune correspondance.

Vous voilà prévenu qu'il faudra m'envoyer quelques exemplaires de notre traduction. Soyez assez aimable de m'en dédicacer pour: 1) Jean Cassou, 2) Costa Veiga (de la Bibliothèque Nationale) — si vous n'y voyez pas d'inconvénient — 3) Père Jésuite Friedrich Muckermaun — un critique allemand.

Cet hiver, quand vous viendrez, nous verrons qui, vous ou moi, avons oublié!

Hier il y avait au moins un mois que je n'avais été au Chiado, je suis allée chez Bertrand, où j'ai appris que M. et Mme Raul Brandão étaient ou allaient partir pour l'Afrique. Je suis bien heureuse que M. R. Brandão puisse enfin nous écrire d'autres beaux livres picturaux, d'autant plus que ce voyage le tentait fort.

Le silence d'Eugenio d'Ors m'étonne. Il faudrait pourtant qu'il écrive une étude sur vous le plus tôt possible. Peut-être est-il froissé que vous n'avez jamais daigné lui envoyer un mot.

Miss Stevenson est ici; elle s'embarque pour l'Ecosse lundi. Il y a trois jours, elle s'est évanouie et tout le monde présent a été

d'autant plus effrayé qu'elle occupe la chambre de M. Borriaud, qui est mort subitement. Il paraît que c'était à cause de la chaleur et de sa faiblesse.

On ne m'a jamais procuré le *Bailado*. Maintenant j'attendrai le volume des *Oeuvres Complètes* — d'autant plus que je ne fais pour ainsi dire rien.

Depuis que je suis mieux, je me promène tous les jours.

Et votre Tchèque? Votre *Pobre Tolo*? Vous-même?

J'espère que vous passez votre temps le plus agréablement possible et que vous êtes en bonne santé.

Affectueux souvenirs de

S. Jousse

*

10

[Ms.]

York House

Janelas Verdes, 32

Lisbonne, le 9 septembre 1930

Mon cher Maître,

Voici la lettre promise pour... la semaine dernière!

Et merci pour le *Bailado* auquel j'ai travaillé, puis j'ai mis en français la deuxième partie de l'*Elégie* et les quelques Pensamentos (I, II, IV, VI, VIII, XI, XIV). C'est tout, non seulement pour vous, mais d'une manière générale.

Depuis deux mois environ je passe toutes mes après-midi couchée, avec de la glace, dans une position qui m'endort quand je veux lire et qui ne me permet pas d'écrire. Il ne me reste guère que le travail manuel. Aussi ai-je brodé sur un drap — qui me servira de dessus de lit maintenant et de linceul plus tard — la *Canção Final* et deux strophes de "Meu Coração é Tudo".

Enfin, j'étais mieux, l'opération semblait à peu près conjurée mais il faut que je paye comme je l'écrivais hier à D. Maria-Angelina, l'honneur d'entrer dans l'immortalité entre vous et M. Raul Brandão.

Les propriétaires de York House ont été à Vichy — pendant leur absence j'ai remis 300#00 à la célèbre menina à qui vous avez apporté de l'argent l'année dernière, de ma part. Eh! bien, elle prétend

que je ne lui ai pas donné cet argent et Mlle m'a fait comparaître devant elle comme une accusée devant un Juge. Les comptes sont si embrouillés qu'elles n'arrivent pas à les mettre à jour.

Pendant deux jours, j'ai été bouleversée, puis j'ai fini par aller à mon consulat. J'ai été reçue d'autant plus gentiment que, m'a-t-on dit, "Ici on connaît Mlle J. — et York House questions argent". Ils m'ont recommandé, pour ne pas aggraver mon état, de ne plus m'occuper de cette affaire dont ils allaient se charger avec les propriétaires. Mme est venue me trouver hier, elle est désespérée. Je crois qu'elle tremble à la pensée qu'on pourrait examiner ses papiers...

Bref, cette fois je vais partir d'ici. Mon consulat m'a spontanément offert de me chercher quelque chose, mais sans pouvoir me promettre de trouver un endroit qui me convienne. Je vous avoue qu'il restera dans cette baraque des lambeaux de moi-même. Peut-être suis-je vraiment attachée ici par un fantôme de moine?

Je ne donnerai congé que lorsque j'aurai trouvé ce qui me convient.

Humus est en lecture chez Stock (Delamain V Boutelleau). À ce propos on n'accepte les traductions qu'avec un exemplaire original. D'un jour à l'autre, je pourrai donc prier d'urgence votre Frère d'envoyer à Paris un de ses livres aux éditeurs.

Mon Amie la Comtesse Varin d'Ainville — dont le mari était poète — m'a écrit à propos des Poésies.

"...et suis impressionnée par la mélancolie qui s'en dégage et par la beauté des vers. C'est tout simplement splendide d'envolée et de grandeur!! Si mon mari avait pu lire cela il aurait été transporté..."

Et comme il faut qu'elle me fasse des compliments elle me dit que je vous ai traduit en maître et "il peut vous tresser une couronne".

Grace à vous, cher Maître, un de ces jours j'exigerai d'être conduite au Capitole!

Je commence vraiment à croire à mon importance. D'ailleurs, quand je serais la plus bête des femmes, votre bienveillance et votre sympathie à mon égard suffiraient à ne me rendre "quelqu'un". Des noms ont passé à la postérité pour mille fois moins.

Au revoir, cher Maître, je vous admire et reste

Votre affectionnée

S. Jousse.

*

11

[Ms.]

York House, 12 septembre 1930

Mon cher Maître,

Vous devez me trouver bien indifférente de ne pas vous avoir envoyé mes félicitations. Croyez pourtant que personne ne peut se réjouir plus que moi de la fête que l'on vous a organisée. Seules des raisons de santé m'on fait différer le plaisir de vous écrire.

Ne pourriez-vous me faire savoir quels sont les journaux (avec les dates) lui pourraient me renseigner au sujet de cette manifestation? Je ne sais rien de rien, à part quelques mots que m'a dits Mário Beirão, que j'ai rencontré par hasard.

Avez-vous reçu le journal que je vous ai envoyé et qui contenait l'article de Ph. Lebesgue.

Ci-joint un peu de travail à revoir. Je n'ai aucune copie de la lettre.

En vous renouvelant mes félicitations les plus sincères et en formant mille vœux pour que l'on vous connaisse davantage en dehors de la Péninsule Croyez-moi.

Votre dévouée admiratrice

S. Jousse.

*

12

[Ms.]

Mardi

Mon cher Maître,

Hier soir en rentrant, les propriétaires m'ont fait lire un article, signé par Correia d'Oliveira, qui a paru dans les *Annales* du 14 juillet, et intitulé: Les Relations Littéraires Franco- Portugaises. Cela dans le but d'obtenir un accord en faveur de l'entrée des livres au Portugal. Je copie ceci:

«Il est hors de discussion que les grands pionniers de l'entente franco-portugaise ont été, toujours, les écrivains. Nos maîtres du 19^{ème} siècle, Eça de Queiroz, Fialho, Eugénio de Castro, Pascoaes, Nobre, João Chagas, Ramalho, et actuellement Aquilino Ribeiro, ont été de vrais parisiens...».

Ce matin on m'a dit qu'il a paru un article sur moi dans le *Diário de Lisboa*. Les personnes qui m'ont parlé de cela n'ont pas eu le journal en main. c'est une personne de leur famille qui leur avait téléphoné pour dire cela. Je suis tombée de la lune. J'espère que je pourrai savoir quand l'article a paru pour me procurer un numéro du Journal.

Je suis "confusionnée" de tout ce que l'on a dû raconter sur mon compte. Vous et M. Raoul Brandão exagérez un "peu beaucoup" sur mes mérites.

Aujourd'hui il fait une chaleur épouvantable et je n'aurais sûrement pas le courage d'aller à la Bibliothèque Nationale comme c'était mon intention.

Je relis *Maranos* avec un réel plaisir — mais toujours avec l'impression que bien des beautés m'échappent.

N'oubliez pas de dire à votre frère qu'il m'envoie une note pour le mot "infuge". Transmettez-lui, s.v.p., mes meilleurs souvenirs ainsi qu'à sa femme et dites-leur que j'embrasse affectueusement les trois petits.

Je vous prie aussi de faire mes amitiés à M. et Mme Raoul Brandão. Je pense souvent à eux et à leur gentillesse à mon égard. Ils m'ont peut-être trouvée indifférente à propos de leur voyage manqué — pourtant j'en ai été très affectée, et j'ai même écrit à Ph. Lebesgue que je voudrais, comme petite compensation, que *Humus* soit accepté le plus tôt possible.

En vous remerciant des agréables heures que vous m'avez fait passer en votre compagnie et en attendant que l'on vous envoie "une lettre", je vous adresse, mon Maître aux 80 visages, mes affectueux souvenirs.

Votre

S. Jousse.

*

13

[Ms.]

Samedi [Set. 1930?]

Mon cher Maître,

Je ne vous ai pas accusé plus tôt la réception de vos livres, parce que vous aviez fait recommander votre envoi — et ainsi vous étiez sûr qu'ils me parviendraient.

De tout coeur, je vous remercie de me les avoir expédiés aussi vite.

Quand vous viendrez à Lisbonne, je vous prierai d'apporter tout les exemplaires dont vous n'avez pas besoin pour votre bibliothèque, aussi que la liste des gens de lettres à qui vous en avez envoyés. Nous verrons ensemble qui nous avons oublié et s'il en reste quelques uns pour des amis à moi.

Me Ravelon vient de me remercier très gentiment de l'exemplaire que je lui ai adressé.

J'aurais dû commencer par de "parabens" du propos du *Pobre Tolo*. Ce fut une grande joie pour moi d'apprendre qu'il est achevé.

Et merci pour les détails au sujet de votre réception à Viana do Castelo.

Je ne vous envoie que ce billet pour aujourd'hui, mais j'espère que dans le courant de la semaine "Se Deus quizer" vous recevrez une lettre littéraire.

Demain ou après-demain, j'aurai fini de traduire *A Farsa* en charabia. En charabia également: Toute la 2e p. de l' *Elegia do Amor*, *Um Dialogo*, quelques "Pensamentos", le commencement de *O Poeta* et j'ai avancé "Diante mim". Les *Eléphants* sont finis et j'attends une réponse de Ph. Lebesgue pour les envoyer à Paris.

Comme vous les voyez, maintenant il me reste à traduire du charabia en français; mais pour ne pas prendre l'habitude de traduire portugais en charabia veuillez penser à m'envoyer *O Bailado*.

Pour parler votre langage, quel os allez-vous ronger maintenant?!!

Votre affectionnée admiratrice

S. Jousse

*

14

[Ms.]

Lisbonne, 17 octobre 1930

Mon cher Maître,

En même temps que votre lettre j'en recevais une de Philéas Lebesgue (je ne vous l'envoie pas car j'en ai besoin au sujet de Humus), qui me parle pour la 2^{ème} fois de la publication du *Regresso*, comme si cela dépendait de moi.

Il a raison, le fait que M. Messein veuille bien participer aux frais — en vous accordant des prix très doux — signifie que l'on vous considère comme un très grand poète. Il paraît qu'en France, Francis Jammes est l'unique poète qui n'édite pas à ses frais.

Les Revues ne veulent pas même publier les poésies qu'on leur offre gratuitement. Donc pour que la *Revue Bleue* en ait offert deux à ses lecteurs, voyez le cas que l'on fait de vous!"

Je sais bien qu'en Espagne, en Bohème les choses se passent bien différemment. Cela prouve, hélas! que dans mon pays, sauf quelques rares exceptions, on est enfoncé dans la vie matérielle et on s'occupe avant tout de la valeur marchande des chefs d'oeuvre...

Malheureusement ce n'est ni l'Espagne ni la Bohème qui fera rayonner votre nom sur la planète, mais seulement mon pays — à cause de l'universalité de la langue.

Je sais bien qu'automatiquement vous deviendrez classique et que vous serez vendu comme Virgile et Dante, oui, mais alors où serez-vous à cette époque-là? Sans parler des personnes qui vous admirent et ne se contentent pas, pour vous, de la gloire chez vos frères de race, ou chez les Tchèques, dont personne ne connaît la langue...

Croyez bien que de mon côté, il n'y a aucun intérêt en jeu; matériellement je n'espère gagner un sou de vos oeuvres en prose si je cherchais la notoriété par votre intermédiaire. C'est si peu dans ma pensée que j'ai écrit à Ph. Lebesgue qu'il faudra imprimer sur le *Regresso* que le poème a été revu et corrigé par lui — car je tiens, avant ma satisfaction personnelle, à ce que votre oeuvre se présente le mieux possible en français. Et maintenant que je me familiarise un peu avec la traduction de votre poésie, je m'aperçois de toutes les imperfections de mon premier travail.

Au mois de juin, vous m'aviez promis 2 "contos" pour quand je voudrais. Or, pour le moment cela suffit, le reste n'étant payable que lorsque les livres sont achevés d'imprimer. Et à cette époque-là, il faut compter sur la vente des Poésies qui ne vous remboursera certainement

pas de vos dépenses, puisque l'éditeur gardera 50%, mais qui devra vous rapporter environ 900 frs. — qui seraient à décompter sur les 5000 frs..

Jusqu'à présent, j'ai fait des comptes, grosso modo, mais j'ai gardé les notes de l'éditeur et un jour ou l'autre nous réglerons tout cela.

Il doit y avoir environ trois mois que j'ai écrit à M. Messein et je ne lui redonnerai signe de vie que lorsque vous m'aurez donné de l'argent — si vous le décidez ainsi.

Moi je vous ai offert mon travail de grand coeur — le plaisir de collaborer avec vous m'a payé au centuple, sans parler de vos gentilleses à mon égard — mais, vous, qui êtes riche ne pouvez-vous disposer de cette somme, qui ne représente sûrement pas le moindre sacrifice pour vous? Sinon, vous m'obligez à dépenser des recettes éventuelles des *Eléphants*, de *Humus* etc.; or, cher Maître, je suis extrêmement pauvre, car il y aura bientôt un an et demi qu'en somme je n'ai pour ainsi dire rien gagné. Et je ne suppose pas, que vous vouliez me réduire à la mendicité. Si oui, c'est à la porte de la Brasileira que j'irai m'installer.

Ceci posé, je suis sûre que vous n'avez pas encore écrit à Eugenio d'Ors??! Or, de mon côté, il m'est impossible d'obtenir une réponse à mes deux lettres, aux épreuves des *Poésies*, à la plaquette elle-même. Dans ma dernière lettre, je lui demandais d'écrire une étude sur le *Regresso* dans *Europe* ou *Mercur*e ou ce qu'il voudrait. Il fait le mort et il a bien raison. Je vous supplie à genoux de ne plus m'écrire que lorsque vous pourrez me dire: "Já escrevi ao E. d'Ors", car il y a plus d'un an que vous me répétez: "Vou escrever...". Demandez-lui alors la préface pour votre poème, s.v.p.

À défaut du Capitole, c'est à la Sorbonne que je voudrais vous voir reçu. Mme Aurel sera là pour un coup...

Ph. Lebesgue m'a écrit: "J'ai disposé de quelque 150 exemplaires, qui seront envoyés aux critiques de la presse parisienne et provinciale. Ainsi sera préparé l'avènement de *Regresso*."

J'espère bien que sous peu, il faudra une 2ème édition de l'anthologie et pour cette raison je voudrais avoir de l'inspiration pour pouvoir l'augmenter par mes traductions.

Autre chose, sans savoir quels étaient vos sentiments envers le portugais Paulo Osório, journaliste en France, je lui ai fait envoyer deux de vos livres et deux de M. Raul Brandão. Excusez-moi si cela vous déplait. Ce Monsieur veut bien me seconder, mais il se plaint que les auteurs et les éditeurs de son pays l'ont oublié. Après je vous montrerai sa lettre.

Ph. Lebesgue qui s'intéresse aux *Eléphants*¹⁶ et qui, je crois, aura le plaisir à présenter l'auteur dans une courte préface, ne se presse pas de me les demander pour l'éditeur. Il a l'air de penser que cet

¹⁶ De João de Vasconcellos, irmão de Teixeira de Pascoas.

ouvrage sera accepté tout de suite et qu'il faut d'abord lutter pour *Humus*. Je me trompe peut-être... Je ne puis rien faire sans lui, d'autant plus qu'il a porté *Humus* chez Delamain, l'éditeur qui s'intéresse aux Eléphants.

Entendu pour les cafés à la Brasileira, vous pouvez compter sur moi! Il est aussi temps que vous rentriez à Lisbonne pour m'acheter des cigarettes. Cette fois le vice est invétéré — par votre faute! Si je n'avais eu trois paquets à peu près intacts, donnés par vous, il ne me serait sûrement pas venu à l'esprit de fumer toute seule dans ma chambre, quand j'étais couchée.

Quelques personnes charitables m'en ont donné d'autres, mais les cigarettes achetées par le plus grand des poètes modernes ont une autre saveur...

Cette semaine le médecin m'a trouvée très bien, il croit que je suis presque guérie et que l'opération n'est plus nécessaire. Il paraît que j'avais une infection et une inflammation. Depuis quelques jours, je peux courir comme un lapin et j'ai sauté dans des trains en marche. Comme cela me semble bon après avoir été dix mois éclopée...

J'ai des remords d'avoir écrit une aussi longue lettre car si elle arrive à l'heure du déjeuner vous mangerez tout froid...

Je relis pour la troisième fois le *Pobre Tolo*, et je crois que maintenant, mais seulement maintenant, j'en comprends toute la profondeur et la beauté. J'ai lu deux fois *Maranos* et je suis amoureuse de la *Senhora da Noite*...

Ces jours-ci je ne travaille pas, toute à la joie d'être légère sur mes jambes.

À vous de coeur

S. Jousse

*

15

[Ms.]

Lisbonne, le 26 octobre, 1930

Mon cher Maître

À l'occasion, veuillez dire à votre Frère que j'ai reçu son livre et sa gentille lettre. Je ne lui répondrai que lorsque Delamain m'aura écrit- ce qui tardera sans doute. Car si ses *Mémoires* sont acceptés il faudra qu'il envoie ses clichés à Paris.

Quant à notre Préface elle est parfaite. Je n’y ai ajouté que quelques lignes au sujet de la partie matérielle de mon travail — que vous supprimerez si vous le désirez. Une fois la Préface traduite je l’ai envoyée à Ph. Lebesgue.

Je vous ai demandé d’attendre encore pour m’envoyer l’argent pour la raison suivante: J’ai écrit à Ph. Lebesgue que puisque ni lui ni moi ne sommes à Paris, que par contre votre éditeur de Lisbonne y a une maison, et que l’impression serait plutôt moins chère au Portugal, il me semblait qu’il serait plus profitable de faire imprimer le livre ici, s’il veut bien nous indiquer comment faire le service de presse. Je n’ai pas encore reçu de réponse.

Je me félicite (et vous en même temps) que vous ayez décidé de prendre à votre charge les frais du Regresso. Je lisais cette semaine dans le Journal qu’en France ce n’est pas en enfourchant Pégase que l’on peut compter sur quelqu’un ou sur quelque chose. Et vous avez sans doute vu dans les Nouvelles Littéraires, qu’aucun théâtre de Paris n’a accepté je ne sais quelle pièce de Claudel, qui a été montée à ... Berlin! où elle a connu le succès. Et aujourd’hui même je lisais dans un journal pédagogique, qu’en France pour les plus belles idées, les plus belles choses il ne faut pas compter sur une aide matérielle, nous laissons les étrangers faire les sacrifices d’argent, etc. etc..

C’est ce que j’écrivais à M. Raoul Brandão la semaine dernière, car, je l’avais prévu, *Humus* a été refusé chez Stock. Les auteurs étrangers traduits dans mon pays aux frais des éditeurs ont déjà été traduits dans toutes les langues possibles et imaginables... Sauf quand il s’agit d’œuvres qui peuvent emporter tout de suite le grand public — l’argent et toujours l’argent, voilà ce qui domine en cette douce France! Mais voilà, ce peuple logique, raisonnable, mesuré etc. a créé une langue à son image, langue qui est devenue universelle par sa clarté et de laquelle la Renommée ne peut se passer... Donc, puisque vous le pouvez, vous faites bien de vous charger des frais du *Retour au Paradis*, car mes compatriotes vous demanderaient votre poème à genoux, seulement quand il aura été traduit en Tchèque, hongrois, finnois, lapon, quicongo, etc. etc. etc.. Bref quand vous seriez déjà un fossile, ainsi que tous ceux qui vous ont connu!

Reçu ce matin:

De Bernard Bouvier, professeur de littérature à l’Université de Genève.

Genève, 22 octobre 1930

“Une heure de poésie parfaite, qui emplit les yeux de belles images et la poitrine de longues vibrations, chants magnifiques de la douleur qui emporte et enveloppe l’ombre de l’homme... Je vous dois cette émotion unique et sans limites, qui surgit d’une âme étrangère, en

un langage dont vous faites deviner la musique, et le rythme et les splendides colorations. Je vous remercie....Je souhaite que ces poèmes, si artistement transcrits dans une langue rebelle à des chants indécis, gagnent des âmes françaises à l'admirable poète des *Rochers*, de *Mon Coeur* est tout, de l'*Elégie*... Je les citerais tous (XX; XXIV; XXXIII; des chants indécis). Recevez....”

Mercredi 29, pour différentes raisons, j'entrerai au
Hospital S. Luiz
rua Luz Soriano,

où j'attends de vos nouvelles à moins que ce ne soit un coup de téléphone pour me donner rendez-vous à la Brasileira, dont je serai plus proche!

Vous pouvez d'ailleurs venir à l'Hôpital et si jamais l'on vous disait que les visites ne sont reçues que de 3 à 5 , répondez s. v. p. que la Soeur Supérieure m'a accordé l'autorisation de recevoir à n'importe quelle heure du jour. Mais, pas de la nuit, car les portes sont hermétiquement closes à 8 1/2...

Dernièrement j'ai beaucoup travaillé au *Bailado* et à la *Farsa*, mais depuis quelque temps, je ne fais absolument rien. Tout est resté en panne. Par contre, je me fais plusieurs fois par jour du café de la Brasileira...

Mes affectueux souvenirs à votre Frère, à sa Femme et à ses petits et vous, mon cher Maître, croyez-moi

Votre affectionnée admiratrice.

S. Jeusse.

*

16

[Ms.]

Hospital S. Luiz
rua Luz Soriano,
Lisbonne le 1er novembre, 1930

“Je naquis en novembre
Par une après-midi morose
Quand les cloches égrènent des glas...”

Et pour commémorer cet anniversaire, je vous adresse mes meilleurs voeux avec mes souvenirs les plus admiratifs.

S. Jousse

*

17

[Ms.]

Lisbonne, le 23 novembre 1930

Mon cher Maître,

J'ai reçu seulement ce matin votre lettre du 19. J'espère sincèrement que vous êtes remis de votre grippe et que, bientôt, vous pourrez reprendre le service de votre culte au Temple de la Brasileira.

Quant à moi, sauf les lundis et jeudis — jours où je suis obligée de sortir l'après-midi — à quatre heures je suis défaite au lit. Je ne fais rien, tout est en panne. J'ai perdu l'habitude d'être debout et de travailler. Mais passons...

Vous avez certainement lu l'article, vous concernant, dans les *Nouvelles Littéraires*. J'ai été fort surprise que l'on parle déjà de vous, car Ph. Lebesgue, tout en m'écrivant que l'on commençait à le remercier (avec beaucoup d'éloges pour votre poésie) de ses envois à la presse, m'avait prévenue qu'il faudrait beaucoup de temps avant qu'on en rende compte dans les journaux.

Et je suppose que cet article a dû être très remarqué à Lisbonne. En effet, des gens à qui je n'ai jamais parlé, ni de vous ni de mes travaux, parce que je considère qu'ils n'entendent rien aux lettres, m'en ont parlé.

Je pense bien que la 1^{ère} édition s'enlèvera comme des petits pains! — Il faudra en faire une seconde augmentée.

Quant au *Regresso*, comme vous ne me manifestez pas le désir qu'il soit imprimé à Lisbonne, j'ai aussitôt écrit à Ph. Lebesgue de ne pas me retourner le manuscrit, sans que je cause avec vous. Il m'a répondu qu'il se gardera bien de le remettre à M. Messein; il trouve que la solution que j'avais proposée est à examiner.

Aillaud Y Bertrand, ayant une maison à Paris (ce qui devrait être indiqué sur la couverture Librairie A.B. s., Bd. S. Germain-Paris) je ne vois vraiment pas l'avantage qu'il y ait à ce que votre livre soit imprimé à Blois, au lieu de l'être à Lisbonne. De Blois, les épreuves

doivent aller à Paris, et de Paris ici — et retour. L'impression durera une éternité et il n'y a pas même de bénéfice matériel — au contraire. Et pour le service de presse qui cette fois ne peut être assuré par Ph. Lebesgue?

M. Messein vous a-t-il écrit en envoyant les livres?

Je n'ai encore vu ni Monsieur ni Mme Raoul Brandão.

Mon Irlandaise est partie mardi dernier, dès que je lui téléphonerai ou la verrai je lui présenterai vos compliments ce dont elle sera très flattée.

Meilleure santé avec mille bons souvenirs de votre dévouée admiratrice

S. Jousse

*
18

[Ms.]

Lisbonne, le 1 mars 1931

Mon Cher Maître,

J'espère que votre appareil digestif est rentré dans l'ordre et que vous vivez dans la compagnie de Saint Paul, qui ne manquera sûrement pas de vous inspirer de belles pages.

Au reçu de votre lettre — j'étais déjà malade — j'ai écrit à M. Messein de vous envoyer directement les épreuves et de vous adresser correspondance, car il est fort possible que moi, je ne sois plus en état de lui écrire.

J'ai recopié à la main les poésies pour l'*Europe, Comædia, Nouvelles Littéraires* et le *Thyrse* et j'ai déjà expédié le tout. Maintenant ne me demandez rien de plus...

Le médecin voulait que j'entre d'urgence dans une maison de santé ou à son infirmerie de l'hôpital S. José, pour y être soignée jusqu'à guérison complète — avec où sans intervention Chirurgicale, suivant le cas.

D'ici nouvel ordre il ne me convient pas de lui obéir, mais je suis obligée de faire des applications de glace six heures par jour, pour ne pas aggraver mon état. Vous voyez qu'il m'est impossible de prendre la responsabilité de quoique ce soit.

Je crois savoir les sentiments de l'Académie à votre sujet:

“Vous êtes un très bon poète, mais il y en a d’autres qui mériteraient mieux que vous d’être mis en vue.”

À la personne qui m’a dit ça (ne me demandez pas de noms propres, je ne vous les donnerais pas) et qui, personnellement, vous trouve très grand, j’ai démontré: A + B que si toute la presse française s’était occupée de vous, votre mérite personnel seul en a été cause — puisque vous m’avez toujours opposé la force d’inertie et qu’en France personne n’a rien demandé aux critiques. Que d’autre part, les milieux officiels français et portugais se sont occupés de traductions — que l’on a dû chercher à lancer — qui ont passé inaperçues. Que Eugénio de Castro est le docteur honoris causa de l’Université de Lyon, qu’il y a fort longtemps qu’il a été traduit etc. etc.. j’ai profité de l’occasion pour montrer que le goût officiel n’est pas toujours le bon goût. Je regrette bien de ne pas pouvoir écrire dans un journal portugais, ce que je ne me lasse pas de répéter de tous côtés.

Je n’ai pas pu aller voir l’exposition d’António Duarte. Je ne crois pas que la presse l’ait remarquée.

Il s’est sans doute trouvé noyé au milieu d’œuvres banales. Avec mes meilleurs souvenirs, je reste votre affectionnée

S. Jousse.

*

19

[Ms.]

York House, vendredi.

Mon cher Maître,

Au reçu de votre carte, j’ai parlé à Mme Goldstein à votre sujet. Je vous ai retenu une chambre au 1er étage, à cause de la vue. Puisque vous ne venez sans doute que pour quelques jours, elle va vous donner une très grande chambre qui se trouve libre, dans les mêmes conditions qu’une petite.

Elle m’a demandé combien vous aviez l’habitude de payer ici; sur les livres il est marqué 30 écus par jour. J’ai répondu que j’avais toujours cru que c’était 25. Elle est prête, d’ailleurs, à se montrer arrangeante pour vous avoir.

Elle m’a aussi promis de veiller à ce que l’on vous donne la nourriture qui vous convient.

Si vous venez par le sud-express vous passerez certainement par la Brasileira pour venir ici. Donc, si vous venez le 9, il est préférable de me prévenir si vous arriviez par le Sud, pour qu'une domestique aille chercher votre valise ou si vous ne venez qu'à minuit pour qu'on vous attende. Le 10 il est bon aussi que vous préveniez si vous arrivez par le Sud à cause de la domestique. Si vous ne donnez pas signe de vie, j'en conclurai que vous arrivez le 10 à minuit.

Il est à peu près sûr que, de toute manière, moi je ne pourrai pas aller à la gare. Je tiens debout à condition de me frigorifier une partie des jours et malgré cela parfois, aujourd'hui par exemple, il suffirait d'une chiquenaude pour me renverser.

Je me suis arrivée à la conclusion que je suis atteinte d'une maladie mystérieuse- conséquence d'avoir vendu mon âme au diable!

En tout cas, il me sera sûrement possible de revoir les épreuves avec vous. Pendant mes longues heures de chaise-longue, ce n'est une distraction d'avoir l'esprit occupé. Il y a environ trois semaines que je ne dîne plus dans la salle à manger.

J'ai envoyé "notre" plaquette au jeune avocat que je vous ai présenté. Vous ne pouvez vous imaginer à quel point il a été touché et il m'a écrit en me demandant votre adresse pour vous remercier directement. Quand au jeune élève que je vous ai présenté (le neveu de M. Camacho) ses parents ont été si flattés qu'il ait pris le café avec vous à la Brasileira que, pendant huit jours, il n'a pas été question d'autre chose dans sa famille. Il m'a raconté cela la semaine dernière.

Les oeuvres de R. Brandão sont d'un genre trop particulier pour pouvoir plaire au public français, d'après ce que m'écrit un éditeur aujourd'hui. La veuve ne m'a jamais redonné signe de vie et, bien entendu, ne m'a pas donné confirmation de la lettre de son mari. Son avocat est cependant d'accord avec nous à ce sujet.

Tout cela m'est indifférent et je ne vois pas pourquoi je serais plus royaliste que le roi... Pourquoi irais-je me casser la tête au sujet d'oeuvres pour lesquelles je voulais bien donner mon travail (comme je l'ai écrit à Ph. Lebesgue), si la veuve met les questions matérielles au-dessus du reste? Ce qu'il y a de plus comique c'est que le papier qu'on lui demandait était, en somme, pour m'éviter des ennuis avec la *Seara Nova* si elle mourait la première

Il est vrai qu'elle est au courant des contrats que l'on peut passer avec les éditeurs etc. etc.... Bref les Portugaises ont une manière tout à fait spéciale de chercher à répandre le nom de l'homme qu'elles prétendent aimer. Pour de misérables questions pécuniaires, elles gâchent tout!!!

Votre affectionnée

S. Jousse.

*
20

[Ms.]

York House, mercredi

Mon cher Maître,

Je vous remercie de votre lettre du 27 juin.

J'ai reçu les épreuves, ou plutôt le manuscrit du *Regresso* et je regrette fort de ne pas l'avoir eu pour faire les corrections, car j'ai retrouvé plusieurs mots que nous ne pouvions pas comprendre.

La revue *Europe* m'a retourné la poésie "Diante de mim" en me disant qu'elle publiait peu de poèmes étrangers et surtout que mon extrait ne se détachait probablement pas assez du texte original. La lettre était aimable et on l'avait fait recommander. On refuse avec des formes ce qui n'est pas peu de choses.

J'attends encore au sujet de *Comædia*, puis je m'adresserai de la part de Ph. Lebesgue à *La Vie* et au *Monde Nouveau*. J'ai envoyé le prologue du *Bailado* à Jean Cassou.

Le médecin croit que l'inflammation a cédé à la glace et aux remèdes et il m'a même autorisée à quitter Lisbonne. Malheureusement les remèdes m'ont détraqué l'estomac, ce qui me fait beaucoup souffrir depuis une quinzaine. J'espère cependant me remettre et pouvoir aller passer environ vingt jours à Sintra vers la fin de ce mois. Le courrier qui me sera adressé ici suivra toujours et je reste à votre disposition pour corriger les nouvelles épreuves.

Pendant que vous "magiquez" au clair de lune, moi je ne fais absolument rien. Entre un verre d'eau de Pedras et une "descompostura" à Maria Afonso, je lis Dostoïevsky et un poète appelé Teixeira de Pascoaes.

Le reste m'embête...

Croyez-moi mon cher Maître,

Votre affectueusement dévouée

S. Jousse

*

21

[Ms.]

Lisbonne, 29 juillet 1931

Mon cher Maître,

Pour ne pas retarder l'envoi des épreuves, je vous réponds aussitôt votre lettre reçue.

Je vous ai écrit que je suis à votre entière disposition pour les corriger, mais si vous-même jugez qu'il n'est pas nécessaire que je les revoie, il est, en effet, parfaitement inutile de les faire passer par ici.

Ph. Lebesgue m'a écrit la semaine dernière en me priant de vous transmettre ses compliments admiratifs. Il me disait que le *Retour* n'intéressera qu'à la rentrée. A vous de voir si, sans le mettre en vente en plein été, vous en envoyez déjà les exemplaires aux critiques.

Le cabinet du dentiste vous ayant fait l'effet du Paradis, je vous souhaite d'avoir de nouveau mal aux dents. Le bonheur céleste est si rare sur cette terre que ça vaut bien la peine de l'acheter avec un peu de souffrance!

Avec mes meilleurs souvenirs, je reste

Votre affectueusement dévouée.

S. Jousse.

*

22

[Ms.]

Casal dos Alfinetes

Sintra, le 16 Septembre 1931

Mon Cher Maître,

Votre lettre du 11 a bien failli ne jamais me parvenir. Ce matin, par hasard, une domestique a découvert le courrier d'hier qui se promenait dans le jardin. Enfin, tout est bien qui finit bien...

Je vais écrire à l'éditeur de m'envoyer 20 exemplaires du poème et deux Poésies, dont l'un pour D. Manuel qui, selon les Palha, s'intéresse beaucoup à la littérature portugaise. D. Patrocínio Palha va demander un de ces prochains jours au Dr. Lencastre de me préparer des dédicaces pour D. Manuel.

J'ai passé quelques heures fort agréables chez les Palha, où j'ai été invitée à prendre le thé avec une ancienne dame d'honneur de l'archiduchesse d'Autriche, parente du duc de Cadaval, chez qui elle habite. On s'est beaucoup intéressé à vous et D. Patrocínio m'a dit que le *Figaro* a parlé de vous, en quelques lignes, d'une manière favorable. Cette Dame était furieuse contre tous les gens de lettres qu'elle fréquente, car elle avait si peu entendu parler de vous qu'elle n'a connu votre nom que par le *Figaro*. Pourtant elle connaît vos deux amis Correia de Oliveira et leurs femmes etc. etc. Elle a manifesté le désir de vous connaître; Mme de Saldanha (la parente du duc de Cadaval) aussi.

Je suppose que c'est la petite Illustration de 1930 qui parle de nous. Si vous vous abonnez à l'Argus de la Presse, à tant faire vous devriez demander que l'on recherche les critiques des grands journaux de Paris. Du moment que le *Figaro* etc. etc. ont parlé des *Poésies*, je suis persuadée que toutes les grandes revues (Revue des deux Mondes etc. etc.) en ont parlé également.

En même temps que votre lettre, je reçois une carte de Ph. Lebesgue qui a revu José de Figueiredo à Paris. On voudrait qu'il vienne en novembre, mais il ne sera pas libre avant la mi-Décembre.

Je compte rentrer à Lisbonne dans le courant de la semaine prochaine; bien que je ne retourne pas à York House — d'ici nouvel ordre — j'y ai laissé mes affaires et m'y ferai adresser mon courrier.

Je suis contente de vous savoir en bonne santé. Quant à moi, je vais très bien. Il faut dire que mes hôtes, par leurs attentions à tous points de vue, ont bien contribué à me faire recouvrer santé morale et physique. Et j'ai fait et fais de splendides randonnées en automobile.

Savez-vous que parmi les 80 critiques qui arrivaient après — demain se trouve Eugénio d'Ors et Paulo Osório? Ils viendront à Sintra. Bien entendu, je ne leur donnerai pas signe de vie.

Avec mes souvenirs affectueux, croyez-moi, mon cher Maître,
Votre particulièrement dévouée

S. Jousse

*
23

[Ms.]

Lisbonne, mercredi
Mon cher Maître,

Lorsque je suis rentrée à Lisbonne, j'ai trouvée la carte, ci-jointe, de notre Ph. Lebesgue.

Avant de lui répondre, je ferai tout mon possible pour avoir un entretien avec M. Bourdon.

En ce qui concerne le service de presse et votre voyage, je lui dirai qu'il se débrouille avec vous, car moi je ne sais rien. Et j'ajouterais qu'il est sans doute préférable qu'il réclame lui-même à Messein, le nombre d'exemplaires qu'il désire.

D. Patrocínio Palha m'a envoyé l'adresse de D. Manuel. on vous conseille d'offrir vos oeuvres complètes au fur et à mesure qu'elles paraîtront.

La semaine dernière par hasard, il m'est tombé sur la main un numéro de *Ilustração* de 1929. On y parlait du Prix Nobel que le Portugal n'avait jamais obtenu et on suggérait le nom de ...Virgínia de Castro e Almeida!

J'espère que vous êtes en excellente santé et que l'été vous a inspiré?!

Moi, à part quelques pensées qui me sont venues soudainement pendant mes belles excursions, je suis restée très prosaïque et j'ai partagé mes loisirs entre le tricot et le gramophone. Puis j'ai relu *O Judeu* de votre cher Camilo, ainsi que *Amor de Perdição*. Décidément j'adore de moins en moins votre Dieu...

Dans l'attente de vos nouvelles, je vous prie, mon cher Maître, de me croire toujours

Votre affectueusement dévouée

S. Jousse.

*

24

[Ms.]

York House, le 9 octobre 1931

Mon cher Maître,

J'ai écrit à Ph. Lebesgue qu'il veuille bien faire le service de presse, puis vous envoyer la liste des écrivains à qui il aura envoyé des livres afin que de ne pas faire double emploi.

Maintenant que je suis revenue à la vie, j'ai fait nos comptes — que vous trouverez ci-joints. Comme vous pourrez le voir, non seulement tous mes frais sont couverts, mais je suis persuadée que vous n'avez versé de 150 à 200 écus en trop, peut-être plus encore.

Je dis et je répète à tout venant — pour qu'on sache (bien que vous n'avez rien fait pour être connu en France — que j'ai travaillé pour vous, non sur votre demande, mais par plaisir à des moments où, au lieu de votre poésie, j'aurais peint ou joué du piano. J'ajoute d'ailleurs que vous m'avez comblée d'attentions de toutes sortes. Et, sincèrement, je me suis occupée de votre oeuvre de tout mon coeur et je ne m'en repentirai jamais, si j'ai pu vous apporter ainsi un peu de joie et révéler plus tôt, au public, un très grand poète.

Maintenant puisque vous devez revenir ici avec votre famille et que j'ai l'impression que vous ne voulez pas comprendre que je ne veux jamais la revoir, je regrette d'être obligée, pour la première et la dernière fois, de vous écrire des choses désagréables — ceci afin d'éviter une catastrophe.

Tout ce que je peux faire c'est de la saluer au passage, à cause des gens de la pension qui n'ont pas besoin de connaître nos histoires, mais je vous préviens qu'à part cela, j'ignorerai la partie féminine de votre famille — comme pour faire des amabilités à vos amis, devant vous. Derrière, il faut s'estimer heureux quand les choses ne vont pas jusqu'à la grossièreté.

Je ne pourrai jamais oublier ni lui pardonner ce qu'elle m'a fait. D'ailleurs, vous-même, je ne vous aurais jamais revu sans Raul Brandão.

Mon grand crime avait été uniquement de dire à votre nièce:

— Je suis ici l'invitée de votre oncle et, dorénavant, si vous voulez des leçons, dites à votre Mère qu'elle me les paye; elle qui n'a pensé ni à me rembourser des frais que j'ai eus pour aller acheter son drap hors de Paris, ni à me payer mon excédent de bagages, ni mon voyage à Amarante, dont vous profitez pour votre français.

Il est vrai qu'à l'instar de tous, je savais qu'elle n'est jamais dans la lune quand il s'agit d'exploiter quelqu'un.

Il est vrai aussi que votre mère m'a jeté 500 écus à la tête — que j'ai laissés d'ailleurs. C'était sans doute pour me payer de toutes les choses désagréables qu'elle m'avait dites depuis mon arrivée à Amarante. Il était bien inutile qu'elle précipite mon départ, car je cherchais à m'en aller avant le 15 juin sans que vous ayez à vous en étonner. J'avais écrit à plusieurs personnes — délicatesse bien exagérée envers votre famille — que l'air d'Amarante ne me convenait pas etc. et que je voulais me rapprocher de Lisbonne.

Je désirais vous laisser ignorer comment moi, votre invitée et dévouée collaboratrice, j'avais été traitée dans votre maison. Puis, cruelle surprise! Vous qui devriez avoir constaté qu'en moins de deux ans, je vous avais été plus sincèrement dévouée que votre soeur en cinquante, vous m'avez écrit une lettre...que je n'oublierai jamais non plus.

Votre soeur, une femme riche, n'ayant à peu près aucune dépense, m'a fait jeter dehors, après m'avoir exploitée, au moment des vacances, moi femme qui travaille et étais malade.

Résultat: Ma maladie nerveuse qui dormait, s'est déchaînée, les médecins ne comprenaient rien à mon état et parlaient de m'ouvrir le ventre pour savoir ce que j'avais. À cause de votre charmante famille, je me suis trouvée de longs mois malade, sans pouvoir même travailler, puisque c'était les vacances et que je devais rester à Lisbonne à cause des médecins.

Je suis heureuse de ne pas avoir été obligée de vous écrire ces choses avant ma guérison. Vous aurez pu vous imaginer — suggestionné une fois de plus par les vôtres — que je réclamais quelque chose à votre famille. Quelque chose qu'à mon tour j'aurais peut-être jeté à la tête de quelqu'un, car je suis une Française qui se respecte et non une Portugaise...mais je préfère ne pas aller plus loin!

Encore une fois, je regrette de vous faire de la peine, mais c'était inévitable car je ne m'abaisserai pas, d'ailleurs mon esprit se révolterait et mon coeur s'en briserait, à fréquenter votre famille — quelles que soient les conséquences qui puissent en résulter.

Croyez-moi toujours et malgré tout votre admiratrice affectueusement dévouée.

S. Jousse.

*
25

[Ms.]

Lisbonne, dimanche [21-10-1931?]¹⁷
Mon cher Maître,

Ph. Lebesgue me prie de vous faire savoir qu'après s'être entretenu avec M. Bourdon, il a été décidé qu'il conférencierait:

à Lisbonne le 12 décembre

“ Coimbra “ 14 “

“ Porto “ 19 “

Il est invité par l'Institut Français en Portugal.

Le sujet de la conférence sera: L'Héritage intellectuel de Virgile en France et en Portugal.

Il ajoute au sujet de votre frère: Il faudra bien que les *Mémoires d'un chasseur*¹⁸ paraissent un jour de façon ou d'autre.

Il attend un signe de Messein pour aller faire le service de presse, puis il m'enverra aussitôt la liste des noms auxquels il aura destiné un exemplaire.

Dans l'espoir que vous êtes en excellente santé et que vos travaux avancement selon vos désirs, je vous prie, mon cher Maître de me croire

Votre affectueusement dévouée

S. Jeusse.

¹⁷ Carimbo de correio de 19-10-31.

¹⁸ De João de Vasconcellos.

York House,
Janelas Verdes, 32
Lisbonne 24 octobre, 1931.
Mon cher Maître,

Dans les *Nouvelles Littéraires* du 17 octobre, Fernand Gregh a dit un mot de vous et d'Eugenio de Castro. Les Palhas m'ont volé mon journal avant que je l'ai lu, parce que mon compatriote parlait aussi de José Palha, de sa réception à Vila Franca et de sa fête — pareille à celle de Maurice Barrès!

Aujourd'hui, j'ai été parler à Mario et je lui ai demandé s'il ne serait pas possible de faire un étalage des oeuvres de Ph. Lebesgue pour le 12 décembre. Il m'a dit que oui et il va faire venir de ses oeuvres en dépôt.

Je crois bien que notre ami n'acceptera pas d'argent de vous, car tout ce qu'il a fait l'a été par admiration pour vous. Il me semble, d'ailleurs (.) que le service de presse doit être à votre compte chez Messein??? Je n'en sais rien. Les très petites sommes que je lui ai envoyées (et qu'il ne veut plus recevoir dans l'avenir) étaient consacrées au retour du "Bailado" (prologue) etc...

Je pense que vous savez déjà que le Prix Nobel a été attribué cette année à un poète suédois... mort depuis plusieurs mois!

25 octobre 1931 — je n'ai pas continué ma lettre hier, car j'ai mal à la tête et je suis fiévreuse: la vie n'est plus tenable ici à cause de Maria Afonso. Mme Osório m'a raconté que les patrons savent qu'elle leur fait perdre du monde, mais ils n'osent la mettre à la porte. Non seulement elle fait de moins en moins de service, mais bientôt les pensionnaires devront se considérer très honorés d'être à ses pieds. Son amitié avec la doctoresse est la fable du quartier! Après mon retour de Sintra où j'ai été si heureuse, me voilà de nouveau obligée de faire le ménage et de supporter les insultes de la domestique. Mais j'en ai assez et je cherche autre chose. C'est un vrai Raspoutine femelle. Si je vous parle de ces misères c'est pour vous faire comprendre que je n'ai pas même la tête à lire. À Sintra je n'avais emporté aucun travail intellectuel pour mener une vie animale qui me reposât, maintenant que j'aurais pu faire quelque chose, je suis à plat ventre sur le sol sans pouvoir m'envoler.

Dernièrement j'ai rencontré Mário Beirão. Nous avons eu une longue conversation. Il m'a parlé avec admiration de votre génie poétique. Il a été un peu froissé que vous ne lui ayez pas offert une

plaquette des *Poésies*. Je lui ai répondu que ce ne pouvait être qu'un excès de délicatesse de votre part. Il en a convenu, mais trouve que vous devriez savoir qu'il ne peut se réjouir des bonnes choses que l'on dira de vous. J'ai dit à Mário de commander d'autres *Poésies* et moi j'en offrirai un exemplaire à Mário Beirão.

27 octobre 1931 — Des visites ont interrompu ma lettre. Mais aujourd'hui, il faut que je la finisse, car M. Bourdon, le Directeur de l'Institut Français me prie de vous annoncer (pour que vous lui soyez favorable) qu'il va vous écrire, justement pour vous demander de présenter Ph. Lebesgue à Porto.

Et aussi des articles dans les journaux de cette ville. C'est bien Eugénio de Castro qui le présentera à Coimbra et Lopes Vieira à Lisbonne. Vous êtes sorcier vous voyez!

J'ai dit à M. Bourdon que, pour parler en public, il faudra que vous fassiez des tripas coração! Il a ri et compte sur votre sacrifice. Il aimerait beaucoup vous connaître, votre oeuvre ne lui est nullement inconnue et je crois bien que c'est d'après elle qu'il vous juge! un homme qui vit au-dessus de la terre! Ph. Lebesgue lui a raconté que j'ai un tiroir plein de manuscrits et M. Bourdon voudrait bien en prendre connaissance pour m'aider, éventuellement, à les publier. *Humus* est à Paris, *A Farsa* n'est pas au point et *O Bailado* n'est traduit qu'en charabia — sauf le prologue. Et comme je vous le dis plus haut, je ne fiche absolument rien. Bien que j'aie très peu de leçons pour le moment (les élèves qui m'ont été fidèles pendant ma maladie se mariant de tous les côtés), je passe mon temps à des travaux très prosaïques. D'ailleurs, pour fournir un travail intellectuel, il faut être à même d'échanger des idées. Et je suis d'autant plus aplatie que je ne crois plus à rien du tout et que je suis persuadée que, dans la création, nous n'avons pas plus d'importance que les microbes. À la mort tout est fini; et s'il y a un principe spirituel qui animait notre carcasse, il retourne à la source de toute vie, que vous pouvez appeler Dieu, si ça vous fait plaisir. Et ce qui m'enrage c'est que me considérant une marionnette qui disparaîtra bientôt, je puisse attacher de l'importance à la marionnette qui s'appelle Maria Afonso. En regard de l'Eternité et de l'Eternel (s'il y en a un) qu'importe de frotter le plancher ou de traduire Teixeira de Pascoaes! La boule n'en tournera pas moins glacée, un jour, ayant englouti les poèmes et le reste.

Je crois que M. Bourdon aimerait à publier vers janvier quelque chose de R. Brandão. J'ai dû lui raconter l'attitude de la veuve pour qu'il sache à quoi s'en tenir. Il pense que la lettre que je possède suffit et que la veuve peut prendre l'attitude qui lui convient — sans que cela puisse gêner en rien nos publications.

Il espère aussi que vous serez à Lisbonne pour le 12 décembre. Je lui ai répondu que ça dépend de Bacchus, il a compris tout de suite!

Les *Poésies* ont mis neuf mois à être pondues à l'imprimerie; il y en aura bientôt 10 que le *Regresso* est à l'imprimerie. Cette oeuvre

diabolique a-t-elle besoin d'une gestation aussi longue que celle des *éléphants*?!!

J'espère que le dieu Appollon d'Amarante se porte bien, qu'il va inspirer sa paresse pour que le *Bailado* ne reste pas en pagaïe, d'autant plus que M. Bourdon aimerait à lire ma (?).

Avec mes meilleures pensées, je reste
Votre affectionnée

S. Jousse

Prêtresse d'Appollon.

P.S. Comme je suis trop bête, en ce moment, pour traduire, j'écris de vos vers sur un drap, destiné à un paravent.

Et parfois, je lis *Maranos* dont je découvre la splendeur.

Si vous tardez beaucoup à venir je vous enverrai les idées qui me sont venues à Sintra et que j'ai écrites les premiers jours de mon retour à Lisbonne.

S. Jousse.

*
27

Lisbonne, le 13 novembre 1931

[Ms.]

Mon cher Maître,

J'ai reçu votre lettre du 4 dont je vous remercie.

Afin que votre correspondance ne risque pas de se perdre, je vous prie de ne plus m'écrire à York House que je vais quitter lundi ou mardi. Mes malles sont déjà faites.

Mon adresse sera:

rua Luciano Cordeiro, 122, 2º Et j'aurai le téléphone N. 32.

Il m'est pénible de quitter ma cellule moyennâgeuse... La vie est faite de renoncements.

Le 1er novembre mon Père est mort — chagrin très cruel pour moi. Je pleure le père de mon enfance — le meilleur des pères — et aussi celui dont la vieillesse a été attristée à cause de moi. Tant qu'il a été jeune, il s'est laissé dominer par sa vilaine femme et il n'a guère pensé à moi. Avec l'âge, il a surtout pensé à la fille dont il était séparé... Tout à coup, je vous ai été très reconnaissante à vous et à Raul Brandão de m'avoir obligée à mettre mon vrai nom sur mes traductions. Pauvre Père, il aura dû être heureux que je ne rejette pas son nom pour un

pseudonyme!

La mort m'a frappée profondément et, pourtant, j'attendais la mort de quelqu'un.

À Sintra j'ai commencé à avoir peur la nuit (je ne dormais plus dans l'obscurité), à voir des étincelles etc. et, un matin, un corps invisible s'est assis sur mon lit, auprès de moi...

Il paraît qu'il y avait beaucoup de monde à son enterrement, qu'il a laissé beaucoup de regrets et que tous disaient de lui: "C'était un homme juste!"

C'est par lui que je suis Celte, de lui que je tiens ce caractère violent — qui m'a toujours empêchée de commettre de bassesses, et de plier sous l'injustice.

Il est mort en catholique et c'est une consolation pour moi de penser qu'il a eu auprès de lui un prêtre qui l'aura réconforté et lui aura sûrement dit qu'une fille pardonne toujours à un Père qui lui a fait une enfance heureuse.

Par contre mon ignoble belle-mère est une des rares personnes à laquelle je ne pardonnerai pas, maintenant moins que jamais. Immonde créature qui, pour son intérêt à elle et à celui de ses enfants, a séparé un Père des aînés qu'il aimait. Mon frère est aussi anéanti.

Je ne parle de mon chagrin qu'à de très rares personnes, car mes moyens ne me permettent pas de me mettre en grand deuil. Et l'on pourra s'étonner de me voir en couleur. Le vrai deuil est dans le coeur et je préfère garder mon argent pour rendre visite à la tombe de mon Père, aussitôt que ce sera possible.

Dans mon état d'esprit, je voudrais penser que notre âme est immortelle et que nous verrons nos chers disparus. Hélas! Ceux à cause desquels je tremble de peur avant leur mort me laissent tout à fait en repos dès qu'ils ne sont plus! Pourquoi? Parce que tout est fini?!

Excusez cette longue et triste lettre. J'espère que vous êtes dans un état d'esprit plus joyeux que le mien et je vous prie de me croire votre affectionnée

S. Jeusse.

P. S. On me téléphone que mes chambres sont prêtes à me recevoir, tout en me prévenant qu'une personne de la maison est en train de mourir. Comme on sait que je suis impressionnable, on a la gentillesse de me laisser ici pour le temps que je veux.

Me voilà donc encore à York House au moins pour une grande semaine. Encore vôtre

S.J.

*

28

[Ms.]

York House-Janelas Verdes, 32
 Libonne, le 27 novembre 1931

Mon cher Maître,

M. Messein m'ayant oubliée, j'ai acheté chez Bertrand (où nous étions à l'étalage) un exemplaire du *Retour* à votre compte. Puis j'ai écrit à ce négligent éditeur de m'en envoyer vingt ainsi que deux des *Poésies*, l'un pour Mário Beirão, l'autre pour D. Manuel. Je les ai enfin reçus.

Que voulez-vous me rembourser? Je n'ai eu aucune dépense. Merci tout de même de votre pensée. Merci également de vos lignes au sujet de la mort de mon père. Si je pense comme vous que la famille est sacrée, comme la religion etc; au fond de moi-même je ne considère ce culte qu'à titre de convention utile. Et chez ces mêmes Grecs et Romains, de la haute antiquité, non seulement on rejetait toute parenté par les femmes, mais encore la parenté consanguine était secondaire dans l'organisation de la famille. Donc, je ne pleure nullement l'homme qui m'a transmis la Vie — ce dont je me serais parfaitement passé, mais celui qui me faisait sauter sur ses genoux et, soi disant, écrivait des lettres à l'Enfant Jésus pour lui demander de m'apporter à Noël, les choses que je désirais. Pour moi, les biens spirituels sont tout, le reste trois fois rien — si ce n'est qu'à nous d'apporter des tares. Ma tante (sa soeur) qui n'a pas plus de coeur qu'un sabot et n'a rien compris à ma peine, a été par contre très frappée... par le bel enterrement, la nombreuse assistance et toutes les larmes répandues sur la route qui le conduisait à sa dernière demeure. Elle m'écrit des pages sur tout cet appareil, et rien sur le reste — ce que j'aurais à coeur de savoir. Enfin, j'espère aller en France un jour ou l'autre et rendre visite aux soeurs et au prêtre qui l'ont assisté.

Mes malles faites pour partir, l'agonie de l'autre dame n'en finissait plus. J'ai dû m'installer de nouveau ici, au moins jusqu'à la fin de l'année.

Dimanche, Mario Beirão est venu ici chercher les livres que j'avais pour lui. Sa visite m'a été très agréable et lui, est véritablement votre ami, comme l'était Raúl Brandão. Je pense que s'il ne s'est pas manifesté plus tôt comme un de vos (servants) admirateurs, cela provient sans doute de sa réserve naturelle, qui l'empêchait de causer ouvertement avec une femme qu'il connaissait à peine.

Hier 26, le *Século*, en première page, m'a consacré un article très aimable qui finit ainsi: "...representa o propósito de tornar conhecido nas diversas modalidades um dos mais ilustres poetas portugueses contemporâneos."

Salema Vaz m'a écrit une lettre — que j'ai montré à Mário Beirão — pour me demander de traduire sa pièce *Soror Amor...*

D'une très longue lettre de D. Patrocínio Palha, il ressort que dans une conversation avec Lencastre on vous a comparé à Camões et à Dante.

J'espère que vous êtes en excellente santé, moi comme-ci, comme-ça, et je suis d'autant plus dégoûtée de la vie que je suis arrivée à la conclusion que les femmes n'ont pas d'âme!

Vous n'avez pas le droit de me dire le contraire, vous qui avez écrit que la Femme est l'humaine création! Amitiés dévouées,

S.J.

*

29

[Ms.]

York House, 10 décembre, 1931

Mon cher Maître,

Votre lettre était particulièrement intéressante. Vous en êtes-vous rendu compte? Je la traduirai dans mes *Mémoires*.

Merci de vos bonnes paroles. J'ai pris le dessus, mes larmes sont taries. Mais mon chagrin est une plante de plus à arroser dans le jardin des Souvenirs...

Comme je vous l'ai dit je ne parle pas de mon deuil, pas même à Ph. Lebesgue. Cela pourrait l'empêcher de jouir sans arrière pensée de son séjour ici. Ce silence m'a obligée à assister à un grand mariage le 1er décembre (où il y avait le ministre de la marine et tout le tremblement). À la fin du jour, j'étais dans un ahurissement complet. D'une part, le champagne m'avait tourné la tête et, d'autre part, j'ai tout observé comme si j'avais été l'habitante d'une autre planète...

Et le 21 courant, un autre très grand mariage, où il me serait bien difficile de ne pas aller.

Le 30 novembre le "Diário de Lisboa" a parlé de votre servante en termes très élogieux.

D. Manuel, par retour de courrier, m'a remerciée de mon "aimable intention" par l'intermédiaire de son secrétaire particulier.

Avant-hier, j'ai acheté le *Pobre de Pedir* que j'ai avalé en un clin d'oeil. Ce que Raul Brandão a dit des poètes ce n'est sûrement pas à votre intention; d'ailleurs à telle page il se nomme aussi un poète. De

la manière dont il me parlait, vous étiez, pour lui, à part des autres. Ce qui m'étonne c'est que sachant qu'il a pris sur le vif ce qu'il dit de ses parents, de sa soeur, de son neveu, il ne vous ait pas sauté aux yeux que Silvia est le portrait réel de sa femme.

Quelques jours avant que le livre ait paru, une dame et moi, nous jugions justement D. Maria Angelina, comme elle est dépeinte dans le *Pobre de Pedir*. Aussi vous ne pouvez vous imaginer l'effet que m'a produit la lecture de ce livre. Aussi pour moi qui l'avais devinée à fond, sa préface n'est que du "palavriado". Toutes ses "saudades" et sa comédie funèbre ne sont rien à côté de son amour pour l'argent. Même si j'avais eu l'idée de tout garder pour moi- ce qui, serait, après tout, que respecter la volonté de son mari — elle devrait mettre la gloire de Raúl Brandão au-dessus de ses intérêts personnels. Quand je pense que, moi, pauvre malheureuse, non seulement j'ai donné mon travail, dépensé des centaines de "mil reis" tenu le plus souvent que j'ai pu compagnie à la veuve, et que c'est seulement sur sa demande que j'ai consulté un avocat... tout ça pour ne jamais me redonner le moindre signe de vie quand il s'est agi de confirmer la lettre de son mari. C'est bien d'elle qu'il écrit: "...Minha mulher é uma mentira... Toda a gente dizia de mim e dela: — Como são felizes! —" Et c'est maintenant que je comprends pourquoi R. Brandão avait mis son manuscrit de côté. Il me dit plusieurs fois à peu près ceci: «Je ne sais pas comment le finir». Naturellement, il ne savait quels mensonges inventer pour que le public ne devine pas que c'était de sa propre femme qu'il s'agissait.

Quant à moi, je devrais toujours rester sur mes premières impressions qui ne m'ont jamais trompée.

Or, la première fois que je l'ai vue, je me suis défiée profondément d'elle à cause de sa douceur exagérée. Maintenant, elle devrait se remarier avec Câmara Reys (qui est devenu veuf). À eux deux, ça ferait tant de sucre, qu'au premier rayon de soleil un peu chaud, ils fondraient...

Il m'a été impossible de me mettre en communication avec M. Bourdon. On me dit qu'il est très négligent, mais c'est tout de même un peu fort qu'il ne vous ait pas encore écrit.

Je suis anxieuse de lire votre *Jésus et Pan*, etc... C'est honteux que je ne connaisse pas encore votre oeuvre entièrement.

Votre S. Paul m'a mis en tête d'écrire un jour une Sainte Thérèse. Mais comme je ne fais rien, pas même pour Saint Pascoaes, il est probable que je mourrai stérile. Et à propos de cela, la Mort me hante continuellement, c'est même une des raisons qui m'empêchent de travailler. Quand je ne vis pas sous terre parmi d'immondes insectes, je suis ma problématique âme dans des régions terrifiantes. D'une part, la vieillesse me dégoûte et je serais désespérée de ne pas mourir tôt et d'autre part, je me fais une idée atroce de la mort et de ce qui peut suivre immédiatement. J'ai beau me répéter que je ne m'occupe pas de ce que j'étais avant ma naissance et qu'il est ridicule de me préoccuper de l'avenir, je n'en vis pas moins avec terreur.

En attendant, vous gelez sûrement dans votre beau pays et c'est ce qui vous rend triste.

Je regrette sincèrement que vous ne soyez pas venu plus tôt à Lisbonne; j'aurais pu jouir un peu de votre compagnie.

Le mois prochain, je recommencerais à travailler à peu près normalement; j'aurai donc peu de liberté. Ce qui complique les choses c'est que vous vous couchez quand le coq commence à chanter, tandis que moi je vais au lit avec les poules. Enfin, "paciência"!

Votre affectionnée

S. Jousse

P.S. J'oubliais que Eugénio d'Ors m'a écrit. Il me disait que je ne serais pas surprise d'apprendre que vous ne lui avez jamais écrit. Et que, pourtant, il aimerait à savoir si vous êtes en bonne santé et si vous êtes toujours actif, au sens Goethien du mot.

S. Jousse

*

[Ms.]

Philéas Lebesgue

11 décembre- Hier j'ai appris, indirectement, que votre ami arrive ce soir à bord de l'Atlantique. Et j'ai su, par Mme Osório, que ce sont les propriétaires d'ici, qui ont intrigué pour qu'on le fasse descendre à York House. Puisque vous n'êtes pas à la pension, elle trouve, comme moi, qu'on aurait mieux agi en l'envoyant au moins à l'hôtel de l'Europe. Je viens de lui arranger ses chambres et je veillerai sur son bien-être dans la limite du possible.

12 décembre- Ph. Lebesgue est arrivé à minuit, accompagné par M. Bourdon et Lopes Vieira. J'étais allée me coucher surtout parce que j'avais un violent mal de tête et aussi parce que j'avais déjà compris que M. Bourdon m'avait complètement éliminée du programme. Notre ami déjeune chez mon compatriote avec Lopes Vieira, José de Figueiredo et un philologue étranger. Ce soir il dînera chez J. de Figueiredo. On lui a aussi proposé d'aller à un concert par des Slaves, cet après-midi. Il a dit qu'il voulait que j'y aille aussi; M. Bourdon l'a invité devant moi sans penser qu'il n'était peut-être pas poli de m'ignorer. Si je me décide à m'y rendre ce sera uniquement pour que notre ami soit content.

Je crois avoir entendu dire qu'il va demain à Estoril chez João de Deus et qu'il y couchera.

Bref, M. Bourdon a disposé de lui... les derniers jours, j'ai téléphoné, je ne sais combien de fois à mon compatriote...mais en vain. Je voulais recevoir quelques personnes dans la plus stricte intimité.

Mme Palha qui ne va jamais nulle part, d'autant plus qu'elle habite Sintra, m'avait écrit qu'elle viendrait avec plaisir.

Le ministre de France (je crois du moins que c'est de lui que parlait M. Bourdon) est parti hier pour un voyage d'agrément et ne viendra que mercredi. Mon compatriote en parlait avec acrimonie... En tout cas, de tous les Français de Lisbonne, c'est le ministre qui a été le plus gentil envers moi et c'est lui qui est la cause initiale du voyage de notre ami.

Les Français, à l'étranger, sont des ennemis entre eux...

Personnellement je n'avais l'intention d'aller nulle part; j'ai horreur de toutes les exhibitions, moi j'aurais aimé qu'on me laisse mon illustre compatriote quelques heures et j'aurais voulu lui présenter Mário Beirão et quelques-uns de mes amis. Paciência!

Je serai heureuse si, lui, est content, je ne demande rien de plus.

Les propriétaires...paient la gloire! Ils n'ont pas dormi de la nuit: tous les journaux leur ont téléphoné pour savoir si Ph. Lebesgue était arrivé!!!

Vous voyez que notre ami sera reçu dignement. Il est un amour. Ce matin, en robe de chambre écarlate, les cheveux au vent (coupés s. v. p.) j'ai dû frapper à sa porte; avant que M. Bourdon vienne me l'enlever; nous avons bavardé gentiment ensemble. Vous êtes pour lui un génie créateur qu'il admire; il ne méconnaît pas le talent des autres — mais il est obligé de par son tempérament, à mettre les gens à leur place. La vôtre est sur un trône...vous savez le reste par les journaux.

Votre amie.

votre

Suzanne Jousse.

*

30

[Ms.]

Diário de York House

Últimas Notícias

le 13 décembre 1931

Hier, j'ai réfléchi que puisque, sans l'intervention de notre

ami, M. Bourdon ne m'aurait pas invitée à aller au concert, je resterais à la maison. Lorsqu'il a téléphoné, Mme Golstein (qui a ses défauts mais aussi ses qualités), lui a répondu admirablement, sur ma demande. Une demi-heure après, il était ici, avec une auto, pour me chercher. J'ai refusé de le recevoir sous prétexte que je n'étais pas habillée. Il paraît qu'il était affolé... C'est un gamin qui aurait encore besoin de recevoir la fessée, mais qui a perdu la tête parce qu'il se croit un personnage. Comme je comprends le ministre d'être parti, pour ne pas se laisser bafouer par ce godichon... Et je soutiendrai mordicus que c'est le ministre qui, ayant pris ma demande en considération a été la cause initiale de cette invitation. Lui, il prétend que le ministre ne voulait pas!

M. Bourdon a dit à Mme Goldstein que je ne fais pas partie du programme parce que je suis ...Française!

La vérité vraie, c'est que la notoriété que j'ai acquise au Portugal doit lui porter ombrage, et puis, il doit faire partie de la Chapelle Eugénio de Castro, Lopes Vieira, J. de Figueiredo, etc....et ma qualité de traductrice de Pascoaes suffit pour me mettre en quarantaine!!!

Son attitude m'est indifférente, mais ce qui m'agace c'est qu'il va sans doute aliéner des Portugais à notre ami. Les journaux sont très peu loquaces aujourd'hui. Vous comprenez qu'il est venu des quantités de journalistes, d'hommes de lettres (puis des coups de téléphone sans compter)... mais M. Bourdon a donné des ordres à la Pension.

Mon compatriote a disposé de Ph. Lebesgue comme d'un fantoche. Je crains beaucoup que notre ami se surmène; je voudrais déjà le savoir à Amarante où je vous demande de l'obliger à se reposer pendant quelques jours. Il souffre du coeur et je crains fort que son voyage ne gâte sa santé.

Ci-joint la lettre qu'il a laissé ce matin. Comme vous le voyez, je l'ai vu une seule fois...à la va-vite!

Je pense qu'à Coimbra les choses n'iraient pas mieux qu'à Lisbonne, mais à Porto vous êtes roi et je sais bien qu'avec vous il gagnera des sympathies au lieu d'en perdre.

Votre "éminente" traductrice en "pénitence" vous donne ses affectueux souvenirs.

S. Jeusse

[Ms.]

Diário de York House
Últimas Notícias

15 Décembre 1931

Lettre ouverte au dieu Apollon

Pour la deuxième fois, je viens de voir notre ami, juste le temps de changer quelques phrases tout en le brochant etc. Les génies ne se doutent pas que de vulgaires détails matériels jouent un grand rôle auprès du public. Donc, je l'ai pomponné et parfumé avant qu'il ne parte pour je ne sais quel déjeuner.

Grâce à Dieu son cœur n'a pas "flanché" malgré le surmenage de ces jours derniers.

Hier il m'est venu aux oreilles différents échos, au sujet de la manière dont on a préparé sa réception à Lisbonne. Aussi est-ce la campagne du silence en plein!!! Et j'ai aussi appris que M. Bourdon est loin d'être aimé partout. Je compte sur Porto et sur vous pour reconquérir le terrain que nous avons gagné pour notre ami. (..?)

Bourdon ne va pas à Coimbra (peut-être a-t-il là aussi des antipathies!) mais à Porto.

Je n'ai touché ces sujets que très légèrement avec notre ami et seulement dans le but qu'il se concilie la bienveillance publique soit en disant à sa conférence, ce qu'il aurait pu dire aux journalistes (et en faisant comprendre qu'il défend des Français) soit, etc... Il ne faut pas le tracasser ni lui gâter sa joie. Pensons à son cœur malade et à ses soucis de tous ordres.

En tout cas, rien ni personne n'est capable d'ébranler ses convictions: les autres sont des hommes de talent comme nous en avons en France; vous vous êtes un génie!

Mário Beirão est venu me voir hier soir bien entendu; il juge ce qu'on a fait... comme tout le monde! Je dois le revoir la semaine prochaine. Nous avons parlé d'Apollon dont nous sommes les grands-prêtres... Il m'a dit que même si Bourdon voulait commander à Porto comme ici, il perdrait son temps "Pascoaes est le maître dans le Nord, Lebesgue lui appartiendra et les choses marcheront autrement, pour cela "fico eu"!!! Il a dit cela d'une manière si amusante que j'en ai ri comme une folle.

Je compte aller à la conférence ce soir, parmi le public, et je

ne vous écrirai pas ensuite, de crainte que ma lettre ne vous trouve plus à Amarante.

Bonne santé et mille affectueux souvenirs

S. Jeusse

*

32

[Ms.]

Yorth House, 29 décembre 1931

Mon cher Maitre,

Dans votre dernière lettre vous me disiez: Depois de amanhã falaremos et vous terminiez par: Até depois de amanhã!

J'ai vu passer beaucoup "d'après-demain" et comme la soeur Anne de la chanson, je n'ai rien vu venir!

N'ayant pas compris si vous voulez dire que vous m'écririez une autre fois ou que vous viendriez, je ne vous ai pas envoyé mes souhaits pour Noël. Au moins, vous recevrez maintenant ceux pour la Nouvelle Année!

En même temps que votre lettre j'en recevais une très enthousiaste de Ph. Lebesgue. Votre réception est certainement celle qui l'a le plus touché!

Le Directeur de la Bibliothèque Nationale m'ayant écrit une charmante lettre pour me remercier de ma traduction (après avoir fait demander mon adresse chez Bertrand et téléphoner, ici) je lui ai rendu visite hier et il m'a présentée à M. (?). Directeur de l'enregistrement gentlement des publications etc... Ce Monsieur m'a dit qu'il me suffit de faire reconnaître la signature de Raul Brandão par son notaire et absolument rien de plus. Et du moment que je m'occuperai moi-même de la publication et à Paris, je pourrai vivre un siècle sans que personne ait le droit de me réclamer quoi que ce soit, même si je gagnais une fortune. La veuve sera punie par où elle a péché et je pourrais recevoir des millions sans jamais lui donner un sou.

Mario Beirão m'a apporté deux de ses livres que je lis avec un réel plaisir. Vous avez raison, il est un vrai poète et aussi un garçon sympathique.

Le 21 j'ai été au mariage d'une des petites filles de feu (?) le Comte Caria; c'est une des rares fois où le monde ne m'a pas embêtée. C'est sans doute que je me suis sentie comme une des personnes de la

famille, parmi des enfants que j'ai vus grandis. Le jeune mari, fils aîné de Fausto de Figueiredo qui a créé et lancé Estoril, à qui appartiennent les chemins de fer de Lisbonne à Cascais etc. etc. a eu la pensée de me dire le jour de son mariage:

“Il ne faudra pas tarder trop à venir passer un jour avec nous, afin que nous nous occupions de la publication de votre livre”.

Il y a quelque temps, comme il me félicitait après ce qu'il avait lu dans les journaux, il me disait que le Portugal devrait me décorer. Je lui répondis que cela ne me ferait aucun plaisir et que j'aimerais bien mieux qu'on m'aide à publier des pages que j'ai écrites sur le Portugal. Là-dessus, il m'interrompit: “Mais mon père vous recommandera à la Casa de Portugal à Paris”. Car c'est aussi Fausto de Figueiredo qui a créé toutes ces sociétés de propagande pour votre pays.

Je vous écrirai plus si vous restez dans votre tour d'ivoire.

Affectueux souvenirs de

S. Jousse.

*

33

[Ms.]

Lisbonne, Juin 1931

Mon cher Maître,

Voulez-vous avoir l'obligeance de m'écrire une lettre pour me donner la propriété littéraire,

1° du *Bailado*

2° *Jesus e Pan*

3° *Senhora da Noite*

4° du fragment da *Aria da Morte* que je vous envoie ci-joint.

5° *Cantos Indecisos*.

Si le brouillon ci-joint (non revu au point de vue de la correction du français) ne vous plaît pas, alors donnez-moi, je vous prie, seulement la propriété littéraire du *Bailado*.

Il me semble que vous comprendrez que ma demande ne comporte aucune question intéressée. Je veux simplement m'assurer de ceci:

1) que je ne m'expose pas à traduire des oeuvres qui pourraient être la propriété d'autres traducteurs.

2) que si un jour, sortant de ma misère, je fais publier vos oeuvres à mes frais, il n'y ait pas des gens qui viennent mettre des bâtons dans les roues.

Inutile de vous dire que jamais je ne publierais quelque chose de vous, sans vous faire envoyer des épreuves.

Je vous prie de croire que quel que soit l'abîme de silence qui nous sépare, je resterai toujours.

Votre fidèle et affectionnée "grande prêtresse".

S. Jeusse.

*

34

[Ms.]

Rua António Maria Cardoso, 25, 3°
Lisbonne, le 15 juin 1933

Mon cher Maître,

Moi, je vous ai donné mon travail sans restriction, sans m'occuper s'il rapporterait de l'argent durant ma vie ou après ma mort.

Le nouveau travail que je voulais entreprendre pour servir votre gloire, et aussi pour ma propre joie, ne pourrait voir le jour sans sacrifices pécuniaires de ma part. Il aurait donc été juste d'ajouter que la propriété littéraire m'appartenait dans la vie et dans la mort — au moins jusqu'à remboursement total de la valeur de mon temps et de mes dépenses. Si je mourais maintenant, par exemple, j'ai des dettes...

Heureusement qu'il ne me vient pas à l'esprit qu'une pareille restriction puisse émaner de vous, sans quoi vous trembleriez sur votre piedestal! Et je crois que, aux yeux de la postérité, mon principal mérite sera d'avoir laissé un témoignage vrai sur le grand poète que j'admire et sur l'homme, que je crois avoir compris et pour lequel je conserverai toujours de la tendresse.

Mais je ne veux pas être bête...

Au surplus, après ma quatrième année scolaire de perdue, par suite de maladies et de chagrins, il me reste à refaire ma vie comme lorsque j'avais vingt ans! Il est vrai que, moi aussi, j'ai trouvé, sur ma route, un dévouement aussi admirable que désintéressé. Mais, maintenant que la santé revient, je veux renoncer à travailler pour vivre et ne pas exposer la personne qui m'a tendu la main — et sans laquelle je serais

dans la misère noire — à perdre son argent pour d’autres. Si encore c’était pour vous...

J’allais oublier d’ajouter ceci: Si je n’avais pas brûlé la lettre dans laquelle vous m’abandonniez les bénéfices de la 1^{eme} édition du *Regresso* — et que je vous avais demandé seulement à cause des éditeurs qui veulent des preuves d’accord entre auteurs et traducteurs — vous savez bien que tout est fait en votre nom chez Messein et, ensuite, que cette édition rapportera... des frais peut-être?

Croyez-moi, mon cher Maître, pour toujours

Votre admiratrice fidèle dévouée.

S. Jousse.

*

35

[Ms.]

Rua António Maria Cardoso, 25, 3^o

Lisbonne, le 7 août 1933

Mon cher Maître

Je ne sais quand je vous enverrai cette lettre, mais, pour ne pas oublier, je veux tout de suite vous écrire différentes choses.

La dernière fois que j’ai eu l’occasion d’écrire à notre ami Philéas Lebesgue, je lui ai demandé son impression au sujet des deux poésies que je vous ai envoyées. Il y a déjà longtemps, il m’a répondu ceci: “... Je goûte infiniment vos deux traductions... Vos vers sont un décalque de ceux de Pascoaes... Au dernier vers “l’ombre ébauche une étendue immense” m’inquiète un peu. Mais par quoi remplacer ébaucher? “Qu’en dites-vous? Pourquoi ce mot est-il inquiétant?! Je me perds en conjectures!...”

2) Mon livre sur les Açores va être publié par les soins du “Século” Je l’ai remanié complètement. M. Rodrigo de Sá Nogueira m’a beaucoup aidée du côté littéraire et M. Vasco Bensaude m’a secondée dans la rédaction définitive, au sujet des informations

Ceci m’avait donné l’idée d’écrire le *Regresso ao Paraíso* pour la jeunesse, (les autres écrivent bien *Les Lusíadas* et le diable et son train!...) avec des illustrations. (Le *Regresso* illustré et mis en musique est devenu une marotte...). En examinant votre poème, je trouve qu’il faudrait le mutiler à l’excès, en faire tomber la partie philosophique, ou

religieuse si vous préférez, qui en est l'essence. Mais restent les images littéraires. Au lieu de réaliser ce qui, de prime abord, m'avait tentée, j'ai l'intention de faire parler un petit garçon qui raconte ce qu'il a retenu de votre poème, d'après les conversations de son père et de son frère aîné. Me ferez-vous mettre en prison? Au surplus, il faudrait que ce soit vous qui m'aidiez à la rédaction définitive...

3- J'ai un autre livre, destiné à la jeunesse, qui est assez avancé. Je parle pendant deux au trois pages de votre frère et de ses chasses. Puis-je me permettre de faire reproduire quelques unes des photos qu'il m'a données?

4- J'avais écrit à votre grand admirateur des Açores que l'on avait voulu m'obliger à traduire le poème de Job etc... En son temps, j'ai reçu une lettre où il me disait: "... Permite-me que lhe diga que acho muito mais bem empregado o seu tempo, a sua competência e a sua inteligência com Teixeira de Pascoaes do que com A. Correia de Oliveira que, sendo um poeta interessante, nunca atingiu e nem há-de atingir o génio de Pascoaes".

A ce propos, je n'ai jamais revu le neveu de la maîtresse de maison et je n'ai aucune idée de ce qu'il pense de moi. Je n'imaginai que, à cause du maudit Job, "minha vida ia desandar com a dona de casa". Je me suis trompée! Elle a beaucoup de sympathie pour vous, tandis qu'elle ne peut pas voir João Corrêa d'Oliveira. Elle a veillé à ce qu'on me laissât en paix.

5- J'ai été hors de Lisbonne quinze jours (ma carcasse m'a obligée à rentrer dans la capitale), où j'ai eu l'occasion de faire la connaissance de Monseigneur Pereira dos Reis. J'ai même visité Thomas avec lui (avec d'autres personnes) et il m'a été un guide inoubliable. Thomas (le Convento do Christo et le rio Nabão) et cet érudit prélat sont allés se placer parmi les plus beaux souvenirs de ma vie. Si je vous parle de cela, c'est parce que ce prêtre m'a raconté qu'il vous a connu à Coimbra et qu'il a été très bien avec vos frères, surtout avec le Chasseur d'Éléphants. Un jour que je déjeunais assise auprès de lui, (les béates qui étaient à la même table se seraient évanouies jusqu'à la fin de l'éternité si elles avaient compris notre conversation), je lui ai dit: Je voudrais bien savoir pourquoi les catholiques ont fait de C. d'Oliveira le poète de droite, tandis qu'ils ont relegué Pascoaes à gauche... Tous ces gens-là ont l'air d'ignorer que ce sont les Pères de l'Église qui nous ont conservé les beautés de la littérature païenne.

—Vous avez parfaitement raison — me répondit-il — et je voudrais, moi aussi, bien savoir pourquoi on en a fait le poète de gauche.

Je voudrais bien vous parler de *S. Paulo*, mais je tombe de sommeil.

Bonsoir!

1 août - Je désirais vous envoyer le guide que j'ai écrit pour M. Vasco Bensaude, il est en vérité à Londres, à Paris etc. mais, pour le moment, moi-même je n'ai aucun exemplaire.

La maladie et les soucis m'ayant enlevé toute veine poétique, depuis plus d'un mois j'ai tout juste traduit ceci:

“Blancs nuages de l’azur, ó seins créateurs,
Où les rameaux s’ent vont prendre
Le lait qui alimente unisseaux et fleurs,
Et qui recouvre les pierres de mousse tendre.”

J’ai acheté mon exemplaire de *Jesus e Pan* à la Feira do Livro et je ne sais si cette édition vous plaît.

Quand vous aviez fini de martyriser votre *S. Paul*, pouvez-vous corriger ma prose? Et avant tout, il ne faut votre autorisation, pour que puisse aussi m’occuper des illustrations. A vrai dire, dans ma pensée, les images joueraient le premier rôle; le texte ne servirait guère qu’à expliquer les images.

Votre grandre prêtresse se prosterne au pied de votre autel.
S Jousse.

*

36

[Ms.]

Rua das Chagas 16, 4º, Eº
Lisbonne, le 18 Février 1934
Mon cher Maître,

Mercredi prochain 21, je compte recevoir, à partir de cinq heures, D. Carole Pesghnich Herold, une illustre pianiste qui a vécu à la Cour d’Espagne jusqu’à la chute d’Afonso XIII comme vous n’aimez pas la musique, je vous dis tout de suite qu’il n’y a pas de piano ici.

Ph. Lebesgue m’a écrit qu’il attend votre *S. Paul* comme un rayon de soleil. Je viens de m’inscrire (pour 20 frs) à la Société des Amis de Philéas Lebesgue. Il m’a quelquefois ennuyée à propos de préfaces ou d’autres choses, mais je reconnais que c’est la vie la grande responsable de ce qui a pu me choquer parfois. Au fond c’est un grand artiste et un homme qui s’est associé à moi dans mon admiration pour vous. Seulement comme il est critique, il lui faut aussi s’occuper des autres, même s’ils viennent bien après vous. C’est ce que j’ai fini par comprendre... Nécessité fait loi.

Il trouve mon idée ingénieuse au sujet de l’adaptation du *Regresso*.

Mon manuscrit de *A Selva* était accepté à Paris. J’ai refusé de

le remettre pour beaucoup de raisons. En tout cas, puisque je ne suis pas une femme de lettres professionnelle, il n'y a aucune raison que je passe de "cavalo para burro". Par conséquent ce qui m'intéressait c'était seulement l'argent et j'aurais signé d'un pseudonyme.

J'écris un roman. Ph. Lebesgue en a lu les premiers chapitres. Il m'encourage à continuer; il paraît que mon travail est captivant, très personnel et pas du tout banal etc... Vous voilà responsable du livre que je prépare... Si vous n'aviez pas ouvert mes écluses littéraires, je m'en serais tenue à des travaux pédagogiques!

Croyez-moi, mon cher Maître,
Votre fidèle admiratrice et amie

S. Jeusse

*
37

[Ms.]

Travessa Santa Catarina, n° 8 - 2°
Lisboa, le 27 mai 1950

Mon cher Maître,

Veillez m'excuser de déchirer le voile de silence et de solitude dans lequel vous êtes enveloppé.

C'est que j'ai besoin d'un renseignement que vous seul, peut-être, serez à même de me fournir.

En décembre 1934, j'ai été chez Messein pour chercher quelques exemplaires de mes traductions. Je ne me rapelle pas s'il me les a données, sans doute parce que ma mémoire a seulement retenu qu'il m'a fait une espèce de scène, me menaçant de ses foudres si je ne lui versais pas telle somme (des milliers de francs) dans le délai qu'il m'imposait.

La mauvaise foi était si évidente que je consultai la Société des Gens de Lettres (où j'ai eu feu Henri de Régnier de l'Académie Française comme parrain), laquelle me répondit que je ne devais pas donner suite aux exigences de Messein.

Depuis, j'ai parcouru en vain les libraires de Lisbonne et réclamé à Paris. Il y aura bientôt deux ans. Je priai Mario de chez

Bertrand de m'en faire venir, pour un de mes élèves qui devait se marier avec une fille du Professeur Eduardo Coelho. En novembre 1948, le mariage déjà réalisé, Mario me dit que vos livres étaient épuisés. J'ai honte chaque fois que je rencontre mon ancien élève, auquel je répète que je n'oublie pas ma promesse et cela d'autant plus que d'autres personnes se demandent pourquoi on ne trouve mes traductions nulle part.

Savez-vous quelque chose à leur sujet? Ne les aurait-on pas détruites? Si vous vouliez m'informer de l'endroit où on peut en trouver, je vous en serais reconnaissante.

J'espère, mon cher Maître, que vous jouissez d'une bonne santé, que les dieux et les déesses de l'Olympe continuent de vous fréquenter et que vous prenez note de ce qu'ils vous inspirent. Et croyez que je porte toujours le même intérêt à votre oeuvre et que mes sentiments profondément admiratifs et amicaux sont toujours restés au-dessus de la mer de nuages.

Votre disciple reconnaissante

S. Jeunesse

*
38

[Ms.]

[s.d.]

6 juin

Mon cher Maître,

Je ne mérite pas les reproches que vous me faites et comme l'on dit dans mon pays: "Qui n'entend qu'une cloche n'entend qu'un son".

Ni maintenant, ni plus tard j'en essayerai de me justifier, car toutes les secousses morales par lesquelles on m'a fait passer me rendent plus malade que tout le reste.

Vous me connaissez bien peu pour avoir l'air de m'accuser que je vous ai accusé d'égoïsme au sujet des traductions. En tout cas, je ne veux pas en profiter et je vais écrire à Ph. Lebesgue que je suis tombée malade et que je ne peux plus m'occuper de rien.

C'est douloureux et c'est cruel de penser que vous avez pu me juger aussi mal. Mais "c'était écrit".

J'espère que votre frère Jean voudra bien m'écrire à quelle époque je pourrai vous débarrasser des affaires que j'avais déposées rue Buenos-Ayres.

Je conserverai pour vous la même admiration et la même amitié et je n'oublierai rien de ce que vous avez fait pour moi.

S. Jeusse.

*

39

[s.d.]

[Ms.]

York House, Mardi
Mon Cher Maître,

Pour être sûre que ma lettre vous trouve encore à Amarante, je vous remercie tout de suite.

Dois-je vous gronder ou vous remercier au sujet de la machine?!! De deux choses l'une, ou je ne parlerai jamais devant vous des choses dont je peux avoir besoin, ou je me mettrai à désirer un yacht ou un château au bord de la Loire... Je vous minerai! Puisque le mal est fait, j'espère que c'est une machine portable que vous avez commandé (de préférence une Remigton); une grande machine est inutile car à part vos travaux et peut-être quelques notes pour mes leçons et mes élucubrations, je n'ai pas besoin de machine. Croyez-vous que si pour composer ou élaborer une traduction, je ne puis le faire que plume en main, quand il s'agit de copier — tout en perfectionnant mon travail — la machine est pour moi une aide de premier ordre. Le bruit qu'elle fait berce ma pensée, le mouvement des doigts réveille mon énergie et belle phrase, que je n'ai pu mettre debout plume en main, se compose d'elle-même sous mes doigts. Je comprends Lamartine d'avoir soupiré après la machine à écrire avant qu'elle n'existe.

En ce qui concerne les droits de traduction, je trouve qu'il est bien de ne pas entraver la besogne des traducteurs par des droits à payer etc. etc. Mais je trouverais juste de s'en réserver quelques uns au-delà d'un certain nombre d'éditions! Les grands hommes devraient se mettre en tutelle pour les questions pratiques... Les Slaves aiment la poésie et votre livre se vendra peut-être beaucoup plus qu'au Portugal. En ce qui concerne mes traductions, elles vous appartiennent et vous pouvez en disposer comme vous voulez. Chez l'éditeur tout est en votre nom et vous ne me devez rien!

Pour en revenir à votre má lingua puisque vous, aigle, sentez

les coups de bec des moineaux, comment voulez-vous que les moineaux ne soient pas transpercés d'un seul regard de l'aigle? Je crois que le silence est la meilleure preuve de mépris pour tous les pseudos artistes et littérateurs.

M. Hourcade est lecteur à l'Université à Coimbra c'est lui qui a reçu Ph. Lebesgue. Ce dernier m'a déjà écrit deux fois de France. Il garde un souvenir incomparable d'Amarante.

Il faut que je sorte, je me suis déjà mise en retard...

Avec mes affectueux souvenirs je reste la prêtresse du dieu Apollon.

S. Jousse

P. S. Impossible trouver ici "Diário de Notícias".

1.16 • Carlos Queiroz 15 cartas, de 1932 a 1944

*

1

[Ms.]

[Tb.]

Lisboa, 12 de Junho de 1932

Meu caríssimo Amigo e não menos admiradíssimo confrade:

Domingo. Muitíssimo domingo! Lá fora, aqui no Café, dentro de mim... em toda a parte. "Então nós temos que passar êste tempo todo sem o Pascoaes?!" É esta a pergunta que de vez em quando nós, os seus amigos, fazemos uns aos outros. E quando não a fazemos, ela está dentro de nós. A verdade é que o Pascoaes nos faz uma falta dos diabos! Já estávamos agarrados à sua lúcida presença, como as lapas à rocha. Às vezes dou comigo a ter um ciúme doido do S. Paulo. Imagine, — que megalomania!

Não está aqui ninguém que valha a pena anunciar: nem o Correia de Oliveira (o eminente 2º), nem o Norte... minto! — acaba agora mesmo de entrar, ruidoso e desconjuntado como um Jazz-band. O criado que serve é o Fausto. São cinco horas da tarde, e estou sentado na penúltima mesa do lado direito para quem entra, voltado para a porta. Não tenha pena por causa do café, porque hoje não está grande coisa. Um pouco queimado, deixando resíduos no fundo do copo. A água é que

está fresca, mas como o Pascoaes só bebe das Pedras, não vale a pena falar nisso.

Não sei se ainda estava em Lisboa quando eu tomei a salutar resolução de não ir a actos. É difícil explicar porque o fiz; sobretudo seria longo, por demasiadamente complexo. Acho, por isso, mais cómodo atribuir as culpas aos outros. O que não há duvida é que foi uma força superior às minhas que me forçou a fazê-lo: — por isso lhe chamo uma resolução salutar.

Neste momento, o meu livro está-me interessando mais do que tudo. É certo que me faz sofrer a ideia de que está longe de corresponder ao que eu desejaria que fôsse, mas, no entanto, não me desagrada publicá-lo. Direi mesmo: estou ansioso por vê-lo publicado! O Ibsen tem razão, quando diz: “o homem é assim feito: a mesma coisa é, para êle, motivo de fé e de dúvida...”

Tenho mais três poesias novas que acrescentei ao conjunto. Uma delas, por ser a mais pequena (e não por que seja a que mais me interessa) posso dizer-lhe como é:

Possesso consciente
Do demónio da carne,
A besta adormeci: — A odiosa
E querida besta que me prende à terra
E me ruge aos ouvidos:
“Cumpre o instinto que te faz humano!”
Agora dorme. E um vazio imenso
A pouco e pouco sinto apoderar-se
Do largo espaço que ela em mim preenche
quando está acordada.
Momento criador? Divina calma?
— Alma, não ouças... mas parece
O vazio do nada!

A propósito de versos: Estive há noites a folhear o seu “Regresso ao Paraíso”. A folhear, é como quem diz: Abri-o antes de meio e só acabei a releitura no fim. Subconscientemente, ia fazendo a experiência de imaginá-lo traduzido para qualquer língua, e cheguei à conclusão de que a sua essência resiste, sem perda de interesse fundamental, até em Chinês ou Kimbundo! Isto ainda me despertou maior curiosidade de conhecer a tradução francesa. Se acaso tiver aí algum exemplar disponível, peço-lhe que m’o envie, juntamente com o retrato prometido e o mais de que tomou nota. — Sou exigente, ein? Quicá grosseiramente exigente!... Mas não importa: Eu conheço bem a sua ultra-catolica benevolencia para esta espécie de fraquezas humanas. Eu disse ultra-católica, no sentido de a considerar não só mais do que isso, como para o outro lado disso).

Raras vezes me disponho a escrever aos Amigos, por preguiça, por dispersão e por não me sentir em estado de plena (ou melhor: “descarnada”, como o Pascoaes diria) sinceridade. Mas hoje consegui vencer todos estes obstáculos e, como vê, o resultado foi êste: — uma carta do tamanho do tédio que reina neste domingo, nesta Lisboa e nesta Brasileira!

Há dias que sinto uma sêde avernal, como diria um clássico, de ar puro, extra-cidadino, e uma grande dose de solidão, indispensável para umas certas pesquisas que necessito de fazer em mim mesmo, lá muito para o interior... Vou ver se consigo pegar em mim e transportar-me para uma praia longínqua e, quanto possível, deserta.

O António Duarte aparece de quando em quando. Combinei com êle fazermos umas “escapadas” à Costa da Caparica, praticarmos o mais casto e saudável de todos os desportos, que se chama “nudismo integral”. Nós, hoje, chamamos a isto desporto, o que deve dar vontade de rir, (se o riso, lá no outro mundo, é permitido) aos nossos paradisíacos pais. Mas ainda não fomos; — de resto, não sei porquê.

Antes de ontem, como sabe, foi o dia chamado “de Camões”. A Camara resolveu prestar-lhe a tradicional homenagem: de ofender a memória do Épico, embandeirando com sórdidos farrapos o recinto da estátua, onde espetou uns velhíssimos paus de vermelho sujo e ergueu um coreto de feira aldeã, pintado de verde-caca. Uma vergonha! Um doloroso vexame! Mas, muito tradicional... À noite, a população encheu o largo, a banda tocou umas marchas e os garotos fartaram-se de brincar às escondidas à roda da estátua e das pessoas. Uma pagodeira! E um cheiro!... Um destes cheiros colectivos muito característicos da raça, que dá mesmo vontade de “varrer com uma agulheta os mais convictos nacionalistas: — os que são (não me canso de o dizer:) os maiores inimigos da patria.

Um grande abraço do seu, muito amigo e admirador
Carlos Queiroz

P. S. Como há-de ser isto agora, de arranjar um sêlo para esta carta, sem o Pascoaes cá... a única pessoa que eu conheço em Portugal que traz consigo êsse tesouro?! ... Grave problema!

A minha direcção (para o caso de ter alguma vez paciência, tempo e disposição para me escrever), é: “Praça D. João da Camara, 4 - 2º - Esq.”

Mais um abraço do seu, Carlos Queiroz

*

2

[Ms.]

[Tb.]

Lx. 3 - Julho de 1932

Meu caríssimo Amigo:

Desculpe-me a demora da resposta à sua gentilíssima carta e o agradecimento da oferta da tradução do “Regresso ao Paraíso” e do retrato. Quanto a êste, deixe-me ter o descaramento de lhe confessar que preferia que fôsse fotográfico. Mas também é possível que o meu querido Amigo me tivesse enviado a reprodução da sanguínea do Carneiro, por não ter mais nenhuma prova do retrato (aliás magnífico) que eu ví uma vez em casa do Olavo. Se assim não for, tenha paciência de m’o enviar. Sou implacável, não é verdade)? Mas esta implacabilidade (ou mal-criada exigência, se assim preferir) é o natural producto da muita estima que lhe cansagro. Ainda não acabei de ler a tradução do “Regresso”, mas, até onde cheguei, satisfaz-me plenamente. Há dias, lendo o admirável prefácio que Gerard Nerval escreveu para a sua tradução do “Fausto”, encontrei uma citação das memórias de Goethe, da qual se serve como justificação de ter traduzido livremente a sua obra: Diz o Goethe, pouco mais ou menos, que o essencial duma poesia, ou dum poema, é o que fica depois de traduzidos em prosa. Embora o ritmo e a rima originais, tenham grande importância formal e contribuem para transmitir a emoção que o poeta lhes comunicou, se essa emoção não resistir a uma tradução livre da poesia ou do poema, é... porque não existia na obra original.

Como sabe, não é êste o caso do seu “Regresso”, como não é o do “Fausto”, nem de todas as obras imortais: A essência fica, inalteravel, magnífica, intangível.

Aqui, na Brasileira, onde lhe escrevo, encontram-se, numa mesa vizinha da minha, o Carlos Faro e o Dr. Sobral Cid, que me pediram para o abraçar. O Dr. Sobral Cid deseja-lhe (quem há que não lhe deseje?) saude e inspiração. Poucas novidades, por aqui. A morte de D. Manoel é um assunto que já deu o que tinha a dar, para aqueles que não viram nela nenhuma espécie de vantagens políticas... Refiro-me aos que alimentam a sebastiânica esperança da vinda de D. Duarte, que rejubilaram com a notícia.

Junto com esta, envio-lhe o recorte do poema do A. Correia de Oliveira, o “eminente”, publicado em artigo de fundo (!) na Voz, há muitos dias. Não o faço nem pelo sub-título genial que a humanidade sinceríssima do poeta inspirou a acrescentar ao título. Se eu lhe contasse, sem lhe enviar um exemplar, talvez o Pascoaes pusesse duvidas... no que teria toda a razão.

Mais nada, por hoje: Mais uma vez muitíssimo obrigado por todas as suas gentilezas e um grande abraço do seu

Amigo dedicado e admirador

Carlos Queiroz

P. S. O Manoel Mendes, que acaba de chegar e me pede para lhe retribuir os seus saudosos cumprimentos, lamentou, muito naturalmente, não conhecer ainda a tradução francesa do “Regresso”. Eu poderia emprestar-lhe a minha, mas êle preferia ficar de posse dum exemplar, como é naturalíssimo, desejo que talvez o meu Querido Amigo possa satisfazer, oferecendo-lho. (O Zé Gomes Ferreira chegou agora mesmo, fez cara de chôro e disse que também quere!...

Isto é que é uma malandragem!) Todos o abraçam.

*

3

[Ms.]

[Tb.]

Lxº. 27 - Julho - 932

Meu querido Amigo

Alguns camaradas a quem li a Ode Pagã, que segue noutra carta, tentaram convencer-me de que ela é uma das minhas melhores composições. O José Gomes Ferreira gostou muito e é da mesma opinião. Ora, o entusiasmo dos Amigos é uma coisa e... a verdade pode ser outra. Como todos foram unânimes em me aconselhar a incluí-la no meu livro, eu gostaria de conhecer a sua opinião, para o resolver em definitivo.

Eles ouviram-na ler: — não a leram. Além disso, estavam presentes e eu também. Além disso, ainda, eu preparei, inconscientemente (e com a ajuda da minha côr, tostada pelo sol) o ambiente propício à índole da poesia. Com o Pascoaes dá-se outro caso: Está longe, desprevenido e, em vez de a ouvir ler, vai lê-la. Vai, pois, analisá-la a frio, criticamente.

É por isso, e sobretudo por acreditar na sua absoluta sinceridade (da qual já tenho a confirmação várias vezes dada pela experiência), que eu o convido para árbitro desta poética dúvida.

Qualquer verso que lhe pareça diminuir a unidade do conjunto, ou qualquer outra deficiência que lhe encontrar, peço-lhe que m'ó diga.

Desculpe-me abusar desta maneira da sua paciencia. Como se o meu querido Amigo não tivesse mais em que pensar!...

Queixa-se o Pascoaes de que o S. Paulo não o deixa. Eu digo-lhe, sem cinismo, mas antes com o mais forte e afectivo entusiasmo: Ainda bem! Estamos todos ansiosos por vê-lo publicado. Deve já estar muito adiantado, não?

Escreva-me, logo que tenha tempo e boa disposição para o fazer.

Abraça-o o Amigo certo e grato e admirador

Carlos Queiroz

*

4

[Ms.]

Lisboa, 12 - 12 - 932

Meu Querido Amigo:

Oh! esta vida medíocre, absorvente e dispersiva da capital! Estes Cafés, estes amigos, êste clima, estas conversas, êste Chiado, êste agradável aborrecimento de todos os dias...

Agradavel? eu disse agradavel?! É verdade que disse, porque, se o não fôsse, só uma palavra explicaria a minha reincidência quotidiana neste ritmo dispartado e inútil: ESTUPIDEZ.

Hoje, quando descia o Chiado para regressar a casa, dei comigo a pensar: É demais, êste abuso que a besta faz das forças naturais, com que nasceu, para proteger o espírito... O nosso espírito não é nosso, senão quando os deuses resolvem, lá de quando em quando, dar-nos a alternativa. E vai daí, a besta apanha-se à solta, e faz o que quer... Depois, prometi a mim mesmo chicotear a besta, sacudir o hábito, esbofetear a preguiça, dar pontapés no cu do marasmo e... escrever-lhe hoje mesmo uma carta, a dar-lhe notícias minhas, de Lisboa e dos amigos. Minhas e de Lisboa, já eu as dei: É essa chatice — ambiente que ficou aí para traz... Os amigos continuam e, de verdade, não o esquecem. Bem sei que é muito pouco, mas não o esquecem. Provavelmente, também pelas mesmas razões. O António Duarte quási

todos os dias me diz: — “Imagine que ainda não escrevi ao nosso Amigo Pascoaes! É indecente, não acha? Mas hoje vou escrever-lhe!” Outras vezes, sou eu que lhe digo o mesmo, quási com as mesmas palavras... Depois, falamos de si, com ternura e saudade.

Ao menos, hoje, quero ser o primeiro a enviar-lhe êsse recorte do Diário de Lisboa, a propósito do Prémio Nobel. Insistem em lembrar o nome do C. de O. É espantoso — mas é cómico. E o Dantas?! Ó delicioso país! A noção que esta gente tem de Humano e Universal! Um grande abraço do seu, muito amigo, Carlos Queiroz.

*

5

[Ms.]

Lx 30 - Dez. - 932

Meu querido Amigo:

Como não quero deixar passar êste ano sem que receba noticias minhas, com os votos sinceros dum novo ano cheio de Poesia e de tranquilidade de espírito (visto que a “felicidade” é uma coisa que parece não existir neste mundo) escrevo-lhe mesmo neste papel.

Há dias que estou constipado, e resolvi passar a noite de hoje em casa, para ver se acabo com isto. O único papel que encontrei foi êste. O meu querido Amigo desculpará.

Será depois do almoço; Comprei Aspirina, fui à Brasileira, tomar um café... e aqui estou, embrulhado num chale de minha mãe, à espera que isto passe. Amanhã deve haver uma rapioca nocturna em casa do pintor Carlos Botelho (creio que o Pascoaes o conhece), onde fiquei de comparecer. Vai também o José Gomes Ferreira com a mulher, o Manuel Mendes, o Bernardo Marques, o Olavo, e mais cinco ou seis amigos.

Suponho que os vinhos serão abundantes e multicolores. Tudo indica que o Ano Novo vai ter uma recepção alegre e pomposa, — à maneira pagã, como convém. Uma verdadeira recepção vinícula!

Encantou-me a ideia de já ser uma realidade, brevemente verificável, o seu “S. Paulo”. Fez-me crescer água na boca!

Comuniquei a todos os nossos amigos esta agradável notícia, que a todos entusiasmou.

Muito obrigado pelas referencias que faz na sua carta à minha

poesia, e pelo afectuoso interêsse que manifestou pelos meus projectos literários. Por enquanto, não passam de projectos. Mas já é alguma coisa, nestes tremendos tempos de crise...

Quando vem? Estou ansioso por poder abraçá-lo.

Saudades sinceras

Do amigo grato e dedicado

Carlos Queiroz

P.S. Tenho tido agora tantos projectos literários a espicaçar-me a imaginação, que as musas andam atordoadas e esbaforidas. Uma novela já em meio, uma ideia, ainda em esboço para um romance, uma voz a segredar-me que põinha a prosa ao serviço do teatro... Uma loucura, — para não dizer uma megalomania!

Finalmente, há dois dias, consegui pôr em verso (e, mesmo assim, livre e branco) uma saudade da Infância que andava há tempos a minar-me, como traça, o fôrro da alma...

É a poesia que segue:

P.S. A Brasileira está na mesma, tanto quanto é possível sem a sua agradável e estimada Presença.

O António, como já deve saber, está nas Caldas.

A mulher do Olavo teve um menino na passada quinta feira. Um menino muito peludo, muito viril, com as unhas enormes e uma carranca monstruosamente simpática.

O Zé Gomes Ferreira não perde uma oportunidade para falar em si. O Manoel também não. Eu, idem.

Dizem que o D. Manoel não vem todo: — vem só os restos... mas nós não acreditamos. Também dizem que, antes de morrer, deixou a mulher grávida, para mais confusão no confuso meio monárquico... Calúnias!

Outro Abraço do seu,
do coração, Carlos Queiroz

*

ELEGIA DA INFÂNCIA MORTA

Morta a infância, o que restou
Não tem encanto nem grandeza:
Um banal arremedo de presença
Que os espelhos acusam
De temer a verdade;
Uma alma transida de mistério
Procurando na treva
Um mundo que não há.

Morta a infância, o que fazer?!
— Cobrí-la com um sorriso,
Erguer ao céu os olhos marejados
E deixá-la afundar-se
No abismo do tempo.
Morta a infância, que se apague
O meu rastro na vida,
Já sem milagre nem condão!
(Mas brandamente, ao menos, brandamente,
Como pégadas em areia fina
Delidas pela brisa
Duma tarde estival).

Carlos Queiroz

*

6

[Ms.]

[Tb.]

Lisboa

ROCIO E CHIADO

—

Lisboa, 22 de Set, de 1933

Vendas para toda a parte

Meu Querido Amigo

Não é necessário dizer-lhe onde estou: o timbre dêste papel fala bem claro.

Aqui, em Lisboa, nada de novo. A mesma gente, as mesmas conversas, o mesmo tédio e a mesma esperança de um futuro melhor. Se não fosse a Poesia, o Amor e o Mar — que vejo de quando em quando — já me tinha suicidado. Digo-lhe isto sem literatura, ao correr da pena e do sentimento. Em Portugal, meu Querido Amigo, continua a não bolir uma folha, como nos tempos da sua puerícia. Os ruídos que temos a mais, são mecânicos, puramente físicos e artificiais. Uma lástima. Ao menos, vocês, os jovens da sua geração, viviam com mais tranquilidade; num ambiente de espiritual desolação, é certo, mas muito mais ordenado e harmonioso.

Mas isto não vem nada a propósito. Não era isto que eu lhe queria dizer. Pedi ao Magalhães que me trouxesse papel, porque estava a pensar em si, sózinho, neste canto da “Brasileira” — o mais próximo da porta, do lado direito. Estava a pensar em si saudosamente, — eu, o anti-saudosista que Você conhece e eu julgo que estima... Não suponha que isto me aconteceu por mero e raro acaso. Não, isto é frequente, quasi cotidiano. (Se não fosse recear que o meu querido Amigo duvidasse, diria: cotidiano, simplesmente, sem o quasi). Ontem, aconteceu uma coisa curiosa, que eu passo a contar-lhe: Peguei na última edição dos “Cantos Indecisos” e abri o livro ao acaso. Saiu-me nas sortes a “Elegia do Amor”. A certa altura, pareceu-me sentir que tinha alterado alguns versos da primeira edição e fui cotejar as duas. À margem da segunda, fui escrevendo a lápis os versos alterados da primeira. Tudo isto, (já vai perdoar-me o pecado crítico sem ser necessário que eu lho pessa) tudo isto feito a frio, tecnicamente, como quem estuda música... Quando acabei o trabalho, senti que todas as alterações estavam certas e melhoraram o poema, — se tanto era possível. Então, recomecei a leitura, sem a preocupação dispersiva das

alterações, depois de apagar os versos escritos á margem. Comecei a aquecer, sem dar por isso, gradualmente, a deixar o espírito penetrar, cada vez mais fundo, na intensa atmosfera de amor que o seu poema emana e... quando acabei, estava, positivamente, embriagado! Então, fechei os olhos, (isto foi ontem, quinta feira, e eram 2 e meia da tarde) fechei os olhos com força, invoquei o seu espírito e disse-lhe, em voz baixa: “ Tu és amado! Tu és amado! Tu és amado!”

Quando voltei a mim, — esta é a expressão exacta —, analisei o acontecimento e conclui que só a Poesia, a verdadeira Poesia é capaz de realizar, na terra, êste milagre: a certeza do Amor, liberto da dúvida, e a esperança da sua eternidade.

“ Ah! que O Poeta não é bem
êsse de quem o vulgo diz
que nada faz!...”

Um grande abraço saudoso do seu amigo certo e admirador.

Carlos Queiroz

*

7

[Ms.]

Lx. 5 de Dez. de 1933

Meu querido Amigo

Nem tenho coragem para lhe pedir desculpa do silêncio que fiz cair sôbre a sua última carta. Uma carta que me impressionou e enteneceu profundamente, tão grande e generosa era a alma que deixava transparecer! Talvez venha daí, o meu silêncio... — E não lhe digo isto para me desculpar. Sentia que não estava certo responder-lhe com algumas futilidades mal contadas, que outra coisa não inspira esta dispersiva vida lisboeta. Poderia, é certo, contar-me por dentro; mas tão adversa a vida me tem sido, nestes últimos tempos, que receei não saber ocultar o azedume em que essa adversidade me lançou. Era-me necessário, como diz o filósofo Alain, “surmonter l’humeur”; e isso é uma coisa que só com o tempo se consegue.

Diz o meu Querido Amigo que era vagamente que eu na minha carta lhe falava na Poesia, no mar e no Amor; mas, apesar de vagamente, foi o bastante para sentir que eu continuava a fazer versos, a amar e a contemplar o mar. É verdade que tudo isso fiz e continuo fazendo, com excepção da última dessas três inegaláveis e profundas ocupações. A

Poesia tem-me sido o mais hospitaleira e confortável dos refúgios; o amor, o mais delicioso dos lenitivos. Não sei o que seria de mim, sem êles.

Queixava-se o meu bom Amigo de ter cantado e não ter sido ouvido, de ter amado em vão, e de ter sido hostilmente recebido pelo mar. É ouvido e amado por todos nós, creia, e sempre, pelo tempo fóra, cada vez mais. Não é bastante? Eu sei que não é bastante... Falta-lhe qualquer coisa, que é o principal. Mas, não será por isso mesmo que o Pascoaes é tão amado pelos deuses?! Não é impunemente que se mostra ao mundo um espírito criador com a elevação e a profundidade do seu. O mundo reage, a própria natureza reage. Não será assim? O mais importante é a obra que fica, o rastro que se deixa. Se a obra fôr bela, e fôr inspirada nos elevados princípios de tudo quanto a vida tem de generoso e humano, um dia, — ainda que seja para além da derradeira hora que se vive — ser-se há ouvido, compreendido e amado.

Mas eu estou para aqui a dizer coisas que o meu querido Amigo já sabe — ou antes, sente — há muito mais tempo do que eu! Desculpe. Não é minha intenção, de resto, aconselhá-lo a ter confiança na sua obra e na compreensão — tão rara e difícil — dos mortais... O meu bom amigo sabe muito bem, certamente, até onde deverá tê-la. Também não era minha intenção dizer-lhe isto, mas, já que o deixei transparecer, dá-lo-ei mais claramente: por mim, digo: quanto a mim, o rastro que a sua Obra deixa no Tempo, é eterno e sagrado. (Aliás, nunca me foi nem será tão fácil ser profeta).

O seu “S. Paulo” é aqui esperado ansiosamente. Diz-me na sua carta que já ia em mais de quatrocentas páginas. Admirável! Magnífico! Temos um livro grande e um grande livro, para ler, meditar e amar! Não lhe peço que o acabe depressa, mas confesso-lhe que tenho pressa. Além disso, já temos saudades suas. Falamos muito de si, muitas vezes, — como deve calcular e a sua alma deve sentir. Eu e o António Duarte, sempre que estamos juntos, não podemos deixar de lembrá-lo e de fazer votos para que não prolongue em demasia a sua ausência. O José Gomes Ferreira também me pergunta muitas vezes por notícias suas. Há dias, falando com o Pierre Hourcade (o Pascoaes sabe quem é; lembra-se?) ficou combinado pedir-lhe para o deixar traduzir alguns dos seus mais característicos e universais poemas, para serem publicados numa revista de Bruxelas. Depois falaremos. O Reis Santos está encantado com o poema que lhe enviou; já sabe alguns versos de côr, que me fizeram crescer água na bôca (na bôca da alma, se é que a tem...), mas nada de satisfazer o meu apetite, trazendo-me o original. Um pérfido!... (Ele admira-o muito e está-lhe reconhecidíssimo). O Almada fez umas ilustrações alegóricas que são uma delícia para os olhos! Um grande abraço do seu coração.

Carlos Queiroz

P.S. Segue juntamente um exemplar do último nº da “Presença”, com colaboração do seu Amigo certo e admirador

Carlos Queiroz

P.S.—Não peço para me escrever, com receio de roubar ao seu trabalho alguns momentos — que todos são preciosos. No entanto ... se conseguir um breve intervalo em que tenha disposição ... não deixe de o fazer, dando-me notícias.

Seu, Carlos Queiroz

*

8

[Ms.]

Lx^a 31 de Dez.de 1933

Meu Querido Amigo:

Uma boa passagem de ano e que 1934 nos traga, aqui a Lisboa, a sua estimada presença, na companhia de “S. Paulo”. Serão ambos muito bem recebidos, pois são saudosamente esperados.

Recebi a sua carta, que de fundo do coração lhe agradeço. O Antonio Duarte tentou convencer-me a ir aí passar uns dias. Entristeceu-me a impossibilidade de realizar essa ideia tão agradável, que há muito tempo me encanta. Será para o próximo verão, ou talvez antes, não sei, — conforme as circunstâncias o permitirem.

Um grande abraço e boas festas do seu,
do coração muito dedicado e grato

Carlos Queiroz

*
9

[Tb.]

[Ms.]

CARLOS QUEIROZ
Praça D. João da Câmara, 4, 2º E.
Telef. 25680 LISBOA

3/1/935

Meu Querido Amigo

Aqui estou, — embora por breves momentos, — a desejar-lhe um novo ano cheio de prosperidades, de saúde, de alegria, e de auto-satisfatórias criações poéticas, na invejável serenidade da sua voluntária e fecunda solidão.

Além disso, quero dizer-lhe que penso em si muitas vezes ao dia, com profunda amizade, saudade verdadeira e meditada admiração. E isso faz-me bem!

Um grande abraço do seu
Carlos Queiroz

*
10

[Tb.]

[Ms.]

CARLOS QUEIROZ
Praça D. João da Câmara, 4, 2º E
Telef. 25680
LISBOA

16/2/935

Meu Querido Amigo:

Aqui fica o soneto prometido. Mais por si do que por mim, lamento que não seja genial. Mas tenho a desculpa de estar convalescen-

te... não é verdade? A genialidade virá depois! E, então, quando vier, farei outro. (Até poderia dar-lhe êste sub-título: “Esboço para um soneto genial, “se não receasse parecer muito modesto)...

Um grande abraço
Do seu, do coração,
amigo certo e admirador
sincero,

Carlos Queiroz

*

A um estrangeiro

Isto de ser poeta e português,
Não é tão simples como imaginais.
Vede em Camões, Antero e Pascoaes,
O que essa estrêla dúplice lhes fez.

É uma f´rida que não sara mais,
A que fizer a luz que alguma vez
Aureolou as fronte d’esses trez
E de outros, cujas vidas ignorais:

Gomes Leal, Cesário Verde... tantos!
Se fossem doutro povo, doutra raça,
Seriam geniais, mas sem desgraça.

Os poetas, aqui, são como os santos:
Não conhecem os frutos dos seus prantos
E a glória é póstuma ilusão que passa.

Carlos Queiroz
Fev. 1935.

*

11

[Ms.]

BILHETE POSTAL**Portugal**

Ex.m^o Senhor
 Dr. Joaquim Teixeira de Pascoaes
 Amarante

12/9/936

Querido Amigo

O Marão não sai de dentro nem de cima de mim. A ideia tão felizmente realizada de ir aí raptá-lo, (Ganymedes que logo se transformam em Águia ...) é o melhor verso que eu tenho feito! Obrigado por tudo e, em especial, por ter querido ser o padrinho dêste baptismo.

Um grande abraço do seu

Carlos

Respeitosas lembranças a Sua Exm^a Mãe.

*

12

[Tb.]

[Ms.]

MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS E COMUNICAÇÕES
EMISSORA NACIONAL DE RADIODIFUSÃO
 RUA DO QUELHAS—TELG. "EMISSORA"—TELEF. 60181
 LISBOA — PORTUGAL

16/2/944

Meu querido Poeta e Amigo:
 Os meus afectuosos cumprimentos.

O assunto é este: Fui convidado para dirigir uma revista mensal, com o título de “Litoral”¹⁹; cujo primeiro número sairá muito breve. Trata-se de uma empresa particular e foi-me dada plena liberdade de direcção. Assim, não só agirei com independência evitando toda a colaboração de carácter político — ou politicante — ainda que de apresentação sibilina, como farei tudo quanto estiver ao meu alcance para que a revista seja uma coisa séria, com um nível de dignidade que irá desde a composição gráfica (sem certazismos nem fantasias excessivas), até à escolha dos colaboradores e ao carácter e qualidade da colaboração.

É aí que sairá aquele estudo sobre a sua Obra de que há tempos lhe falei; e que o autor — Eudoro de Souza — me prometeu integrar dentro de algumas semanas.

Interessa-me que os textos deixem transparecer o desejo de contribuir para uma elevação do nosso nível cultural (um puxar para cima de guindaste, e não um arrastar de sarilho tocando, quando se trate de ensaios ou estudos, temas e problemas de raiz nacional — sem historicismos, propagandismos e folclorismos de fachada. Até certa medida (que a maior deficiência de valores espirituais da nossa época determina) será um prolongamento da velha, da nobre e bela “Águia”. Será, isto é: estimaria eu que fôsse e também é oportuno dizer-lhe que não deve ser difícil obter) num dos oito “...—hors-textes” que cada número publica, com documentos vivos e interessantes.

Desculpe tanto pedido junto. Mas peça-lhe que não deixe cair no vazio este meu sonho de contar com a sua preciosa colaboração, para o “Litoral”, que eu queria que fôsse uma coisa nossa, representativa e significativa!

E poesia também! Venha poesia!!!

Quando poderá responder-me a esta carta? Fico inquieto pela resposta.

Outra ideia: — Um estudo sobre a personalidade e a obra de Leonardo Coimbra! Recordações de Leonardo Coimbra... o seu espírito, o seu golpe de asa, o seu fogo interior... Que excelente matéria prima para as suas mãos anímicas, dramaturgo-poeta!...

Deus queira que lhe sobre algum tempo para pensar nisto tudo — e alguns minutos para responder a este ansioso apêlo.

do seu amigo e admirador muito dedicado, grato

Carlos Queiroz

¹⁹ “Revista mensal de cultura” — será o sub-título. Esta revista, saída em Lisboa em 1944, é dirigida por Carlos Queiroz e tem como colaboradores, entre outros, Afonso Duarte, João de Castro Osório, Branquinho da Fonseca, António Quadros, Irene Lisboa, Pedro Homem de Melo.

Manifesta interesses diversos: criação, crítica literária, divulgação de inéditos, música, jornalismo, intervenção na vida pública.

S/C Largo D. João da Câmara, 4 - 2º esq.
Lisboa

O José Marinho, ficou de escrever para o *Litoral* um ensaio sôbre o movimento da “Renascença”, que foi dos mais sérios e importantes de que a história da cultura portuguesa pode orgulhar-se.

Pois bem, meu querido Amigo: é para esta revista que venho pedir a sua colaboração. Li ontem no “Notícias” que vai fazer agora uma conferência. Pergunto: Já prometeu a publicação do texto a alguma revista? Poderei eu contar com êle? Seria magnífico! Caso contrário, se fôsse possível dispensar-me algumas das mais incisivas “Cartas a uma poetisa”, ficar-lhe-ia reconhecédissimo. Ou qualquer outro trabalho que já tenha escrito, ou esboçado, e que quisesse retocar... Enfim: depois de tão longo (e tão compreensível) afastamento da publicidade periódica, o meu querido Amigo é que sabe o que mais lhe interessa e convém dar-me se o quiser fazer, como ansiosamente espero.

Mais lhe direi que o “Litoral vai ter expansão no Brasil, na África do Norte e também em Espanha. A propósito: que alegria me daria se quisesse fazer um ensaio um estudo sôbre a personalidade e a obra de Unamuno!!! Pense nisso, sim? E se me desse algumas cartas inéditas dêle!! Seria uma maravilha! Viriam então êsses textos no mesmo número, e com um retrato (que [...])

*

13

[Ms.]

S/C. Largo D. João da Câmara, 4 - 2º Esqº

26-2-944

Meu Querido e admirado Amigo:

Fico-lhe muito grato pela promessa de me mandar colaboração para o “Litoral — e só faço votos para que seja muito breve.

Tremenda e significativa coisa, essa interdição ao seu S. Jerónimo, em Espanha. Com essa Espanha não tinha nada que ver Unamuno — e por isso ousou pedir-lhe que pense num breve (ou longo!...) estudo sôbre a sua obra. E se pudesse dispensar-me uma ou

mais cartas que possua dêle? Não me lembro se já tive coragem para fazer-lhe êste pedido. Se assim foi, terei agora para o reforçar. E outros documentos interessantes? Cartas de Leonardo Coimbra ou de Raúl Brandão... não me leva a mal tanta audácia neste acto de pedir por bem?

Continuo também esperançado em que algum dia me dê artigos sôbre os autores citados. Eu sei que o Pascoaes terá muito a dizer sôbre êles, e ninguém o diria melhor.

Por agora, atendendo ao facto de estar absorvido por êsse trabalho de responsabilidade, não lhe faço urgência se não no envio da prometida carta a uma poetisa. Os futuros leitores da revista lhe agradecerão, melhor do que eu (ainda que silenciosamente) essa generosidade. E creia, meu querido Pascoaes, que penso muito em si. Eu e os nossos amigos que não são tão poucos nem tão ingratos quanto possa imaginar, no cimo da sua voluntária e fecunda solidão. Ah! quem pudesse estar aí consigo alguns dias, com discretos, com inofensivos passos de sombra!

Um grande abraço
do seu amigo e
admirador muito dedicado
e grato por tudo

Carlos Queiroz

*
14

[Tb.]

[Ms.]

LITORAL
Revista Mensal de Cultura
21/4/44

Meu Querido Amigo:

Desculpe a impertinência, mas preciso de saber com o que conto para a saída dos primeiros números da revista... Deve lembrar-se, da sua "Águia", como isto pesa ainda que agradavelmente.

Pode mandar-me a sua prometida colaboração? Ainda que

seja manuscrita, pois mandarei copiar à máquina — e receberá provas, oportunamente.

Junto, vai um exemplar do projecto, que ainda não foi distribuído aos prováveis assinantes,— para ficar inteirado acerca dos propósitos.

Um estreito e saudoso
abraço do seu amigo
e admirador muito grato

Carlos Queiroz

*

15

[Ms.]

[...]

*

Cama, a cantá-la em verso!...
Uma “Ode pagã”, que não deixa
de me agradar, pelo que tem de
objectivamente vivida. Talvez seja
demasiadamente visual, não sei.
O Pascoaes dirá, com sinceridade,
(aquela sinceridade que eu sempre
encontrei, com grato prazer, nas
suas apreciações) se gosta, se a
acha retórica, frouxa, ou qualquer
outra coisa:

Viver!— O corpo nú, a saltar, a correr
Numa praia deserta, ou rolando na areia,
Rolando, até ao mar... (que importa o que a
alma anseia?)
Isto sim, é viver!

O Paraíso é nosso e está na terra. Nós
É que temos o olhar velado de incerteza;
E julgamos ouvir a voz da Natureza
Ouvindo a nossa voz.
Ilusões! O triunfo, o amor, a poesia...
Não merecem, sequer, um dia à beira-mar
Gozado plenamente, — a sorver, a beijar
O vento e a marezia.

Viver é estar assim, a fronte ao céu erguida,
Os membros livres, as narinas dilatadas;
Com toda a Natureza, em espírito, as mãos dadas...
— O resto não é vida.

Que venha, pois, a brisa e me trespasse a pele,
Para melhor poder compreendê-la e amá-la!
Que a voz do mar me chame e, ouvindo a sua fala,
Eu vá e seja dele!

Que o sol penetre bem na minha carne e a deixe
Queimada para sempre! As ondas, uma a uma,
Rebentem no meu corpo! — e eu fique, ébrio de espuma,
Contente como um peixe!

Todos, aqui em Lisboa, o recordamos
com afecto e saudade.
Não julgue que é um Esquecido...
Um grande abraço do seu,
muito dedicado,

Carlos Queiroz

2º P.S.

Quando cheguei a casa, estive quasi para rasgar a carta que lhe escrevi; de tão mal escrita que a achei. Mas arrependi-me, por saber que, se o fizesse, adiaria mais uma vez, na esperança de melhor disposição literária para lhe escrever. Desculpe o papel, a prosa, e letra e os riscos que passei sobre algumas palavras.

Continuo a catar o meu livro dos parasitas poéticos que em barda possuía, — o que não quiere dizer que o deixe limpo de todo, como desejaria. Tenho alguns poemazitos (acrescentei-lhe os *itos*, não por modestia, mas porque, bem no fundo, isto de chamar modernamente

poemas às poesias, é assaz pretencioso), algumas poesias, queria eu dizer, feitas recentemente, que em breve lhe enviarei. O seu S. Paulo? Escreva. Mais um abraço do

Amigo certo

Carlos Queiroz

**1.17 · Cristovam Pavia
1 carta, de 1951**

*

1

[Ms.]

Lisboa, 28 de Fevereiro de 1951

Mestre:

Sou um rapaz de 17 anos. Admiro-o muito, como um dos maiores poetas portugueses de todos os tempos, e com José Régio o maior entre os vivos.

Nem calcula a alegria que me daria se nalguma hora livre me mandasse uma poesia autografada ou simplesmente um autógrafo. Peço-lhe, do coração, este favor.

Tenho escrito versos e publicado alguns. Brevemente sairá um livro meu editado pela “Távola Redonda”. Mando-lhe dez poemas e peço-lhe desculpa por êles.

É grande a minha gratidão por tudo o que devo à sua poesia, ao culto que desde pequeno devoto à sua obra.

Perdoe-me incomodá-lo.

Creia-me ser muito sincero.

Cristovam Pavia

Rua do 1º de Maio, 24 2º

Lisboa

Cristovam Pavia

*

Ao Mestre Teixeira de Pascoaes,
com toda a admiração do Cristovam Pavia

Fev. de 1951

Pequena Canção²⁰

Espero por ti
Tão cheio de paz
Que quando vieres
Te merecerei...
Na encruzilhada
Do outono e da névoa
As folhas doiradas
Perdem-se na névoa...

É doce esta esperança
Comovida e fresca...
Mais doce só teu
Sorriso à chegada...

Espero por ti
Em estado de graça...
Quando vier
Te merecerei...

Poema

Por ti amadurecem os frutos
E caem religiosamente na terra húmida!
Por ti sorrisos e lágrimas se misturam

²⁰ Poema inserto *in*: Cristovam Pavia, *Poesia*, Círculo de Poesia, Moraes Editores, Lisboa, 1982

Numa grande significação silenciosa...
Por ti a visita de Nossa Senhora do Outono...
Por ti tudo transfigurado...
E é por ti que o poeta canta:
“Oh vida cheia!
Oh vida minha!”

Mais uma Poesia a Nossa Senhora²¹

Trago-vos rosas vermelhas, rosas pálidas, rosas brancas...
Trago-vos violetas e margaridas
Em molhos orvalhados...
Trago-vos a alegria dos campos...
A claridade do céu azul reflectido nas águas...
Trago-vos o meu Amor natural e fresco
Entre as outras flores...

Poesia

A Adolfo Casais Monteiro²²

Tocado de Humildade,
Natural e esquecido,
Assim hei-de viver... E há-de
Ser doce e merecido
Todo o tempo vivido...

Poema

E apesar de tudo volto à minha ternura de menino
E a luz e os sons vêm como há muito não vinham!
Anda no ar aquele sentido que as coisas emanavam
Nem triste nem alegre, e tão alegre e tão triste!

²¹ *Ibidem*

²² *Ibidem*

Mas eu não sou o mesmo e peço-lhe nesse mundo
Tão íntimo!, como se já não fosse meu...
Atrai-me... e depois sinto-me estranho...

Com que sorriso magoado, como mãe que consola,
As esquinas dos prédios e as árvores me dizem:

“És o mesmo...”

Com que magoada doçura a luz doira o horizonte
Como o doirava há tanto...
Só é de agora a mágoa.
Poema

A Sir Ralph Vaughan - Williams

Lá vêm os ventos cantantes,
E o poeta acorda e sonha!
Lá vêm, eu sinto, lá vêm
P’ lo meio da noite medonha...

Lá vêm os ventos cantantes...
— Vagantes e desvairados.
Esquece tudo. Passa tudo.
Lá vêm os ventos cantantes!

Berceuse²³

A José Régio

Poeta embalando o menino cansado
Na tarde mais calma ainda que o teu canto...

²³ *Ibidem*

E a pálida imagem que chega, sem peso,
sem ruído, de longe, da estrela da tarde?
Perde-se no tempo e nos teus olhos húmidos...

Poema

Os candeeiros fluctuam, líricos, na névoa...
Os sons chegam macios, o tempo parou.
E o asfalto desfaz-se em estrelas...

— Chove na cidade adormecida.
Como é bom saber que também dormes descansada!
Como é bom cantar para ti, na névoa nocturna,
Uma canção de embalar
E húmida da chuva!...

Cantiga

São olhos, grandes abismos
E frescos de água do mar...
Andam ondas e murmúrios
Obscuros, no verde olhar...

Sombra das profundidades
Penumbra de eu descansar...
São olhos, mansos abismos
E frescos de água do mar...

Segunda Parte
1 · Correspondência de Teixeira
de Pascoaes **para:**

1.1 • Álvaro Pinto
4 cartas, de 7/ 9/1911 a 24/ 9/1911.

in revista *Ocidente*, Vol. XLIV, nº 178, Fevereiro de 1953, pp. 48-51.

✱

1

7 de Setembro de 1911 — Amarante

Caro amigo:

Recebi o seu bilhete; parece-me que não convém alongar muito o programa.

Sobre a ida a Lisboa é que não sei como há-de ser!

Há dias houve numa freguesia deste concelho tumultos populares contra o arrolamento dos bens de uma igreja. Eu sou o juiz substituto e estou em exercício. Como presume, trato agora de organizar o processo contra os sediciosos. O caso é sério e o meu caro amigo bem sabe que não posso, em vista disto, sair daqui por enquanto.

Convinha-me estar na terra durante este mês por causa da minha saúde, e não posso! Tenciono pedir a minha exoneração.

Mas vá o Álvaro Pinto e o Jaime, pelo menos a Lisboa. Qualquer dos dois me pode representar perfeitamente e até me parece que não convém a minha ida a Lisboa; Eu lhe direi porquê em conversa.

Diga o que lhe parece sobre o caso. Mãos à Obra!

Abraça-o com a maior amizade o seu amigo e camarada

Joaquim Teixeira de Pascoaes

✱

2

8 de Set. 1911

Caro amigo:

Aí vai com as emendas que devem ser feitas com todo o cuidado.

No fim do trecho que acrescentei está a palavra *Iliada* de Homero, que não haja engano.

Meti a Higiene, porque entendo que é uma cousa essencial e nós devemos ter médicos que escrevam sobre o assunto e oradores que falem. Sem corpo não há alma. O papel da sociedade torna-se assim mais vasto e simpático ao público. Não lhe parece?

Como lhe disse na carta de ontem, sou o juiz agora em exercício e tenho muito que fazer por causa de um tumulto que houve contra o arrolamento dos bens da igreja numa freguesia daqui. Para cúmulo, hoje mesmo, numa romaria houve uma enorme desordem, estando já mortas três pessoas e 7 feridas, por causa da tropa que fez fogo! Um horror! Tenho agora autópsias, corpos de delito, o diabo! Que não me permitem deixar Amarante. Que hei-de eu fazer??!

Mas vá o Álvaro Pinto com o Jaime. Talvez convenha eu não ir, para que não imaginem lá que me quero salientar neste assunto. Convém não ferir susceptibilidades, compreende?

Vão os dois ou mais alguém que se preste e digam-me depois o resultado que deve ser bom.

Abraça-o com toda a amizade

Joaquim Teixeira de Pascoaes

*

3

11 Set. 1911 - Amarante

Caro amigo:

Só agora posso responder ao seu bilhete de 8, tal o serviço que tenho às costas!

Não desanime! O Jaime também não desanima e a sua demora em responder foi devido a qualquer cousa estranha à sua vontade. Estou certo disso. Vá com ele, e, mesmo em último caso, vá só. Porque não? Vai em seu nome e em nosso nome. A moléstia não tem agora lugar. Mãos à Obra! Diga o que houver de novo.

Acabo de assistir a 5 autópsias. É o número de mortos na sangrenta rixa de S. Gens. E é provável que morra ainda outro ferido que se encontra no Hospital. Escreva. Estou com pressa. Abraça-o o seu amigo

Joaquim T. de Pascoaes

*

Em nota, Álvaro Pinto esclarece:

A reunião de Lisboa realizou-se em 17 de Setembro e aí se escolheram os comités de Lisboa, Porto e Coimbra, propondo-se várias modificações ao manifesto redigido por Teixeira de Pascoaes, a quem, no entanto, todos concordaram em entregar-se a direcção literária de “A Águia”, 2ª série.

Expus a Teixeira de Pascoaes, para Amarante, o que se tinha passado em Lisboa e Cortesão escreveu-lhe também em 22 de Setembro “com a sinceridade necessária”. Veio então a resposta seguinte:

*

4

24 Set. 1911

Caro amigo:

Recebi as suas cartas e o programa. Muito estimei que todos recebessem com entusiasmo a nossa Ideia, embora a modificassem num sentido inferior, segundo o meu pensar. Paciência! Concordo com tudo, na esperança de que todos venham ainda a descobrir a verdadeira orientação.

Há muita gente obcecada por teorias científicas, sociais, etc., etc.! Há muita gente deslumbrada pelo falso fulgor que vem das nações da Europa. É preciso acompanhar a Europa!... e acabou-se! É infelizmente, a preocupação de toda a gente portuguesa. É o nosso erro que já vem de antigos tempos. Portugal pertence à Europa, é certo, mas tem qualidades próprias e originais capazes de realizar, depois de reveladas e definidas, uma grande civilização. A revelação dessas qualidades é que chamei Renascença. Renascença é Revelação, não é Regresso ao passado!

Mas deixemos estas verdades que subirão, um dia, à tona da água...

Agora o que é essencial é trabalhar com fé. Eu aceito, e tenho muita honra nisso, a direcção literária da Revista, mas não posso, por causa da minha saúde, viver no Porto. A razão principal é a saúde, embora haja outras ainda. Sendo fácil conseguir um passe na linha do Douro, irei aí todas as vezes que for preciso.

Recebi carta do Jaime e vou-lhe escrever.

Brevemente irei ao Porto falar consigo. Escrevo hoje ao Unamuno sobre o seu pedido.

Sempre às ordens, seu amigo e camarada
Teixeira de Pascoaes

1.2 • António Correia de Oliveira 4 cartas, de 1911 a 1912

in RAMOS, Lúcia Cardoso do Carmo Vieira, António Correia de Oliveira: *A busca do “nós” e do “eu”*, Dissertação do Mestrado em Literaturas Comparadas apresentada à F.C.S.H. da Universidade Nova de Lisboa, 1986.

*
1

[Ms.]

4. Fev. 11
Foz do Douro

Querido António:

Alleluia! Alleluia! Fôram as palavras que me subiram aos lábios do mais fundo da minha alma, quando terminei a leitura do seu novo Poema! Palavras de luz, versos de luz, paginas de luz, um mar de luz o admirável e imortal Poema que o seu genio poético conheceu n'esta fecunda terra lusitana!

É um encanto e um encantamento o seu novo Livro que é dos seus melhores livros e dos melhores que n'esta terra e nas outras terras, têm apparecido ha muito tempo. A Alma Portuguesa resuscita, criando um novo Crédo!

As suas quadras deviam ser cantadas no fim e no principio das aulas, em todas as terras onde ha escolas, pelos rapazes e pelas raparigas. Isso devia ser obrigatório por lei. Que bello meio era esse de orientar as novas almas, de as dirigir em procura de si mesmas! Que bello meio para se atingir a Sonhada e entrevista Civilização Lusitana!

Confiemos na nova ordem de coisas, que ella ha de fazer justiça e trabalhar pela vida d'este Povo.

Tive o imenso prazer de abraçar seu querido irmão e meu querido amigo, hontem, n'esta cidade do Porto.

Foi para mim uma grande alegria!
 Por ele soube que o Antonio não recebeu a minha ultima carta
 que lhe escrevi!
 Dê notícias suas!
 Um grande abraço de amigo certo e reconhecidissimo e de
 admirador entusiasmado,

Joaquim

*

2

[Ms.]

26-Fev

Foz

911

Querido António

A sua estimadissima carta é dum verdadeiro amigo e dum coração generoso. Não imagina o orgulho que ela fez nascer em mim, porque eu é que me orgulho de ter por amigo e camarada o Poeta sublime e imortal das “Tentações” e do “Auto das quatro Estações”!

Aquelle passeio de João, no crepusculo da manhã, juro-lhe, meu querido Antonio, que é das paginas mais bellas que se têm escripto sobre a terra!

O Infinito e a Eternidade foram mais uma vez atingidos:

De resto, todo o livro é uma obra de Mestre que ficará a honrar a Literatura e o Pensamento humano.

Mas, meu caro amigo, não calcula quanto me encomoda e custa esse seu desanimo da vida, no momento em que a Vida, encarnada no seu Sêr eleito, ergue tão alto o seu não!

Custa-me imenso vê-lo n’esse estado de espírito. Donde vem essa sua depressão moral? É preciso destruir a causa; isso não pode nem deve continuar assim.

Da injustiça dos homens não faça caso, nem deve fazê-lo quem vive acima dos homens. A sua hora não chegou ainda, mas ha de chegar um dia. Tempo virá em que os olhos hão de ver e os ouvidos ouvir.

Estou desejoso de o ver, de o abraçar e de conversar imenso tempo comsigo.

Talvez vá a Lisboa qualquer dia.

Nós, que representamos a alma portuguesa autentica, teremos o dever de impôr ao País as nossas ideias e sentimentos para que a sua civilização se faça dentro da sua personalidade.

Nós somos a Seriedade e os que são a Anedocta devem desaparecer deante de nós. E assim será!

Anime-se, alegre-se em seu espirito imortal, vença esse dezanimo que faz mal a nós todos, prepare-se para a luta, e venceremos.

Tenho sêde e fome de estar consigo. Um grande abraço ao João; (..?)

Meus Pais muito se recomendam e eu abraço-o no coração com todo o fervor e amizade,

Joaquim.

*

3

[Ms.]

14- Junho-914

Amarante

Meu querido António:

Só agora consegui terminar a leitura do seu admiravel poema lirico Os Teus Sonetos! Li-os religiosamente ou antes rezei-os, porque os seus sonetos d´amor são maravilhosas orações.

Bemaventurada a Alma que os inspirou!

Que belas horas me deram os seus versos, horas de vida eterna, longe do mundo e de mim! O seu espirito atingiu o extase, e eu debato-me ainda, e talvez sempre, na duvida e na afflicção cá de baixo. A minha amizade alegre-se de o ver a essa Luz do Amor, e faz votos para que ela se não apague, nem mesmo depois da morte, dentro em seu coração.

Com todos os meus respeitos para seu filho e querida esposa, envio-lhe um grande abraço da mais perfeita amizade e admiração.

J. Teixeira de Pascoaes

P.S. Quando estiver com seu irmão João, peço um grande abraço para ele.

Joaquim.

*

4

[Ms.]

Junho-22- Amarante (S.C.)

Meu querido António:

O alvorôço de alma com que li os seus sonetos de amor, sublimou-se e dilatou-se em dôr, ao ler os seus sonetinhos! N'estes, ai! como em todas a cousas d'este mundo, o que é culminante é — a Morte!

Que divina e humana tragedia em redondilhas; em linguagem poetica do Povo! Nunca imaginei que a nossa dôr, a dôr complicada, essencializada do espirito, encontrasse tão natutal e viva expressão na quadra popular.

Mas para si não ha segredos, e a sua alma é tão da nossa terra, do nosso céu, da nossa alma, que a sua Poesia não pode deixar de ser a poesia do Povo, mesmo quando sobe à cruz do Calvario.

A Dôr só é enviada a certas almas... porque o resto do mundo não soffre. Soffrer é dar vida à Dôr. E esse triste privilegio só pertence aos grandes Artistas. O resto do mundo não soffre...

Se os homens soubessem o que é a dôr?!...

Ainda bem que o não sabem.

Desejo do coração que as cousas lhe corram o melhor possível. Não faça caso da infinita maldade e estupidez do mundo.

Sim: também tenho um grade desejo de o ver e abraçar. Espero que a ocasião virá em breve tempo.

Eles hão de encontrar-se e falar de nós... pelo menos enquanto viver a nossa dôr. Será ela eterna? Oxalá que sim.

Um grande abraço da mais intima amizade e fervorosa admiração,

Joaquim.

1.3 • António Sérgio
1 carta, de 1911

In Diário de Notícias, de 10-12-1980

*

1

1 Set. 1911-Amarante

Queridíssimo amigo:

Tenho lido e relido a sua carta! Nunca ouvi semelhantes palavras! É a primeira vez! A amizade na sua alma torna-se heróica! Há criaturas que engrandecem todas as cousas que tocam, por mais humildes que elas sejam!

A simples bacia d'um barbeiro, depois de tocada por D. Quixote, transformou-se no braço da eterna Nobreza: é o elmo de Mambrino!

O mesmo me aconteceu a mim, ao sentir o contacto da sua amizade. Sinto-me maior poeta depois da sua amizade.

A sua alma é só feita de abnegação, porque vive a verdadeira vida, a vida que só os grandes poetas vivem para o seu próprio desespero e para a esperança da Humanidade.

Ah! como eu sinto a sua amizade amparar e erguer no ar o meu pobre espírito aflito que se sente aliviado, numa tarefa mais pura e divina.

Eu é que lhe beijo as mãos, meu querido e Grande Poeta, cheio do mais profundo reconhecimento.

Foi para mim uma felicidade o ter estado em sua casa. Sinto-me agora mais alegre, mais amigo do género humano depois de o ter conhecido intimamente, depois de ter visto perto sua mãe, sua irmã, sua noiva, seu pai!

Sua mãe! Ah, meu amigo, como na sua fisionomia, através da luz divina que a ilumina, Ela transparece, intimamente, no distanciamento originário do seu ser eleito, com aqueles olhos, com aquela fronte, com aqueles traços fisionómicos que foram d'Ela, que são d'Ela e que lhe pertencem também agora!

Como através do Poeta eleito se vislumbra a alma materna que o elegeu! Vim encantado de sua casa que Deus proteja perpetuamente. Estou encantado! Diante das suas palavras todo o meu ser se reduz a gratidão.

Minha mãe pede-me para mandar a sua querida mãe muitas

lembranças e agradecimentos. Meu pai está para Entre-os-Rios, não o encontrei em casa, mas irei brevemente visitá-lo. Todos nós esperamos ansiosamente a sua visita e de toda a sua família! Ouviu?! Que pena eu tive de não ver o Augusto Casimiro! dê-lhe um grande abraço meu. Diga-lhe que o felicito pelo tesouro que ele soube encontrar... Recomende-me também a seu bom irmão.

Recebi hoje o Estatuto. Parece-me bem. Mande hoje, como já lhe disse no bilhete, o programa. Oct. Pinto enviar-lhe-á uma cópia. Não há tempo a perder. É preciso entusiasmar o João de Barros, João de Deus, etc. Veja se consegue isso.

Oxalá que todos concordem, pelo menos de um modo geral, com o programa.

Muito obrigado pelo seu oferecimento.

Dê notícias também sobre a Sociedade.

Seu irmão espiritual

Joaquim Teixeira de Pascoaes

1.4 • Mário Beirão

12 cartas, de 1912 a 1946.

In revista Colóquio Letras:

(5) nº 19, Maio de 1974, por Pedro da Silveira, pp. 41-48;

(3) nº 101, Janeiro-Fevereiro de 1988, pp. 80-88;

(4) nº 102, Março-Abril de 1988, pp. 85-93.

✱

1

Amarante, 20-Maio-912²⁴

Meu Querido Poeta:

Eu não lhe posso, de forma alguma, agradecer as suas palavras, porque são injustas, injustíssimas! Mas a injustiça que há nelas revela a infinita simpatia com que leu o meu «Regresso ao Paraíso». Ora, essa simpatia, meu querido e admirável Poeta, é que eu lhe agradeço de todo o meu coração. Aí o tem a seus pés, todo ele transformado em reconhecimento.

²⁴ *In Colóquio Letras*, nº 101, Janeiro-Fevereiro de 1988, p. 81.

E o seu Livro? Espero-o ansiosamente: Não se descuide. Publique-o quanto antes! É absolutamente preciso que ele apareça, pois virá marcar uma nova fase criadora do lirismo português. A «Épopéia dos Malteses» deslumbrou-me. Há [?] na sua Poesia uma nova vida e um novo corpo. Publique o seu livro quanto antes!

E agora, quando terei eu o imenso gosto de o ver? Talvez vá a Lisboa antes do verão; mas, se não for, o meu querido Poeta, sempre vem ao Porto? Venha. O Marão está deseioso de o ver sobre os seus altos píncaros. Nós, os Demónios, precisamos de ir visitar aqueles sítios...

Quando puder, dê notícias suas e da sua vinda. Um grande abraço do seu camarada, admirador e amigo

Teixeira de Pascoaes

*

2

Amarante, 14-9-912²⁵

Querido Mario Beirão

Acabo de ler na «Republica» o artigo de Raul Proença de que me falou no seu bilhete que lhe agradeço de todo o meu coração. O artigo é admirável de inteligência e bondade para connosco! É tão belo, desinteressado e nobre quanto as palavras de J. M. são rêles e mesquinhas!²⁶

É que o primeiro é um Espirito e o segundo uma sombra de vaidade, monoculando...

²⁵ *Ibid.*, nº 19, Maio de 1974, p. 43.

²⁶ Tudo isto tem a ver com o “Inquérito Literário” levado a cabo por Boavida Portugal no jornal lisboeta *República*, de Setembro a Dezembro de 1912, organizado e publicado em volume, posteriormente, em 1915.

O primeiro depoimento desta série foi o de Júlio de Matos que saiu a 4 de Setembro. Teixeira de Pascoaes, nesta carta, refere-se ao artigo de Raul Proença vindo a lume nesse jornal que, de certo modo, os defendia dos «mesquinhos» ataques do sr. Júlio de Matos. Assim, dirigindo-se ao psiquiatra Júlio de Matos, nesse artigo, escreve Raul Proença: «De homens como Teixeira de Pascoais, Correia de Oliveira, Jaime Cortezão, Leonardo Coimbra, Mário Beirão, Augusto Casimiro, Lopes Vieira, não se diz: “Tudo isto é muito ordinário”. O que é muito ordinário é não saber distinguir entre as discordâncias doutrinárias e as apreciações a fazer dos escritores», *in Inquérito Literário*, Livraria Clássica Editora, Lisboa, 1915, p. 125.

Tambem escrevi da minha justiça para a «Republica»²⁷. Parece-me impossivel a incompreensão que ainda existe acerca da Saudade! Eu creio que a defini bem na conferencia que fiz no Porto sobre o Espirito Lusitano ou o Saudosismo. Não basta ter olhos para ver: é preciso querer ver.

E o meu querido Poeta como tem passado? O seu livro anciosamente esperado? Não demore a sua publicação. Tão grande obra de arte, de vida e belêsa não deve esconder-se por muito tempo.

E a sua prometida vinda ao norte? Que alegria eu sentiria ao vê-lo aqui, à sombra das minhas arvores! Porque não vem?

O Cervantes d'Haro está comigo e o Álvaro Pinto tambem veiu passar uns dias a estas margens do Tamega. Venha, meu querido Poeta, sagrar com a sua Presença estes êrmos outeiros, estes campos, e sobretudo as pedras do meu lar.

Quando estiver com o Raul Proença, peço-lhe para me recomendar muito a ele e abraçá-lo em meu nome.

O Haro e o Alvaro Pinto mandam-lhe muitas lembranças, assim como minha familia.

Um grande e comovido abraço
do seu do coração

Joaquim Teixeira de Pascoaes

*

3

4 - Out. - 912²⁸

Querido Poeta:

Mil agradecimentos pelas suas palavras que tanto me como-veram! A sua amizade é hoje uma das cousas mais preciosas que eu felizmente possuo.

A tristeza de me ver odiado e perseguido por individuos a quem nunca fiz mal algum, é, a final (com que alegria o digo!) admiravelmente compensada com amizades purissimas, de corações eleitos, como a sua, meu querido e adorado Poeta das mais profundas delicadezas da Alma. O meu caro Mario Beirão é o estranho e intranho. Poeta da alma das almas ou sejam de humana creatura, ou de arvore, ou

²⁷ No seu artigo responde: «aos snrs. dr. Júlio de Matos, Raul Proença e Adolfo Coelho», *ibid.*, pp. 172-187.

²⁸ *In Colóquio Letras*, nº 19, Maio de 1974, p. 44.

de estrela ou de nuvem. A sua Poesia marca a conquista d'um novo Além. Havemos de falar muito no seu livro à sombra do Marão.

Espero-o a si e ao Villa-Moura anciosamente. Desejo imenso que vejam este meu rustico torrão natal.

Avisem-me alguns dias antes, sim? Quero saber o dia e a hora a que chegam a Amarante. Irei esperá-los.

Falaremos aqui sobre a nossa attitude a tomar perante os ataques da Estupidez graduada.

O Fernando Pessoa vae publicar um folheto, no qual apreciará os depoimentos dos literatos interrogados pela facciosa "Republica"...

Eu creio que não devemos tomar muito a sério os nossos inimigos. A sátira é a melhor resposta. Nada de deitar abaixo bibliotecas por causa do burro do Tolentino, não lhe parece?

É meia noite. Lá fóra o vento léste geme nos pinheiraes sombrios, cortando o silêncio profundo d'esta noite aldeã. E eu estou deitado na minha cama a escrever-lhe esta carta, a ouvir a solidão harmoniosa do vento e intimos versos esfumados, sem corpo, como as Aparições noturnas.

É estupenda a impressão que me causa a voz do vento no silencio das horas mortas! Se a soubesse traduzir seria o poeta do meu desejo.

Adeus, até breve, sim?

Muitas lembranças de meus Paes que tambem estão à sua espera. Um grande abraço!

Joaquim Teixeira de Pascoaes

*

4

Sua C. de Pascoaes - 1 Dez. 912²⁹

Queridíssimo Poeta:

Recebi a sua "Cintra" dedicada à minha humilde pessoa pela sua generosa amizade a oferta do seu Poema é um motivo de orgulho para o meu espirito que lhe mereceu tal honra, e de grande alegria para o meu coração que tanto amo a amizade do meu querido Poeta! Em nome da nossa amizade eu a aceito profundamente reconhecido.

²⁹ *Ibidem*, p. 45.

Dizer-lhe quanto admiro a sua Obra é inutil, porque só encontraria miseráveis palavras a uma distância infinita da profunda, religiosa comoção que os seus versos feitos de estrelas, de nuvens, de tudo o que etéreo e existe para além d'este mundo e d'esta vida, acendem no meu pobre espírito sósinho.

O Mário Beirão é o Poeta das suprêmas altitudes invisíveis, porque nos seus versos todas as coisas se transfiguram em alma. é o dom de espiritualisar que distingue, e divinisa o seu temperamento de Poeta. É o seu Milagre. Por isso, o seu Verbo não é falado em voz alta, mas discorre em íntimos murmúrios, reduzidos ao Som preciso e discreto. É a sua Arte.

Pois não é assim? É. Mas todas estas palavras servem apenas para mostrar o vago reflexo da minha comoção ante a sua Obra. Perdoe.

E o seu livro? Não descanso um momento. É necessário publicá-lo quanto antes. Que me diz a este respeito?

Alcançamos um grande sucesso em Coimbra. O Leonardo foi simplesmente assombroso!

Quando vão ao Porto? Estou ansioso pelo nosso encontro.

Um grande abraço fraterno.

Joaquim Teixeira de Pascoaes

*

5

Querido Poeta³⁰:

Acabo de ler intimamente o seu Poema. A impressão que recebi, é difícil traduzi-la em palavras. É a impressão recôndita, recebida, não pelo nosso ser externo, inteligente e banal, mas pelo que existe em nós de Sombra e de Além, pelo nosso ser espiritual que nos prende a Deus, ao Mistério infinito!

O Poema é um livro cósmico, religioso, dos livros que aparecem nas antemanhãs das nossas criações... E fica a ser também uma das extraordinárias afirmações do génio lusíada. Nos seus versos, a Terra de Portugal é névoa toldando a face de Deus que se ilimina de novo Esplendor.

A sua publicação é um verdadeiro acontecimento nacional.

³⁰ *Ibid.*, nº 101, p. 82. Não refere data nem local.

Para mim, a parte mais alta é formada pelas Poesias em tercetos e pelos sonetos.

Um grande, um profundo abraço de admiração!

Na segunda-feira tenho de ir ao Porto. Na quinta-feira devo ir aí, a essa adorável Casa da minha maior veneração.

Avisarei. Preparem-se para vir comigo. Todos estamos ansiosamente à espera.

Remeti o livro ao Unamuno³¹. Ele deve ficar deslumbrado.

Um grande abraço para si e outro para o nosso Vila-Moura e muitos respeitos para todos.

Teixeira de Pascoaes

*

6

Amarante, 20 out. 925³²

Meu querido Mário Beirão:

Acabo de reler, encantado! O seu *Último Lusíada*. Uma obra de arte e uma obra de Poesia! Os quadros alentejanos são inigualáveis: obras primas! Mas, como acontece em todos os raros poetas verdadeiros, um verdadeiro leitor saberá descobrir, no seu livro, para além da pintura, da música e da escultura, de vez em quando, a poesia só ela, a dimanar da alma como divina luz. São estes momentos sublimes dum poeta que me deslumbram para sempre e me fazem acreditar em Deus!

Mil graças lhe dou pela sua oferta tão amiga e generosa!

Um grande abraço!

Teixeira de Pascoaes

³¹ Unamuno, em carta datada de 1-VI-1915 e enviada a Mário Beirão, dá-lhe conta da impressão que lhe causou o seu livro *Ausente*. Facto este que nos leva a crer que tenha sido esse o livro enviado por Pascoaes.

³² *Ibidem*.

*
71 de Junho 1927³³

Amarante

Queridíssimo Poeta:

Cá estou, outra vez, nesta velha casa que o espera e onde encontrei algum sossego. Cá numa fundura de silêncio e adormeci. Às vezes, abro os olhos quando os pássaros cantam, lá fora; mas volto a adormecer. Estou a refazer-me das forças gastas, para concluir o meu Livro de Memórias³⁴.

Como encontrou o seu Alentejo? Na sua alma, isto é, nos seus versos, é que ele é infinito! A estrela Sirius é uma florzinha perdida na Charneca das Naves... Mas a obra de Deus também possui o seu valor. Calculo o prazer que teve ao visitar esses lugares da sua infância... Lugares Santos! Por lá andei consigo, em piedosa romagem... Andei, porque eu acompanho sempre o meu pensamento.

Não sei se já estará em Lisboa. Mas esta carta vai à sua procura, para lhe mostrar quanto lhe quero e quanto estou reconhecido à sua preciosíssima amizade! Agora, contenta-me a esperança de o ver nesta sua casa. Oxalá que seja em breve tempo! Estou ansioso de o tornar a ver e a abraçar.

Peço muitos respeitos meus para suas Exmas Mãe e Irmãs. Para seus irmãos, em especial para seu irmão José, um grande abraço. Para si nem sei o que hei-de enviar! Que terei eu digno do seu coração e da sua amizade?

Joaquim

³³ *Ibid.*, nº 102, Março-Abril de 1988, pp. 85.

³⁴ Publicado em 1928.

*

8

S.C. de Pascoaes

26 Julho 1929³⁵

Amarante

Queridíssimo Poeta!

Não tenho palavras para lhe exprimir a alegria que me causou a sua carta! O valor que ela tem, para mim, é incalculável. Sinto-me orgulhoso de a ter merecido, se é que a mereço! Mas não mereço, não! Vejo nela a grandeza da sua alma, o Poeta divino da última delicadeza e transcendência e também da última tragédia espiritual! A sua carta é uma relíquia sagrada, que eu tenho a fortuna de possuir! Bem haja! Talvez brevemente lha agradeça, de viva voz. É possível que, dentro de uma ou duas semanas, apareça aí. Faz tanta falta a sua companhia! Ah, a noite que sucede ao claro dia!

Recebi, há tempos, uma carta do nosso querido Dr. Joaquim, muita amiga e muito interessante! Ele escreve com a mesma graça e verve com que fala! Que criatura encantadora! Também lhe mandei o 2º volume; pelo mesmo correio em que foi o seu. Soube, por ele, que almoçaram na Caparica, num dos domingos passados! Que pena eu tive de não estar em Lisboa! Ainda pensei em partir!

Também escrevi ao João, quando do meu regresso de aí, assim como lhe enviei o 2º volume; mas este Senhor, como autêntico descendente dos Faraós do Egipto, cultiva o silêncio da Esfinge! O Faraó! É assim que eu me vingo da sua gélida indiferença! Para alguma cousa serve a Arqueologia.

O Selvagem também se esqueceu de mim, o que não é muito próprio dos selvagens, que, assim como as crianças, costumam ter a memória fresca e pronta. Um dia, me vingarei, numa sátira enviada ao Cercle.

Por aqui vou vivendo, na solidão e no silêncio. Minha mãe, Miquelina e Zézinha enviam-lhe muitas saudades e lembranças, assim como o Álvaro e João.

Peço-lhe que dê muitos respetos meus a sua Exma Irmã e Exmº Tio. Para si, um infinito abraço!

Joaquim

³⁵ *Ibidem*, p. 86.



21 Abril 1936³⁶

Amarante

Querido Mário

Aqui cheguei, depois daquela, para mim, dolorosa despedida no Rossio!

Atravessei o negro tunel de 400 Km, entre dois corpos gordos que ressonaram por toda a noite. Que alegria, quando desembarquei em Vila Nova e fui encontrar a jovem mãe com o bebé nos braços! Diante destas cenas, a gente cala-se, porque ouve a voz da Fonte original. Calase ou Canta. A filosofia só se admite num café. É de natureza alcóolica, mas de um alcóol fabricado... Não se trata da embriaguez primaveril ou poetica. Que diferença entre a fiilosofia e a poesia, entre a agua ardente de figos e o licor da aurora! Agora, por aqui vou vivendo, neste silêncio doirado e rasgado pelo bico dos pássaros, chilreando...

Tudo me agrava a saudade dos meus queridos amigos, como o Mario, o Lacerda, o Duarte; E a saudade das palestras inflamadas na salinha vermelha! e a saudade também do chocolate, à 1 hora da noite, no Chave de Ouro, esse Café misterioso em que perpassam misteriosas figuras diabolicas.

Cada vez sou mais d'ahi. Espero aliviar estas saudades lá para o fim de Maio.

E sua Ex^a Irmã? Desejo do coração as suas melhoras. O bom tempo, agora, deve favorecê-la. Assim seja! Tambem desejo a saude de seu Exm^o tio. Lembre-me a todos com o meu maior respeito e consideração. Minha Mãe e irmãos tambem se recomendam muito.

Muitos abraços para o Lacerda de Almeida, esse angelico Demonio, esse místico inimigo de Cristo! Místico e, por isso, terrivel! Mas, para nós, é um Santo! Que importa que ele odeie a Santidade! Odeia-a e pratica-a. Eis ahi uma atitude interessante. Só é interessante o que excede a Logica, como a Poesia excede a Matematica. Quando o Lacerda matar todos os poetas, semanas depois, ha de ir chorar sobre os seus tumulos, arrependido! E ha de quebrar a regua e o compasso e a balança dos chimicos; e os algarismos inteiros ficarão todos quebrados! E os tres lados do triangulo hão de inchar, para fora até à circunferia infinita dos Poetas! O Lacerda nasceu matematico, mas ha de morrer

³⁶ *Ibid.*, n^o 19, Maio de 1974, pp. 46.

poeta, aos 80 anos de idade, depois de distribuir pelos pobres do mundo todas as riquezas do mundo. Diga-lhe que o adoro, mas não no estilo do outro...

Abraços também para o Duarte; e para si toda a minha grata amizade e admiração comovida. Saudades e mais saudades!

Joaquim

*

10

14 de Março 1940³⁷

Amarante

Muito querido amigo

Acabo de ler, encantado, a sua nova obra poética! Ainda bem que a poesia ressurgiu, em Portugal! Nunca imaginei que um assunto tão antigo, como é a Pátria, criasse versos tão belos e tão novos! Recebi uma grande alegria espiritual, uma dávida de Alma que me inundou de luz a alma! Sabe quanto o admiro e estimo; e o infinito prazer que me causaria esta nova Flor da sua primavera! Como é estranho ouvir um canto no silêncio do crepúsculo! Estou ainda a ouvi-lo, extasiado; e o deserto escuro que me rodeia, ilumina-se e povoa-se de figuras. Ó magia da Poesia! Ó mago poeta!

Mil e mil agradecimentos pela oferta do Tesouro!

Todos os meus respeitos para todos os seus queridos.

Um imenso abraço!

Joaquim

³⁷ *Ibid.*, nº 102, p. 87.

*

11

31 Maio 1946³⁸

S. J. de Gatão

Queridíssimo Poeta!

Já li e reli o *Oiro e Cinza*, absolutamente seduzido por aquela maravilha da inspiração e da arte! Que outro poeta casou assim a inspiração e a arte? Uns são artistas à custa da poesia, noutros dá-se o contrário. Mas no Mário a máxima poesia e a máxima poética pesam o mesmo na Balança do Arcanjo.

A leitura do seu novo livro, foi para mim, uma sucessão permanente de sobressaltos e deslumbramentos! Essa Espanha! Tem ela, enfim, um monumento alegórico, esculpido em verso sobre um pedestal em prosa, mas tudo do mesmo mármore de Paros. Todas as suas notas sobre o mundo latino lusificaram-no. O Mário fez à Europa o que fez Camões ao mar. Transfigurou-a através da sua alma genial! E eis o primeiro mérito do *Oiro e Cinza*, e a sua incomparável originalidade! Mil graças pela oferta. O verão aproxima-se. Terei a ventura de o tornar a ver aqui?

Um imenso e saudoso abraço
do

Joaquim

³⁸ *Ibidem.*

*

12

4 de Agosto 1948³⁹

S. J. de Gato

Queridissimo Mario

Nem me fale nisso! Acredito absolutamente na sua amizade! E tal crença é uma das forças que me sustenta ainda à tona da vida! Cade vez o amo e o admiro mais! Cada vez sei ler melhor — o que me causa uma certa satisfação. E estou convencido de que sou um dos seus melhores leitores. Poetas só por poetas sejam lidos... É um verso do simpático Filinto. Dedico bastante simpatia à rudeza granítica dos seus versos, pois sou filho duma região granítica...

Não terei o imenso prazer de o vêr, aqui, no tempo das vindimas? Aqui significa sua casa. Estou cada vez mais velho e triste. Mas, graças a Deus, trabalho ainda...

E o Mário tem trabalhado? Com que anciedade espero ouvir-lhe os seus novos cantos imortaes! Terei essa felicidade brevemente?

E sua querida irmã e o seu tio? Que eles gozem da melhor saude, é o meu desejo. Para todos o meu mais profundo respeito. E, para si, um abraço sem fim!

Que é feito do Lacerda? e do dr. Joaquim, e de outros nossos companheiros de outrora? Às vezes, sonho com Lisboa... E persegue-me aquele nosso almoço, no convento da Arrabida, em remoto dia de Março, tão azulado e alegre na foz do Sado! Nem me fugiu ainda do paladar o delicioso vinho do Dr. Joaquim!

E a salinha vermelha? Já não existe, porque se transformou na Rússia do Staline... Quem o diria?! As nossas conversas e discussões, naquelas noites incendiaram o Planeta! O peor incendiário foi o Carlos Selvagem, porque tinha sempre nas mãos, uma garrafa de port-wine! Sinto uma lágrima nos olhos...

Joaquim

³⁹ *Ibid.*, n° 19, p. 47.

1.5 • Suzanne Jousse 30 cartas, de 1929 a 1933.

In revista *Seara Nova*, Lisboa:

- Fevereiro, 1966, nº 1444, pp. 54-55;
- Março de 1966, nº 1445, pp. 86-87;
- Abril, 1966, nº 1446, pp. 118-119;
- Junho 1966, nº 1448, pp. 188-189.

*

1

18 Out. 1929

Amarante S. C.

Minha querida Confrade:

Muito obrigado pela sua nova carta! Todos aqui recordam constantemente a sua pessoa, dotada das mais belas qualidades. E eu sinto muito a sua falta, a falta da sua conversa tão do meu gosto, porque o assunto eterno, para mim, é a Poesia. Depois da sua partida, emudeci. Há tão poucas pessoas que se interessem pelas estrelas! não à maneira dos astrónomos, esses engenheiros do Infinito, mas à maneira dos poetas, dos seres essenciais que tocam a essência das cousas.

Quanto à carta do Eugénio d'Ors⁴⁰, o melhor é a Mademoiselle dizer-lhe que a nova edição definitiva do *Regresso ao Paraíso* sairá brevemente; que eu lhe enviarei logo um exemplar, que ele fará o favor de ler e apreciar depois em meia dúzia de frases — e nada mais. Pois não é assim? De resto, ele tem muito que fazer e não se poderá alongar em trabalho demorado. Logo que ele regresse a Madrid, escrever-lhe-ei a dizer isto mesmo e a agradecer-lhe a gentilíssima resposta!

Nós devemos ir para a rua de Buenos-Aires, lá para os princípios de Novembro, muito breve. *O Regresso* entrará então no prelo; e logo que me entreguem as primeiras provas, enviá-las-ei ao Eugénio d'Ors, para adiantar tempo.

Todos lhe desejamos muitas felicidades e mandamos muitas saudades.

Seu confrade que muito e muito a estima e considera

Teixeira de Pascoaes.

⁴⁰ Referência a uma carta dirigida por Eugénio d'Ors a Suzanne Jousse, em 6 de Outubro, declarando que aceitaria o encargo de escrever o prefácio para *Retour au Paradis*.

*

2

Amarante, 29 Out. 1929

Minha boa confrade:

Perdoe-me só hoje responder à sua última carta, que muito agradeço. Estive, outra vez, de cama, com a gripe! Levantei-me anteontem, a vez primeira.

Não me surpreende a opinião do professor. Eu conheço o critério pedagógico em literatura⁴¹. Mas, se a tradução literal em forma mais ou menos poética, não der resultado, o que é possível, é mudar a tradução para prosa. Em prosa fica melhor talvez a tradução à letra. É o que há a fazer na minha opinião. De resto, traduzindo para prosa, nos tempos prosaicos da actualidade mecânica de ferro, terá mais leitores. São dois benefícios

Diga isto ao Eugénio d'Ors e, portanto, o prefácio terá certa demora ainda. Deixará de ser urgente. Não queira colaboradores para a tradução, a não ser em questões gramaticais.

Não desanime. Traduzir um Poema para linguagem poética em dois ou três meses... é obra sobre-humana! O italiano trabalha na tradução do *Regresso* há dois anos e não a findou ainda, e é um escritor experimentado. A literatura não é um brinquedo. Exige imenso trabalho.

Não desanime, portanto. Se quiser entregar-se a esse trabalho mude a tradução para prosa ligeira. Terá outro sucesso! Creio bem!

Até breve, se Deus quiser!

Muitas saudades de todos nós.

Seu camarada muito agradecido e amigo

Teixeira de Pascoaes

⁴¹ Alusão a cartas dos professores Bernard Bouvier e Alexis François da Universidade de Genève.

*
3

Amarante, 2 Nov. 1929

Minha boa confrade:

Muito obrigado pela sua carta, apesar da tristeza que me causou, por ver que a vida, neste momento, não corre como deseja. Oxalá que essas condições mudem para melhor! E assim será. Esse padre francês⁴² deve ser uma pessoa bem simpática! Creio, diz-mo o coração, que encontrará nele o seu verdadeiro colaborador. Ainda bem!

Antes de dois anos não poderei, por minha conta, publicar a edição francesa do *Regresso*, pois estou a braços com as edições portuguesas, feitas à minha custa e que me ficam caríssimas! Depois de me libertar deste encargo, então, sim, publicarei, com muito gosto, a sua tradução e oferecer-lha-ei como merece e é de inteira justiça.

Minha mãe deve chegar aí, na terça ou quarta-feira próximas. Ela lhe levará o seu original já revisto por mim.

Se a Mademoiselle fôr para Paris, iremos lá visitá-la, quando tiver a tradução concluída. Desejo mesmo conhecer pessoalmente o seu colaborador, que se me afigura ser um homem excelente! E é, com certeza.

Eu vou melhorando muito devagar. Sinto-me ainda bastante fraco, apesar de não tomar café vai em dois meses! Logo que me sinta com mais fôlego vivo, irei até Lisboa.

Se estiver com o Raúl Brandão peça-lhe dê muitas lembranças minhas.

Todos os meus se lhe recomendam muito e lhe mandam muitas saudades.

Camarada e amigo muito sincero,

Teixeira de Pascoaes.

P.S. — Se deseja enviar os meus livros (os três volumes já publicados) ao padre Guichard pode pedi-los, na Bertrand, mediante este meu bilhete, incluso nesta carta. Dirija-se ao empregado Mário da Silva, que é meu amigo.

⁴² Padre Guichard, lazarista, que acompanhou, em parte, a tradução do *Regresso ao Paraíso*, por S. Jousse.

*

4

Quarta-feira Nov.

1929

Ilustre confrade:

Muito obrigado pela sua carta! Na realidade, a morte do Grande mestre e amigo feriu-me profundamente!⁴³ Lisboa, sem aquele homem, fica reduzida a um zero, branco e amável, de boa temperatura, à beira do Tejo azul.

Se estivesse na posse da minha saúde usual, teria partido para aí, imediatamente! Mas não me sentia bem ainda, e o egoísmo e a covardia são os dois ossos basilares do meu esqueleto anímico, porque a alma também (tem) esqueleto, mais trágico e fúnebre que o do corpo!

Estou em vésperas de partir.

Saudades de todos.

Confrade e amigo muito agradecido.

Teixeira de Pascoaes.

*

5

7 Dez. 1929

Rua Buenos Aires 17

Lisboa

Minha Exm^o Senhora e querida confrade:

Já lhe enviei as traduções e as nossas declarações (a minha e a do Brandão)⁴⁴. Desejo-lhe muita saúde e felicidades, assim como todos os meus. Já estou a rever as provas do Regresso. Agradeço-lhe muito a

⁴³ Referência à morte do pintor Columbano, em 1929.

⁴⁴ Suzanne Jeusse assinala, em anotação a esta carta, que tinha então realizado a tradução para francês de *Humus* e a *Farsa*, de Raúl Brandão.

sua carta, tão interessante! Peço me recomende ao excelente Père Guichard. Amanhã ou depois escreverei. Com esta carta vão cartas de apresentação para o Lebesgue e Unamuno. Aquele foi premiado; e, por isso, o felicito, nessa carta.

Por cá, tudo velho.

Muitas saudades de todos nós e do Brandão. Amigo, confrade e admirador

Teixeira de Pascoaes.

*

6

Amarante 14 de Junho 1930

Minha ilustre confrade:

Recebi, agora mesmo, esta carta de Lebesgue. Como lhe diz respeito, envio-lha, sem demora.

As traduções de Raul Brandão, não as deve abandonar. Terão sucesso, o que será bom, sobretudo, para Portugal — que é inocente.

Desejo-lhe a maior saúde e felicidade.

Confrade muito agradecido e dedicado

Teixeira de Pascoaes.

*

7

Lisboa , [s. d.]

Querida Confrade:

Perdoe-me o papel!

Já falei na Biblioteca. Tem lá um lugar, na sala dos estudiosos, onde apenas trabalham duas ou três pessoas! Quando quiser, acompanho-a lá, para a «Mademoiselle» ficar a saber o caminho. Se gostar do

café é só aparecer à porta da Brasileira. Eu, se lá estiver, virei logo ao seu encontro. Desde as três até às cinco e depois ainda até às sete, costume estar lá ou na Bertrand. Em qualquer dos sítios me encontrará. Sim, as despesas do *Regresso* não excederam 2 mil escudos, poderei desde já concorrer para a sua próxima publicação. Excedendo aquela quantia, então só depois de eu vender o vinho.

Desculpe, mais uma vez, este papel escrito a lápis, mas estou com pressa e não tenho aqui envelopes.

Camarada muito admirador e agradecido

Teixeira de Pascoaes.

*

8

Amarante, 29 Julho 1930

Querida confrade:

Estive, outra vez, na Foz, uns dias. Quando regresssei ao meu lar, encontrei a sua estimadíssima carta, que do coração agradeço, assim como a sua *carta literária*, muito interessante e bem escrita. Apenas risquei três palavras, que me parecem desnecessárias. Muito bem! Já saiu a *Revue Bleu*, com o artigo do Philéas e três poesias traduzidas. Um meu amigo de Lisboa enviou-me um exemplar, com grandes elogios às traduções, elogios que lhe pertencem.

Recebi ontem uma carta do Dr. Slabig, checo, que já findou a tradução do *Regresso*⁴⁵ e me vem fazer uma visita, nos meados de Agosto!

Por aqui muito calor, mas apenas com dois dias de existência.

E sua saúde? Deus queira que seja sempre melhor.

O Pobre Tolo agora vai devagar, bastante devagar.

Qualquer dia irei ver o nosso grande Raul Brandão. Já tenho saudades dele! É uma criatura extraordinária!

Desejando-lhe a melhor saúde, seu sempre camarada e admirador muito grato.

Teixeira de Pascoaes.

⁴⁵ As traduções de *Regresso ao Paraíso* em outras línguas europeias foram realizadas, segundo nota de Suzanne Jeusse, sobre a tradução francesa da sua autoria.

*
9

Amarante, 4 Set. 1930

Minha querida Confrade:

Antes de mais nada o que eu desejo é que já esteja perfeitamente bem de saúde, para, no próximo Inverno, podermos continuar com as nossas palestras e cafés na Brasileira. Pelo que me diz na sua última estimada carta, já passeia pelas ruas de Lisboa, sinal que se encontra muito melhor. Assim seja!

O Dr. Slabig esteve aqui, quatro dias. O *Regresso* deve sair, em Praga, pelo Natal. Também vai traduzir o *Marános*. É um homem interessantíssimo de espírito e muito simpático de aparência. Em Viana do Castelo, fizeram-me uma lindíssima festa. O Raúl Brandão foi também. Falamos muito e muito bem da sua pessoa. Quanto ao Eugénio d'Ors, o Mário da Bertrand não se esqueceria de lhe ter enviado os meus volumes com a minha dedicatória? É possível. Vou-lhe escrever a perguntar se ele os recebeu.

Quanto ao *Regresso*, veremos, primeiramente, o que diz o editor de Paris sobre as condições em que ele o publica. Se forem razoáveis, quer dizer, compatíveis com os meus recursos, muito bem. Caso contrário, esperaremos mais algum tempo.

Vou-lhe mandar um exemplar do *Bailado*.

Pode enviar-me o artigo do nosso querido amigo Lebesgue, para o fazer publicar num jornal do Porto. É o mais simples. Talvez no *Jornal de Notícias*, que é um dos mais lidos em Portugal.

Logo que cheguem os exemplares da *Antologia Francesa*, enviar-lhe-ei os que desejar.

O Raul Brandão não sabe ainda se irá a África. Depende de várias circunstâncias.

Continuo agarrado ao *Pobre Tolo*, pobre de mim.

Agora tenho bastantes cartas e telegramas para agradecer! São os espinhos do triunfo! E as suas cartas literárias?

Confrade muito dedicado e agradecido

Teixeira de Pascoaes.

*

10

Amarante, 22 Set 1930

Minha querida Confrade:

Mil perdões lhe peço por ter demorado a minha resposta à sua gentilíssima carta! Tenho estado a concluir o *Tolo* e só ontem acabei! E um poeta agarrado a um assunto é como um cão agarrado a um osso! Enquanto houver que roer, não o larga! Nem que o matem!

A sua última carta literária é muito bela. Cada vez são mais belas as suas cartas — o que é um sintoma admirável. Felicito-a e felicito-me também pela tradução do *Diante de Mim*. Parece-me bem que sou poeta; mas sou ainda mais um protegido da divina Providência. Foi ela que depôs nas suas mãos a minha obra. Rendo-lhe as minhas graças de joelhos.

A festa de Viana esteve interessantíssima. O nosso grande Raul Brandão apareceu lá. O Leonardo Coimbra falou durante hora e meia. Conservando-se sempre à maior altura sobre o *Regresso ao Paraíso* principalmente. Da Galiza e da Espanha recebi as provas de maior estima, tanto de ilustres individualidades, como de ilustres colectividades; e o povo de Viana, o povo antes de todos, recebeu-me com o maior carinho! Em Portugal o que existe é o Povo e os seus Poetas: o resto é carne morta. Vi o artigo, gaguejado e mesquinho, do ilustre idiota chamado José de Figueiredo. Vou enviá-lo ao Raul Brandão.

Mandei-lhe há dias pelo correio, os 50 exemplares das *Poesias Portuguesas* (uma tradução) da casa Messein. Gosto muito da edição. Fiquei com outros 50; mas, se desejar mais alguns, é só dizer.

Desejo-lhe do coração melhor saúde. Confrade muito grato, amigo e admirador.

Teixeira de Pascoaes

*

11

Amarante — 20 Outubro 1930

Querida Confrade:

Fiquei radiante com as boas notícias que me dá da sua saúde. Ainda bem! A sua carta é interessantíssima. As suas cartas são cada vez mais belas, na forma e na ideia. Trata-se dum temperamento literário por natureza. Estava à espera duma causa que o despertasse, e eu, por intermédio dos meus versos, fui a causa. Felicito-me. Sim trataremos da publicação francesa do *Regresso*. Mando, por estes dias, os dois mil escudos, que devem, ser, pouco mais ou menos, metade dos 5000 francos. Em Portugal, é muito mais barata a impressão de livros. Por este preço, ficou a edição portuguesa do *Regresso*, mas de mil e quinhentos exemplares e 34 linhas cada página.

Quanto ao Prefácio, querida Confrade, desejava que ele fosse escrito pela sua ilustre pessoa. Bastam meia dúzia de palavras explicativas do Poema e nada mais. Não me agrada aparecer em França, sobretudo neste momento político da Península, sob a protecção dum espanhol, sendo eu português! Compreende-me? Eu mesmo farei o resumo dum assunto que lhe enviarei para a Mademoiselle se guiar por ele, a fim de lhe facilitar o trabalho. O João tem aqui um exemplar dos *Elefantes*⁴⁶. Quando fôr preciso ele o enviará ou à Mademoiselle ou ao editor.

Fez muito bem enviando ao Paulo Osório os meus livros. Não o conheço pessoalmente, mas simpatizo com ele literariamente, e creio que é boa pessoa. Pode-lhe dizer isto mesmo, e que lhe mandarei de Lisboa, quando chegar a essa cidade, um exemplar do *Regresso* e outro de *Marános*. Não lhos mando de aqui, por ignorar a sua direcção em Paris.

Muito obrigado por todas as suas boas palavras! Ando a dar os últimos retoques no *Pobre Tolo*. O Inverno já apareceu por estes sítios enevoados e sombrios. Penso na Brasileira esse templo pagão do deus Café. Como pertencemos à mesma religião do tenebroso e pérfido licor, aí nos encontraremos, como dois maometanos na mesquita.

Desejo-lhe a melhor saúde e felicidades!

Camarada muito grato e amigo

Teixeira de Pascoaes.

⁴⁶ Obra da autoria de João de Vasconcellos, irmão de Teixeira de Pascoaes.

*

12

Amarante — Out 21 1930

Querida Confrade:

Conforme lhe prometia na carta que ontem lhe escrevi aí vai o plano do prefácio. Mais palavra menos palavra deve ficar assim resumido.

Prefácio

Dos dois poemas, já publicados em edição definitiva, de Teixeira de Pascoaes, *Marános* e *Regresso ao Paraíso*, principiamos pela tradução deste, que se me afigura ser o de interesse mais universal e actual. O poeta canta a reconquista do Paraíso, realizada pelo esforço do Homem, que é o eterno Adão e a sua Eva. No princípio, deparamos com uma descrição ocidental de Inferno, onde o homem e a mulher arrastam uma existência de esquecimento. Mas o seu encontro com o Filho Criminoso, começa a chamá-los à vida e à lembrança dos seus dias paradisíacos. Entretanto, Satan sabe que o Juízo Final se aproxima, e envia à terra uma legião de demónios, destinada a converter as almas ao seu credo tenebroso. Deu o comando desta legião a Adão, como prémio de haver tornado os homens pecadores. Ele parte, enfim, com a sua Eva, para o Mundo. A recordação da sua infância feliz torna-se-lhe, então, mais viva até se converter na esperança de criar um novo Paraíso, porque da *velha lembrança* é que nasce a *nova esperança*. Depois, a descrição do terramoto final e do dia do Grande Julgamento. Mas quem aparece a julgar os Homens, é um novo Deus, o Deus infante, pois Adão, renascendo ao contacto com a dor e com a Terra, cria uma nova Divindade e um novo conceito da Justiça. Por fim, Adão e Eva regressam ao Paraíso, restituindo-o ao seu antigo esplendor, mas por esforço próprio, quer dizer, por virtude duma nova acção moral desenvolvida na sua alma. E esta acção é a própria essência do Poema, que é um poema verdadeiramente religioso, num sentido moderno e, portanto, dum interesse imediato. O poema é enriquecido com vários episódios; mas, neste pequeno Prefácio, quisemos sintetizar o mais possível o seu conteúdo espiritual.

Se a Mademoiselle o quiser aceitar assim, muito bem; se não quiser, faça-lhe as emendas que entender convenientes, mas não o aumente. Na carta de ontem, lhe dizia a razão por que não desejo, neste momento da vida ibérica, aparecer, em França, sob a protecção de um espanhol, por mais amigo que eu seja dele ou por mais que o considere. E além disso, agrada-me ser a Mademoiselle a apresentá-lo, isto é, a

apresentar o seu trabalho, aos seus compatriotas. Acho muito mais simpático e natural. Neste momento não trocava um prefácio seu por um do próprio Cervantes ou Caldeirão.

Muita saúde e felicidades!

Teixeira de Pascoaes

*

13

Amarante 26 Nov. 1930

Querida Confrade:

Muito obrigado pela sua carta. Desejo-lhe as mais rápidas melhoras. Estou bem desejoso de partir para aí. Espero que será brevemente. Não recebi carta alguma da casa Messein editora, nem li as *Nouvelles Littéraires*. O Mário da Bertrand não renovou a assinatura, e deixaram de me enviar o jornal. Gostava bem de ler o artigo. Muito me agradaram as notícias que me dá do nosso Philéas Lebesgue. Oxalá que as suas traduções tenham êxito! E as suas cartas literárias? Não se esqueça delas! Realmente não fazia sentido algum a impressão, em Portugal, dum livro francês, porque a tradução do Regresso claro que já não é uma obra portuguesa. Além de todos os outros inconvenientes. Melhore ou antes sare por completo o mais depressa possível, e creia sempre na minha muito grata amizade, consideração e admiração.

Teixeira de Pascoaes.

*

14

Lisboa 18 Março 1931

Querida e ilustre confrade:

Recebi a sua carta e venho, de joelhos, pedir-lhe perdão! Tenho tido imenso trabalho com as provas do *Pobre Tolo*! Trabalho, má disposição de espírito, aborrecimento... Ver provas tomar um café na

Brasileira, tem sido a minha triste vida, e sempre com a ideia de ir aí visitá-la! Vou hoje, vou amanhã, vou depois e o tempo vai passando. Espero que me compreenderá e perdoará. E as provas do *Regresso*? Como seria útil àquela nossa causa a rápida publicação da tradução francesa! Como seria útil!

Diga-me pela portadora em que dias posso ir, aí, vê-la e perdoe a este pobre poeta que tanto a estima e admira!

Teixeira de Pascoaes.

*

15

16 Maio 1931 Café da Brasileira

Lisboa

Querida confrade:

Ceguei agora de Sintra e vou partir para Amarante, dentro de poucas horas. Deixo-lhe esta carta, porque não posso e não gosto de despedidas a largo prazo. De resto, não sei se a encontraria em casa e tenho várias voltas a dar, dentro dum curto prazo.

Nomearam-me para um júri que há-de decidir do valor dumas quadras ao Santo António de Lisboa. Isso obriga-me a vir a Lisboa nos fins de Junho. Nessa altura já deve ter as provas do *Regresso*, e poderemos então corrigi-las. Se vierem antes, as primeiras, as que hão-de ir para Estocolmo⁴⁷, peço-lhe me as envie para Amarante logo que possa.

Tencionava demorar-me em Sintra até quinta-feira, mas motivos de saúde obrigam-me a partir já para casa. Não são motivos sérios, pois trata-se apenas duma alteração no funcionamento de certas vísceras. Quando penso no que é o corpo humano, rio-me de quem o criou, embora um riso doloroso. Imaginemos o Dante ou o Virgílio obedecendo aos últimos actos da digestão. É horrível! Mas é assim!

Desejo-lhe a melhor saúde. Espero notícias suas de vez em quando. E até Junho ou Julho.

Muitas saudades lhe deixa este seu confrade muito amigo e grato

Teixeira de Pascoaes.

⁴⁷ Teixeira de Pascoaes fora proposto como candidato ao Prémio Nobel da Literatura, em 1931, pela Checoslováquia.

*

16

S. C. em Amarante — 24 Maio 1931

Querida Confrade:

Muito me entristeceu a notícia que me dá da sua saúde. Espero em Deus que não será nada de importante. Deve ser uma nova crise de ácido úrico ou de... café, como as anteriores. Assim seja! Espero ansiosamente notícias da sua saúde tão preciosa para a poesia!

Concordo com a opinião da Academia⁴⁸. De resto, eu não sou nada académico. Vivi sempre fora dos cânones, em plena liberdade e selvageria.

Recebi uma carta do querido Lebesgue, sobre o *Pobre Tolo* a que ele chama um *impérieux chef d'oeuvre*! «*Ô Pobre Tolo* est arrivé sur ma table, et il va rester longtemps à portée de ma main. Quel magnifique et incomparable symbole vous avez créé là! Vous rejoignez à la fois Cervantes et Shakespeare, le Shakespeare, le Shakespeare do *to be or not to be*, et, comme dans le D. Quixote, vous mêlez, dans un lyrisme qui n'appartient qu'à vous, l'élegie et la satire. Rien de plus poignant, rien de plus ibérique, rien de plus humain! C'est le pendant du *Regresso ao Paraiso*, et jamais votre puissance créatrice ne s'était révélée plus intense, plus personnelle, plus originale. Et quel style depouillé, tout en arêtes! Voilà ce qu'il faudrait faire lire aussi aux jurés de Stockholm. Enfin, de chronique, pour un prochain numéro du *Mercur de France*, je signale l'apparition de cet impérieux chef d'oeuvre, etc.»⁴⁹.

Muito lhe agradeço as poesias enviadas aos jornais e revistas francesas! Agradeço-lhe como se pode agradecer tanta dedicação pelos meus pobres versos!

Agora, estou para aqui, na solidão e no silêncio! Tenho trabalhado alguma cousa. Corrigi o meu poemeto *Jesus e Pan*. Tento corrigir agora o meu livro de poesias *Para a Luz*. Se o conseguir, formarei um novo volume para as minhas obras completas. Parece-me que vou mudar para um editor do Porto, em melhores condições para mim.

Quando puder dê-me notícias da sua saúde.

É quase certo eu ter de ir a Lisboa, para o dia 10 de Junho, pois nomearam-me para o júri que deve escolher as melhores quadras feitas ao Santo António! Que lhe parece? Desejo-lhe do coração o mais rápido restabelecimento da sua saúde. Muitas saudades.

Teixeira de Pascoaes

⁴⁸ Alusão à recusa da Academia das Ciências de Lisboa de subscrever a candidatura de Pascoaes ao Prémio Nobel.

⁴⁹ Cf. cartan^o 17, (La La Neuville-Vault, le 16 Mai 1931), in *Antologia Epistolográfica*, p. 166.

*

17

5 Out. 1931

Amarante

Muito querida Confrade:

Muito obrigado pela sua carta! Tornei a estar incomodado; mas há dois ou três dias que me sinto melhor.

Quem dera cá o nosso Philéas Lebesgue! Ele há-de vir causar-nos o imenso prazer da sua presença querida! É necessário que Portugal lhe tribute as homenagens que ele merece e a imensa gratidão que lhe é devida. Na ocasião própria escreverei um artigo a este respeito.

Acho bem que ele reclame de Messein os exemplares de que ele necessitar para os jornais. Nós, depois, enviaremos alguns com dedicatórias a certos escritores estrangeiros que o mereçam. Fernand Gregh enviou-me um bilhete, de Leiria. Eu não pude ir ao Porto cumprimentá-lo, por me encontrar incomodado. Encontrou-se lá com a minha sobrinha falando-lhe de mim nos termos mais lisonjeiros. Quis vir a Amarante, mas a esposa, já bastante fatigada, opôs-se. A esposa dele é também uma poetisa distinta.

Os exemplares do *Retour* devem estar a chegar.

Quanto ao D. Manuel, a Mademoiselle, se assim o entender, pode enviar-lhe um exemplar das *Poesias* e do *Regresso*. Eu, por mim, não me meto nisso. Seria tomar uma atitude política. E o meu desejo tem sido sempre não tomar nenhuma.

Eu continuo a adorar o meu Camilo porque o sinto profundamente. Aquele amor romântico só os portugueses o sentem; mas o que mais admiro no Camilo é o seu poder de retratar figuras desvairadas e certos aspectos da paisagem do norte. É preciso lê-lo todo e extrair daquela montanha o ouro que ela encerra. Com esse precioso metal pode-se fazer uma das jóias mais raras deste Mundo.

E os seus pensamentos? Estou bem curioso de os conhecer! Eu tenho trabalhado alguma coisa em verso. Além disso, corriji dois livros meus, até aqui abandonados: o *Jesus e Pan* e *Para a Luz*. Quando for para aí termos que mostrar um ao outro. Não sei ainda quando irei. Tudo depende do deus Baco. Oxalá ele me seja propício. Que as Musas intercedam a meu favor...

Quando puder dar notícias, dê-as, que são sempre recebidas com a maior alegria.

Seu confrade muito amigo e muito grato.

Teixeira de Pascoaes.

*

18

Quinta-feira de Out. 1931

Amarante

Minha querida confrade:

Também recebi hoje uma carta do querido Philéas Lebesgue, a anunciar-me a sua vinda, nos mesmos dias de Dezembro! Ainda bem que o vamos ter entre nós alguns dias! Não o vejo desde 1910 . Já decorreu o tempo bastante para fazer das nossas pessoas dois velhos. Felizmente os penedos que se riem dos anos que passam. Mas essa felicidade é um privilégio dos minerais, que são afinal a parte da criação mais próxima do Criador. Por isso os Celtas adoravam os rochedos de granito.

Ele também me diz que espera os exemplares do *Retour* para os distribuir pelos jornais. Como isto representa uma certa despesa é preciso que ele seja remunerado. Mas eu mesmo lhe falarei nisso noutra carta que lhe vou escrever.

Era bom que alguém de categoria fizesse aí, em Lisboa, a sua apresentação, porque no Porto eu me encarregarei disso, embora tenha de fazer das tripas coração! Dizer duas cousas em público ou ser crucificado, para mim representa o mesmo suplício! Em Lisboa, ou o Agostinho de Campos. Câmara Reis, Afonso Lopes Vieira! Era bom que fosse este último, porque, além de ser amigo pessoal do Lebesgue é um poeta de valor. É fácil arranjar pessoas competentes para lhe falar nisso. Creio que o Lopes Vieira se não recusará.

Em Coimbra seria bom o Eugénio de Castro, Silva Gaio ou Afonso Duarte.

Os exemplares do *Retour* devem estar a chegar. Tenho passado ora melhor ora pior; e por isso, pouco tenho trabalhado. Deseja-lhe a melhor saúde o seu confrade amigo muito grato

Teixeira de Pascoaes

*

19

4 Nov. 1931

Amarante

Minha querida Confrade:

Muito obrigado pela sua boa carta e bilhete no dia dos meus anos! Foi das raríssimas pessoas que se lembraram de mim. Muito e muito obrigado! Realmente, os exemplares do *Retour* devem estar a chegar aí. A edição é muito bela. vamos a ver o resto. As *Nouvelles Littéraires* censuram a Sociedade Nobel por ela não ter cumprido o testamento daquele benfeitor das letras. Eles preferem os compatriotas.

Na verdade, não ofereci ao Mário Beirão um exemplar das *Poésies*, por causa do Prefácio, onde há um elogio exagerado da minha pessoa poética. Oferecê-lo a alguém equivaleria a eu julgar-me digno do elogio e a querer ostentá-lo, diante dos outros, o que me repugna. Eu escrevi-lhe, há dias, a dizer-lhe isto mesmo. Não me respondeu ainda. Não sei se ele interpretaria mal o caso e se estará zangado comigo. Veremos.

Desejo-lhe a melhor saúde e todas as felicidades.

Confrade muito grato e amigo

Teixeira de Pascoaes.

*

20

Amarante 16 Nov. 1931

Querida e ilustre Confrade:

Sinto profundamente o seu desgosto! Acompanho-a na sua dor. Sei o que é perder um pai! Os pais são pessoas sagradas; como os deuses têm o poder de criar a vida. Nós somos suas criaturas. Se não fossem eles não chegaríamos a contemplar o céu e a Terra, nem gozaríamos deste privilégio divino da consciência e da razão. Por virtude deles nascemos, vencemos o Nada e o Invisível e aparecemos,

cá fora, à luz do Sol, em corpo e alma; corpo que nos dá a existência e nos identifica à Natureza; alma que nos dá vida e irmana aos seres sobrenaturais.

Os pais podem ter fraquezas e defeitos, porque são humanos, mas isso em nada deve diminuir o culto religioso que lhe devemos. Quando penso na Antiguidade, vejo sempre o *Pater dos Romanos* e o *Parthénon dos Gregos*. A Família e o Templo são e serão sempre as duas bases indestrutíveis duma existência social mais elevada que a das abelhas e as formigas.

Por isso, o culto que sempre dediquei a meus pais, o dedico também aos dos outros e muito especialmente aos das pessoas que estimo e considero. Já vê quanto sinto a dolorosa nova que me trouxe a sua carta tarjada de negro!

Recebi uma carta do Lebesgue, dizendo que vai tratar do *Regresso*, etc. Também já recebi os exemplares. A Mademoiselle já recebeu os seus? Peço-lhe que me diga o custo do correio ou do despacho no caminho de ferro, para lhe enviar essa quantia, pois não quero, de forma alguma, que ela lhe sobrecarregue o orçamento. Desculpe-me lembrar estas pequenas cousas, numa carta que deveria apenas exprimir o verdadeiro sentimento de dor, perante a morte do seu querido Pai! Mas tudo é assim, nesta vida; o próprio ouro sai da terra misturado com impurezas. Espero que me perdoe. Vou mandar um exemplar ao Gueguen, das *Nouvelles Littéraires*.

Desejo-lhe resignação, serenidade e saúde.

Confrade muito grato e amigo

Teixeira de Pascoaes.

*

21

Amarante 7 Dez. 1931

Querida Confrade:

Muito obrigado pela sua carta. Creia que senti deveras a perda que sofreu e que faço sinceros votos pela sua saúde e felicidade.

Os Lencastre e a sr^a Palha são muito exagerados na opinião que fazem de mim, pobre poeta camponês, criado nos montes de Gatão.

Sim, eu creio bem na amizade do Mário Beirão. Também sou dele muito amigo e grande admirador. Escreveu-me, há dias, uma carta muito amável, à qual responderei muito breve.

Vi hoje nos jornais a notícia da chegada (chegada, não vinda) a Lisboa do nosso “mr.” Lebesgue. Já fiz o discursozinho de apresentação no Porto, mas não sei em que edifício é que terá lugar a conferência. Será na sala de conferência da Universidade? Será no Ateneu? E a que horas? O Bourdon nada me escreveu ainda, todavia o dia aproxima-se rapidamente. Em seguida à conferência, no Porto, ele tencionava vir aqui, a minha casa, donde partirá para Vigo, na Galiza, a caminho de Paris. Que alegria será para mim, vê-lo debaixo das minhas telhas. Muito gostaria de ir a Lisboa ou a Coimbra esperá-lo; mas também me compete esperá-lo na minha capital, isto é, na estação de S. Bento do Porto. A Lisboa tenciono ir só depois do Ano Bom, meados de Janeiro.

Corrigi o *Jesus e Pan* e *Para a Luz*, obras bastante revolucionárias dos meus tempos heróicos, pouco posteriores à guerra de Troia! Continuo a estudar o *S. Paulo* e os primeiros tempos do Cristianismo, o único período em que a Humanidade viveu pelo e para o espírito. Foram dois séculos sem antes nem depois. Dir-se-à que uma força misteriosa animou, durante esse tempo, a alma humana, durante duzentos anos! Uma força vinda do além dos astros que regressou à sua origem. Uma onda magnética ou antes espiritual que o Infinito emitiu e que o Homem recebeu. Ou a emissão findou ou nos tornámos aparelhos incapazes de a receber. Das duas uma...

Oxalá que Lisboa saiba apreciar o seu ilustre visitante a quem tanto deve, como capital de Portugal, pois capital deriva de cabeça. Lisboa é Lisboa, pinta a cara e usa saias curtas. O Porto é um brutamontes, mas tem sensibilidade, embora campesina. Confio nele. Eu lhe direi em carta, como o Labrosta se portou. Espero que me dirá, também em carta, qual foi a atitude dessa menina leviana da beira Tejo.

Sopra um vento do Marão que retoca o brilho das estrelas e nos leva a pele da cara. Em volta de minha casa caem constantemente folhas mortas e doiradas. Frio e tristeza — os dois pólos do meu ser. Para o frio ainda existe o lume da lareira... para a tristeza só haverá remédio no outro mundo. Resignemo-nos!

Confrade muito amigo e obrigado

Teixeira de Pascoaes

*

22

Amarante 15 Dez. 1931

Querida Confrade:

Muito lhe agradeço as suas cartas. Como é interessante tudo o que me diz! A Humanidade foi sempre assim. Salvam-se os poetas! Sempre que eles deparam com os outros homens dá-se o conflito entre o Espírito e a Besta. Isso é fatal! É por isso que os Poetas nunca deveriam sair da sua torre de granito ou de marfim. Ou torre ou buraco ou caverna!

Fala-me das suas *Memórias* e de *Santa Teresa*. Trabalhe, trabalhe nesses dois assuntos, que serão, para si, o mesmo assunto. Aquele ardor místico de Santa também aquece nas suas veias, querida Confrade! Há no seu ser um excesso de belas qualidades que a identificam a todas as almas incendiadas, a todas as almas que ardem na escuridão deste Mundo.

O nosso Philéas Lebesgue! Mandei-lhe um telegrama dirigido ao Instituto francês, Avenida da Liberdade, a saudá-lo calorosamente. O sr. Bourdon deve tê-lo entregado ao nosso queridíssimo Poeta. Oxalá que lhe prestem todas as homenagens que ele merece! Mas Portugal, que é terra de poetas, não é terra para poetas. Veremos como se vai portar o Porto! Tremo, aterrado. É uma gente de trabalho, mas bisonha e de crosta bastante insensível! Broa de milho e vinho carrascão! Eu rei do Porto! Há aí meia dúzia de pessoas que mal me conhecem. Tenho dois ou três amigos verdadeiros... o resto é uma massa confusa, como a Torre dos Clérigos.

Compus uma espécie de ode em verso para recitar ao lado de Lebesgue, como grande Poeta da França que é e grande amigo de Portugal! Mas o Portugal que poderia compreendê-lo e agradecer-lhe jaz no túmulo de Camões, de João de Deus, de Junqueiro, e dalguns outros. Enfim veremos...

Quem me dera tê-lo aqui muitos dias! E, na verdade, depois de tantos incómodos, ele necessitará bem de descansar.

Já recebi o convite do sr. Bourdon. Escrevi-lhe a dizer que sim e pedir-lhe que me avisasse do dia e comboio em que ele chega ao Porto, para o esperar na gare de S. Bento, com os braços abertos até ao Infinito! Não sei se me esqueço de responder a outras cousas, porque estou a escrever-lhe muito à pressa, por causa das horas do correio.

Mil saudades para o nosso Lebesgue e para si.

Seu confrade e admirador gratíssimo

Teixeira de Pascoaes.

*

23

Amarante, 21 Dez. 1931

Querida Confrade:

À pressa! Chamam-me para o almoço. No Porto, a conferência de Lebesgue, que é uma obra-prima, causou a mais funda impressão. A sala estava cheia de mais! Havia damas, escritores e professores que lhe fizeram a mais calorosa manifestação. Os jornais é que não sabem dizer nada. Só o *Comércio do Porto* deu uma notícia menos má. Nos outros predominam elementos que não gostam de mim. E Ph. Lebesgue praticou o crime imperdoável de me distinguir.

Quando chegámos à tardinha, ao terreiro de minha casa, encontrámo-lo cheio de crianças da aldeia que cobriram de flores o nosso belo Poeta da França! Subiu a escadaria, debaixo duma chuva de camélias e vários amigos, vindos de Amarante, estavam nas varandas iluminadas a dar palmas. Depois, o jantar e brindes entusiastas! Falarei com mais vagar, depois de amanhã.

Por agora, ele e eu lhe enviamos muitas saudades! Até depois de amanhã.

Teixeira de Pascoaes.

*

24

Amarante 24 Dez. 1931

Querida Confrade:

Lebesgue esteve aqui três dias. É na verdade, um homem encantador! Como já lhe disse, em carta anterior, a Conferência dele, no Porto, causou a mais profunda impressão, e a chegada dele a minha casa foi comovente, pois esperavam-no, com flores, as crianças da minha freguesia. E grupos de camponeses, que ladeavam o caminho, desde a entrada, acenavam-lhe com lenços. Depois houve um jantar a que assistiram várias pessoas de Amarante que o brindaram com o maior entusiasmo! Até eu discurssei, graças ao ânimo que me deu um simples cálice de Porto! Mostrei a paisagem daqui e o berço de Portugal, Guimarães. Ontem à noite ouvi a conferência dele em Bordéus.

E a Mademoiselle? Está de saúde? Oxalá que sim!

Para meados de Janeiro devo ir até essa cidade. O tempo continua de sol e frio. Estamos a chegar ao ano novo. Deus permita que ele seja, para si, muito feliz! São os meus sinceros desejos.

Lebesgue ofereceu-me novos livros dele que eu não conhecia ainda. O *Triptolème Ébloui* é uma obra poética de primeira qualidade, que o coloca ao lado dos mais belos líricos de França!

É um homem encantador! Deixou-nos imensas saudades! Que Deus lhe dê saúde! E a si também minha querida Confrade!

Admirador e amigo muito grato

Teixeira de Pascoaes.

*

25

Amarante, Dia de Reis 1932

Minha querida Confrade:

Muito obrigado pelo seu bilhete. Não me esqueci das suas *Miettes*. Soube no Lello que não tinham recebido ainda nenhum exemplar. Pedi-lhe, quando chegaram a esta livraria, 10 exemplares do *Retour* para os colocar ao lado deles na montra. Veremos, agora, o que faz o público. Eu também gostei do Sr. Bourdon. Lebesgue disse-me que ele era um rapaz de muito merecimento, que fez um curso distintíssimo, na Sorbonne. O Instituto de França vai publicar o *Bailado* e o *Humus*? E as suas *Memórias*? Também recebi uma carta dum professor de Varsóvia (polaco) que pretende traduzir para a sua língua o *Regresso*. Gostou da sua tradução francesa. Mas o *Bailado* ainda me parece melhor na sua tradução francesa que no original. Sabe no que me tenho entretido ultimamente? A pôr em francês macarrónico o *Marános*. Já traduzi o 4^a canto. Pode, ao menos, facilitar, um dia, a sua tradução, por causa do ritmo que encontrei.

Philéas Lebesgue também me dizia, numa carta que recebi dele, há poucos dias: «Je commence à recevoir, à propos du *Retour au Paradis*, quelques attestations flatteuses qui me prouvent que le livre — votre chef'oeuvre — sera bientôt mis, en France, à la place que lui revient (esta palavra não a entendi) — à la première».⁵⁰

⁵⁰ Cf. carta n° 23 de Philéas Lebesgue, (La Neuville-Vault, le 28 décembre 1931), *ibid*, p. 165.

Todavia, eu sei que ele prefere o *Marános*. Disse-me ele aqui, em minha casa: tenho por esse vosso poema um fraco muito especial, embora concorde que o *Regresso* é a vossa obra-prima.

Disse-me ele na mesma carta, que as filhas dele choraram, quando lhes narrou a chegada a minha casa. Foi o que valeu! No Porto, teve um grande e distinto auditório (não cabia na sala); mas a Imprensa, influenciada pelos escritores desta cidade que me não podem ver, não recebeu o nosso Poeta como ele merecia! Estes escritores ofereceram-lhe um almoço, no Palácio de Cristal, e não me convidaram. Era bem desnecessário mostrar a estrangeiros ilustres, a quem devemos tanto, as nossas misérias caseiras! É, na verdade, uma cousa triste! Conscientemente nunca fiz mal a ninguém! Mas também é certo que o simples facto da nossa existência constitui um crime! Que mundo este! Por enquanto, pelo menos, não estou resolvido a suicidar-me para ser agradável a quem quer que seja, porque a culpa de eu andar, neste mundo, não me pertence a mim. Espero ter o grande prazer de a ver, dentro em breve. Já ando a tratar das malas. Ainda assim, talvez lhe mande, antes de partir, uma cópia do 4^a canto do *Marános* traduzido para um francês capaz de arrepiar na sepultura a cabeleira empoada do Voltaire! Também a vai horrorizar a si, querida Confrade! Mas então? O mal agrada a quem o pratica, dizem os Filósofos pessimistas.

Corrigi o *Jesus e Pan* e *Para a Luz*; mas enquanto estiver confusa a questão económica-financeira, não publico mais livro algum, por minha conta. De resto, a casa onde tenho publicado os meus volumes da minha colecção, nem sequer enviou aos jornais os exemplares do último — do *Pobre Tolo*! São desta força os editores portugueses! Mas que admira, se eles não sabem ler?! Querem encontrar um comerciante letrado, em Portugal? Entrem numa mercearia ou confeitaria, mas não entrem nas livrarias! O analfabetismo encarnado em forma humana, fez o editor português — uma obra-prima de ignorância! Sob este aspecto é pitoresco e digno de estudo. Outra coisa curiosa é também ver alguns escritores nossos actuais escreverem a *Diana*, de Montemor, *Os Lusíadas*, de Camões, *O Romeu e Julieta* e *o Rei Lear*, de Shakespeare! Qualquer dia vou-me dedicar à composição do *De Natura Rerum*, de Lucrecio! Que mundo este! Mas este é mais alegre do que o de há pouco. Depois do drama, uma comédia para dispor bem os espectadores!

Desculpe esta longa estopada e creia sempre na minha grande gratidão, admiração e amizade.

Teixeira de Pascoaes

*

26

Amarante 9 Jan. 1932

Minha querida Confrade:

Muito obrigado pela sua carta bem interessante! Sim, às vezes, sou um bocado má-língua. Mas... que diabo! é difícil resistir a ela quando é certo que o assunto é riquíssimo, entre nós! É tão difícil como resistir a um cálice de bom porto de 50 anos! De resto, é um acto de justiça dizer mal de quem o merece, como dizer bem dos que são dignos de elogio.

Hei-de-lhe arranjar uma máquina de escrever. Encomendei uma a um amigo meu para mim; mas tenho muito gosto em lha oferecer.

O polaco é professor de literatura românica, em Varsóvia. Quando me escreveu a pedir os meus livros é que lhe respondi e lhe enviei justamente com eles a tradução francesa, mas ele conhece muito bem o português. Pedia-me na carta que lhe respondesse em português. Creio que ele fará a tradução directamente do português. Perguntando-me em que condições eu lhe cedia a tradução para polaco, respondi-lhe que lhe não exigia condições nenhuma; que me bastava a alegria de ver o livro traduzido para a língua dum Povo, cuja história dramática é tão conhecida e admirada entre nós.

O senhor Costa Veiga é um verdadeiro e nobre português. É um oficial distintíssimo e autor de obras de carácter militar, de grande valor, segundo é fama. Soube ver o que representa para as nossas letras a tradução do Regresso e, levado pelo seu amor a Portugal, prestou à ilustre tradutora do Regresso as devidas homenagens. Logo que eu chegue a Lisboa irei agradecer-lhe pessoalmente, ao seu gabinete na Biblioteca. Sim, a Mademoiselle conquistou, com o seu talento e o seu trabalho, um alto lugar na Literatura de dois Povos.

No Diário de Notícias de ontem, dia 9, vem uma entrevista com o meu tradutor eslavo, dr. Slaby que acompanha o Orfeão de Morávia. Só fala em mim e na tradução do *Regresso*.

Pois é claro! Só a Mademoiselle tem o direito de traduzir as minhas obras. Esse direito foi nobremente e heroicamente conquistado! Pertence-lhe só a si. Assim as traduções lhe possam dar também algum lucro material. Talvez, em passando esta crise. Tenho esperanças no *Bailado*. O assassinato de que fala tornaria o assassinando imediatamente agradecido ao assassino! Eis aí um crime bem curioso! A forma mais gentil do crime que se pode imaginar!

Quem é M. Hourcade, de Coimbra?

Escritor? Professor?

Até muito breve, querida Confrade!

Saúde e felicidades.

Teixeira de Pascoaes.

*

27

[s.d.]

Querida Confrade:

Cheguei a Lisboa, à Calçada da Estrela, 129, 2^a, onde estou às suas ordens. Hospedei-me, com os meus, na casa duma senhora nossa amiga, onde já estivemos, durante três anos. Pelas quatro horas da tarde, estou sempre, na Bertrand. Convido-a a tomar café na Brasileira, quando quiser. Cá estou agarrado ao *S. Paulo*. Nos últimos 15 dias, escrevi 110 páginas.

Confrade muito grato e amigo

Teixeira de Pascoaes.

*

28

Carimbo do correio de 21 - 3 - 1932

Querida Confrade:

Pelo amor de Deus! Não imagine que a abandono ou esqueço. Naqueles dias, não pude aparecer por causa da exposição do pintor Carlos Reis e depois por causa da minha Glória que partiu no dia seguinte para Amarante. O crítico Gossez fez um grande elogio do *Regresso*, na *Revue des Provinciales* de que é director.

Estou a braços com o *S. Paulo*! Não me deixa! Enquanto o não concluir não me pertenço!

Mas creia sempre, peço-lhe, na minha grande amizade e gratidão.

Quando quiser um cafézinho na Brasileira, lá estou todos os

dias, às 5 ou 6 horas da tarde. Até essa hora vou *pousar* para um retrato a óleo, em casa do pintor Olavo. É um retrato enorme (de mim que sou tão pequeno!) desde os pés até à cabeça.

Muito me comove o que me diz do nosso Lebesgue, o querido amigo!

Vou escrever-lhe.

Desejo-lhe toda a paz de alma e coração, eu que nunca a tive!
Sempre muito amigo, admirador e grato

Teixeira de Pascoaes.

*

29

Avenida Wilson, 111, 3º - Dtº

Lisboa

Minha querida confrade:

No mesmo dia em que recebi, na Bertrand, a sua estimada carta, lhe deixei naquela livraria a minha resposta, por ignorar a sua direcção actual. Anteontem fui lá ver se a Mademoiselle tinha aparecido ali e se lhe haviam dado a minha carta. Disseram-me que não. Resolvi então escrever-lhe esta para *York-House*, na esperança de que esteja ainda nesta pensão ou de que farão chegar às suas mãos estas palavras.

Pode dizer ao Bensaúde que tem a minha casa às suas ordens e que muito lhe agradeço a importância que me concede e que eu não mereço. Sei que é um artista verdadeiro, de grande valor, pelo que tenho ouvido dizer, pois infelizmente não pude ver ainda as suas obras de arte.

Já concluí o *S. Paulo*. Estou a passá-lo a limpo. Umas 400 páginas! Que trabalho doloroso! Mas o pior é a incerteza do seu valor!

Sei que percorreu as nossas ilhas. Li a sua entrevista no jornal açoriano, e agradeço-lhe do coração as suas palavras generosas! Deus queira que tenha passado sem a gripe. Eu ando um pouco tocado, sob a sua ameaça. Desejo-lhe a melhor saúde e felicidade.

Confrade eternamente grato e muito amigo

Teixeira de Pascoaes.

*

30

Amarante Dez. 1933

Querida Confrade:

Desejando-lhe um novo ano muito feliz, declaro-lhe que satisfaço os seus desejos, consentindo na publicação ilustrada do *Regresso ao Paraíso*, adaptada à leitura infantil.

Não tenho tido um momento de descanso por causa do *S. Paulo*. Entra, enfim, no prelo, no dia três de Janeiro, editado no Porto⁵¹.

Agora, até Lisboa. Muitas saudades do seu confrade e admirador muito grato e amigo

Teixeira de Pascoaes.

⁵¹ Obra editada pela Liv. Martins, Porto, 1934.

1.6 • Henrique Paço d'Arcos 5 cartas, de 1924 a 1931

(1) *in Jornal de Letras*, 1 de Junho de 1993

[2-5) *Ibid.*, 9 de Março de 1993, por Maria José de Vasconcelos.

*

1

Amarante⁵²

16 junho 924

Queridíssimo Amigo:

Escrevi-lhe ontem uma longa carta, em resposta às últimas que vieram serenar o meu cuidado. Sinto um grande prazer em lhe escrever e em ler as suas cartas. Porquê? Porque a sua pessoa ocupa no meu coração um lugar tão vasto como ele. Ainda ontem lhe mandei uma longa carta e nela lhe transcrevo quatro tercetos duma poesia ultimamente composta, passeando no meu jardim, ao luar das horas mortas.

E já pego na pena, outra vez, para lhe enviar algumas palavras mais da minha amizade, antes de partir para a Calçada da Estrela, 129-2º, no expresso do próximo sábado, conforme lhe disse na carta de ontem. Este comboio deve chegar a Lisboa pelas 7 horas e alguns minutos da tarde.

Espero ansiosamente a hora de o ver e abraçar!

Os seus versos também me ficam na lembrança. Que música outonal e dolorida, ecoando, em sons de lágrimas, nesta solidão em que vagueio, longe de mim. Mas a solidão tem para mim um encanto especial. É nela que eu me encontro intimamente com as pessoas que mais amo. Há horas em que necessito isolar-me, de estar sozinho, isto é, de conviver... Na verdade, eu só convivo quando estou só. É então que me aparecem os meus fantasmas, porque eu tenho também os meus fantasmas... aparições que irrompem da penumbra, e me cercam e falam com amor. Salvam-me a vida, a cada instante! É uma felicidade a gente ter uns olhos para o Invisível. Que bom conhecermos um mundo sobrenatural, de cuja existência o vulgo nem pode presumir! Os loucos são remidos (os poetas são loucos) pela sua própria loucura que torna os senhores de grandes e maravilhosos países ignorados. Ainda bem!

Veja se consegue regressar comigo. Eu teria nisso o maior

⁵² (1) *in Jornal de Letras*, 1 de Junho de 1993

prazer. Quero que conheça, o mais depressa possível, estes sítios da minha infância, esta paisagem dos meus versos, o Tâmega e o Marão. Enquanto os não conhecer, não me conhece...

Combinaremos aí todos estes grandes projectos aventureiros. Não seria uma aventura sebastianista subir do Chiado, de Lisboa até ao mais alto píncaro do Marão?

Os seus versos ficaram-me na memória, aureolando a sua imagem — que a minha memória é como um templo cheio de imagens consagradas.

Muitas saudades e abraços do seu muito amigo.

Joaquim T. de Pascoaes

*

2

Amarante⁵³

21 de Julho de 1924

Meu queridíssimo Henrique:

Vim hoje à vila não sei para quê. Espalhar saudades? Impossível! Cada vez me rodeiam de mais perto e me afligem mais o coração.

Estou no café da Mariquinhas, a Brasileira deste Chiado traduzido em linguagem provinciana. Que fazer? Conversar consigo através de 70 léguas de distância!!! Devia ter recebido ontem, domingo, uma carta minha, em resposta à sua última carta, maravilhosa, que me trouxe uma das maiores alegrias que tenho sentido, neste mundo! Mais uma vez, reconheci, dum modo tão sincero e espontâneo, a amizade, verdadeiramente excepcional, que me dedica! Há nas suas palavras de Poeta um sentimento que me deslumbra, como os seus versos me deslumbram! Os seus versos! Primeiras estrelas da madrugada, últimas estrelas da noite, despontando na tristeza do lusco-fusco da madrugada, quando paira, nas cousas adormecidas, não sei que merencórea lividez e que silêncio! É o sol que se anuncia... É a sua alma de Poeta que aparece... E eu, das profundidades da minha treva, erguerei os olhos para a nova luz, entoando o meu cântico de graças. Ah, queridíssimo Henrique, o que eu tinha para lhe dizer! Que estados de alma as suas cartas e os seus versos me provocam! Vivo nova vida, descubro novas terras e novos céus. A bruma espessa que me envolvia, começa a dissipar-se... Sinto no meu coração o mesmo que deve sentir a sombra

⁵³ (2-5) *ibid.*, 9 de Março de 1993, por Maria José de Vasconcelos.

nocturna, quando nela se derrama o primeiro alvor matutino. Uma aleluia! Eu jazia sepultado nesta aldeia do esquecimento. Foi a sua alma que bateu, como um Anjo de luz, à porta do meu túmulo. A porta abriu-se (milagre!) e eu saí para fora, para o ar livre, para um novo sentimento que as suas palavras inspiradas, em mim, criaram, e vai crescendo, iluminando e florescendo a minha solidão. Já vê, meu queridíssimo Poeta, quanto lhe devo! A sua alma procurou-me, encontrou-me, porque eu também tenho uma alma, para minha graça e desgraça! Eu é que lhe devo tudo. Esta verdadeira adoração que lhe dedico não pode compensar os preciosos sentimentos que me ofertou, espontaneamente, do mesmo modo que o sol nos envia a sua luz. Eu é que lhe devo tudo, muito embora tudo o que eu tenho lhe pertença.

Anoitece. Espero o nascer da lua, para regressar a casa. Um passeio de 9 quilómetros, ao luar, através dum caminho solitário, ensombrado de árvores e fantasmas. Mas a sua imagem evocada terá um relevo cheio de luz e vida no silêncio da noite. Um imenso abraço do

Joaquim

*

3

Amarante

25 de Maio de 1928

Meu querido Henrique

A sua carta de ontem trouxe alegria, por ver que ainda está em Portugal e pelas palavras amigas que nela me dirige. Ainda bem! Pois a amizade que lhe dedico é grande e sempre a mesma. Os sentimentos verdadeiros que se criam na minha alma (também se criam alguns falsos, mas esses desaparecem rapidamente graças a Deus!) deitam tão fundas raízes, que são inabaláveis.

O Henrique vai para a África, e, se voltar e me encontrar no mundo, como espero em Deus que assim aconteça, terá em mim a mesma amizade; e não só em mim, como em todos os meus, pois todos o estimam a valer.

Sim, também creio que nos tornaremos a ver, porque o Henrique não se deve demorar em África. Logo que possa arranjar a sua vida em Lisboa, regresse à Pátria, que necessita da presença dos seus grandes poetas, para que ela não seja apenas uma feira de bichos inferiores. Viverei sempre nessa esperança. Concluída a minha lareira, irei para o pé do lume, até à sua chegada. Aproveitarei a sua ausência, a trabalhar na edição completa e definitiva da minha obra, por sua causa e de mais três ou quatro pessoas que ainda estão para nascer.

Chegará o dia em que o sentimento e o pensamento espalhado nos meus doze ou treze volumes será sentido e compreendido, fora dos poetas? Esta esperança é que me alenta no meu trabalho, assim como o carinho que o Henrique e mais algumas pessoas amigas consagram à minha obra. Só sairei da minha lareira, quando tiver todos os meus volumes publicados e para ir a Lisboa abraçá-lo e dar-lhe as boas-vindas.

Saúde e felicidade!

Os meus recomendam-se muitíssimo e a todos os seus. Eu abraço-o com esta amizade que me habituei tanto a sentir que, se me faltasse, seria como se me faltasse a luz. Nem sequer posso admitir a sua morte. Amor, sim! Mors, não!

Joaquim

P.S. Muito obrigado pelo *Diário*. Sempre é um *réclame* ao pobrezinho de Cristo. Tudo é preciso sofrer por causa dos editores! E do seu livro? Os jornais têm falado? Ter-se-à vendido? Ele está tanto acima do nível geral, que é também

um livro mais para o Futuro do que para o presente. Temos de confiar no Futuro, Henrique! Eu creio absolutamente que há-de chegar a hora das Almas verdadeiras, das Almas com letra grande. Adeus! Outro imenso abraço! Creia no Futuro e na eternidade da amizade que lhe consagro!

Joaquim

*
4

Amarante, 5 de Novembro de 1928

Queridissimo Henrique:

O seu telegrama, enviado de tão longe, aqui chegou no dia dos meus anos! Foi um relâmpago da sua amizade que atravessou o Atlântico e veio iluminar estas horas tristes da minha vida, horas feitas de silêncio e solidão. O Henrique foi a única pessoa que se lembrou de mim, e é o que me basta. O seu telegrama foi o único que recebi. Nem um bilhete, nem uma carta. Bem haja.

Esta tem por fim reforçar os meus agradecimentos que lhe mandei telegraficamente e repetir-lhe quanto estimo a sua amizade que, há tanto tempo, eu considero como um dos raros tesouros que possuo.

O Raul Brandão, coitado!, também aqui esteve no dia dos meus anos, e só ontem é que foi para casa. Também é um grande amigo e um espírito superior a tudo.

Deixou-me, pintada por ele, num grande painél, toda a minha freguesia, visto do Ladário, abrangendo, ao longe a serra do Marão. É para decorar uma parede do meu escritório que já está concluído. O painél é uma maravilha! Que progressos ele tem feito na pintura! E o meu escritório, com a lareira ao fundo, separada por um arco românico, também ficou muito bem, na opinião do Brandão, António Carneiro e de todos os que o têm visto; muito bem e muito original.

Seu irmão Joaquim escreveu-me uma carta a dizer-me que ia para o Brasil! Que pena ver partir os melhores, aqueles que mais falta fazem à Pátria e às pessoas que os estimam. Eu dedico-lhe a mais profunda simpatia e amizade e sinto imenso a sua partida para tão longe! É certo que ele diz que será por pouco tempo. Se assim fôr, ainda bem. Que Deus o acompanhe e lhe dê todas as felicidades, assim como a todos os seus queridos.

O Guilherme Pereira de Carvalho também esteve bastantes dias na casa de Freitas, com a irmã. Veio aqui várias vezes. Não desiste de ser o meu secretário quando eu fôr ao Brasil. Não me falava em outro assunto. Eu disse-lhe que, logo que estivesse publicada a nova edição das minhas obras, partiria imediatamente. Ele vive nessa esperança e eu também. Falou-me na sua pessoa; e o Raúl Brandão igualmente me falou muito em si, sempre com as melhores palavras. Disse que estivera com o Henrique, na Bertrand, pouco antes do seu embarque; e quando eu abri, à mesa, o seu telegrama sentiu-se impressionado, porque ele é, na verdade, muitíssimo meu amigo.

Eis o que eu tenho, no mundo! Tenho um grande Prosador e um grande Poeta! O resto é secundário. Sou afinal um milionário! Não me posso queixar dos homens nem dos Deuses. Todos os desta casa lhe enviam muitas saudades. Eu abraço-o com a maior saudade e amizade.

Joaquim

*

5

Exm° Senhor
Anrique Paço d'Arcos
Banco de Angola
(África Ocidental)
Luanda

Amarante, 28 de Novembro de 1931

Ó Henrique! Mil vezes obrigado pela sua carta! Desde que recebi a outra, com o seu belo soneto tenho mortificado a inspiração para lhe responder na mesma linguagem dos Anjos! Não saiu nada digno de si! Foi chão que deu uvas, e fracas uvas... Na jornada da vida, deixei já os campos cultivados e arborizados e entrei em pleno deserto. O meu jardim das oliveiras não tem nenhuma oliveira. Areia ressequida, pedras brutas, a perder de vista, em volta de mim... É o que acontece a todos os que teimam em viver, mesmo depois de mortos. O esqueleto vai-se aguentando de pé, ridículo e funério. A velhice é caricatura, e a morte de um velho é uma paródia... aquela que ele sofreu no momento em que, na verdade, faleceu; isto é, quando a alma criadora o abandonou.

O Henrique, que está em plena mocidade, não deve ouvir estas palavras. Perdoe-me, despreze-as, e viva a sua vida, tão rica de sentimento e de inteligência. Cante!, que é a suprema forma de viver! Porque o canto pertence ao espírito; e alimentar, no mundo, a fogueira espiritual, é o destino superior do homem. Esse homem de cimento armado, que a América e Rússia nos mostram, enche-me de terror. Todavia, não creio que seja o homem do Futuro — o Homem. Não creio, porque creio na alma humana e na sua imortalidade, senão no céu, pelo menos, na terra.

Querido Henrique! Trabalhe e cante! Eu já caí na inacção e no silêncio. Fiquei para trás. Não faça caso de mim. Caminhe para a frente, para o futuro que lhe pertence. Resta-me desejar que ele seja o mais próspero para si e para todos os seus queridos.

Creia sempre na minha amizade e não imagine que o esqueço. Receba um grande e saudoso abraço.

Joaquim

1.7 · Frei Bernardo de Vasconcelos 2 cartas, de 1924 a 1925

In revista Brotéria, nº 56, 1953, pp. 165-169, por António Magalhães

*

1

Amarante, 11 de Setembro de 1924

Meu Querido Poeta

À sua carta, recebida ontem, não é com palavras que se responde; mas o meu silêncio, embora contivesse os mais altos sentimentos que a minha alma lhe dedica, poderia ser interpretado como estúpida e fria indiferença. Eis a razão porque respondo com palavras, isto é, servindo-me de uma força material, duma faculdade do meu corpo. De resto, o corpo (permita-me que lho diga) tem sido bastante caluniado! O pobre triste! O mísero servo da alma (quando não seja o templo de Deus vivo, como afirma S. Paulo) sujeito a todas as dores físicas tremendas: a dor de ser queimado, esmagado, retalhado, asfixiado! A tudo se submete o pobre triste, para que a alma, na sua passagem pelo mundo, possa agir e revelar-se! É claro que a acção é, frequentes vezes, maléfica, mas também é boa, de quando em quando. Que havemos de dizer dos braços que salvam um afogado, da mão que oferece uma esmola, dos lábios que pronunciam uma oração? Eu adoro a alma e não desprezo o corpo, e o pão que o alimenta, e o sol que o aquece e alumia. A contemplação do céu não me absorve por completo. Os meus olhos repousam encantados também na beleza das cousas naturais. Encontrar essa harmonia entre o mundo e o céu tem sido a minha perpétua ansiedade. Encontrei-a? Não, pobre de mim! O mundo está cheio de sombras e de crimes, e o céu tem muito de vago e inatingível que me tortura! Eis o meu drama, querido Poeta. O drama dum ser inferior, quase vegetal, que criou raízes na terra como as árvores e, como as árvores, ergue as ramagens para o céu, hirtas e desfolhadas, num desespero! Eu bem sei que a mais nobre atitude duma alma é atingir uma verdade divina ou a Verdade, e entregar-se a ela, por completo, repousar nela para sempre. É o seu caso e o do Ângelo e o de um outro eleito do Senhor.

Mas, ai de mim ! Eu não nasci para repousar! Vim cumprir uma pena. Debato-me nas trevas, ansioso de claridade, e pressinto para além de tudo as mãos do Destino que me impelem, não sei para onde nem por onde... O Destino de Deus? Deus, creio bem; a vontade inexorável de Deus que me faz viver e padecer.

Vejo que há almas como a sua que já cumpriram a pena e se

libertam, e há outras almas ainda prisioneiras, almas de tragédia e expiação, que esperam a liberdade. Esperam e desesperam!

Gritam, enquanto as almas irmãs da sua, se evolum para Deus em orações. Porquê? Mas todos nós obedecemos! Viver é obedecer. Uns obedecem a Deus; os outros...

A sua carta iluminada de divina caridade, tocou-me no mais íntimo do coração. É a carta de um Santo escrita a um pobre diabo; um raio de luz celeste despedido sobre uma triste sombra consciente da sua existência ilusória.

Ergo os olhos para si, para o seu espírito liberto. Vejo o esplendor que o transfigura, mas vejo-o desaparecer, ao longe, nas distâncias do Infinito. E, ao mesmo tempo que o admiro e amo e venero, murmuram, num tom de imensa tristeza aos meus ouvidos, aquelas palavras da sua carta: «Que a minha vida seja um verso branco que eu não saiba escrever».

Isto é sublime, na verdade! Mas, para mim encerra uma tragédia, a máxima tragédia do silêncio. Perdoe-me o que vou dizer-lhe:

Eu preferia ouvir-lhe aquele verso...

As suas orações por mim, o seu amor e piedade pela minha humanidade feita de dor e imperfeição, ouvi-las-ei religiosamente, neste remoto escuro em que me aflijo e me consumo, e serão como estrelas cravadas num ermo espaço lutuoso.

Se a bemaventurança que Deus lhe concedeu, baixar, um dia, à minha alma, ela virá por intermédio das suas orações. Será um milagre do seu amor e da sua piedade. Vejo-o afastar-se e desaparecer, entre as quatro paredes de uma cela... Neste momento supremo da sua vida, atrevo-me a fazer-lhe um pedido a quem tudo pretende conceder-me. Peço-lhe que não reze somente. Não se amortalie naquele verso incriado e sublime! Cante, erga a sua voz nos seus versos, que eles hão-de ser as suas mais perfeitas orações. Creia bem que Deus ouviu com mais amor os versos de Frei Agostinho do que as suas Avé Marias e Padre-Nossos... O canto divino redime-nos e redime os outros. A oração é mais uma conversa particular entre nós e a Divindade.

Isole do mundo a sua existência, feche-se numa cela, mas derrame nas almas aflitas cá de fora, o bálsamo poético da sua alma liberdade.

Creia na gratidão, no amor e admiração que lhe dedica este triste penitente prisioneiro, espreitando pelas grades do cárcere, a noite muda e tenebrosa à espera de ver raiar nova Luz...

Teixeira de Pascoaes



Amarante, 1 de Junho de 1925

Querido Bernardo

Assim como desejo tratá-lo pelo seu nome de baptismo, peço-lhe me trate também por Joaquim, que é o nome de meu avô materno com quem rezei o terço, à lareira, nas noites da minha infância, mais cheias de sol que os meus dias de agora!

Esta intimidade tão agradável ao meu coração, poderei acaso merecê-la? O Bernardo é já uma criatura abençoada de Deus, uma alma eleita do Senhor que a divina graça alumia. E eu quem sou?

Um ser miserável, ansioso de Divindade, a querer libertar-se do mundo, a debater-se nas trevas, aflito de não atingir as regiões etéreas da luz. O meu sentimento, faminto de Deus, deseja tornar-se independente da Razão, dessa claridade artificial que materializa todas as coisas sobre que incide, e amesquinha todas as grandezas pressentidas, e tenta definir o que é infinito. O sentimento é uma sombra emanada das Alturas; a razão é uma luz saída do Inferno. Sentindo, vejo Deus; pensando deixo de o ver. O sentimento e a razão digladiam-se no meu ser que é um campo de batalha, um palco de tragédias, onde um anjo e um demónio lutam pela posse da minha alma.

Ao lado do anjo, está o meu querido Bernardo, a auxiliá-lo com as suas orações imaculadas. Ouço-as e fico profundamente comovido! E por isso, me atrevi a tratá-lo pelo seu nome de baptismo. É um atrevimento de amor e de gratidão que lhe consagro. Em mim, existem ainda muitas trevas para lhe poder falar tão irmãmente; mas a treva que aspira à claridade, perde o negrume intenso e impenetrável, como a noite ao quebrar da madrugada. Desejar, embora de um modo vago e remoto é já alcançar. Também o sonho é a impossibilidade duma realidade.

Para mim é sonho o que é já uma realidade para si. Este parentesco entre o sonho e a realidade é o que existe entre as nossas almas e me deu ânimo para lhe chamar querido Bernardo.

Tenho lido e relido a sua carta evangelizadora, a carta dum S. Paulo a um coríntio desvairado e errabundo, caído da altura de quase dois mil anos, sobre os montes de Gatão!

Em cada frase ecoa a voz da sua alma, ganha som articulado o silêncio das almas eleitas e inspiradas, o silêncio das mais íntimas orações. A sua alma aparece nas suas palavras e comunica-nos um lampejo daquele amor em que ela arde, como um círio bento num altar. A sua alma! Que alturas atingiu! Como ala, ainda em vida, se libertou do corpo e de todas as misérias mundanais! Felizes os que se libertam, em vida, do corpo e conquistam o estado angélico e perfeito. E desgraçados aqueles que, como eu, julgam alcançar uma luz que se lhes

converte nas mãos em fria sombra! Julgam atingir um ponto fixo e definido no espaço e eis que ele se desfaz em neblina.

A neblina dissolve-se por encanto, e o espaço fica vazio em todas as suas fabulosas dimensões! Caído neste vácuo tenebroso, ergo os olhos para o céu, grito por socorro como um náufrago e tento apoderar-me de qualquer destroço flutuante que me salve. E a sua alma, nimbada dum místico esplendor, desenha-se na escuridão... É a esperança que nasce, é a luz que nasce...

O interesse que lhe mereço, embora o não mereça, profundamente me comove; não se agradece com palavras. Representa, para mim, um valor tão grande, que eu nem sei verdadeiramente apreciá-lo. A prata, o ouro, tem uma cotação conhecida; mas o ouro puro duma alma, o ouro dessa moeda onde aparece a efígie do Rei dos reis, se os génios sublimes e imaculados lhes sabem dar o seu justo merecimento.

Ai de mim! Eu não sou ainda nem ao menos uma simples realidade! Sou um sonho aflito, um pesadelo, uma nuvem tormentosa obscurecendo o sol que a tenta esfarrapar.

Sim, eu tenho a consciência da minha não existência como alma, pois só existem as almas que se firmam num rochedo, numa crença profunda e inabalável. As outras não existem. Pairam, como sombras mortas, neste mundo; como uma substância informe e indecisa. A crença em Deus, mas num Deus revelado e perfeito como o da Cruz, é que (permita-me a expressão grosseira) materializa a alma e lhe impõe formas autênticas e luminosas, indiscutíveis e tangíveis, de todas as coisas que existem na realidade, como os penedos do Marão. A crença é o perfil aceso de uma alma; a dúvida converte-se numa nódoa... de sangue, se a dúvida é dramática e dolorosa; de lama... se é a dúvida a frio e sorridente, como a de certos cultivadores idiotas de cepticismo intelectual e superior, que é tudo o que há de mais estúpido e inferior.

A dúvida, para mim, é tragédia; e apenas me dá a consciência da minha inferioridade. Humilha-me... ainda bem! Não é a humildade um caminho aberto para Deus?

Sim! Eu quero existir, luto pela vida, quero ser! E este desejo reacendido e exasperado pelas suas orações, pela virtude que dimana de toda a sua pessoa, é o que salva ainda e justifica, perante Deus a minha consciência.

Como não hei-de eu crer no valor das suas orações? Não creio eu no valor da Poesia? E a oração não é a forma já divina da Poesia, não é já o Verbo quase desencarnado à sua originária Divindade?

Creio no valor das suas orações e na beleza imaculada da sua vida de monge, a pedir a Deus por todos nós. E com que alvoroço eu espero os seus primeiros versos religiosos! Pressinto-os a distância; dir-se-á que os ouço num íntimo recolhimento espiritual... Assim ouviu Platão a música das estrelas...

Mas onde chegarei eu neste andar! Reparo agora que na multidão de palavras que para aí ficam escritas e nascidas da minha sinceridade e deste desejo de me confessar, diante de si. Perdoe-me

tantas palavras! A gente tem de falar ou de escrever, na impossibilidade de exprimir dum modo mais perfeito a vida interior, a vida silenciosa do coração.

Perdoe-me, e creia no perfeito e grato amor que lhe consagra este seu íntimo amigo e admirador

Teixeira de Pascoaes

1.8 · Maria Augusta Dá Mesquita, (irmã de Frei Bernardo) 1 carta, de 1933

In revista *Magnificat*, Porto, Maio/Junho, 1952, pp. 9-11, por António Magalhães.

*

1

Casa de V. Ex^a
em Gatão, 6 de Julho, 1933

Exma Senhora da minha maior consideração:

Venho agradecer, profundamente penhorado, o acolhimento que me fez, nessa fidalga casa de S. Rumão. Os minutos que ali passei, foram dos mais puros da minha vida, tocada pela sombra Divina do Bernardo, esse Anjo que fugiu para Deus. Fugiu e está connosco, a amparar-nos e a consolar-nos, neste vale de lágrimas. O Bernardo, meu querido irmão, como ele me chamava, que nunca encontrei durante a sua existência terrestre, fui encontrá-lo, em espírito, à sombra dessa casa veneranda; e agora, tão venerável para mim! Esse lugar do meu encontro com Ele, fica a ser sagrado para mim. E a sr^a D. Maria Augusta, toda bondade espiritual, estava ao nosso lado. Foi testemunha do encontro da minha triste pessoa miserável com a sombra desse Anjo de Deus. Tudo isto forma um quadro, que já está na minha memória, como um retábulo num altar. S. Rumão e a casa Dele, Marvão, e, entre as duas casas, a igreja, onde o Santo repousa, é para mim, de hoje para o futuro, como um bocado de Terra Santa. Quando voltar ali, o que tenciono fazer algumas vezes, é como uma piedosa romagem. É como se eu fosse de joelhos e em cabelo.

Não atingi, como o Bernardo e a Sr^a D. Maria Augusta, uma Verdade definida ou dogmática. Sou muito imperfeito. Mas a minha alma aspira e aspirou sempre à Divindade. Dum modo confuso e incoerente? É que a graça de Deus dá-a Deus a quem ele quer. Mas vivo

num desejo de Deus e creio que nunca fui duro de coração. E, por isso, me atrevi a comparecer nesse acto sagrado, que se realizou aí, na igreja, que encerra agora a mais bela Flor Espiritual, que desabrochou nessa terra de Basto, para elevar a sua haste até ao Céu.

Também trouxe as mais gratas recordações da Mãe e dos Irmãos do Bernardo e do quarto onde ele nasceu. Debrucei-me naquela janela a olhar a paisagem, que Ele, tantas vezes, contemplou, com o pensamento no Infinito!

O que eu senti, nesse instante! Que remorso de não ter respondido à sua chamada, de não ter ido atrás Dele! Faz-me bem à alma sentir esse remorso, que o remorso é bondade. E, sobretudo, a bondade dos maus.

Mil agradecimentos a todas as suas Exmas Irmãs e Irmãos.

Criado inútil, mas sempre às ordens, que a venera infinitamente,

J. Teixeira de Pascoaes.

1.9 • António de Magalhães, S. J. 11 cartas, de 1940 a 1951

in revista *Portuguesa de Filosofia*, nº 29, Abril/Junho de 1973, pp. 156-164, por Mário Garcia.

*

1

Gatão

26 de Outubro 1940

Meu bom amigo e confrade:

Só agora respondo à sua gentilíssima carta, porque só agora consegui passar à máquina algumas das críticas holandesas, suíças e alemãs sobre o Paulo e o Jerónimo. Antes de tudo, tenho a dizer-lhe que, de modo algum, a sua última conversa me ofendeu! Nem entendo a sua atitude tão humilde, diante de mim, que sou indigno dela! Fiquei envergonhado e, ao mesmo tempo, profundamente comovido. Enquanto a ciência nega qualquer intervenção dum Princípio Espiritual na ordem do Universo, eu procuro encontrá-lo, através dessa mesma ciência, isto é, sem pôr de parte os seus conceitos fundamentais. Eu creio

nesse Princípio Espiritual ou no Verbo Divino encarnado em Jesus Cristo.

A Ciência pode desprezar a intervenção desse Princípio, mas não pode demonstrar a sua não existência. E até, no campo biológico, será obrigada a aceitá-lo, num dia não remoto.

Se existe, porventura, algum merecimento no meu *São Paulo*, é que nele aparece a verdade religiosa dum modo que não pode ser atacado pela dialéctica científica. Alguns teólogos estrangeiros reconheceram isto.

O meu campo de acção é o poético-religioso. E é nele que eu estou sinceramente. Se o abandonasse, cairia numa espécie de hipocrisia mística que eu detesto. Porquê? Porque cada alma tem o seu campo de actividade. Se a minha alma fosse outra, estaria aí e não aqui, na freguesia de Gatão. *Cada um é para o que nasce, diz o Povo.*

Infelizmente não me foi possível assistir ao casamento do nosso querido Henrique! Foi um mísero telegrama e não a minha pessoa, mais miserável ainda! É que no telegrama ia apenas o melhor dos meus sentimentos. E o pior ficou em casa.

Encontrei no Porto um seu irmão em Cristo e seu antigo professor, que se me afigurou um espírito superior e alumiado, sem aqueles crepes fúnebres de que se enfeitam tantos servos e servas de Jesus. Gostei de o conhecer.

O *Napoleão* está a sair. É o drama político, depois da tragédia religiosa. Mas este assunto é que me interessa verdadeiramente. Um passeio de automóvel com o Ângelo e o escultor António Duarte, proporcionou-me um acidente místico, de grande alcance, numa quase *cividade*, em pleno ermo transmontano, de nome Travassos. Trabalho agora neste *Passeio*. Já enche duzentas páginas; uma página por quilómetro, pouco mais ou menos.

Sim, brevemente, terei o prazer de o ver e abraçar, em S. Tirso⁵⁴.

Amigo e admirador muito grato

Teixeira de Pascoaes

⁵⁴ Em nota de rodapé, Mário Garcia, esclarece: «No Instituto Nun'Álvares, Caldas da Saúde, onde o P. Magalhães residia e era professor.»

*

2

Amarante 17- Dez. 1940

Meu querido amigo:

Só hoje tenho vagar para lhe agradecer a sua tão bela e amiga epístola! Não é esquecimento nem ingratidão, que eu não esqueço os amigos verdadeiros, nem posso esquecer as delicadezas de alma que lhe devo. As suas altas qualidades literárias e fervor sincero da sua Fé impõem naturalmente a sua pessoa, não só a um triste ex-poeta, como eu, mas a todas as pessoas que sabem admirar a Superioridade.

Quanto ao Napoleão é o Anticristo depois de Cristo, o Bem e o Mal formando a acção dramática de [que] resulta a História Humana ou a manifestação do Criador através das criaturas.

No passeio chegarei às mesmas conclusões da Teologia, mas seguindo um caminho novo ou, melhor, um caminho que não possa ser obstruído pelos dados da ciência. É a grande preocupação, a minha única preocupação. Talvez infantil... Mas um escritor tem sempre uma preocupação, uma *ideia fixa a orientá-lo*. Não é uma ideia fixa a estrela do norte? Mas também da *ideia fixa* à loucura... da estrela do norte ao naufrágio... Veremos, veremos no que desanda o meu pensamento. Afigura-se-me um pobre de pedir sempre a bater à porta da minha alma, que pouco tem que lhe dar.

Logo que chegue a ocasião, irei aí e a S. Miguel de Seide. Espero que o Ângelo me acompanhe.

Desejo-lhe um Natal muito feliz, e a todos os seus queridos. E um novo ano.

Amigo e confrade muito dedicado e grato

Teixeira de Pascoaes

*

3

Gatão, Amarante

1 de Março 1941

Muito querido amigo

Soube, agora mesmo, do imenso desgosto que sofreu! A admiração pelo seu talento e a amizade que dedico à bondade da sua alma, não me permitem ficar indiferente. Creia que o acompanho na sua dor.

Com o mais profundo sentimento abraça-o
seu dedicado e grato confrade e amigo

Teixeira de Pascoaes

*

4

Gatão, 14 de Junho 1941

Meu ilustre amigo e confrade

Perdoe-me só hoje lhe agradecer o seu artigo na *Brotéria*⁵⁵ e a gentilíssima carta. Ando às voltas com o Camilo, que me desvia dos meus deveres. Foi sempre assim o trágico Penitente! O que me interessa é o drama religioso deste homem, entregue, como nenhum outro, aos caprichos da tempestade!

A mim não me impressiona a luz do meio dia, mas a treva em que se gera a luz. É mais simpático dar que receber. Mais vale andar do que estar sentado. No dia em que atingisse uma definição das cousas morreria. Não morre quem vê Deus? Isto é da Bíblia.

E quem é que não se debate nas Trevas? Só existe uma luz verdadeira, a luz do sol. Fora dela, há palavras mais ou menos lumino-

⁵⁵ Parece, na opinião de Mário Garcia, tratar-se do artigo «Napoleão de Teixeira de Pascoaes», publicado na revista *Brotéria*, n.º 32, 1941, pp. 503-506.

sas. Mas apesar de tudo o que digo, tentei, no meu livro *Duplo passeio*, alcançar uma definição luminosa da vida humana. Digo: *tentei*, porque, neste mundo, não se alcança nada realmente.

Logo que chegue o momento próprio, irei visitá-lo e a Sombra de Camilo que deve residir em S. Miguel de Seide.

Creia sempre na minha admiração e gratidão

Amigo e confrade muito dedicado

Teixeira de Pascoaes

*

5

Amarante

14 Jan. 1942

Meu bom amigo e ilustre confrade

Venho agradecer-lhe, muito penhorado, a oferta da sua bela conferência sobre os Jesuítas em Portugal⁵⁶. É, sim, um belo trabalho literário, que eu muito apreciei, embora eu não possa conceber o nome de Cristo ligado a qualquer acção política ou dentro da História Humana, que é toda ela um crime. Mas, enfim, enfim... estamos neste planeta, onde os lobos devoram os cordeiros ou, melhor, onde tudo se inferioriza, para existir. Compreendo a terrível necessidade!, que é a trágédia eterna das almas que aspiram à Perfeição, ou são inconformáveis com a triste realidade. Também eu não me conformo, e luto por atingir a definição consciente dum conceito superior da Vida, isto é, dum conceito que seja invulnerável aos ataques dos apologistas dum mundo puramente mecânico ou como simples complexo das forças brutas. É por isso que apenas me interessam os ateus filósofos ou científicos. Não escrevo para mais ninguém. Tenho de ser religioso dentro da lógica moderna, para que me tomem a sério, se, porventura, existe alguém de entendimento que ligue qualquer importância às minhas palavras... talvez loucas.

Desejo-lhe a melhor saúde.

Um grande abraço do

Pascoaes

⁵⁶ Esta conferência, "A Companhia de Jesus em Portugal", informa-nos Mário Garcia: «foi realizada no Instituto Nun'Álvares na comemoração do IV centenário da Companhia de Jesus, Porto, 1941.»

*

6

12 de Maio 1942

Gatão

Meu querido amigo e confrade

Recebi a tradução espanhola de *S. Paulo* alemão de Holzner, célebre teólogo e professor na universidade de Munique. É uma obra ortodoxa de primeira ordem, já traduzida em várias línguas. Creio que a sua tradução para português preencheria uma grave lacuna, pois não temos, em Portugal, país católico, nenhum trabalho sério sobre o grande Apóstolo. A tradução espanhola é feita pelo padre jesuíta José Monserrat e datada do Monasterio de Veruela, 5 de nov. 1941. Além disso, a obra é prefaciada pelo actual Padre Santo, datada del Vaticano, 19 de agosto de 1937, digo, pelo Sumo Pontífice Pio XII. Se desejarem traduzi-la para português, terei grande prazer nisso. Espero resposta.

Não lhe envio o meu último livro, porque foi escrito apenas para os ateus e descrentes. Deseja-lhe a melhor saúde o seu dedicado e obrigado,

Teixeira de Pascoaes

*

7

S. João de Gatão 12 Julho 1942

Meu bom amigo:

Só hoje respondo à sua muito estimada carta de de 3 do corrente, pois tenho estado à espera de carta do editor alemão do *S. Paulo* de Holzner. Ele vai dirigir-se à sua pessoa, referindo-se ao Alberto Thelen, que é o meu tradutor alemão, que está em minha casa desde o princípio da guerra. Eu li a tradução castelhana, e gostei muito do livro. Como obra ortodoxa é do melhor, se não for o melhor. Tem ciência e poesia, ao mesmo tempo. Este Holzner, professor católico de Teologia em Munique, é dos maiores valores intelectuais da Alemanha.

Quanto ao mais da sua carta, direi que o Duplo Passeio é para os descrentes; não é para os crentes. Mas não quero dizer com isto que eu não acredite nas minhas ideias. Eu não vivo nas trevas. Posso viver

numa luz falsa. Mas onde a luz verdadeira? Para um maometano está no Alcorão. Para um Físico-matemático está nas ondas de probabilidade. Mas se a verdade for aquilo em que nós acreditamos, estamos todos na posse da verdade. É claro que há *verdades* ; mas a Verdade? Para mim está em Jesus Cristo, porque ele é Deus tornado consciente no homem, porque encarnou ou adquiriu a forma humana, tal a nossa tendência para humanizarmos tudo. Mas Ele apareceu, não dentro da lógica da História (o que seria horrível) mas contra a lógica da História, quero dizer, para corrigir a História e torná-la, em vez de guerreira e egoísta, altruísta e religiosa.

Em duas palavras, eis o meu pensamento cristão, que não se me afigura tenebroso.

Logo que se ofereça ocasião própria, irei visitá-lo com a maior amizade e admiração pelas suas nobres qualidades de homem e de escritor. Um grande abraço do

Pascoaes

*

8

2 agosto 1942
S. João de Gatão

Querido e ilustre confrade

A revisão das últimas folhas do *Penitente* não me permitiu responder, mais cedo, à sua última carta. Mil agradecimentos pelas belas e generosas palavras acerca da minha obra que só tem o valor da sinceridade. Já leu todo o *S. Paulo* de Holzner? Oxalá que se consiga a sua tradução⁵⁷. O Thelen infelizmente está numa casa da serra da Abobreira, por causa dos pulmões! Não estranhe se ele demorar um pouco a sua resposta.

⁵⁷ Mário Garcia acrescenta: «Pascoaes não teve a alegria de ver esta obra traduzida para português, como era seu desejo».

Em nota do P. António Magalhães inserta na revista *Magnificat*, Maio-Junho, 1952, p. 8, pode ler-se: «A obra de Mons. Holzner não chegou a publicar-se em português, apesar das propostas aceitáveis da casa Herder. Recusaram-na vários editores de Lisboa e do Porto».

«*O Paulo de Tarso*, de Holzner, — esclarece-nos ainda Mário Garcia — foi finalmente traduzido por Maria Henriques Oswald e publicado pela Aster, Lisboa, 1959.»

Sim, tenciono ir brevemente ao Porto, por causa do Camilo editado pela *Latina Editora*, rua de Sta. Catarina. Este editor, pelo menos, trata-me com delicadeza, — o que, em Portugal, e sobretudo, no Porto, é caso raro.

Quando souber o dia certo da minha ida, avisarei. Mil agradecimentos e um grande abraço do seu confrade e admirador

Teixeira de Pascoaes

*

9

(Bilhete Postal)

23 dez. 1950

São João de Gatão

Querido confrade e amigo

Saúde e felicidades! Novo Ano muito venturoso! E boa noite de Natal! Não me atrevo a reenviar-lhe, com esta direcção, que se me afigura bastante platónica⁵⁸, o original que acabo de ler com a maior admiração e gratidão pelas referências que me faz! Gostei muito e muito agradeço. Eu, anunciei a *Era Lusíada*, em 1914, creio eu. É possível que ela venha! Confiemos nas virtudes da Nossa Alma. Quanto ao Prefácio⁵⁹ deve haver engano da sua parte! Escrevo-o com o maior prazer, — o que não sei é se lhe agradará teologicamente. Mas o meu caro Poeta sabe a distância que, no campo religioso, nos separa. Se quiser o Prefácio conforme o meu estilo e as minhas ideias, é só mandar-me o original para eu me orientar melhor. A que frase minha se refere, na sua carta? Esta memória de velho já não se lembra de tudo... Mas eu só escrevo em harmonia comigo mesmo. Se for infiel perante mim, como hei-de ser fiel perante os outros? Um grande abraço meu!

Pascoaes

⁵⁸ Através de nota de rodapé, sabemos que: «O postal é endereçado para a faculdade de Filosofia — R. de S. Barnabé — Braga.»

⁵⁹ Trata-se do Prefácio ao livro de Poesia do P. António de Magalhães, *Divina Saudade*.

*

10

(Bilhete Postal)

S. João de Gatão

15 Jan. 1951

Querido confrade:

Aí vai a frase, que talvez não fique mal, porque é verdadeira:
Neste Poema, não fala a letra, mas canta o espírito.⁶⁰

Teixeira de Pascoaes

Lembranças muito amigas de

Teixeira de Pascoaes

*

11

S. J. de Gatão, 27 nov. 1951

Queridíssimo Poeta

Tenho o imenso prazer de lhe apresentar meu sobrinho Manuel Alvito, que tem pela sua pessoa ilustre a maior consideração. Ele lhe dirá o que pretende. Se puder atendê-lo, será para ele e para todos os que vivem a vida orientados pela sua estrela, que é a estrela de Belém, uma grande alegria! Um imenso abraço deste seu velho confrade e sempre amigo e admirador

Teixeira de Pascoaes

⁶⁰ Esta frase foi impressa, como refere Mário Garcia, na cintura que acompanha a 1ª edição da *Divina Saudade*.

Títulos publicados:

- 1 - **A agricultura nos distritos de Bragança e Vila Real**
Francisco José Terroso Cepeda – 1985
- 2 - **Política económica francesa**
Francisco José Terroso Cepeda – 1985
- 3 - **A educação e o ensino no 1º quartel do século XX**
José Rodrigues Monteiro e Maria Helena Lopes Fernandes – 1985
- 4 - **Trás-os-Montes nos finais do século XVIII: alguns aspectos económico-sociais**
José Manuel Amado Mendes – 1985
- 5 - **O pensamento económico de Lord Keynes**
Francisco José Terroso Cepeda – 1986
- 6 - **O conceito de educação na obra do Abade de Baçal**
José Rodrigues Monteiro – 1986
- 7 - **Temas diversos – economia e desenvolvimento regional**
Joaquim Lima Pereira – 1987
- 8 - **Estudo de melhoramento do prado de aveia**
Tjarda de Koe – 1988
- 9 - **Flora e vegetação da bacia superior do rio Sabor no Parque Natural de Montesinho**
Tjarda de Koe – 1988
- 10 - **Estudo do apuramento e enriquecimento de um pré-concentrado de estanho tungsténio**
Arnaldo Manuel da Silva Lopes dos Santos – 1988
- 11 - **Sondas de neutrões e de raios Gama**
Tomás d'Aquino Freitas Rosa de Figueiredo – 1988
- 12 - **A descontinuidade entre a escrita e a oralidade na aprendizagem**
Raul Iturra – 1989
- 13 - **Absorção química em borbulhadores gás-líquido**
João Alberto Sobrinho Teixeira – 1990

-
- 14 - **Financiamento do ensino superior no Brasil – reflexões sobre fontes alternativas de recursos**
Victor Meyer Jr. – 1991
 - 15 - **Liberalidade régia em Portugal nos finais da idade média**
Vitor Fernando Silva Simões Alves – 1991
 - 16 - **Educação e loucura**
José Manuel Rodrigues Alves – 1991
 - 17 - **Emigrantes regressados e desenvolvimento no Nordeste Interior Português**
Francisco José Terroso Cepeda – 1991
 - 18 - **Dispersão em escoamento gás-líquido**
João Alberto Sobrinho Teixeira – 1991
 - 19 - **O regime térmico de um luvissole na Quinta de Santa Apolónia**
Tomás d'Aquino F. R. de Figueiredo - 1993
 - 20 - **Conferências em nutrição animal**
Carlos Alberto Sequeira - 1993
 - 21 - **Bref aperçu de l'histoire de France – des origines à la fin du II^e empire**
João Sérgio de Pina Carvalho Sousa – 1994
 - 22 - **Preparação, realização e análise / avaliação do ensino em Educação Física no Primeiro Ciclo do Ensino Básico**
João do Nascimento Quina – 1994
 - 23 - **A pragmática narrativa e o confronto de estéticas em *Contos de Eça de Queirós***
Henriqueta Maria de Almeida Gonçalves – 1994
 - 24 - **“Jesus” de Miguel Torga: análise e proposta didáctica**
Maria da Assunção Fernandes Morais Monteiro – 1994
 - 25 - **Caracterização e classificação etnológica dos ovinos churros portugueses**
Alfredo Jorge Costa Teixeira – 1994
 - 26 - **Hidrogeologia de dois importantes aquíferos (Cova de Lua, Sabariz) do maciço polimetamórfico de Bragança**
Luís Filipe Pires Fernandes — 1996

-
- 27 • **Micorrização *in vitro* de plantas micropropagadas de castanheiro (*Castanea sativa* Mill)**
Anabela Martins — 1997
- 28 • **Emigração portuguesa: um fenómeno estrutural**
Francisco José Terroso Cepeda — 1995
- 29 • **Lameiros de Trás-os-Montes: perspectivas de futuro para estas pastagens de montanha**
Jaime Maldonado Pires; Pedro Aguiar Pinto; Nuno Tavares Moreira — 1994
- 30 • **A satisfação / insatisfação docente**
Francisco Cordeiro Alves — 1994
- 31 • **O subsistema pecuário de bovinicultura na área do Parque Natural de Montesinho**
Jaime Maldonado Pires; Nuno Tavares Moreira — 1995
- 32 • **A terra e a mudança – reprodução social e património fundiário na Terra Fria Transmontana**
Orlando Afonso Rodrigues — 1998
- 33 • **Desenvolvimento motor: indicadores bioculturais e somáticos do rendimento motor de crianças de 5/6 anos**
Vítor Pires Lopes — 1998
- 34 • **Estudo da influência do conhecimento prévio de alunos portugueses na compreensão de um texto em língua inglesa**
Francisco Mário da Rocha — 1998
- 35 • **La crise de Mai 68 en France**
João Sérgio de Pina Carvalho Sousa
- 36 • **Linguagem, psicanálise e educação: uma perspectiva à luz da teoria lacaniana**
José Manuel Rodrigues Alves
- 37 • **Contributos para um estudo das funções da tecnologia vídeo no ensino**
Francisco Cordeiro Alves — 1998
- 38 • **Sistemas agrários e melhoramento dos bovinos de raça Mirandesa**
Fernando Jorge Ruivo de Sousa — 1998

-
- 39 · Enclaves de clima Cfs no Alto Portugal – a difusa transição entre a Ibéria Húmida e a Ibéria Seca**
Ário Lobo Azevedo; Dionísio Afonso Gonçalves; Rui Manuel Almeida Machado — 1995
- 40 · Desenvolvimento agrário na Terra Fria – condicionantes e perspectivas**
Duarte Rodrigues Pires — 1998
- 41 · A construção do planalto transmontano – Baçal, uma aldeia do planalto**
Luísa Genésio — 1999
- 42 · Antologia epistolográfica de autores dos sécs. XIX-XX**
Lurdes Cameirão — 1999